

QUANTAS VEZES VOCÊ PODE PERDER A PESSOA QUE MAIS AMA?

EM NOSSA PRÓXIMA VIDA.

LAUREN JAMES



Harper
Collins





EM NOSSA PRÓXIMA VIDA

LAUREN JAMES

TRADUÇÃO DE
NATALIE GERHARDT

 HarperCollins

Rio de Janeiro, 2016



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

Título original: The next together
Copyright © 2015 Lauren James

Em lembrança a Aisha Ahmad
1991-2011

Você merecia muito mais do que a vida lhe deu.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da CASADOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/831

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29e

James, Lauren

Em nossa próxima vida / Lauren James ; tradução Natalie Gerhardt. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.
288 p. ; 23 cm.

Tradução de: The next together
ISBN 978.85.95080.10-2

1. Ficção inglesa. I. Gerhardt, Natalie. II. Título.

CDD: 3940
CDU: 821.111-3

*Eles vão voltar – vão voltar de novo,
Enquanto a Terra vermelha girar.
Ele nunca desperdiçou uma folha ou uma árvore.
Você realmente acha que Ele extinguiria almas?*

— Rudyard Kipling, “The Sack of the Gods”

PRÓLOGO

A última vez em que estiveram juntos foi tarde da noite e estavam sendo seguidos.

— Está acontecendo de novo — disse Kate, arrependendo-se na mesma hora. Matthew não respondeu, apenas apertou a mão dela com um pouco mais de força. Kate sabia o que aquilo significava. Iam morrer.

Correram. Katherine tentou não fazer barulho, mas sua respiração soava perigosamente alta no silêncio. Ouvia as batidas do coração soando em seus ouvidos. Matthew pressionou a mão contra a base da coluna dela, impelindo-a a continuar.

Ela ouvia os passos atrás deles, cada vez mais rápidos e mais próximos.

— Na próxima vez, nós vamos para um lugar quente e tranquilo antes disso acontecer — declarou ela sem fôlego.

Viraram em um corredor e entraram furtivamente em uma sala. Matthew trancou a porta com dedos trêmulos. Ficaram se olhando, prestando atenção aos sons de seus perseguidores. Por um instante, tudo ficou em silêncio. Ganharam alguns minutos, mas só isso. Logo seriam encontrados. Era apenas uma questão de se conseguiriam terminar uma última tarefa.

— Eu gosto da Espanha — declarou Matthew, puxando-a para um último beijo desesperado.

CAPÍTULO UM

K,

Vou dar uma saída para comprar o almoço. Se você tocar nas minhas culturas de bactérias novamente, não vai comer mais nenhuma panqueca por pelo menos um mês e desta vez estou falando sério. Não teve graça na primeira vez e não está ficando nem um pouco mais engraçado, apesar do que você possa pensar.

Chega de esconder meus experimentos.

Amo você,

Matt

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate despejou glicerina em uma proveta, medindo a quantidade de que precisaria para o experimento daquela tarde. Não estava muito a fim de assistir à aula de laboratório naquele dia, mas aquela era apenas a segunda sessão prática de biologia desde o início das aulas e não podia faltar. Não ajudava muito o fato de ser a única aluna sem um parceiro de laboratório, o que significava ter o dobro do trabalho dos demais calouros. Não que particularmente se importasse com a carga extra. Ela gostaria de ter alguém com quem fofocar, o que — julgando pela turma reunida em volta da máquina de gelo — era só o que os outros alunos faziam.

Estava abrindo seu caderno de anotações do laboratório no tablet quando um supervisor parecendo estressado bateu no seu ombro.

Ela largou a caneta do tablet e se virou. Ao mesmo tempo, enfiou a mão no bolso para pegar o medalhão que deixara lá na semana anterior, quando a joia a incomodara durante o trabalho em uma capela de exaustão.

O supervisor fez um gesto em direção ao garoto ao lado dela.

— Este é o seu novo parceiro de laboratório. Ele acabou de ser transferido de Química. Você pode ajudá-lo a se ambientar, não pode?

Então, o supervisor desapareceu, nervoso, com os óculos de segurança embaçados, para lidar com outro calouro que tinha acabado de derrubar uma proveta cheia de alguma substância nojenta e depois pisar em cima.

Kate olhou para o garoto.

— Oi — cumprimentou ela, em dúvida. Ela pegou o medalhão no bolso e o colocou de volta no pescoço.

Ele olhou para ela com uma expressão indecifrável e apenas acenou com a cabeça. Estava usando um colete de tweed, surpreendentemente, por cima de uma camiseta velha de banda. O cabelo castanho claro cobria os olhos com uma franja meio retrô que parecia ser algo do início dos anos 2000. Kate ficou feliz ao notar que, apesar do gosto duvidoso para roupas, ele era exatamente o tipo dela.

— Bem-vindo à minha toca. Fique à vontade. — Ela fez um gesto em direção ao laboratório, onde pairava um leve cheiro de esterco apodrecendo. Perto dali, alguns dos Fofoqueiros da Máquina de Gelo, cobrindo o nariz com a manga do jaleco, reuniam-se em volta do produto derramado, dando conselhos ao supervisor agitado.

Kate se virou para o garoto, que largou o jaleco no banco como se estivesse aguardando a autorização dela. O jaleco era novinho em folha e parecia estar sendo usado como uma espécie de bolsa, pois ele começou a tirar uma variedade de cadernos e algo que parecia ser o *almoço* dele (em um laboratório de *biologia*; o cara não tinha qualquer instinto de sobrevivência?). Enquanto ele pegava uma maçã que tinha caído no chão, ela se viu observando a forma como o cabelo dele cacheava na altura do colarinho da camiseta.

Ele ficou vermelho ao notar que ela olhava diretamente para ele — um cor-de-rosa vivo cobria as invejáveis maçãs do rosto. Uma estrutura óssea daquela era um desperdício em um *químico*. Kate tirou os óculos de segurança para disfarçar o fato de ter sido flagrada por ele enquanto o observava. Ficou um pouco enrolada ao fazer isso, pois as hastes se prenderam no seu cabelo ruivo.

Ele tinha *mesmo* ficado vermelho? Na verdade, ela não sabia bem como lidar com isso. Será que é um bom sinal o cara ficar vermelho quando a gente olha para ele? Ele poderia muito bem estar usando um crachá com os dizeres “Oi, eu sou um cientista esquisito e tímido. Por favor, não me olhe diretamente nos olhos ou posso desmaiar”. Kate imaginava o garoto se apresentando como um “cientista esquisito”, o sotaque escocês pulando rapidamente pelas palavras, quando ele pigarreou e disse:

— Eu ainda não fiz o download do caderno de laboratório. Qual será o experimento de hoje?

Aquilo foi meio estranho. A voz dele era exatamente como ela imaginara: o sotaque escocês suave. Franziu a testa. Por que será que tinha achado que ele era escocês?

— Limpar cocô de cavalo, ao que tudo indica — brincou ela, lançando um olhar para os alunos ainda reunidos em volta do líquido derramado.

Ele sorriu, revelando as covinhas, e relaxou um pouco ao vestir o jaleco.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele, olhando-a de cima a baixo, demorando-se um pouco na gola do jaleco toda decorada com emblemas e miçangas, mas não fez comentários, o que era bom. Ele dificilmente poderia julgá-la por enfeitar o jaleco, já que metade de um sanduíche de presunto estava saindo pelo bolso do dele. Aquilo deveria ser bizarro, mas não era.

— Kate Finchley — respondeu ela alegremente, tentando conferir um tom mais normal à conversa.

Ele ergueu as sobrancelhas, parecendo surpreso com a resposta. Ela não sabia muito bem por que o seu nome causaria surpresa.

— Matt — apresentou-se ele. — Matt Galloway.

— Oi, Matt. Prazer em conhecê-lo. Bem-vindo à aula de biologia e tudo o mais. Conheço você de algum lugar. Será que já fomos apresentados? — Ou, em vez de tentar ser normal, ela poderia agir como *stalker* particular dele. Isso também funcionaria.

— A gente não se conhece, não. Eu me lembraria. — Ele voltou a ficar vermelho e gaguejou: — Tipo, eu não conhecia a Inglaterra. Acabei de me mudar por causa da faculdade.

Ela lançou-lhe um olhar pensativo. Ele devia ser particularmente inteligente para ter conseguido permissão para estudar no exterior. Desde que a Escócia conquistara a independência da Inglaterra depois da última guerra mundial, quase vinte anos antes, era quase impossível conseguir autorização para estudar em outro país.

Hum. Ele não parecia estar mentindo. Mas de onde ela o conhecia?

Era melhor voltar ao trabalho e dar a ele uma semana, um tempo para se ambientar antes de começar a atormentá-lo com ainda mais *conversas* ou fazer algo igualmente aterrorizante como cumprimentá-lo com um aceno no corredor. Era óbvio que ele estava totalmente impressionado com a sexualidade natural dela — ou, seja como for, era isso que ela achava e ninguém poderia provar que estava errada. Mas ela não conseguia desviar o olhar. Havia algo... *familiar* nele.

Ele não fez qualquer tentativa de falar mais alguma coisa, só ficou olhando para ela, confuso. Kate preferiu não continuar qualquer tópico de conversa por medo de que ele morresse em virtude do bombeamento de sangue para a face, mas o silêncio estava criando um clima esquisito, então, acabou perguntando:

— Mas por que você pediu transferência para Biologia?

— Não havia tantos experimentos explosivos em Química quanto eu achei que haveria. — Parecia uma resposta ensaiada. Provavelmente ele já devia ter respondido várias vezes essa pergunta.

— Bem, também não há tantos polvos gigantes quanto gostaria em Biologia. Sinto muito.

Ele sorriu.

— Que pena. E como é o departamento de Física aqui?

Ela sentiu que ele a observava e tentou não se sentir desconfortável. Sua avó a descrevera uma vez como uma perfeita beldade pré-rafaelita, o que ela interpretou como um corpo arredondado demais para estar de acordo com os padrões de beleza do século XXI, e seu cabelo tinha um tom de um vermelho surpreendente. Às vezes, as pessoas na escola a provocavam por ser ruiva, mas ela sempre amara demais o cabelo para que isso a incomodasse. De toda forma, costumava se sentir bem em relação ao próprio corpo, mas isso não a impedia de ficar preocupada com a aparência quando um cara atraente a olhava como se ela fosse a coisa mais interessante que ele vira naquele dia.

— Eu daria uma nota seis para o departamento de Física. Não tem morenos o suficiente — disse ela. Houve um evento decepcionante com os calouros de todos os departamentos na primeira semana de aula.

Ele sorriu de novo. Kate retribuiu e disse:

— Mas ouvi dizer que a pesquisa deles sobre imagem por ressonância magnética se iguala à de Cambridge.

— Vou procurar saber, então. Se o lance do polvo não der certo.

— Tenho certeza de que vai. Não temos monstros marinhos hoje, no entanto. Estamos testando os efeitos dos fertilizantes nas taxas de desenvolvimento de culturas de bactérias.

— Parece bem mais fácil do que as experiências de química. Eu tive que fazer um ácido ferver. No *primeiro dia* de aula.
— Nossa. Bem, vou ajudar você hoje. — Kate lhe entregou um par de luvas descartáveis. As mãos deles se tocaram bem de leve.

> Primeiro contato estabelecido no cenário-tempo de 2039

Kate estremeceu, fechando os olhos por um momento. Sentiu-se um pouco estranha.

Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine olhava, distraída, pela janela da carruagem, absorvendo a agitação das ruas de sua nova cidade. Chovia profusamente, gotas grossas de água lavando momentaneamente os paralelepípedos sujos da rua. Pararam com um som abrupto de ferraduras. O cocheiro desceu e contornou a carruagem para ajudá-la a sair. Deu um sorriso gentil enquanto Katherine segurou firme na mão que ele oferecera para ela se equilibrar.

> Primeiro contato estabelecido no cenário-tempo de 1745

Sentiu que relaxava em resposta ao toque dele, e sua expressão se suavizou, embora não tenha conseguido sorrir. Não sorria de verdade fazia algumas semanas.

— Precisamos pedir à costureira que faça um vestido novo para ti — disse tia Elizabeth, descendo da carruagem atrás da sobrinha. — Tu simplesmente não podes usar esse trapo quando fores apresentada à sociedade de Carlisle.

Katherine assentiu, distraída. Elizabeth estava muito animada para levá-la a festas e almoços, como se não fizesse apenas uma semana que toda a vida de Katherine mudara.

O cocheiro as acompanhou até o ateliê da costureira sob um enorme guarda-chuva. Antes de ir embora, confirmou que as pegaria no fim da tarde. Seu sotaque era escocês. Em uma tentativa de animá-la, enquanto arrumavam suas malas, a criada da avó lhe contara histórias sobre os bárbaros e misteriosos escoceses. Não funcionara. Katherine estava distraída demais — seu lar estava sendo desmontado à sua volta e a avó falecera.

Ao entrarem no ateliê, Katherine enfiou a mão no bolso para tocar no anúncio de venda da sua antiga casa — o único lar que conhecera na vida. A propriedade seria vendida, junto com toda a mobília.

CÚMBRIA, INGLATERRA,
27 quilômetros de Carlisle,

LINDA CASA DE CAMPO DECORADA — o advogado da srta. Finchley anuncia respeitosamente que está autorizado pelos legatários a vender a casa, de acordo com o testamento da falecida Lady R. Finchley, de Cúmbria. A valiosa propriedade consiste em cinco aposentos completos com quartos de vestir, diversos dormitórios para a criadagem, vestíbulo espaçoso, ampla sala de jantar e de estar, cozinha e todos os outros aposentos domésticos adequados, coqueira em construção separada, estábulo para quatro cavalos e amplas construções externas; além de jardim gramado, cercado para exercício de cavalos e quarenta mil metros quadrados de prados. Para solicitar mais detalhes e condições, favor enviar requerimento para a firma de advocacia Durrant & Sons e para o leiloeiro de Carlisle.

Códex/v1/Cenário-tempo-1745/Doc-1

Observação do arquivo: recorte de um anúncio nos classificados do jornal *The Times*

No ateliê, Elizabeth escolheu um vestido verde-claro de seda, com debrum cor-de-rosa, e Katherine ficou parada enquanto a roupa era ajustada às suas medidas. Teve o cuidado de expressar sua gratidão à tia, mas se sentia estranha vestindo aquela roupa requintada e cara. Jamais usara nada tão elegante quando a avó ainda era viva.

O círculo social de Katherine era pequeno, tendo passado os últimos anos cuidando da avó. Não se arrependia, mas agora que tinha de encarar o resto do mundo, percebia o quanto se tornara introvertida. Tinha quase 18 anos, e chegara a hora de crescer. Ela se mexeu em seu novo vestido, sentindo-se repentinamente pronta para começar uma nova vida ao lado dos tios e do primo.

JORNALISTADO *THE TIMES* busca um jovem assistente para acompanhá-lo em uma viagem para o *front* da guerra da Crimeia. O trabalho envolve serviços gerais de um criado pessoal, assim como anotações e transcrições. Jovens preguiçosos e invasivos não devem se candidatar, assim como os que não lidam bem com os rigores de uma viagem marítima.

Cartas endereçadas a M. Galloway, Hatton Garden, número 104, Londres, com postagem paga, serão consideradas.

Códex/v3/Cenário-tempo-1854/Doc-2

Porto de Southampton, Inglaterra, 1854

Katy ergueu o olhar do recorte do *The Times* que segurava nas mãos e olhou à sua volta, sentindo-se deslocada e constrangida no meio dos soldados de casaca vermelha que subiam a bordo do navio a vapor. De repente, ficou consciente das roupas masculinas — calça marrom, camisa e casaco que usava havia anos sem se preocupar. Já fazia muito tempo que não conhecia alguém novo e se tornara satisfeita com sua habilidade de se passar por homem. Era fácil manter a farsa de ser um criado pré-adolescente quando as pessoas já acreditavam naquilo. Mas era completamente diferente convencer pessoas que tinha acabado de conhecer. E se bastasse uma olhada para o jornalista começar a rir dela e dizer que precisava de um criado e não de uma garotinha esquelética?

Katy sabia que seus traços eram bastante femininos, mas, com cabelo curto e roupas masculinas, esperava conseguir se passar facilmente por um garoto subnutrido de 14 anos, em vez de uma garota de 16. Se não tivesse tanto orgulho de si mesma com o resultado de sua conquista, talvez se sentisse um pouco ofendida com aquilo.

Endireitou os ombros e se repreendeu por tamanha tolice. Então, foi à procura do novo patrão, passando por entre a multidão de famílias chorosas que se despediam dos soldados. Perto dali, alguém tentava guiar um cavalo relutante pela rampa do navio. O animal dava alguns passos e parava, observando as ondas que quebravam lá embaixo contra o ancoradouro.

Katy subiu em uma pilha de caixas que seriam carregadas no navio e esquadrinhou a multidão. Logo localizou o jornalista. Ele estava lendo um jornal e suas malas estavam aos seus pés. Não era o que ela havia imaginado, mas instintivamente soube que era ele. Parecia completamente deslocado com a camisa e o casaco amarrotados entre os soldados de farda.

Era jovem, apenas alguns anos mais velho que Katy, e quase tão magro quanto ela. Despenteado e usando óculos, não parecia forte o suficiente para suportar a brisa do mar que varria o porto, que dirá uma guerra. De repente, sentiu-se muito mais confiante. Ele era só um rapaz!

— Sr. Galloway? — perguntou ela. O homem ergueu o olhar do jornal e sorriu. As maçãs do rosto eram definidas e ele tinha covinhas (ah!). Eram definitivamente covinhas. *Ah*.

— O senhor deve ser Christopher Russel! Matthew Galloway. Prazer em conhecê-lo.

— Eu... Olá. — Katy tentou se controlar. Estava parecendo uma idiota. Toda afobada só porque ele era bem impressionante, de uma maneira certinha... Se você se interessasse por esse tipo de coisa.

Katy engoliu em seco e, levemente distraída, apertou a mão que ele lhe oferecia.

CAPÍTULO DOIS

M,

Estou chocada e horrorizada por você achar que cogitaria a hipótese de fazer uma coisa tão terrível quanto mexer nos seus experimentos! Eu tenho mais respeito pelo meu marido do que isso! Sei que você está no meio de um trabalho importante e não faria nada para atrapalhar.

Beijo, K.

PS: Você nunca mencionou nada sobre mexer no seu caderno de laboratório. Eu também amo você!

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-113

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate se sentou à escrivaninha no seu quarto e ficou olhando inexpressivamente para a parede de concreto pintado. Estava cheia de fotos da sua família que colara ali na semana anterior, na tentativa de tornar o dormitório da faculdade um pouco mais acolhedor. Estava nervosa; sentia que algo importantíssimo tinha acontecido, mas não sabia bem o quê.

Quando sua mão tocara na de Matthew mais cedo naquele dia, podia jurar que alguma coisa... Que acontecera *alguma coisa*. Piscou tentando se lembrar exatamente o que tinha acontecido. Sentira-se estranha, como se tivesse acabado de se lembrar do sonho da noite anterior do qual tinha se esquecido completamente.

Quem era aquele cara? Ele parecia muito familiar, mas não conseguia dizer exatamente como. Não achava que se conheciam.

Matt Galloway tinha entrado em sua vida e bagunçado sua cabeça, e ela sequer sabia qualquer coisa sobre ele.

Tocou na escrivaninha, tirando a tela do computador do modo de descanso. Precisava descobrir mais a respeito dele, e a melhor forma de fazer isso era *stalkeando* na internet. Todo mundo fazia isso, e ela só queria saber como ele era — não tinha nada de estranho naquilo. Era perfeitamente razoável.

Encontrou o perfil acadêmico dele em questão de segundos, mas, para sua irritação, Matt tinha configurado a página como privada e tudo que ela conseguiu acessar foi a foto. Parecia ter sido tirada antes de um baile de formatura, momentos antes de uma fuga. O braço de alguém, talvez de um irmão mais velho, estava apoiado no ombro dele, tentando impedi-lo de sair.

Kate olhou a fotografia e sorriu. Ele era realmente uma graça. Seu dedo pairou sobre o botão ENVIAR SOLICITAÇÃO DE AMIZADE, mas não o pressionou. Em vez disso, pesquisou o nome dele na internet. Ele devia ter perfis mais acessíveis em outras redes sociais.



Busca

Matthew Galloway 

[Web](#) [Imagens](#) [Videos](#) [Noticias](#)

Resultados para “Matthew Galloway” (0,29 segundos)

[Laboratório Central Science](#)
www.centralscience.org.uk

...biólogos **Matthew** e Katherine **Galloway** (foto abaixo) vinham trabalhando no desenvolvimento de um fertilizante bacteriano para uso...

[Matthew Galloway | Funcionários | Laboratório Central Science](#)
www.centralscience.org.uk/funcionarios

Matthew Galloway começou a trabalhar no Central Science depois de obter PhD em Biologia na Universidade de Nottingham em 2015. Sua área de pesquisa é...

[Últimas notícias: ataque terrorista em laboratório](#)
www.newsbreaking.com

Nas primeiras horas desta manhã, **Matthew** e Katherine **Galloway**, dois cientistas que trabalhavam no laboratório Central Science no condado de Midlands Ocidentais, foram mortos...

[Laboratório em quarentena depois de ataque terrorista](#)
www.newsbreaking.com

O laboratório Central Science está em quarentena depois que uma bactéria fatal foi liberada...

[Ciência Sacana](#)
www.cienciasacana.com

Bem-vindos ao blog de Katherine **Galloway**, bióloga com muito tempo livre e uma obsessão um pouco nauseante por seu (lindo e maravilhoso) marido **Matthew**...

[Matthew Galloway — perfis Reino Unido](#)
www.linke.dup.net

Conecte-se agora com profissionais chamados **Matthew Galloway** no Reino Unido!

Outros resultados:

[Matthew Galloway — enciclopédia livre on-line](#)
Matthew Galloway foi um repórter escocês do jornal *The Times*, e...
[Carreira — Vida Pessoal — Legado](#)
[Veja outros resultados](#)

Todos os sites eram de mais de vinte anos antes, de antes do início da Terceira Guerra Mundial. Claramente não eram sobre o seu parceiro de laboratório, embora coincidentemente este outro Matthew Galloway fosse casado com uma mulher chamada Katherine. Ela riu. Ela e Matt tinham sido claramente feitos um para o outro.

Kate clicou no primeiro link. Era para um site de um antigo laboratório científico, e o artigo apresentava o resumo de uma pesquisa sobre fertilizantes. Ela passou os olhos pela matéria até localizar a primeira menção a Matthew Galloway.

Recentemente, dois dos nossos biólogos, Matthew e Katherine Galloway (foto abaixo), dedicaram-se ao desenvolvimento de um fertilizante bacteriano para uso na agricultura. Eles descobriram que podem tornar o fertilizante mais seguro e reduzir os riscos para a vida de plantas e animais ao variar as bactérias usadas.

Este trabalho também pode levar a aplicações comerciais do fertilizante, uma vez que os efeitos colaterais no meio

ambiente anteriormente limitavam a viabilidade para uma grande variedade de plantações.

O artigo definitivamente não era sobre o seu parceiro de laboratório. Kate estava prestes a clicar para sair da página, quando a foto acabou de carregar, e ela congelou, chocada. Aumentou a imagem e olhou atentamente para os dois cientistas, fazendo um esforço enorme para não ter uma reação exagerada.

A fotografia mostrava um homem e uma mulher usando jalecos manchados e com os óculos de segurança em volta do pescoço. Ambos seguravam provetas com líquido fluorescente e sorriam, alegres, para a câmera.

Estavam bem próximos e os ombros se encostavam.

Eles eram *exatamente* iguais a ela e a Matt.

Aquela era uma foto dela e do seu novo parceiro de laboratório. *De mais de vinte anos antes.*

Não se tratava de uma simples semelhança — eles eram idênticos. Katherine Galloway tinha as mesmas sardas que Kate. Como era possível? Como ela poderia estar em uma fotografia tirada havia mais de vinte anos? Seus pais eram crianças na época, e Kate não se parecia muito com nenhum dos dois. Até onde sabia, a pessoa na foto não era ninguém da família. Ela saberia se tivesse algum parente exatamente igual a ela. Ou pelo menos achava que sim.

Não é?

Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine estremeceu, esfregando os braços em uma tentativa de se aquecer. Tia Elizabeth não perdera tempo ao assumir o controle da vida amorosa da sobrinha, obrigando-a, durante um jantar, a conversar com o primeiro exemplar do que certamente seria uma longa fila de solteiros elegíveis. Katherine fugiu dali assim que teve a oportunidade, com a desculpa de que gostaria de explorar o jardim do anfitrião enquanto ainda estava claro. Fazia frio do lado de fora, mas era infinitamente melhor do que o clima dentro de casa.

A festa era em uma residência nas cercanias de Carlisle, cujo muro era visível atrás das carruagens dos convidados. As pedras antigas bloqueavam a vista do campo que se estendia além da cidade. Ela caminhou por um bosque de limoeiros ao longo da entrada de carruagens e chegou a um lago, verde de algas. Ali, recostou-se em uma das árvores e observou dois patos balançando as caudas enquanto mergulhavam na água lamacenta. Conseguia ouvir a conversa baixinha entre os cocheiros próximos às carruagens, onde aguardavam seus patrões. Sentiu que lentamente começava a se acalmar. Fora um longo dia — conversar com estranhos demandava muita energia. Os patos se assustaram de repente e nadaram até uma moita de juncos; Katherine ouviu o som de passos no caminho de cascalho e se virou para ver quem se aproximava.

Era o cocheiro da tia. Ele parou a meio metro de distância e olhou para ela, hesitante, estendendo algo.

— É um cobertor, senhorita — explicou ele. — Parece que está com frio.

Ela foi pega desprevenida.

— Obr-obrigada. — Ela pegou o cobertor e o desdobrou. Tinha cheiro de mofo, mas o colocou sobre os ombros assim mesmo, tentando controlar os tremores que tomavam o seu corpo. Não percebera como estava com frio.

— Gostaria que eu te levasse de volta para casa, srta. Finchley?

— Aquela não é a minha casa — disse ela em tom excessivamente grave.

Os olhos do rapaz se arregalaram por um instante.

— Queiras me perdoar... Fui muito... — Ela se interrompeu. — Sinto saudade da minha avó, da minha casa, e eu não sabia que tinha uma tia até que minha avó faleceu. Elas não se falavam. Eu não sei o porquê.

O cocheiro se mexeu, parecendo incerto, e passou uma das mãos pelo cabelo. Por fim, respondeu, parecendo saber que não deveria fazê-lo:

— Seus tios são gente de bem. Creio que a senhorita vá gostar daqui.

— Assim espero. — Ela não deveria estar conversando com ele daquela forma. Era apenas um criado. Não era correto. Seu olhar encontrou o dele naquele momento, já sabendo que a expressão em seu rosto mostrava boa parte do desespero que sentia. Estava com medo. Queria ser feliz de novo, só um pouco, mas parecia que jamais conseguiria. A animação que sentira no ateliê da costureira no dia em que chegara fora passageira.

Não prestara muita atenção ao simples cocheiro antes, mas agora percebia que era bonito. Um pouco mais velho do que ela — uns 19 ou vinte anos —, alto, mas não de forma intimidadora, e mais para desengonçado do que forte. Katherine observou o rapaz de cima a baixo. Quando tornou a olhar para o rosto dele, percebeu que ele também a observava.

— Estarei na carruagem se a senhorita precisar de algo mais — declarou ele, corando e fazendo uma pequena mesura antes de virar.

— Como o senhor se chama? — quis saber ela, desesperada para mantê-lo ali.

Ele parou, e se virou para olhar para ela.

— Galloway. Matthew Galloway.

Ela estendeu uma das mãos para ele, que hesitou antes de pegá-la para um cumprimento formal. Os lábios dela formaram um meio sorriso, enquanto dizia em tom de provocação:

— Boa noite, sr. Galloway. — Ela sabia que era errado interagir daquela forma com um criado, mas sentia-se estranhamente relaxada na presença dele.

— Por favor, a senhorita pode me chamar de Matthew — ofereceu ele, corando novamente, o que ela não pôde evitar achar encantador. — Mas a senhorita deve evitar fazer isso se houver mais alguém presente.

— Muito bem. Então, podes me chamar de Katherine, mas também só quando estivermos a sós. Ele sorriu para ela, que retribuiu. Lembrou-se das histórias que a criada da avó lhe contara sobre os bárbaros escoceses. Mesmo sendo escocês, Matthew não parecia ser um bárbaro. Diziam que os povos das montanhas da Escócia comiam carne humana e bebiam sangue direto de feridas. Eram violentos, assassinos e selvagens. Matthew Galloway não parecia ser nada daquilo.

> Cenário-tempo de 1745 progredindo conforme planejado

104 Hatton Garden, Londres

Prezado Christopher Russell,

Foi com satisfação que recebi a sua candidatura à posição de criado pessoal nesta manhã, especialmente por ter vindo acompanhada de excelentes referências de Lorde Somerset. Assegurar-se de que estou bem alimentado e hidratado e que não perdi os óculos certamente será um passo atrás na sua carreira em comparação ao trabalho na casa de um lorde, mas estou feliz em contratá-lo se assim o deseja. Meu editor informou-me que a viagem até a Crimeia é longa e deveras perigosa. Este emprego, assim, é um grande comprometimento e, portanto, estou grato por sua resposta, principalmente em tão curto prazo. Na verdade, foi a única resposta que recebi até o momento.

Para ser bem honesto, eu nem tinha pensado em contratar um criado pessoal até o início desta semana, quando uma mulher que conheci no transporte público sugeriu isto de forma inesperada. Não estou bem certo de como é o processo adequado das coisas, mas tenho certeza de que encontraremos a melhor maneira.

O regimento partirá do porto de Southampton amanhã às nove horas da manhã. Espero encontrá-lo lá. O senhor deve estar preparado para passar vários meses, com uma possível extensão se a guerra continuar por mais tempo.

Atenciosamente,

Matthew Galloway

Correspondente de guerra do jornal The Times

Códex/v3/Centário-tempo-1854/Doc-3

Próximo à costa da França, oceano Atlântico, 1854

— Então, Christopher, que bom que conseguiu chegar a tempo! — disse o jornalista Matthew Galloway para Katy enquanto entravam na fila para o jantar. O navio tinha deixado o porto horas antes e avançava tranquilamente pelo Oceano Atlântico a caminho do Mediterrâneo, onde o exército britânico estava se reunindo para a guerra. O sol estava se pondo, banhando as ondas calmas de laranja e vermelho. — Eu não sabia se conseguiria contratar um assistente em tão pouco tempo. Mas você se candidatou prontamente.

— Por favor, me chame de Kit — insistiu Katy, dando um passo para a frente para evitar ser pisoteada por um soldado impetuoso, disposto a entrar na fila na frente dela. Os soldados

tinham se acalmado um pouco desde a partida, o que envolvia um monte de comemorações e canções, mas o deque ainda estava tomado de barulho e riso. — E esta pareceu uma ótima oportunidade. O meu antigo patrão ficou feliz em permitir que eu me juntasse ao senhor.

Na verdade, toda a aventura fora ideia do próprio lorde Somerset.

Três dias antes, ela estava na biblioteca da casa de seu empregador, desejando terminar a leitura de um livro antes de sair para pegar a entrega do quitandeiro. Na verdade, não tinha permissão para ler os livros da biblioteca, mas quando se vira ali sozinha encerrando o piso de madeira no verão anterior, começara a ler um dos romances. Desde então, ficara obcecada com tais livros. O dia passava muito mais depressa quando conseguia ocupar a mente durante as tarefas entediadas tentando adivinhar o que aconteceria na história que estava lendo. Em geral, os patrões ficavam na residência da cidade, e a casa do campo contava apenas com uma pequena criadagem. Assim sendo, havia tempo suficiente para ler sem ser pega.

Estava no último capítulo do livro quando a porta se abriu. Ela se sobressaltou e, depois, congelou, assustada demais para se virar e ver quem havia entrado. Se fosse seu patrão, lorde Somerset, estaria em apuros — talvez fosse até mandada embora.

O piso estalou enquanto quem quer que fosse se aproximava dela. Katy prendeu a respiração, rezando para que fosse a arrumadeira que viera acender a lareira ou até mesmo uma das crianças. Seria bem mais fácil inventar uma desculpa em qualquer uma dessas situações.

— Ah, sinto muito. Não sabia que tinha alguém aqui — desculpou-se uma voz surpresa. Ela soltou um suspiro de alívio. Não era lorde Somerset nem a esposa, mas sim um dos convidados, um general. — Não deveria estar trabalhando? — acrescentou ele, olhando-a de cima a baixo.

Ela fez uma pequena mesura.

— Sinto muito, senhor. Vou voltar aos meus afazeres.

— Muito bem — aprovou ele, inspecionando a estante de livros.

Tentou não sair correndo da biblioteca, embora estivesse ansiosa para escapar o mais rápido possível.

Mais tarde naquele dia, foi convocada para se apresentar ao lorde Somerset. Constrangida, bateu na porta semiaberta do escritório. Seria demitida por deixar o trabalho de lado. Não deveria ter se arriscado a ler livros enquanto o lorde e a *lady* estavam em casa — por melhor que fosse em se esgueirar pelos cômodos, aquilo só poderia terminar em desastre.

Somerset estava escrevendo uma carta. Para sua surpresa, em vez de demiti-la na hora, disse que deveria se sentar e, relutante, Katy obedeceu. Demorou alguns minutos para ele erguer o olhar da carta. Olhou para ela por um longo tempo e, depois, assentiu.

— Então... Kit, não é? — perguntou ele.

— Sim, senhor.

Katy vinha se passando por um menino chamado Kit desde que fora expulsa do orfanato aos 12 anos de idade. Por um tempo, foi obrigada a viver nas ruas, tomando conta de si mesma, até que uma amiga lhe conseguira um emprego de ajudante de cozinha na casa do lorde. O patrão era um general do exército, o que significava que quase nunca estava em casa. Assim, o trabalho era bem mais fácil. Katy tivera sorte, principalmente porque a amiga poderia muito bem ter ela mesma se vestido de menino e conseguido o emprego em vez de gentilmente ter dado a ideia a Katy.

— Você sabe ler, não sabe, Kit? — perguntou lorde Somerset.

Ela engoliu em seco, nervosa, e decidiu que a melhor tática seria mentir.

— Eu pedi permissão para *lady* Somerset, senhor.

Ele piscou, parecendo surpreso.

— Permissão para quê?

— Para ler os livros da biblioteca.

Eles se encararam por um tempo. Katy cruzou os braços e, depois, os descruzou, agitada.

Somerset acenou com a mão e a tinta da caneta espirrou na mesa.

— Ah, isso. Eu não estou preocupado com os livros. Mas sou grato por George ter me chamado a atenção para o fato. Terei de conversar com o mordomo sobre distribuir mais tarefas para os criados já que eles parecem gozar de muito tempo livre durante o dia. — Ele lhe lançou um olhar astuto, e ela baixou os olhos, envergonhada. — No entanto, o chamei aqui por outro motivo. Eu estava justamente procurando por alguém com as suas características. Presumo que saiba ler bem?

— Sim, senhor.

— Bom. E quantos anos tem?

— Dezesseis, senhor. — Ela estava confusa e nervosa.

— Perfeito — disse ele. — Eu tenho uma missão especial para você, Kit. Algo que talvez coloque suas habilidades em bom uso. Você é um criado leal. Já trabalha aqui há muitos anos. Pois bem, é chegada a hora de provar a sua lealdade. O jornal *The Times* está enviando um jornalista para o front nesta guerra infernal contra os russos. A decisão está causando um terrível alvoroço, como bem pode imaginar. Que ideia ridícula! Um *civil*! No front de batalha, metendo o bedelho em assuntos do exército! — zombou ele, parecendo escandalizado.

Katy ficou impressionada com o número de exclamações que detectara na voz de Somerset. Nunca o vira tão zangado.

— Não temos como impedir — continuou ele. — O governo se envolveu, portanto temos de permitir que este jornalista reporte o que está acontecendo. Liberdade de informação e tudo o mais. Teremos até que alimentar o homem! Como se ele estivesse lutando pela nossa pátria, e não nos espionando!

Katy franziu a testa, demonstrando desaprovação, que parecia ser o que Somerset esperava dela.

— Enfim. O homem colocou um anúncio no jornal. Está em busca de um assistente. Um jovem criado que saiba ler e escrever. Eu gostaria que você se candidatasse para tal posição para se certificar de que ele não se meta em nenhuma confusão ou que revele qualquer segredo militar para ser publicado em uma porcaria de jornal de circulação nacional.

Katy pensou cuidadosamente na proposta. Ele queria que ela fosse para o front na Crimeia para espionar um jornalista? Será que aquilo era algum tipo de punição criativa por ela ter lido os livros da biblioteca? Parecia uma reação um tanto exagerada.

— Eu não compreendo, senhor — arriscou ela.

— Eu conversei com a cozinheira. Ela me disse que você é de confiança. Está claro para mim que é inteligente. Creio que seja a pessoa certa para ocupar a posição. Creio que posso confiar em ti para me mandar relatórios frequentes.

Katy sempre quisera viajar, mas não estava bem certa se se sentia à vontade espionando alguém — mesmo que fosse um jornalista.

— Isso significa muito para mim, Kit — insistiu lorde Somerset. — Caso contrário... Bem, eu poderia muito bem contratar outro ajudante de cozinha. Um que não roube os meus livros. — Ele ergueu uma das sobancelhas.

Ela evitou um suspiro.

— Pois muito bem, senhor.

Lorde Somerset lhe entregara, então, a carta de referência, a qual ela aceitou em silêncio. Sua cabeça estava cheia de perguntas, mas decidiu que a melhor opção seria não fazer nenhuma. Considerando que aquela conversa mudara sua vida, ela fora surpreendentemente curta. Sentia que não tinha recebido as orientações necessárias para uma missão secreta. Ainda assim, candidatar-se ao emprego do *The Times* naquela noite mesmo e recebera a resposta na tarde do dia seguinte, o que fizera cair por terra todas as suas esperanças de que sua carta chegaria tarde demais e ela se safaria.

> Cenário-tempo de 1854 progredindo conforme planejado

Katy fizera algumas pesquisas sobre a guerra contra a Rússia e lera algumas das matérias do jornalista, e se sentiu pronta para o trabalho. Com sorte, faria uma boa viagem e estaria de volta em algumas semanas. Com sorte, o jornalista seria facilmente manipulável e não estaria interessado em reportar muitas informações sobre a guerra.

Katy se dera conta de que ter uma referência de lorde Somerset talvez não tivesse sido uma boa ideia. Não era muito sutil ter trabalhado para um *general do exército* antes de trabalhar para o jornalista. Não conseguia acreditar que o próprio Somerset não tivesse pensado naquilo. Por sorte, Matthew não parecia saber quem o seu patrão era — por ora.

Sentaram-se para comer com um bando de soldados e algumas das esposas que acompanhavam o regimento. O grupo discutia a origem da carne. Um homem, que dizia ser açougueiro, foi firme ao afirmar que se tratava de carne de cavalo.

— Então, por que estamos indo para a Bulgária? — perguntou ela a Matthew para se distrair das informações sobre o que estavam comendo.

— É onde se estabeleceu a base do exército, enquanto se prepara para marchar até as forças russas na Crimeia. Nós contornaremos a França e a Espanha até chegarmos ao mar Mediterrâneo e, então, aportaremos em Varna, na Bulgária. Veja. — Ele pegou um mapa do bolso e mostrou-lhe a rota. — Vai demorar algumas semanas para reunir as tropas britânicas e francesas, e, depois, faremos a viagem até o front.

Semanas, repetiu ela em pensamento, decepcionada. Eles ficariam longe por muito mais tempo do que Katy previra.

— E nós só vamos acompanhar o exército? Tomando nota do que eles fazem? — perguntou ela.

— Exatamente. Eu sou o primeiro jornalista a ir para o front — informou ele, orgulhoso.

— Mas então como as notícias de guerra chegavam aos jornais antes?

— Bem, em geral, nós apenas... reproduzimos as notícias de jornais estrangeiros. — Ele tossiu. — Tentamos contratar soldados para nos enviar relatórios, mas eles não costumavam ser muito criteriosos com o que escreviam. Então, eu aceitei ir até lá e escrever artigos adequados e precisos para variar.

— O que o senhor quer dizer com “precisos”?

Ele deu uma garfada, pensando antes de responder.

— Quando os soldados nos enviavam relatos de outras guerras, descobríamos mais tarde que eles tinham sido bastante seletivos sobre que informações queriam compartilhar. Eles faziam parecer que tudo estava saindo perfeitamente bem, mas apenas por lealdade ao próprio regimento. O que é justo, mas isso significava que, quando a notícia sobre a verdadeira situação no front chegava ao país, já era tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito.

Katy franziu as sobrancelhas. Não parecia que a intenção de Matthew fosse revelar segredos ao inimigo, mas sim proteger as tropas britânicas.

— Que tipo de coisa poderia ser feita? — quis saber ela.

— Bem, doações de roupas para o frio podem ser enviadas para soldados em regiões geladas, por exemplo. Uma coisa simples como essa pode fazer a maior diferença, mas se o público não sabe do que eles precisam, a doação não acontece.

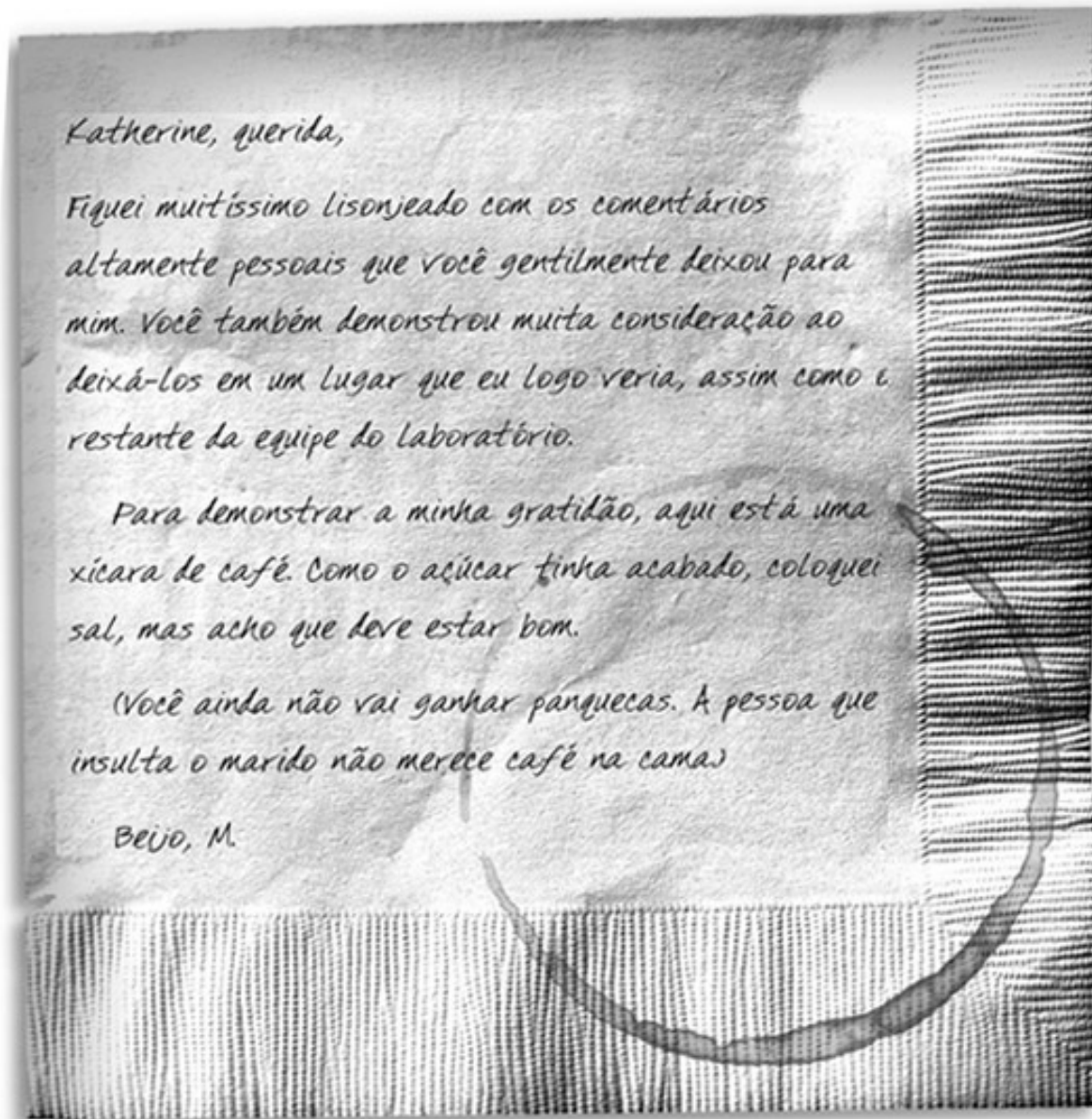
Katy assentiu. Aquilo não tinha nada a ver com o que lorde Somerset dissera para ela. O que Matthew estava fazendo parecia ser algo bom.



Códex /v3/Cenário-tempo-1854/Doc-4

Observação do arquivo: viagem inicial do Exército Britânico para Varna, Bulgária, durante a guerra da Crimeia em 1854, quando os britânicos se aliaram aos franceses contra a Rússia em uma tentativa de controlar a expansão do império russo para o sul, contornando o mar Negro, e para impedir que a Rússia assumisse o controle de rotas britânicas de comércio para a Índia

CAPÍTULO TRÊS



Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-114

Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine estava ficando farta do seu novo lugar na sociedade de Carlisle. As festas até eram interessantes, mas Elizabeth não parava de apresentá-la a pretendentes a marido, o que achava deveras entediante. A maioria era agradável, mas ela não conseguia conversar com eles por mais de dez minutos antes de querer fugir. A sua tática usual era sair discretamente para os jardins, onde Matthew estaria esperando por ela perto da carruagem para levá-los embora, as luzes e o barulho da casa diminuindo à medida que seguiam rumo à saída. Ele lhe entregaria um

xale que passara a deixar embaixo do banco, em vez do velho manto para cavalo cheirando a mofo que ele antes oferecera como cobertor; ela, por sua vez, daria a ele um copo de ponche de uísque. Então, eles sairiam juntos para explorar os jardins, inspirando o ar frio e fresco da noite.

Estava ciente de que não deveria passar tanto tempo com um criado, mas ele era muito cativante. Ele a compreendia. Deixava que Katherine falasse sobre a avó, ou que apenas permanecesse em silêncio enquanto se recuperava do escrutínio da sociedade. Falava com Katherine como se ela fosse uma pessoa, e não um objeto em um leilão. De qualquer forma, eles estavam apenas conversando. Não poderia haver nada de errado naquilo.

— Matthew — disse Katherine certa noite enquanto passeavam por uma ladeira no jardim da paróquia, admirando as estrelas que brilhavam ocasionalmente antes de se esconderem atrás de nuvens escuras. — Tu és escocês...

— Bem observado — interrompeu ele, erguendo uma das sobranceiras.

— Não, na verdade, gostaria de saber por que tu vieste para Carlisle.

— Eu vim para trabalhar — explicou ele ao pararem ao lado de um poço. — A minha família mora na fronteira escocesa, a alguns quilômetros ao norte daqui. Eles têm uma chácara nas montanhas. A única coisa que dá para enxergar pela manhã é neblina, por quilômetros.

— Parece um lugar mágico. Por que tu quiseste sair de lá? — Katherine tentou imaginar as montanhas escocesas. Uma imagem de Matthew correndo atrás do gado veio à sua mente.

— Gostaria de ter podido ficar — respondeu ele. — Tudo que sempre quis fazer era cuidar da chácara, como o meu pai. Mas estávamos... Estamos, na verdade, com problemas financeiros. Eu mando a maior parte possível do meu pagamento para casa.

— Sentes saudade deles? — Katherine se inclinou na parede do poço a fim de olhar lá dentro. A água negra lá embaixo refletia a luz das estrelas, e inspirou fundo aquele ar fresco. Sentia saudades da avó.

— Sinto. Mas sei que, por causa do meu trabalho, agora eles têm dinheiro suficiente para sobreviver.

— Espero que possas ir visitá-los em breve.

— Eu também. Talvez devesse me juntar aos rebeldes. Isso me daria uma chance de viajar! — Ele sorriu.

Katherine ficou em silêncio por um tempo, sem saber o que eram os rebeldes, mas não querendo parecer ignorante. O sorriso de Matthew vacilou enquanto ele esperava que ela risse, então, Katherine arriscou:

— Os... rebeldes?

Ele a observou por um tempo.

— Não ouviu falar dos jacobitas?

— Não — respondeu ela. A palavra “jacobita” soava familiar, mas não sabia onde a tinha ouvido antes. — Quem são eles?

— Carlos Stuart está reivindicando o trono novamente. Ouviu falar sobre a revolta que aconteceu na época do pai dele?

De repente, Katherine entendeu, lembrando-se das breves lições de história que tivera (ela sempre preferira as ciências naturais à história). Uma revolução no final do século anterior havia tirado o rei Jaime II do trono. Seu filho, Jaime Stuart, reivindicara o trono da Inglaterra e

da Escócia alguns anos antes, conseguindo ser reconhecido como o verdadeiro monarca por diversos países e tentara, sem sucesso, invadir a Inglaterra em 1715. Mas isso tinha acontecido trinta anos antes e não houvera qualquer ameaça verdadeira desde então. Será que o *filho* de Jaime Stuart agora tentaria reivindicar o trono inglês?

— É claro que eu sei sobre a revolta. Mas ela não foi bem-sucedida. Por que o filho dele repetiria algo destinado ao fracasso? — quis saber Katherine.

— Carlos Stuart procurou a ajuda dos clãs escoceses das Terras Altas. Ele acredita que com o apoio deles poderá vencer.

Katherine parou de caminhar, o xale escorregando dos ombros até a cintura.

— Os clãs escoceses? Acreditas que eles vão ajudá-lo?

— Já estão ajudando. Ele chegou à Escócia há algumas semanas.

Katherine estremeceu e puxou o xale distraidamente de volta para os ombros.

— Ele está *organizando um exército*? Na Escócia? Por que ninguém está falando sobre isso?

Ela tentou imaginar os escoceses das Terras Altas organizando-se para formar um exército e estremeceu. De tudo que já imaginara a respeito dos escoceses, ela jamais pensara em tão aterrorizante — embora também excitante — possibilidade. Uma parte dela queria que a revolta acontecesse; tal perspectiva parecia emocionante. Era algo que estava a um mundo de distância das festas tediosas sempre cheias de conversas sobre pretendentes e tecidos.

Matthew deu de ombros.

— A ameaça não é muito séria. A maioria das pessoas sabe da situação, mas, como você disse, quase não há esperanças de sucesso. A maior novidade, a chegada de Carlos à Escócia, aconteceu quando a tua avó... — O olhar dele foi rapidamente de encontro ao dela. Matthew sabia que era difícil, para ela, se lembrar da morte da avó. — O que quero dizer é que foi antes da tua chegada a Carlisle. Assim, não ficou sabendo. As últimas notícias dizem que os rebeldes irão cruzar Edimburgo e marchar diretamente para a Inglaterra.

— Inglaterra! — exclamou ela, horrorizada. — Talvez ataquem Carlisle.

Ele lançou um olhar sério para Katherine.

— Sim. Mas nós temos nossas defesas e a tropa do castelo. Embora mal dê para chamar aquilo de tropa. Como nunca esperamos qualquer tipo de conflito, nossa defesa consiste apenas de alguns velhotes que sofrem de gota.

— E crês que isso será suficiente?

— Talvez não — admitiu Matthew. — É bem possível que os rebeldes sejam detidos antes de chegarem à Inglaterra e a Carlisle, mas se chegarem até aqui, então, teremos de preparar as nossas defesas. Já estão preparando canhões em Edimburgo.

— Que horror. — Katherine tentou imaginar os cidadãos de Carlisle tendo de decidir se lutariam ou se iriam se render aos rebeldes. Estremeceu novamente. Como uma coisa assim era possível? Se os rebeldes chegassem a Carlisle, os moradores estariam realmente em perigo. De repente, a revolta não lhe parecia mais tão emocionante.

> Aviso: perigo iminente no cenário-tempo de 1745

> Intervenção recomendada

>> Intervenção negada



Home > Notícias > Ataque Terrorista

Ataque terrorista em laboratório

162 comentários



O lugar do ataque, Midlands Ocidentais

Nas primeiras horas desta manhã, Matthew e Katherine Galloway, dois cientistas do Laboratório Central Science, no condado de Midlands Ocidentais, foram mortos durante um confronto com os agentes da equipe de segurança, após uma tentativa de roubo de uma importante pesquisa do laboratório.

As evidências indicam que os cientistas planejavam liberar bactérias transformadas em armas biológicas no centro de Londres, no que seria o primeiro de uma série de ataques terroristas. Seus motivos permanecem desconhecidos, mas podem estar ligados à crescente agitação na Europa.

Durante a tentativa de roubo, três agentes de segurança do laboratório foram atacados e dispararam tiros para se defenderem. Tentando deter o casal, acabaram atingindo-no.

Os Galloways trabalhavam como pesquisadores no Laboratório Central Science, um grupo de pesquisa fundado pelo Departamento de Meio Ambiente, Alimentos e Assuntos Rurais (DEFRA). O trabalho do casal envolvia estudos com um fertilizante que usa bactérias para distribuir nutrientes para as plantações. Tal fertilizante poderia aumentar ilimitadamente a produção agrícola, uma vez que teria a capacidade de se reproduzir naturalmente no solo. A pesquisa se concentrava particularmente no possível impacto ambiental da bactéria.

Durante a pesquisa, o casal aparentemente descobriu as possíveis aplicações da bactéria como arma biológica, uma vez que seus esporos podem ser fatais se inalados.

Um cientista afirmou ao jornal: “Esporos de bactérias são resistentes a muitos tipos de radiação, desinfetantes e mudanças de temperatura, então, qualquer contaminação seria difícil de controlar uma vez que chegasse ao ecossistema, particularmente se atingisse o suprimento de água”.



Home > Notícias > Ataque Terrorista

Laboratório em quarentena depois de ataque terrorista

98 comentários

O Laboratório Central Science está em quarentena depois da liberação de uma bactéria fatal.

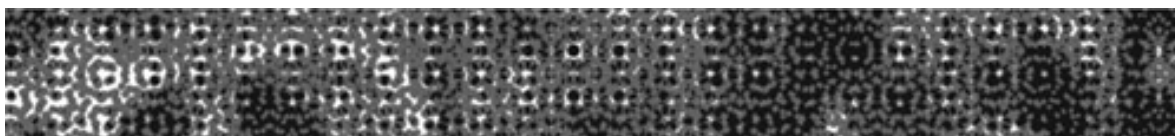
O diretor do Central Science emitiu uma nota dizendo que a bactéria ainda está em estágio inicial de desenvolvimento, e que qualquer potencial liberação não se espalharia o suficiente para causar mortes humanas.

Tal liberação aconteceu na semana passada, durante o confronto entre os agentes de segurança e dois cientistas do laboratório, Katherine e Matthew Galloway. O casal foi morto enquanto tentava roubar amostras de uma bactéria fertilizante com potencial para ser usada como arma biológica. As evidências indicam que os Galloways planejavam liberar a bactéria no centro de Londres, no que seria o primeiro de uma série de ataques planejados.

No entanto, o serviço de segurança britânico, o MI5, encontrou evidências de que os Galloways vinham alterando a bactéria para torná-la mais letal para os seres humanos. Seus efeitos seriam semelhantes aos da arma biológica antraz.

Um especialista declarou: “A pesquisa dos Galloways se concentrava em permitir que essa bactéria se espalhasse facilmente por grandes distâncias, para ser distribuída em plantações. Isso a torna uma arma particularmente perigosa”.

As instalações do Laboratório Central Science, no condado de Midlands Ocidentais, ficarão em quarentena por tempo indeterminado. Uma nota para a imprensa afirma que é “pouco provável que isso termine no futuro próximo”.



Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-173

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate ficou olhando para os artigos de jornal que apareceram no resultado de pesquisa para “Matthew Galloway”. Matthew e Katherine Galloway — os pesquisadores do Laboratório Central Science — eram terroristas. Tentaram roubar do Laboratório onde trabalhavam. Tinham atacado agentes de segurança. Kate estava chocada.

Quem eram aquelas pessoas? Será que ela tinha algum parentesco com aquela Katherine Galloway? Eram definitivamente parecidas, mas ela nunca tinha ouvido falar da mulher. Se houvesse alguma terrorista na família completamente idêntica a ela, certamente Kate saberia, não?

Voltou para os resultados da pesquisa, rolando a tela por outras notícias em busca de respostas. Depois do início da guerra em 2019, a investigação pareceu ter sido totalmente abandonada em favor do noticiário sobre o impasse entre a Inglaterra e a Europa. A Terceira Guerra Mundial fora curta, durando apenas três anos, antes que ambos os lados comessem as ameaças de uso de armas nucleares.

Por fim, para evitar uma destruição global, o conselho internacional da OTAN aprovou uma lei proibindo qualquer tipo de ataque, determinando que haveria uma tomada imediata de poder de qualquer país que violasse a lei. Isso levou a uma paz relutante e perturbadora, que durava desde então. A guerra dominara a mídia, e não havia mais qualquer outra menção aos quase terroristas.

O link seguinte que Kate encontrou levava ao blog de um dos terroristas. Kate voltou para os artigos de notícias. Uma pessoa que usava o tempo livre para analisar programas de televisão e sair com o marido não poderia passar o resto do tempo construindo uma arma biológica. Poderia?



CIÊNCIA SACANA



Bem-vindos ao blog de Katherine Galloway, bióloga com muito tempo livre e uma obsessão ligeiramente nauseante por seu (lindo e maravilhoso) marido, Matthew.

Sinto muito (só que não) por todas as fotos compartilhadas de homens sem camisa.

[Quem sou eu](#)

[Fotos](#)

[Sugestões](#)

[Contato](#)

Eu talvez fique um tempo sem publicar

21 de junho de 2019 (40 comentários)

Matthew e eu temos umas coisas para fazer. Não posso contar o quê. Eu sei, eu sei: o tipo de mensagem secreta e irritante. Mas realmente não posso. Só queria contar para vocês, para o caso de eu não voltar a escrever. Amo vocês todos. E sinto muito.

Tags: [publicação provavelmente desnecessária e excessivamente dramática, desculpem por todo o drama](#)

Ooops, eu não tenho publicado muita coisa

12 de junho de 2019 (7 comentários)

Estão acontecendo umas coisas recentemente sobre as quais eu simplesmente não consigo brincar. Acho que um dia todos nós temos que amadurecer, não é?

Tags: [estou com medo, e não sei o que fazer](#)

A nova temporada de *Orange is the new Black* acabou de estreiar...

4 de junho de 2019 (5 comentários)

... mas ainda não posso assistir porque Matthew está INSISTINDO em me levar para um jantar romântico. RIDÍCULO.

Tags: [Eu jamais deveria ter me casado com Matthew, ele não tem o menor respeito pela santidade do Netflix](#)

Rolando pelo chão e chorando

2 de junho de 2019 (3 comentários)

Passei o dia *inteiro* realizando um experimento que não deu certo porque eu esqueci de colocar uma coisinha no composto. A minha vida é uma drooooooga.

Tags: [Vou sair com Matthew para afogar as mágoas, peço desculpas desde já por qualquer publicação que eu escreva bêbada, o que pode acontecer daqui a pouco](#)

[<Posts anteriores](#)

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-170

Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine acordou depois de mais uma noite maldormida. Todos em Carlisle foram tomados pelo terror à medida que os rebeldes se aproximavam cada vez mais da Inglaterra, e os rumores sobre os monstruosos escoceses mudavam a cada dia. A descrição variava entre gigantes assassinos que comiam bebês a fazendeiros tão fracotes que não ameaçariam nem uma casa de campo. A tia e o tio estavam sempre conversando sobre o medo que sentiam de que os rebeldes tomassem a cidade e matassem o filho deles. Os pesadelos de Katherine foram tomados por gigantes atacando a cidade, e ela acordou exausta naquela manhã. Sentou-se na cama, esfregando os olhos em uma tentativa de afastar a dor de cabeça que se prolongava nas temporadas.

Katherine observou o quadro que tomava toda a parede em frente à cama. Era um retrato da avó — uma versão mais nova e cheia de vida da mulher que conhecera — ao lado do marido. Desde a sua chegada, Katherine se perguntava por que Elizabeth tinha um retrato da mãe em casa, já que tinham ficado anos sem se falar. Katherine tinha muita vergonha de perguntar. Sua tia fora gentil em acolhê-la depois da morte da avó, então ela não queria causar problemas.

Levantou-se, sentindo-se repentinamente desperta e revigorada pela curiosidade. O que acontecera na família? Que segredo escondiam dela?

Em breve teria de voltar para a casa da avó, para começar a organizar os pertences agora que a casa seria vendida. Vinha adiando aquilo havia semanas. Não estava pronta para encarar o desmonte do lar nem para se desfazer dos pertences da avó, pois aquilo tornaria tudo ainda mais real. Embora talvez lá conseguisse encontrar as respostas para o rompimento entre a tia e a avó.

Depois de se vestir, Katherine se debruçou na janela e observou as galinhas ciscando em torno da horta. Desejava que sua vida fosse simples assim. Não conseguia sequer suportar a ideia de descer para o desjejum, onde teria de aguentar as intermináveis discussões dos tios sobre os jacobitas.

Avistou Matthew levando um cavalo de volta para o estábulo e tratou de sair discretamente para segui-lo, ansiosa por uma distração.

Ele estava conversando com uma criada quando Katherine chegou ao estábulo. Os rostos estavam próximos, e a conversa parecia séria e intensa, enquanto o cavalo pastava ali perto.

Katherine sentiu o estômago revirar, mas afastou o sentimento, irritada consigo mesma. Matthew podia conversar com quem bem entendesse.

Os raios de sol que brilhavam por entre as folhas de uma cerejeira iluminavam o cabelo escuro da garota, que Katherine achou horrível. Ela se aproximou mais para ouvir o que estavam dizendo.

— Ainda há um longo caminho até a vitória — disse Matthew.

— Sim, mas o ataque é o primeiro passo — murmurou a criada. — Depois disso, tudo que acontecer será importante.

Katherine se aproximou um pouco mais, tendo o cuidado de se manter fora do campo de visão dos dois criados. Sobre o que estavam falando?

— O que nós vamos fazer? — perguntou ele para a garota.

— Nada ainda. Você só precisa agir quando a cidade for sitiada. É nesse momento que vai poder mudar as coisas.

— Então nós esperamos?

— Isso — respondeu a garota, caminhando de repente na direção em que Katherine se escondia. Matthew foi atrás dela. Katherine tentou recuar, mas não tinha para onde ir. Eles a viram e pararam onde estavam.

— Sinto muito — desculpou-se ela. — Eu interrompi alguma coisa?

Matthew e a criada trocaram um olhar. Ela fez uma pequena mesura, claramente envergonhada, e depois caminhou em direção à casa.

— Não. Está tudo bem — respondeu Matthew. — Aquela é minha prima.

— Ah — disse Katherine, olhando a criada sob outro prisma. Reconheceu a moça agora ao olhá-la mais de perto. Tentou se lembrar do nome, mas nunca tinha prestado muita atenção a ela antes.

Katherine engoliu em seco, tentando agir normalmente.

— Percebe-se a semelhança. — Matthew e a prima tinham o mesmo formato de rosto anguloso. *Anise*, era esse o nome dela.

— É mesmo? Em que aspecto? — quis saber Matthew.

— Nos cílios delicados — provocou ela.

Matthew bufou, debochado, e ela acrescentou, atrevida:

— Mas ficam melhores nela. Sua prima é mais elegante. E algo a respeito da postura dela a torna mais respeitável.

— Com licença, madame, mas tenho coisas melhores a fazer com o meu tempo do que ser insultado — disse Matthew duramente, mas com um brilho nos olhos. Ele fez uma pequena mesura antes de se virar e levar o cavalo até o estábulo.

— Não tropeces! — gritou Katherine, e a postura formal de Matthew desmoronou quando ele começou a rir. Ela o alcançou já dentro do estábulo, que estava frio, com cheiro de mofo e poeira de feno. Um pombo, empoleirado em uma das vigas, arrulhava baixinho. Era um lugar bem mais acolhedor do que a casa, onde Katherine sempre temia estragar algum dos móveis bem polidos.

— Então, você ouviu alguma coisa sobre Edimburgo? — perguntou Matthew, acariciando distraidamente o focinho da égua.

— Não. O que aconteceu? — Era difícil se concentrar no que Matthew estava dizendo, enquanto repassava a conversa entre ele e Anise na cabeça. O que tinha significado aquilo?

Ele sorriu.

— A cidade de Edimburgo se rendeu e foi tomada pelos rebeldes. O prefeito deu 15 mil libras ao príncipe Carlos!

Katherine arfou.

— Meu Deus! — Isso significava que os rebeldes estavam a menos de duzentos quilômetros de Carlisle.

— Antes de chegarem a Edimburgo, eles passaram por Dunblane — continuou Matthew. — Ouvi uma história sobre um dos rebeldes. Não tão interessante quanto outras que eu já ouvi, mas é boa.

— Então, o que foi que ele fez? — Katherine sentia-se desconfortável. Matthew estava um pouco animado demais com o fato de Edimburgo ter se rendido. As palavras de Anise voltaram à sua mente: *Você só precisa agir quando a cidade for sitiada. É nesse momento que vai poder mudar as coisas.* — O rebelde lia uma passagem bíblica enquanto passava pela cidade.

— Uma passagem bíblica? Qual?

Matthew pigarreou. Então, fechou os olhos, preparando-se como se prestes a declamar um monólogo de Shakespeare. Apesar da preocupação em relação à lealdade do cocheiro, Katherine não pode deixar de sorrir de alegria diante da pose dele. Sem abrir os olhos, ele disse:

— Para de sorrir.

Katherine controlou a expressão do seu rosto.

— Desculpe-me — murmurou ela.

Ele fez um som indicando que ela deveria ficar em silêncio e começou a falar com a voz empostada, para soar intencionalmente misterioso:

— *Remove da tua cabeça o turbante! Lança fora a tua coroa, teu diadema real. Ruína! Destruição! Sim, eis que farei cair sobre a cidade enorme calamidade! Eis que Eu farei dela uma desgraça que não será restaurada até que venha aquele a quem Eu pessoalmente entregarei a cidade!*

Ao ouvir a citação, ela sentiu um frio na espinha. Matthew olhou para o rosto dela, de olhos

arregalados, com satisfação.

— Isso é... assustadoramente adequado — declarou ela, depois de uma longa pausa.

— Mas faz com que você pense a respeito, não é mesmo? — comentou Matthew. — Talvez Carlos deva ser coroado.

Katherine o observou atentamente.

— Tu apoias os rebeldes?

Será que tinha sido a isso que Anise se referira ao dizer “vai poder mudar as coisas”? Será que Matthew e a prima estavam conspirando para ajudar os jacobitas na invasão?

Por um momento, Matthew quase pareceu estar em pânico. Seus ombros assumiram a mesma postura nervosa de quando ele percebera que ela o vira conversando com a prima, mas rapidamente a expressão em seu rosto se acalmou. Ele deu de ombros com o olhar distante.

— Eu não sei o bastante para ter uma opinião formada.

Katherine tentou manter a expressão neutra, mas estava preocupada. Será que Matthew estava mentindo? Ele sempre parecia saber mais sobre os rebeldes do que qualquer um, mesmo as pessoas que afirmavam ter as últimas notícias. Ele certamente sabia o bastante para ter uma opinião formada sobre algo tão importante.

— Eu também não entendo muito de política — disse ela por fim, tentando não demonstrar suas suspeitas.

Ela ignorou a maneira com que ele a olhava enquanto voltava para a casa.

> Previsão de atraso no cronograma do cenário-tempo de 1745 provocado por desconfiança

CAPÍTULO QUATRO

Não era para você me contar que colocou sal na bebida! Não contar é JUSTAMENTE O PROPÓSITO! Cara, você é muito ruim nisso.

Aliás, Clare estava pedindo para ver uma fotografia nossa já que não pôde ir ao casamento. Eu fiz o upload de algumas de nós dois no grande dia, e também daquela maravilhosa que a sua mãe me deu da época que você estava na faculdade. Aquela em que você está todo de jeans. Combina muito com você, faz os seus olhos se sobressaírem. Espero que você concorde! Clare achou incrível.

Mick e Olivia também. E eu achando que o jeans não fosse muito valorizado na era moderna!

Até mais tarde. Precisamos de leite.

Beijo, K.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-115

Próximo a Portugal, oceano Atlântico, 1854

Matthew entregou a Katy sua caneta e caderno. Ela olhou para ele, incerta. Estavam no deque e, depois de dois dias de viagem, ela já conseguia se manter mais firme no balanço do navio.

— Creio que poderíamos começar a fazer anotações — esclareceu Matthew. — Eu poderia ensinar a você um pouco de taquigrafia para acelerar o processo.

Ela soltou um longo suspiro.

— Pensei que eu fosse poder relaxar até chegarmos ao front. — Depois de molhar a ponta na tinta, aguardou que ele começasse a ditar.

— *Depois de vários dias, a viagem prossegue tranquilamente com tempo bom e poucos atrasos.* — Ele parou um pouco para pensar.

Katy se distraiu olhando para o contorno dos ombros dele, os músculos surpreendentemente bem definidos visíveis sob a camisa. Deixou seus olhos passearem pelo cabelo caindo na testa. Seus óculos estavam prestes a escorregar até a ponta no nariz. Um movimento mais brusco e

cairiam. Distraído, ele os ajeitou e Katy recobrou a postura. O que estava *fazendo*? Ela estava aqui para espioná-lo, não para admirá-lo.

Havia algo de familiar em Matthew. Não sabia bem o que era ou se apenas não passava de seu próprio desejo de estar mais tempo com ele, mas, de toda forma, ele parecia um velho amigo. Seus gestos eram familiares, reconfortantes. A sensação era estranha e bem-vinda ao mesmo tempo.

Ela se recompôs e segurou a caneta com mais força, tentando ignorar o tom da voz dele, cadenciado e grave, e concentrar-se nas palavras ditadas.

— Pois bem — disse Matthew, quando ela completara quase uma página de anotações para ele. — Terá de treinar taquigrafia antes de chegarmos ao front. Não queremos perder nenhuma informação importante porque não consegue acompanhar.

Seu sorriso se apagou. Por um instante, sentiu-se feliz, mas a lembrança do objetivo a fez acordar. Não podia ser amistosa com Matthew. Estava ali para manipulá-lo. Engoliu em seco.

— Você deveria escrever uma carta para os seus tios — sugeriu Matthew de repente. — Tenho certeza de que eles adorariam receber notícias e se assegurar de que está bem. Podemos enviá-la quando aportarmos.

Ela olhou para ele, confusa.

— Meus tios? Eu não tenho tios. Fui criada em um orfanato.

Ele franziu a testa.

— Ah... Bem, não sei por que achei que tivesse. Peço que me perdoe pela confusão.

Ficaram em silêncio. Katy não sabia o que tinha dito que o levava a crer que ela morava com os tios. Estranhamente, o erro não pareceu totalmente equivocado. Ela afastou o pensamento — nunca tivera tios. Ou tivera?

Matthew então se levantou, pigarreando.

— Acho melhor entrarmos. Você já pegou muito sol.

Katy tocou o próprio rosto, surpresa. Estivera ventando o dia todo, mas seus braços e seu rosto estavam ficando vermelhos, então ele provavelmente estava certo sobre entrarem.

No.: 411

Data de entrada: 11 de dezembro de 1838

Sobrenome da criança: Desconhecido

Nome da criança: Katherine

Data de nascimento: Desconhecida

Local de nascimento: Desconhecido

Nome dos pais: Desconhecido

Gênero: Feminino

Motivo da internação: Penúria

Frequentou a escola: Sim

Idade da saída: 12

Códex/v3/Cenário-tempo-1854/Doc-1

Observação do arquivo: detalhe de um dos livros de registro do século XIX do orfanato Freeman

NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

No dia seguinte, Kate já estava vestida às seis horas da manhã. Não tinha pregado os olhos. Tinha apenas ficado deitada na pequena e desconfortável cama de solteiro, ouvindo o barulho da festa dos vizinhos e pensando em tudo que descobrira sobre Matthew e Katherine Galloway. Havia sido convidada para a festa, mas sentia-se confusa demais com tudo que tinha lido na internet para ir.

Pegou uma xícara de café e uma fatia de torrada velha no refeitório, acenando para os amigos quando a chamaram para se sentar com eles. Comeu enquanto caminhava até o ponto de ônibus para ir para a casa das avós. Iria atrás de respostas. Uma delas devia saber algo sobre Katherine Galloway.

— Identidade? — pediu o soldado na porta do ônibus, e ela colocou o polegar no scanner de impressões digitais. A luz verde se acendeu, mostrando que ela era cidadã inglesa.

— Para onde está indo? — perguntou ele. — A senhorita tem permissão para sair do campus?

— Vou visitar as minhas avós. Elas moram em Beeston.

Ela mostrou sua autorização, a qual ele leu atentamente e, depois, passou no scanner.

— Não vá ao centro da cidade hoje, srta. Finchley — avisou ele. — Está acontecendo outro protesto na Market Square contra o racionamento. Estão prendendo os manifestantes.

— Não irei. Só vou comer um bolinho da minha avó. Saudades de comida caseira — brincou Kate.

Ele assentiu, permitindo que ela entrasse no ônibus.

— Tenha uma boa viagem.

Kate enfiou um tablete de higienização na boca, apreciando a efervescência enquanto os dentes eram limpos.

Quando chegou, a avó abriu a porta com as mãos sujas de farinha.

— Kate! O que você está fazendo aqui? Achei que fosse estar ocupada demais com as festas para nos visitar até pelo menos a terceira semana de aulas. — Ela deu um beijo na bochecha da neta antes de deixá-la entrar.

— Fiquei com saudade — respondeu Kate, inspirando o cheiro da casa das avós. Ela passara a infância ali. Sempre ia para lá depois da aula, quando os pais ainda estavam no trabalho. — Mas não conte para papai e mamãe que eu vim. Ainda não fui visitá-los.

— Aproveitando bem a liberdade, não é? Vamos, entre. Estou fazendo pão. Vovó ainda está na cama.

A avó se virou para as escadas e gritou para chamar a esposa:

— *NANCY! KATE ESTÁ AQUI!*

Seguiu-se um longo silêncio e, então, uma resposta relutante:

— Já levantei. Já *levantei*. É melhor que não seja outra das suas mentiras só para me tirar da cama!

A avó balançou a cabeça em sinal de reprovação antes de entrar na cozinha. Kate foi atrás dela, sorrindo. Não tinha percebido o quanto vinha achando estressante a vida na faculdade até voltar para casa e, de repente, sentiu-se completamente relaxada. Virar adulto e sair de casa era ótimo, mas, às vezes, tudo que a gente precisa é de um abraço bem apertado da avó.

— Quer chá? — ofereceu ela.

— Claro — aceitou Kate. Ela se sentou à mesa, pressionando o polegar no scanner para fazer o login. Acessou o artigo que encontrara na noite anterior, aumentando a fotografia dos Galloways. A avó estava contando uma história engraçada sobre a última noite do pôquer:

— ...e Anthony disse que ia deixar Nancy recuperar o dinheiro se...

— Vó? — interrompeu Kate.

— O que foi, querida?

— Você sabe quem é esta pessoa? — perguntou Kate.

A avó se virou para olhar para tela e empalideceu na hora. De roupão, sua outra avó entrou na cozinha naquele exato momento e seguiu direto para a cafeteira.

— Bom dia, Kate — cumprimentou ela, parando ao perceber os rostos pálidos e as xícaras abandonadas sobre a mesa. — Flo...? — Quando viu a tela, arfou levemente. — *Kate!*

Kate olhou de uma avó para a outra, e ambas estavam perturbadas. Pela primeira vez lhe pareceram velhas — velhas e cansadas.

— Quem são *elas*? — perguntou Kate, sentindo um medo repentino.

— Esta é a nossa filha — sussurrou Nancy, pegando a mão de Flo.

— Filha? Mas... eu achei que meu pai fosse filho único.

— Nós também tivemos uma filha. Katherine.

— Ela morreu — disse Flo, baixinho. — Há muito tempo.

— Eu... Eu li um artigo sobre eles. Sobre ela e o marido, Matthew. — De repente, Kate se arrependeu profundamente de ter ido até ali para fazer aquelas perguntas. Não queria magoar as avós. — Dizia que eles eram cientistas e terroristas.

Nancy fechou os olhos.

— *Por quê?* Por que eles fariam uma coisa dessas? — quis saber Kate.

Nenhuma das duas respondeu. Então, Flo suspirou e disse:

— Sente-se. Acho que agora você já tem idade para saber da história.

— Vou fazer um chá — disse Nancy, apertando a mão de Flo.

Flo subiu as escadas em silêncio e Kate permaneceu sentada à mesa da cozinha, sentindo-se jovem demais. Minimizou a foto na tela. Nunca deveria ter feito aquilo.

Nancy colocou um prato de bolo e uma xícara de chá diante da neta.

— Sinto muito, vovó — disse Kate, baixinho.

— Ah, querida. Está tudo bem. Nós já tivemos muito tempo para aceitar o que aconteceu.

Kate ficou remexendo no bolo, empurrando um pedaço de maçã até que saísse da casquinha da massa.

— Por que você não me conta como encontrou aquela foto? — perguntou Nancy.

Kate hesitou. O que poderia dizer? *Foi tudo por causa de um cara, vovó. Desculpe trazer sua filha terrorista à tona.*

— Eu estava investigando. Tem um cara na minha turma que tem o mesmo nome do marido de Katherine. Também é muito parecido com ele.

— Ah. — Longo silêncio.

Quando Kate ergueu o olhar, Flo estava de volta, trazendo uma pasta.

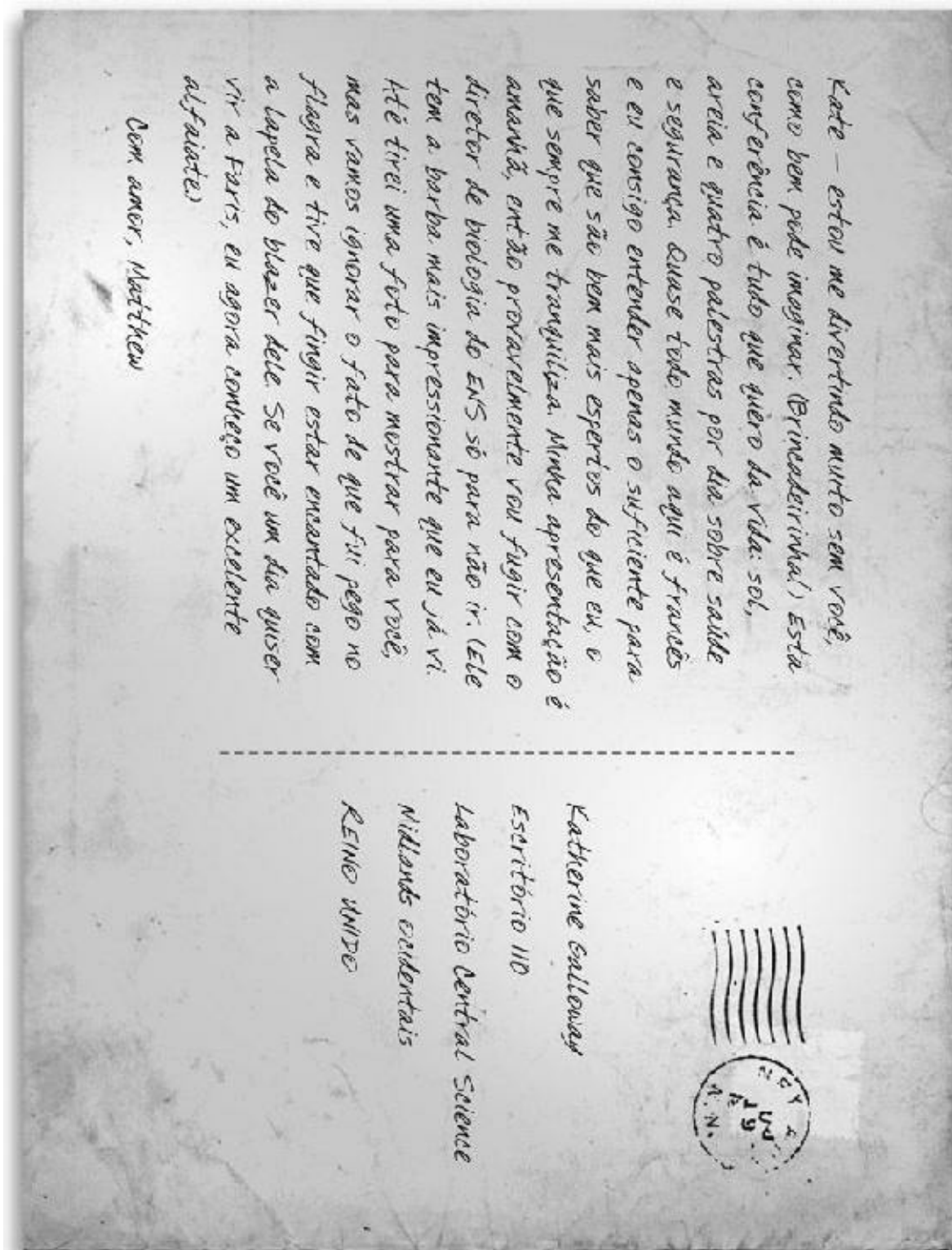
— Eu não olhei mais para isso desde que tudo aconteceu — disse ela. — Nancy olhou, mas eu... simplesmente não consegui.

— Você quer olhar agora? — perguntou Kate, olhando com apreensão para os papéis amarelados.

— Quero. Você tem que saber a verdade.

Kate abriu a pasta e espalhou os papéis pela mesa. Havia cartas, fotografias e outras folhas com aparência de documentos

oficiais. Entre elas havia uma certidão de casamento que dizia que Katherine Finchley e Matthew Galloway estavam legalmente casados perante a lei, com data de alguns meses antes do início da guerra, em 2019. Havia vários cartões-postais também — as imagens vividas exibindo lugares exóticos. No verso, o selo estava se descolando do papel ressecado.



Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-59

Kate pegou as fotografias. Fotos impressas eram uma fonte de prazer para ela, já que antes mesmo da guerra elas tinham saído de moda e agora eram um luxo raro e desnecessário. A maioria era do casamento de Katherine e Matthew, mas havia alguns registros de férias também. Kate passou os dedos pelo papel lustroso e macio, olhando as roupas fora de moda.

Katherine Galloway estava radiante em um vestido de noiva rendado, com o olhar pousado no marido. O homem se parecia

tanto com Matt que Kate mal conseguia desviar os olhos.

— Eu não tinha me dado conta do quanto você se parece com ela — disse Flo. — Você cresceu tão rápido. Fiquei muito feliz quando os seus pais decidiram chamá-la de Katherine, embora isso também tenha me surpreendido.

— Como ela era? A Katherine.

— Era linda, tinha o cabelo ruivo brilhante, exatamente como você — contou Nancy. Kate automaticamente levou a mão ao cabelo, alisando os cachos indomáveis. — Ela era muito vaidosa em relação ao cabelo. E também era muito engraçada, como você. Era sempre gentil e paciente com todo mundo, por isso foi um grande choque para a família quando foi acusada de terrorismo. Ela e Matthew se casaram apenas alguns meses antes do início da guerra. Todos estavam muito felizes com a escolha de Katherine. Matthew era muito charmoso e inteligente. Cientista e pesquisador, assim como ela. Era como um conto de fadas. Eles formavam um lindo casal.

Nancy parou de falar e ficou olhando para a xícara de chá. Flo pousou a mão sobre a dela e retomou a história:

— Eles deviam ser muito bons em esconder segredos, porque nunca ninguém desconfiou do que estava acontecendo. Sentíamos muito orgulho de termos uma cientista na família, alguém trabalhando com o que havia de mais moderno em modificação genética.

— Não sei quanto a você, mas eu nunca consegui entender o que ela estava dizendo quando explicava a respeito do trabalho — acrescentou Nancy.

— Nem eu. Mas gostava de olhar para as imagens das bactérias. Eram sempre tão coloridas.

— Acho que eles as coloriam no computador, amor — esclareceu Nancy.

— Será? Bem, de qualquer forma, nós duas sentíamos muito orgulho dela. Mas, então, um pouco antes do início da guerra, tudo mudou. Ela ficou semanas sem telefonar e não atendia às nossas ligações nem às do seu pai. A princípio, nós achamos que eles só estavam muito ocupados com o trabalho, mas quando eles se esqueceram do aniversário de Nancy começamos a ficar preocupadas. Fomos até a casa deles e encontramos o local revirado. Havia papéis por todos os lados. Uma bagunça. Katherine e Matthew não estavam em lugar nenhum.

— Ficamos doidas de preocupação — acrescentou Nancy.

— Não fazíamos ideia do que tinha acontecido, nem de como entrar em contato com eles, se havia sido uma invasão ou se eles tinham sido sequestrados ou sei lá. Tentei telefonar para o laboratório — continuou Flo —, mas fui informada sobre uma emergência que havia ocorrido e que as instalações estavam em quarentena. Contamos à polícia que eles estavam desaparecidos. — A mão de Flo tremia quando, distraidamente, ela ergueu a caneca para dar um golinho na bebida.

— Naquela noite, dois soldados bateram à nossa porta — continuou Flo. — Eram homens enormes, altos e fortes, com expressão ameaçadora. Foi assustador. Eles disseram ter descoberto que Katherine, a nossa garotinha, fora pega trabalhando no desenvolvimento de uma arma biológica, e que ela e Matthew iam soltá-la em Londres.

— É claro que não acreditamos neles! — exclamou Nancy. — Eles nem nos disseram para qual organização terrorista Katherine e Matthew supostamente estavam trabalhando. Pedimos para vê-la, e nos disseram que ela o marido tinham sido mortos no Central Science, quando tentavam roubar a pesquisa. Eles tinham atacado os agentes de segurança que tentaram detê-los. Um dos seguranças atirou, em legítima defesa, disseram, e... e... — Nancy se interrompeu e pigarreou.

A voz estava rouca quando voltou a falar:

— A situação era tão chocante, era tudo tão confuso... Não sabíamos o que fazer. Então... Nós... Nós deixamos pra lá. — Ela respirou fundo, trêmula. — Eu deveria ter insistido mais, ter lutado pela minha Katherine, mas sabia que estava além das minhas forças. Eu mal conseguia lidar com a morte dela, quanto mais lutar para descobrir o que tinha realmente acontecido.

— Nós fizemos o melhor que podíamos — assegurou Flo, tentando tranquilizá-la. — Não havia mais nada que pudéssemos ter feito por eles.

— Será que não poderiam ter tentado falar com alguém? — perguntou Kate, horrorizada por ver que elas não tinham feito mais nada para descobrir o que tinha acontecido. — Não havia ninguém que pudesse ajudar?

Flo negou com um aceno de cabeça.

— Teria sido perigoso demais mencionarmos isso para alguém, dizer que a nossa filha tinha sido acusada de terrorismo, com o risco de uma guerra em ascensão.

— Tivemos de confiar que conhecíamos nossa filha, e que ela jamais teria se envolvido com alguma coisa errada. Katherine era uma pessoa do bem. Eu nunca deixei de acreditar nisso.

Kate soltou um soluço meio engasgado e se atirou nos braços das avós, abraçando as duas com força.

— Sinto muito, vovó, vó. Sinto muito mesmo. Não foi minha intenção fazer vocês reviverem essas lembranças tão dolorosas.

Flo deu tapinhas carinhos nas costas da neta e acariciou seu cabelo.

— Está tudo bem, querida. Um dia você teria que descobrir.

— Na maior parte do tempo, eu acho que eles não poderiam ter feito aquilo — disse Nancy quando Kate se sentou de novo. — Os dois eram tão gentis. Mas eram tempos muito confusos, com o risco da guerra, e depois aquele impasse. Convivíamos com o medo diário de que alguém lançasse uma bomba nuclear e destruísse o mundo. Não sei como teríamos conseguido descobrir a

verdade no meio de tudo aquilo.

— Eu... Eu li o blog dela — contou Katherine. — Ela parecia tão... Não parecia uma terrorista. Em um dos posts estava reclamando sobre um programa de televisão.

As avós trocaram um olhar estranho.

— Katherine era uma boa pessoa — afirmou Nancy.

— Vocês... vocês acham que foi o marido quem a obrigou?

— Matthew? — perguntou Flo, surpresa. — Não mesmo. Ele era um querido. Não seria capaz de machucar uma mosca.

— Era sempre Katherine quem forçava Matthew a fazer as coisas — concordou Nancy. — Você se lembra de quando ela o obrigou a fazer rapel, Flo? — Nancy deu uma risada. — Ele odiou. Saiu com cara de sofrimento em todas as fotos, como se preferisse estar em qualquer outro lugar do mundo.

— E Katherine lá, sorrindo sem parar, sem perceber absolutamente nada.

— Mas, mesmo assim, ele foi lá e fez, por ela. Era um casal adorável.

Katherine tomou um gole de chá, engolindo o líquido que esfriava. Sentia-se exausta.

— Sinto muito.

— Nós sabemos, florzinha. Nós sabemos.

PARA CIÊNCIA DE CAVALHEIROS E PLEBEUS RESIDENTES ATRÁS DOS MUROS DE CARLISLE

Se as forças rebeldes conseguirem entrar na cidade de Carlisle, saquearão suas casas para subtrair qualquer coisa de valor e destruirão o resto, e sequestrarão as mulheres e as crianças, tomando-as para si. São seres descontrolados, que agem sem uso de razão ou inteligência. Os selvagens das Terras Altas destruirão nossa nobre cidade.

Os senhores podem ter certeza de que dentro dos muros de Carlisle, no forte do castelo, há aqueles capazes de deter esse ataque traiçoeiro. São homens com tamanho espírito de nobreza e honra que conseguirão manter Carlisle como território inglês, nem que para isso precisem esgotar suas reservas e perder até a última gota de sangue.

TODOS OS VOLUNTÁRIOS SÃO BEM-VINDOS AO CASTELO PARA DOAR TEMPO E DINHEIRO QUE POSSAM SER INVESTIDOS NA CAUSA.

Códex/v1/Cenário-tempo-1745/Doc-2

Observação do arquivo: parte de um aviso afixado na praça de Carlisle quando a cidade se preparava para o cerco das forças jacobitas durante a revolta de 1745

Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine tinha passado horas pensando a respeito da conversa que entreouvira entre Matthew e Anise, e só conseguira chegar a uma conclusão: eles eram espiões. Estavam trabalhando para os rebeldes e planejavam ajudar na invasão caso eles chegassem a Carlisle. Katherine não poderia simplesmente ficar parada esperando as coisas acontecerem, não diante do risco de que sua família e sua casa pudessem ser atacadas. Precisava detê-los. Precisaria encontrar uma maneira de provar o que estavam tramando e fazer com que fossem presos.

Ela deveria estar conversando com os demais convidados do jantar. Todos discutiam sobre a revolta e estavam em pânico por causa do cerco a Edimburgo. Katherine deixou a conversa se desenrolar ao seu redor enquanto planejava uma forma de revelar que Matthew e Anise eram traidores. Mas não conseguia pensar em nada, a não ser fingir que também era uma rebelde.

Então, percebeu o quanto estava sendo ridícula. Decidiu que simplesmente iria conversar com Matthew e aquela era a oportunidade perfeita: ele estava do lado de fora, aguardando na carruagem para levar a família de volta. Ele não teria como fugir e evitar as suas perguntas. Ela se levantou da mesa de cartado.

— Com vossa licença — pediu ela aos demais convidados —, preciso de um pouco de ar.

E então saiu da sala, ignorando o olhar de desaprovação da tia, que estava perto da lareira. Já do lado de fora, vasculhou o caminho de entrada em busca de Matthew.

Ele estava deitado no teto da carruagem, olhando para as estrelas e cantando baixinho para si

mesmo. Katherine se postou ao lado da carruagem, de braços cruzados, ouvindo a canção em uma tentativa fútil de decifrar as palavras, que pareciam não fazer sentido algum em virtude do forte sotaque escocês. Ele parecia inofensivo, deitado ali daquele jeito. Era difícil imaginar que alguém tão doce e gentil quanto Matthew fosse capaz de trair Carlisle, mas Katherine estava convencida de que a conversa dele com Anise não fora totalmente inocente.

Ela pigarreou bem alto. Matthew rapidamente se sentou e olhou para ela. Estava um pouco desarrumado e envergonhado por ela tê-lo pego cantando.

— Katherine! — Ele desceu da carruagem, evitando o olhar dela. Começou a remexer sem propósito nos arreios da égua, enquanto o constrangimento passava.

Ela colocou uma das mãos no quadril e disse com o tom de voz mais recatado que conseguiu:

— A minha tia sabe que usas a carruagem dela como palco? — Ela levantou uma sobrancelha.

— Você é muito engraçada, Katherine. Na verdade, eu diria que ninguém tem um senso de humor como o seu. A que devo a *inigualável* honra da sua companhia?

Ela não conseguiu evitar o sorriso. Ele até poderia ser um traidor, mas era um traidor bem carismático. Matthew retribuiu o sorriso.

— O sarcasmo é a mais reles forma de humor, sr. Galloway. Será que podes me levar para casa, por favor?

Ele lançou um olhar surpreso para a casa.

— O jantar já acabou? Onde está a sua tia?

— Ela ainda está lá dentro. Tu podes voltar para buscá-la mais tarde, mas eu quero ir embora agora.

— O que houve?

— Nada. — Será que ela era tão óbvia assim? Não suportava imaginá-lo como um rebelde. Um traidor.

Ele se aproximou com a testa franzida.

— Estou perfeitamente bem, só um pouco agitada. Será que tu poderias me levar para casa? Por favor.

Ele a encarou por um tempo antes de assentir.

— Se é isso que quer.

Katherine percebeu como estavam próximos. Se alguém estivesse observando, poderia até imaginar que ele estava prestes a beijá-la. Ela se afastou, sentindo um frio na barriga, algo como medo, ao pensar nisso.

Matthew abriu a porta da carruagem, mas ela negou com um aceno de cabeça. Precisava usar o trajeto até em casa como uma oportunidade para conversar com ele.

— Acho que vou me sentar ao teu lado esta noite. Preciso de um pouco de ar puro.

Não conseguiu decifrar a expressão no rosto dele, mas suspeitava que ele estivesse irritado com ela.

Ele fechou a porta sem fazer barulho e indicou o assento do condutor. Katherine começou a subir, pensando que ele devia estar zangado demais para lhe oferecer uma das mãos, mas, passado um momento, sentiu os braços dele ao redor da sua cintura enquanto a guiava até o assento alto. Ela sorriu sozinha enquanto o observava ajeitar as rédeas.

Quando Matthew se acomodou ao lado dela, Katherine compreendeu o real motivo da

irritação dele: constrangimento. O assento era pequeno e desconfortável demais para dois adultos e os dois ficaram muito próximos. Através das saias grossas, conseguia sentir a contração dos músculos da perna dele a cada movimento. Sentiu o rosto enrubescer. Talvez tivesse sido melhor esperar até chegarem à casa da tia para conversarem.

A carruagem seguiu pelas ruas estreitas e cruzou a praça com sua enorme cruz, depois passou pela catedral silenciosa. O único som era o bater das ferraduras nos paralelepípedos. Depois de alguns minutos, Matthew pigarreou, a respiração formando um vapor diante do seu rosto.

— O que aconteceu nesta noite?

Ela não respondeu na hora. Ainda se perguntava qual seria a melhor forma de abordar o assunto da revolta. Por fim, percebeu que estava em silêncio havia muito tempo e se apressou a dizer:

— Eu não consigo parar de pensar na revolta. — Ela estava ficando com dor de cabeça por causa de toda aquela maquinação. Katherine não sabia ser evasiva.

Matthew então se virou e a encarou com ar de dúvida. Ela demorou um pouco para desviar a atenção da franja que caía sob os olhos impressionantemente castanhos dele.

— Acho que deveríamos fazer alguma coisa para proteger Carlisle, caso os rebeldes cheguem até a cidade — disse ela por fim. — Não podemos simplesmente ficar sentados esperando que nos ataquem.

— Ah — disse Matthew depois de uma longa pausa. — Bem, os líderes da cidade estão tentando. Eles organizaram uma milícia e amanhã recrutarão voluntários da cidade para ajudar a reforçar as defesas do castelo; gente para consertar as partes quebradas do muro, para reforçar os portões, cavar um fosso mais fundo, consertar canhões quebrados, esse tipo de coisa. Toda ajuda é necessária. Eu... Na verdade, eu vou oferecer os meus serviços. Não estou trabalhando.

Ela tentou esconder a surpresa. Ele ia ajudar a *proteger* a cidade? Será que estava mentindo para tentar tranquilizá-la de que não tinha qualquer inclinação jacobita?

— Muito nobre da tua parte — murmurou ela.

Ele pareceu satisfeito, embora tenha tentado esconder o sentimento. De repente, Katherine notou que ele estava tentando impressioná-la, e ficou lisonjeada. Se não tivesse ouvido a conversa entre ele e Anise, teria gostado ainda mais dele pela lealdade à cidade. Então, outro pensamento lhe ocorreu: seria capaz de convencê-lo a levá-la consigo ao castelo? Assim, ela estaria perto o bastante para impedi-lo de cometer qualquer ato de traição. Talvez ele estivesse planejando destruir os canhões ou arruinar completamente qualquer arma sem que ninguém percebesse.

— Eu gostaria de poder ajudar também — declarou ela. Seguiu-se um breve silêncio. Katherine respirou fundo. — Matthew...? — arriscou ela.

— Sim? — Ele soou resignado, como se já soubesse o que ela ia dizer.

— Crês que eu poderia ajudar?

Matthew não riu como ela havia esperado que fizesse.

— Katherine, eu entendo que queira ajudar. Mas você é mulher, e não apenas isso, mas uma mulher da nobreza! Seria um escândalo!

— Eu não ligo! Eu poderia... Eu poderia me *vestir de homem*! As pessoas fazem isso o tempo todo! Pelo menos eu poderia *tentar* ajudar.

— Que pessoas fazem isso? Além disso, sua tia jamais permitiria.

— Eu não me importo com o que a minha tia pensa — declarou Katherine, decidida. — Ela não controla a minha vida. Posso muito bem esconder isso dela. Direi que estou preparando a casa da minha avó para ser vendida.

Essa parte ao menos era verdade e servia como uma desculpa perfeita. Katherine poderia trabalhar no castelo sem que ninguém desconfiasse.

Matthew parecia estar tentando decidir se queria continuar argumentando ou apenas aceitar o seu destino e evitar que ela começasse a gritar. Katherine se recostou mais pesadamente no banco, onde os ombros deles se tocavam, e baixou o tom de voz:

— *Por favor*, Matthew. Tens tanta coragem por oferecer teus serviços como voluntário. Quero ir contigo.

Ele olhou para ela com expressão indecisa no rosto. Ela passou a língua pelo lábio inferior, em um gesto genuíno de ansiedade, mas quando o olhar dele pousou em sua boca, sabia que tinha conseguido o que queria.

— Isso é loucura — disse ele por fim com os lábios contraídos. — Essa história vai acabar mal.

Ela soltou um suspiro de alívio.

— Mas concordas em me ajudar?

Ele soltou o ar, exasperado, e assentiu.

— Sim. Teremos de ser extremamente cautelosos.

— Vai ficar tudo bem — afirmou ela, entusiasmada, ignorando o pessimismo dele. Ele a encarava, expressando em silêncio todas as suas dúvidas em relação à convicção dela. Ela revirou os olhos. — Juro que tomarei cuidado e que farei tudo que mandares. Caso contrário, poderás me castigar.

— Algo tão vago como um “castigo” não é nada ameaçador, mas irei fazer algo *bastante assustador* se cometer alguma tolice.

— Olha pelo lado positivo. Se isso acabar mal, poderás dizer a todos o quanto odiou toda a experiência.

Ele bufou.

— Sim — disse ele secamente. — Ficaré registrado na história como a parábola do “Nunca, jamais, em hipótese alguma confie em Katherine Finchley”.

Ela riu, deixando o corpo cair ainda mais relaxadamente sobre o braço dele, já imaginando como faria para convencê-lo a lhe emprestar algumas roupas. Ele a cutucou com o ombro e sorriu. Ela sustentou o olhar, sentindo um arrepio até ele voltar a olhar para a estrada.

— Então — começou ela, depois de um silêncio leve. — Será que poderias me emprestar uma camisa? Talvez uma calça também?

— Hum. Creio que minhas roupas não servirão em ti.

Ela se empertigou, esticando o braço ao lado do dele para medir a diferença. A ponta dos seus dedos alcançava a base do polegar dele. Quando a carruagem passou por um buraco, ela caiu em cima dele novamente. Ele estava quente no gélido ar noturno. Sentiu um arrepio na coluna.

— Tuas roupas hão de servir muito bem — murmurou ela, com a voz mais rouca do que nunca.

Continuaram encostados um no outro sem se dar conta disso até a carruagem imbicar na

entrada da casa. Quando Matthew ajudou Katherine a descer, ela apoiou uma das mãos no ombro dele, segurando com força o suficiente para sentir os músculos se contraírem sob a camisa de algodão. Ele afastou um cacho de cabelo dos olhos dela, a ponta dos dedos roçando em seu rosto, e Katherine estremeceu.

— Deixarei algumas roupas minhas com Anise — disse ele em voz baixa. — Encontre-me no estábulo amanhã de manhã por volta das nove horas.

Ela pigarreou e assentiu. Depois de uma pausa, ele deu um passo para trás. Ela caminhou até a porta da frente e, depois, se virou para ele.

— Matthew... Obrigada — agradeceu ela, de coração.

Ele deu um meio sorriso.

— O prazer é todo meu.

Ele disse aquilo de forma tão sincera que Katherine ficou ligeiramente vermelha e, de repente, não conseguiu sustentar o olhar dele.

> Cenário-tempo de 1745 progredindo conforme o cronograma planejado

> Informação anterior sobre a desconfiança entre os indivíduos pode funcionar de forma vantajosa para o programa

Só quando chegou à segurança do próprio quarto e tomou um pouco de chá quente foi que a animação de Katherine passou e foi substituída pelo pânico. O que ela estava fazendo? Ela estava... Bem, estava flertando. Flerte era a única forma honesta de descrever o que acabara de acontecer. Ela estava *flertando* com um criado, aproximando-se dele para testar sua lealdade à Coroa. Planejava mentir para a tia e passar o dia com ele, vestida com as roupas dele. *O que ela estava fazendo?* Se alguém descobrisse, estaria arruinada. Sua avó ficaria horrorizada.

Katherine estremeceu ao pressionar as têmporas. Então, se lembrou da conversa entre Matthew e Anise. Eles estavam planejando algo, alguma coisa que poderia ajudar os rebeldes a invadirem a cidade. Não podia permitir que aquilo acontecesse. Ela faria isso pela cidade e pela família. Faria isso pela Inglaterra. E se parte dela estava se lembrando do calor da pele de Matthew contra a sua, ela a ignorou.

CAPÍTULO CINCO

KitKat 12:47:04 Oi, Matthew

KitKat 12:49:39 Matthew

KitKat 13:05:52 Matthew?

Gallows Humour 13:07:43 katherine, eu não posso falar agora

KitKat 13:08:01 :(

Gallows Humor 13:09:10 tá bom, o que foi?

KitKat 13:09:36 !!

KitKat 13:10:02 Qual é o seu hobby favorito: dançar no bosque, cantar, fazer coleções, conversar com bichinhos ou fazer biscoitos?

Gallows Humour 13:10:33 ...hein?

KitKat 13:10:55 Sei lá, só estava pensando

KitKat 13:11:11 qual seria a resposta?

Gallows Humour 13:11:30 eu não estou entendendo

KitKat 13:12:08 é só a sua esposa tentando conhecer melhor o homem que ama, lindinho

KitKat 13:12:22 algum problema nisso?

KitKat 13:12:44 tenho certeza de que tem coisas que vc não sabe sobre mim.

KitKat 13:12:53 tipo

KitKat 13:13:01 vc sabia que eu nunca tinha provado o licor Pimms até o dia de hj?

Gallows Humour 13:13:37 vc está bêbada?

KitKat 13:14:10 hum. não? bem, eles estavam dando amostras grátis no supermercado quando fui comprar o almoço e eu me empolguei um pouco

Gallows Humour 13:14:59 por favor me diz que vc está em casa e não no refeitório escandalizando os doutores

KitKat 13:15:48

Gallows Humour 13:17:12 katherine?

KitKat 13:18:22 Eu... bem, eu não estou mais no refeitório. Não mais.

KitKat 13:18:45 Qual seria o seu príncipe ideal? Seu melhor amigo da vida toda, o Príncipe Encantado ou um guerreiro musculoso?

Gallows Humour 13:19:10 eu não quero saber qual princesa da Disney eu sou. já disse para vc parar de fazer esses testes online. para com isso.

Gallows Humour 13:22:19 ele me amaria pelo que sou

KitKa 13:22:57 Fale sobre o seu vestido

Kate estava quase enjoada de tão nervosa enquanto esperava Matt chegar para a aula de laboratório. Não acreditava que fazia apenas alguns dias desde que tinham se conhecido. Parecia que todo o seu universo tinha mudado desde então. Parecia ter sido em outra vida.

Não conseguia dormir desde que as avós lhe contaram sobre a tia e, até mesmo quando conversava com os amigos, tinha dificuldade em se concentrar nas fofocas dos calouros. Estava tendo uns sonhos estranhos com os Galloways, mas eles nunca se situavam no período atual da história. Os sonhos se passavam sempre em épocas muito distantes, e as pessoas usavam roupas de antigamente.

Matt chegou enquanto Kate estava organizando as placas de Petri incubadas. Ele se enrolou para tirar o colete preto e vestir o jaleco. Kate aproveitou a oportunidade para admirar o jeans justo marcando o corpo dele. Quando Matt se virou, ela ergueu o olhar, culpada.

— Bom dia! — cumprimentou ele, animado. Passou a mão pelo cabelo, que ficou em pé por um momento e depois caiu em todas as direções.

— Oi — murmurou ela. Como ela iria trazer o assunto à tona? Será que bastava perguntar se, por acaso, havia algum terrorista na família dele? Ela se contentou com: — Preciso falar com você mais tarde.

— Claro — respondeu ele, surpreso. — Podemos sair e tomar um café, se você quiser. — Ele sorriu, mas o sorriso se apagou. — Ei, está tudo bem?

— Hã... Na verdade, não.

— O que houve?

Ela suspirou, olhando ao redor do laboratório. Realmente não queria fazer aquilo ali. Todos estavam trabalhando em silêncio. Parecia que a maioria estava de ressaca.

— Kate?

Ela engoliu em seco.

— Tem mais alguém na sua família que se chama Matthew? — As palavras saíram sem firmeza, um pouco hesitantes.

Ele ficou encarando o caderno do laboratório.

— Ah.

— Então você sabe?

— Sim. Eu sei.

— E por que não disse nada?

— Eu reconheci você. Obviamente. Você é igualzinha a ela. Mas você não pareceu me reconhecer. Eu não queria dizer nada para o caso de você não saber. — Matt se aproximou e baixou o tom de voz. Seus olhos brilhavam, sérios. — Acha que eles realmente fizeram aquilo?

Kate baixou a voz também.

— Não. — Ela enfiou a mão na bolsa e pegou algumas folhas do monte de fotografias e documentos que as avós deixaram que pegasse emprestado. Era uma apresentação engraçada que a tia fizera para o tio em PowerPoint. — Olha só isso. Eu encontrei no meio de alguns documentos que as minhas avós me deram. Você realmente acha que uma terrorista teria escrito algo assim?

PLANEJAMENTO DO CASAMENTO



uma ameaça
um pesadelo
um powerpoint

**Sim, Matthew,
você tem que ajudar**



- **você não pode evitar**
- **você aceitou se casar comigo, agora lide com as consequências**
- **fazer isso é um sinal do seu amor por mim**

- quanto antes você começar a me ajudar mais cedo eu paro de falar sobre arranjos florais
- demonstrarei toda a minha gratidão... na cama

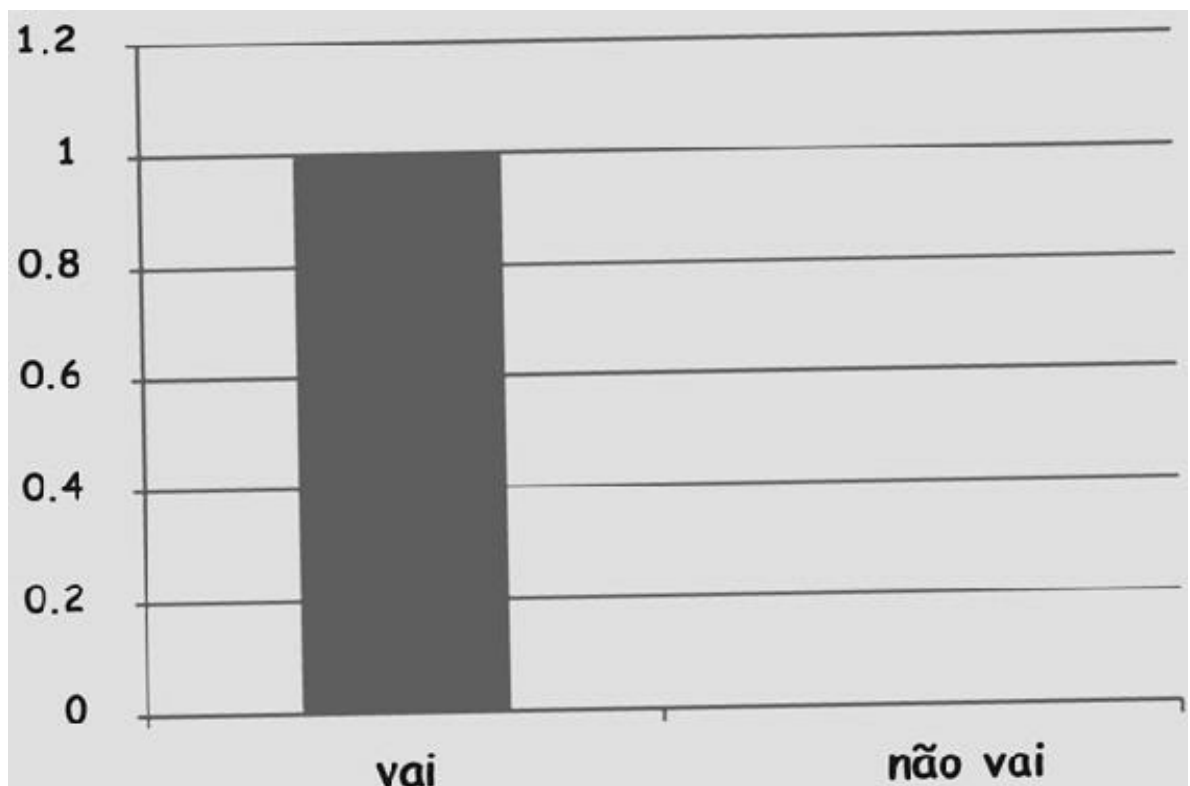
Ressalva: eu sei como os gráficos funcionam, este gráfico de pizza é JOCOZO e você já pode parar de reclamar

Lista de argumentos “pode calar a boca porque eu estou certa”

- Isso só vai acontecer uma vez (assim espero)
- Depois disso, você vai poder rir de todo mundo que estiver passando pela mesma situação — ouvi dizer que Mick acabou de ficar noivo (sinto muito dar a má notícia assim do nada, sei que você estava prestes a tomar uma iniciativa)
- Em uma escala de dor que vai de bater com o dedinho do pé em uma quina e o parto*, provavelmente isso equivale a uma obturação, então pare de reclamar e me ajude a escolher os canapés
- Se você ajudar e tudo der certo, poderá oficialmente se autodenominar um homem moderno e metrossexual, e esse sempre foi o sonho da sua vida.
- Depois disso, poderemos ir para a nossa lua de mel, onde faremos travessuras nus nos lagos islandeses e desagradáveis demonstrações públicas de afeto no lobby do hotel: vale a pena.

* lembrete amigável: o parto é algo que acontecerá no meu futuro e ajudar agora é o mínimo que você pode fazer por mim, seu trouxa.

ai, caramba, isso vai custar dinheiro, não vai?





Códex/v7/Cenário-tempo-2018/Doc-32

— Ela é muito engraçada, né? — perguntou Kate, rindo, enquanto Matt terminava de ler.

— É sim — concordou Matt. Ele inclinou a cabeça e ficou observando o gráfico de pizza com um ar de quem estava confuso. Havia um pontinho vermelho no seu pescoço onde ele tinha se cortado ao se barbear. — Ela tem um senso de humor muito... *peculiar*.

Kate ficou um pouco ofendida em nome de Katherine.

— Eu acho que ela é superengraçada.

Matt ainda estava olhando para o papel.

— Kate — disse ele devagar, parecendo pensativo. — Seus avós têm mais coisas assim?

— Sei lá. Por quê?

— Porque talvez a resposta esteja lá.

Kate se surpreendeu com a animação na voz dele.

— O quê? Como?

— Se eles tiverem alguma parte da pesquisa de Katherine e Matthew, como os cadernos de laboratório ou algo assim, talvez isso ajude a provar que eles não estavam desenvolvendo uma arma química. Que só estavam fazendo o trabalho deles.

— Verdade! A gente pode ir visitá-las depois que terminarmos aqui se você quiser. Acha mesmo que Katherine e Matthew talvez fossem inocentes?

Ele assentiu.

— Desde que os meus pais me contaram sobre o meu tio e a sua tia, eu sempre achei que havia alguma coisa errada. Eles não queriam que eu me envolvesse. Achar melhor deixar o assunto quieto, mas eu não consigo. — Ele cruzou os braços e os descruzou em seguida. — Na verdade... foi por isso que vim para cá.

— O quê?

— Eu me candidatei para a universidade de Nottingham para poder vir para a Inglaterra. Queria uma oportunidade de visitar o laboratório onde eles trabalhavam e tentar encontrar alguma evidência que prove que eles não fizeram nada daquilo. Esse é o motivo de eu estar aqui.

— Uau! — exclamou Kate. — Eu só estou aqui porque uma garota na feira de carreiras disse que eles promovem excursões legais. Mas também quero provar que os dois são inocentes. Você acha que será perigoso?

Matt não respondeu, mas ela sabia a resposta. Aquilo não ia acabar bem. Eles trocaram um olhar assustado.

Estreito de Gibraltar, 1854

Eles já estavam viajando havia uma semana e Matthew começara a entrevistar soldados para escrever seu primeiro artigo. Planejava enviá-lo para o *The Times* assim que aportassem em Varna, na Bulgária, dali a 15 dias. Ele abriu um sorriso caloroso para um dos oficiais que supervisionavam o preparo do jantar na cozinha, suas covinhas aparecendo.

— Sargento Woodward, permita que eu me apresente.

O coração de Katy afundou no peito. Matthew estava no modo jornalista e era irritantemente eficiente. Parecia experiente e responsável. Certamente notaria qualquer tentativa que Katy fizesse para influenciá-lo.

O sargento olhou para os dois com pouco interesse. Tirou o grosso charuto da boca e assentiu.

— Sou Matthew Galloway, correspondente de guerra do *The Times*. Lorde Raglan talvez tenha mencionado que eu acompanharia o regimento?

Katy logo ficou atenta. Ele se referia ao lorde Somerset, patrão dela, que era conhecido pelo público geral sob o nome Raglan. Deve ter sido por isso que Matthew não suspeitara da carta de referência enviada por Katy. Ele conhecia apenas o famoso general do exército lorde *Raglan*. Se descobrisse quem lorde Somerset realmente era, talvez concluísse que Katy era uma espiã. Ela se encolheu.

De modo pensativo, o sargento mordeu a ponta do charuto antes de responder.

— Eu me recordo do meu superior mencionar algo sobre isso. Trata-se de algo bem estranho. E se os russos interceptassem sua correspondência e descobrissem as nossas táticas?

Matthew soltou uma risada nervosa que não convenceu Katy nem o sargento, considerando a expressão no rosto do homem.

— Qualquer coisa que eu envie já será notícia antiga quando chegar aos russos — argumentou o jornalista. — Eu me certificarei de que não haja brechas de segurança. Isso causaria mais danos do que benefícios e pretendo que o meu trabalho aqui seja benéfico.

— O que o senhor quer dizer com benefícios? Como um jornalista poderia ajudar na guerra? — quis saber o militar.

— Eu me dedico a levar aos cidadãos da Grã-Bretanha o relato da guerra do modo mais preciso o possível, senhor — respondeu Matthew. — Acredito que um fornecimento regular de notícias vindas diretamente do nosso leal e corajoso exército irá encorajar o povo a apoiar as operações de guerra.

O sargento, cujo rosto estava corado por causa dos vapores da cozinha, pareceu satisfeito ao ouvir o elogio ao seu regimento.

— Então, como poderei ajudar, senhor? — perguntou ele.

Matthew pegou o caderno.

— Sei que o senhor já visitou o acampamento em Varna quando acompanhou outro regimento até lá. Será que eu poderia fazer algumas perguntas sobre a sua experiência no front até o momento?

O sargento assentiu, e Matthew fez algumas perguntas básicas sobre as condições das tropas. Ele interrompeu um monólogo do militar sobre o mau uso de revólveres para perguntar:

— Havia algum problema com a administração das tropas?

— Da última vez em que estive no acampamento não havia intérpretes o suficiente — contou o sargento. — Não conseguíamos entender uma palavra do que os locais diziam. É claro que, como sempre, também havia uma carência de mecânicos, fabricantes de rodas e coisas assim. Contudo, isso já é esperado durante uma guerra, quando a demanda por reparos é muito maior.

— É claro. Gostaria de acrescentar algo mais?

— Na verdade... — Ele parecia inseguro, mas obviamente decidiu continuar mesmo assim, porque disse: — Não havia forragem suficiente para os cavalos. Alguns passaram a sofrer muito com cólicas. Era horrível. Tenho medo de pensar em que condições podem estar agora.

Mais uma vez, Katy se perguntou se o que Matthew estava fazendo — publicar sobre as condições de vida dos homens no front — era uma coisa assim tão ruim. As pessoas no país deviam saber o que estava acontecendo, principalmente quando a carência de suprimentos influenciava a guerra.

— Você está quieto demais — disse Matthew enquanto voltavam para o deque. — Algum problema?

Um familiar sentimento de culpa subiu pela garganta de Katy. Observou uma gaivota sobrevoar o navio, antes de perguntar com cuidado:

— Vai escrever tudo que ouviu no seu artigo?

— Decerto que sim — respondeu ele sem hesitar. — Por que eu não escreveria?

— Creio que isso não ajudaria em nada já que as reclamações dele não eram sobre nada realmente importante. As pessoas não irão se importar com tabaco de baixa qualidade, não é?

— Talvez não, mas hão de se importar com as condições dos cavalos.

— Creio apenas que não seja uma boa ideia incluir informações que não tenha visto pessoalmente — argumentou ela. — Ele pode estar interpretando errado. Por que não espera chegarmos a Varna para que possa ver com seus próprios olhos se ele está certo?

Matthew concordou com ela, e Katy tentou, sem sucesso, não se sentir culpada. Sua lealdade ao patrão, lorde Somerset, tinha de estar no topo das prioridades.

Carlisle, Inglaterra, 1745

Era a manhã seguinte à conversa que tivera com Matthew sobre trabalhar como voluntária no castelo. Katherine estava penteando o cabelo quando Anise deu uma leve batida na porta antes de entrar no quarto. Trazia nas mãos um pacote embrulhado e amarrado com barbante.

— A senhorita pediu isto — disse a criada.

— Ah! Sim, obrigada. — Eram as roupas de Matthew. Pegou o embrulho, notando que ele enfiara uma pena de faisão no nó. Ela a segurou firme.

— A senhorita precisa de mais alguma coisa? — quis saber Anise, falando baixo, quase sussurrando. Katherine jamais teria desconfiado que fosse uma rebelde se não tivesse entre ouvido a conversa entre ela e Matthew. Agora, a criada parecia muito tímida e comedida, mas tinha agido de maneira completamente diferente na ocasião.

— Ouvistes alguma notícia sobre os jacobitas? — arriscou Katherine, em uma tentativa de descobrir qualquer coisa com a garota. Talvez conseguisse ter uma ideia do que estavam planejando.

Anise ficou em silêncio por alguns segundos e, por fim, respondeu em voz baixa:

— Não, senhorita.

Katherine pensou em algo mais para dizer.

— O que... O que pensas sobre a rebelião? Crês que eles têm alguma chance de vencer?

Anise lançou um olhar esquisito para Katherine.

— Eu realmente não saberia dizer, senhorita.

— Ah, é mesmo? Pensei que estivesses discutindo esse assunto com o cocheiro. — No instante em que as palavras saíram de sua boca, percebeu que tinha sido a coisa errada a dizer.

Anise piscou.

— Com licença, senhorita. — Ela se virou e saiu do quarto. Não olhou para trás ou sequer fez uma mesura.

Bem, aquilo não tinha dado certo.

Depois de abrir o pacote, Katherine rapidamente vestiu a camisa de Matthew. Parecia recém-lavada, mas ainda tinha o cheiro dele. Ficou um pouco grande nos ombros, mas a calça serviu bem até demais — era muito confortável. Depois vestiu o casaco. O simples ato de vestir roupas masculinas pareceu-lhe mais *impróprio* do que imaginara. Era quase encantadoramente ilícito.

Uma vez vestida, olhou-se no espelho. O resultado tinha sido melhor do que havia esperado. Era um pouco pálida demais para realmente se passar por um garoto habituado ao trabalho, mas serviria. Prendeu o cabelo sob o chapéu.

Matthew estava penteando a crina de um cavalo quando ela foi encontrá-lo no estábulo.

— As roupas serviram bem — comentou ele, enrubescendo ao vê-la com suas roupas.

— Sim, serviram. Vamos? — Katherine estava agitada. Percebera, de repente, como a calça era reveladora.

Caminharam pela praça, onde uma reunião para falar sobre a revolta estava prestes a começar. Matthew se sentou nos degraus que levavam até o grande crucifixo no meio da praça. Usou a mão para esconder um bocejo. Katherine se sentou ao lado dele. Sem pensar, estendeu as mãos para arrumar a saia. Sorriu da própria tolice e esfregou as mãos na calça. Poderia se acostumar com aquilo. A timidez inicial tinha passado.

As pessoas começavam a se reunir no local — alguns homens mais velhos, que formavam a tropa guarnição do castelo, e outros mais jovens, integrantes da milícia voluntária. Esses últimos mais pareciam membros de um clube do que uma força militar e caminhavam em um bando compacto, conversando em voz alta e assoviando para uma criada que passava por eles.

Então, o coronel chegou. Era velho — tinha mais de sessenta anos — e estava no meio de um discurso intenso. Os membros do conselho municipal que o cercavam ouviam atentamente suas palavras. Katherine não se lembrava de já ter visto alguém com aquela idade no exército, mas talvez não fosse algo ruim, principalmente se aquilo indicasse muita experiência. Com uniforme impecável e botas engraxadas, fazia um claro contraste com os homens amarrotados e de ressaca da milícia.

Os soldados, jovens e velhos, ficaram em silêncio, observando a aproximação do coronel. Katherine subiu mais um degrau para conseguir vê-lo por sobre a multidão. Matthew fez o mesmo para ter uma visão melhor do que acontecia.

O oficial analisou o grupo com frieza. Por fim, pigarreou e disse:

— Sou o coronel Durand. Vim de Londres para ajudar a preparar as defesas de Carlisle. Analisei a situação atual e há muito a ser feito, mas estou certo de que Carlisle logo estará pronta para resistir aos ataques. No entanto, preciso de pessoas que possam consertar os canhões, cavar fossos e roçar a terra para que tenhamos uma visão ampla do terreno. O trabalho mais importante é reforçar os muros do castelo, que estão em péssimas condições. A argamassa utilizada é de pelo menos uns dois séculos atrás.

E continuou:

— Também recolheremos provisões de comida que serão armazenadas no castelo, para o caso de sermos sitiados. Espero que os cidadãos e a milícia de Carlisle ajudem a cidade em um momento de necessidade. E, na próxima vez em que nos reunirmos, acredito que estaremos mais confiantes em relação aos preparativos.

Ele fez uma pequena mesura e ouviram-se alguns aplausos por parte da milícia; Katherine estava quase certa de que tinham sido irônicos.

Ela, porém, estava muito satisfeita com a reunião. O coronel Durand parecera bastante confiante e experiente. Tinha certeza de que as estratégias eram boas. No entanto, era um pouco preocupante ele ter esboçado tão detalhadamente o estado precário das defesas da cidade. Fez com que Carlisle parecesse um alvo fácil. Eles teriam muito trabalho pela frente para se assegurar de que a cidade conseguiria resistir a quaisquer ataques. Ela olhou para Matthew, para ver como ele reagia diante da informação, mas ele estava olhando para o outro lado da praça e era impossível decifrar a expressão em seu rosto.

CAPÍTULO SEIS

Nova publicação no perfil de **Matthew Galloway**:

10h • Midlands Ocidentais

Vi que você e Kate saíram mais cedo do laboratório com uma garrafa de licor...! Não se preocupe, mandei o experimento para a análise.

...divirtam-se! ;)

Curtir • Comentar • Compartilhar

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-147

Próximo à Grécia, mar Mediterrâneo, 1854

Katy estava comemorando a vitória no jogo de pôquer contra um Matthew amuado quando soou o clarim. Um marinheiro explicou brevemente que teriam a oportunidade de se banharem se assim desejassem. Katy ficou maravilhada. Depois de 14 dias de clima quente e condições de confinamento, sentia-se imunda.

Foi apenas quando as esposas dos soldados começaram a descer para se banharem com privacidade que percebeu o que aquilo significava. Os homens começaram a tirar as roupas no deque sem a menor preocupação.

Katy tentou afastar o olhar, mas estava cercada por homens nus, de todos os formatos e tamanhos, lavando-se com água morna e sabão. Então, Matthew se levantou e começou a desabotoar o colete.

— O que você está fazendo? — perguntou ela em pânico.

Ele lhe lançou um olhar estranho.

— Eu vou me banhar, Kit. Sugiro que você faça o mesmo. Talvez não tenhamos outra oportunidade como essa por um tempo. Ainda temos mais uma semana antes de desembarcarmos.

Katy sentiu que estava prestes a explodir de tanta vergonha. Ficou olhando, boquiaberta, enquanto Matthew tirava a camisa.

— Será que não há um lugar privado para isso? — perguntou ela.

Matthew derramou água de uma tina na cabeça; enquanto isso, Katy tentava desesperadamente manter o olhar acima da linha da cintura dele. Mas para onde quer que olhasse havia... partes íntimas masculinas.

— E por que iria querer privacidade? Não há mulheres aqui, Kit. Todo mundo é igual. Vamos logo com isso.

Ela começou lavando lentamente o cabelo — algo que podia fazer totalmente vestida embora corresse o risco de parecer um pouco estranha. A maioria dos homens já tinha terminado de se lavar àquela altura e estava por ali, conversando. Ainda nus. Ela enfiou a mão embaixo da camisa e rapidamente lavou as axilas, pescoço e ombros da melhor forma possível, que não era muito boa.

— Kit! O que está fazendo? — perguntou Matthew. — Não seja ridículo. Tire logo as roupas.

Acha que alguém aqui se importa com isso?

Katy não sabia o que fazer. Tentou imaginar uma explicação plausível.

— Eu... Eu não posso... Matthew, por favor! Não me obrigue! — arfou Katy. Ela não conseguia respirar. O que ele faria quando descobrisse a verdade?

Até o momento, Matthew estivera apenas confuso, mas, diante da súplica, aproximou-se dela, parecendo preocupado.

— Kit, pode me explicar o que está acontecendo?

Ela não conseguiria se safar daquela vez. Teria de contar para Matthew, afinal, ele acabaria descobrindo sozinho se as coisas continuassem de tal maneira. Ela se aproximou mais dele e certificou-se de que ninguém pudesse ouvir:

— Matthew — começou ela, respirando fundo.

Então se virou e saiu correndo.

> Progresso no cenário-tempo de 1854 pode ser afetado pelas ações da alocação do sujeito “KATY”

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

— Como foi que você descobriu sobre Katherine e Matthew Galloway? — perguntou Kate enquanto ela e Matt seguiam para a casa das avós dela.

— Foi meu irmão. Um tempo atrás ele encontrou um artigo on-line afirmando que o nosso tio era terrorista. Ele confrontou nosso pai e ele confirmou a história. Antes, ele dizia que o irmão tinha morrido em um acidente no laboratório. Depois disso, começamos a investigar. Meu irmão é muito bom com internet. Ele é meio... hum... — Matt baixou a voz. — Meio hacker.

Kate se virou para olhar para ele.

— Que *maneiro*. Você quer dizer que ele é, tipo, um ativista político?

— É meio estressante, na verdade. Ele é bem famoso de todas as formas erradas. Em fóruns e coisas assim. Estou sempre preocupado de que ele vá ser pego.

— Peraí. Ele é tipo famoso *famoso*? Será que eu já ouvi falar dele? Como ele se chama?

— O nome dele é Tom, mas on-line é conhecido como Spartacus.

— O quê? — Kate parou de andar e Matt se virou, surpreso. — O seu irmão é o *Spartacus*?

Kate era obcecada por teorias da conspiração; era seu prazer secreto. Qualquer sinal de um objetivo oculto lhe deixava imediatamente desconfiada e ela sempre sentia que havia algo escuso acontecendo. Spartacus, um dos hackers mais conhecidos, dedicava-se a tentar descobrir e revelar os segredos criminosos do governo. Kate lia todas as publicações dele de forma quase fanática.

— É sim — respondeu ele meio hesitante.

— Fala *sério*! — Ela começou a dar uns pulinhos. — Eu não *acredito* nisso.

— Ah — bufou ele. — Você sabe quem ele é. Eu deveria ter adivinhado que você também curte esse tipo coisa. O cabelo denuncia você na hora.

— Ele é o meu ídolo, tipo, há uns três anos. Ele é demais! — derreteu-se Kate, optando por ignorar o comentário sobre o cabelo. De repente, toda a história dramática pareceu muito mais divertida. — Você pode nos apresentar? Por favor? *Por favor?*

— Não sei. Kate, você tem uma queda pelo meu irmão?

Ela corou e desviou o olhar.

— O quê? Claro que não.

Matt ergueu as sobrancelhas.

— Tá bom. Talvez uma quedinha — admitiu ela. — Pelo menos no início. — Ela começou a tagarelar de forma confusa, constrangida. — Ele é muito famoso na Internet! Quando eu comecei a ler sobre a guerra, o nome dele aparecia muito. Ele fez as pessoas realmente começarem a pensar sobre o que o governo nos diz. Ele representa um papel enorme na história. Além disso, o blog dele é *demais*. Ele é muito engraçado.

Kate olhou para Matt cheia de esperança, mas ele apenas balançou a cabeça negativamente, como se estivesse com vergonha por conhecê-la, e continuou andando. Ela teve que dar uma corridinha para acompanhá-lo.

Na sala de suprimentos do castelo, Katherine equilibrava-se na ponta dos pés, tentando espiar pela janela de vidro colorido a milícia cavar o fosso lá embaixo. Os soldados, afundados até as coxas em água lamacenta, depositavam mais terra nas margens do rio, para torná-las mais altas. Tinha começado a chover e eles pareciam ratos encharcados. Considerando como tinham sido arrogantes na reunião daquela manhã, Katherine não podia dizer que sentia pena deles.

Havia anos que o castelo era o posto das tropas e não era nada fácil trabalhar ali. A construção, no extremo norte da cidade, na fronteira com a Escócia, ficava no alto do grande muro de pedra que cercava Carlisle. Como o coronel dissera, a estrutura antiga estava precisando de reparos e o castelo era frio. As paredes de pedra estavam manchadas por goteiras. Os canhões ficaram nas ameias por décadas, prontos para atirar em qualquer inimigo que atacasse a cidade pelas fendas estreitas no parapeito. Agora, estavam enferrujados e quebrados, e Katherine e Matthew tinham sido designados para restaurá-los.

Era um trabalho melhor do que o dos homens lá embaixo, pensou ela, satisfeita, ajoelhando-se no piso de pedra ao lado de Matthew. Ele esfregava diligentemente as infinitas camadas de ferrugem no primeiro canhão de uma longa fileira de exemplares muito antigos. Ela cutucou o metal. Um parafuso se soltou em uma rajada de pó alaranjado.

— Suponho que a tarefa não seja tão glamorosa quanto a senhorita esperava, *milady*? — provocou ele.

— Eu preferia quando estavas meio adormecido. Eras bem mais gentil. — Depois de um tempo, acrescentou mais séria: — Isso é exatamente o que eu esperava. Não achava que os rebeldes já estivessem atacando. As coisas mais importantes da vida costumam ser as mais enfadonhas.

Katherine estava falando sério. Não se importava de trabalhar. Sabia que ia demorar um tempo até descobrir o que Matthew planejava e aquela era uma excelente oportunidade. Ele provavelmente não faria nada enquanto ela estivesse por perto, mas, se ela ficasse de olho, talvez ele acabasse entregando alguma pista mesmo assim. Matthew continuava esfregando o metal, mantendo o ritmo. Katherine tentou não ficar olhando para o movimento dos ombros dele, para o ir e vir firme dos músculos sob a camisa.

— Pelo menos isso é algo que você pode fazer — acrescentou Matthew. — O que por certo foi uma sorte. Se tivéssemos sido designados para o fosso, teria sido difícil para ti.

— Pois fique o senhor sabendo que eu sou perita em cavar trincheiras — disse ela. — Trata-se de uma habilidade importantíssima para uma jovem dama. Seria difícil encontrar um marido sem isso.

Ele riu.

— Espero que sim. Eu ficaria desconfiado de uma esposa que não conseguisse cavar um túnel perfeito.

— Exatamente o que eu quis dizer, Matthew, obrigada. Se até mesmo tu esperas tal talento em uma esposa, imagina as exigências de um homem que realmente tem altos padrões. — Era tão bom conversar com ele vestida de homem, sem ter de se preocupar com o que os outros poderiam pensar se os vissem juntos.

— A senhorita se acha muito mais engraçada do que realmente é, sabia? — respondeu ele,

sem afastar o olhar do canhão.

— Ah, mas eu sou extremamente divertida! Creio que não estás prestando atenção. — Matthew estava se esforçando para retirar um pedaço de ferrugem particularmente teimoso, e ela se aproximou mais. — Tu precisas esfregar com mais força ou não vais conseguir — opinou ela.

Ele riu e resmungou alguma coisa que ela não conseguiu entender. Ela franziu a testa, tentando descobrir o que ele tinha achado engraçado.

— O que foi que disseste?

Ele olhou para ela com um sorriso maldoso.

— *Ajoelhou, tem que rezar.*

Ajoelhar? Do que ele estava falando?

— Ah! — disse ela, confusa.

Ele pareceu perceber sua gafe, porque ficou envergonhado.

— Era para ser engraçado. Creio que nunca deve ter ouvido antes. É coisa que os criados costumam dizer.

Ela assentiu, decorando a expressão para tentar descobrir o que havia de tão engraçado naquilo. Então, enfiou a cabeça dentro do canhão para tirar algumas das camadas antigas que estavam mais soltas. Imediatamente o cano começou a se encher de poeira e ela apressou-se para sair lá de dentro, tentando não espirrar. Matthew rapidamente voltou o olhar para o canhão, prestando muita atenção ao metal, e ela sabia que ele estava rindo dela.

Criados eram estranhos.

Inventário dos suprimentos no castelo de Carlisle

Aproximadamente 130 alqueires de carne & 210 de trigo

270 alqueires de batatas

360 quilos de queijo

230 quilos de manteiga

400 toneladas de carvão

Grande quantidade de velas e toda palha que conseguimos

2 baús de remédios

Cerca de 27 bois

Entre 30 e 40 ovelhas

Utensílios necessários para cozinhar as provisões

Vinho e outras provisões enviadas pelos cavalheiros ou trazidas pela milícia

CAPÍTULO SETE

Matthew Galloway comentou na publicação “*Será que alguém se lembra de alguma época em que Katherine e Matthew Galloway *não* estivessem transando?*” e outras 12 pessoas
Curtir • Comentar • Compartilhar

Matthew Galloway Por que isso? Eu odeio todos vocês. (Não acho que haja nada de errado com a nossa vida sexual, ok? Muito obrigada!)

7 h • Curtir

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-148

Próximo à Grécia, mar Mediterrâneo, 1854

Matthew encontrou Katy escondida no vão de uma escada, chorando, o rosto enfiado em um lenço. Ele se agachou para se sentar ao lado dela, o punho da camisa abotoado ainda preso na altura da mão, já que tinha corrido atrás dela enquanto se vestia.

— *Kit* — disse ele com voz suave. — Diga-me qual é o problema.

Ela olhou para ele, tentando segurar um soluço. O cabelo dele ainda estava molhado e pingava no ombro.

— Sinto muito.

Ele deu tapinhas carinhos no ombro dela.

— Por favor, conte-me o que está acontecendo.

Ela enxugou as lágrimas.

— Eu não posso. Você vai me odiar se eu contar.

— Decerto não é algo tão grave assim.

Ela respirou fundo.

— Não posso tirar a roupa porque... eu não sou um garoto. — A expressão dele continuou neutra, então, ela acrescentou: — Sou uma garota.

Foi tomada por uma onda momentânea de alívio, mas isso logo desapareceu ao observar a expressão atordoada no semblante dele mudar para algo como surpresa, depois horror e, por fim, raiva. Ele ficou mais sério e ela sentiu o estômago revirar ao vê-lo rejeitá-la. Matthew afastou rapidamente a mão que estava pousada no ombro dela e cerrou o punho. Tentou segurar o braço dele, desesperada, enquanto ele se afastava e se levantava.

— Espere, Matthew...

Ele puxou o braço, virou de costas e começou a se vestir lenta e cuidadosamente. Havia uma mancha vermelha de raiva descendo por entre as escápulas dele. Depois que acabou de abotoar a camisa, Matthew foi embora sem olhar para ela.

Por um longo tempo, Kat ficou olhando para o caminho por onde ele havia saído. O nó em sua garganta não cedia, por mais que engolisse em seco.

> A reação da alocação do sujeito “MATTHEW” às mentiras de “KATY” indicam que quaisquer revelações futuras sobre a sua traição podem dificultar extremamente o progresso desejado

> Tarde demais para uma intervenção — monitorar a situação com cuidado

Carlisle, Inglaterra, 1745

Na manhã seguinte, animada com a perspectiva de mais um dia no castelo, Katherine foi encontrar-se com Matthew no estábulo. Ainda não conseguira pegá-lo fazendo nada que constituísse um ato de traição. Ele não demonstrara sinais de ser qualquer outra coisa que não um cocheiro gentil e ligeiramente desajeitado. Katherine tentara abordar o tópico da política várias vezes, mas ele só dizia coisas que não levantavam controvérsia e eles logo voltavam para o flerte gentil, apesar dos esforços dela de manter o assunto.

No fundo, sabia que o seu desejo de expô-lo como rebelde não era o verdadeiro motivo de sua ansiedade para chegar ao castelo. A verdade era que gostava de estar perto de Matthew. Katherine nunca passara tanto tempo rindo.

O cocheiro estava enchendo uma tina de água quando Katherine chegou. Seus movimentos eram calmos e regulares na tranquilidade do estábulo silencioso. Ela foi saltitando até Matthew, deliciando-se por interromper a solidão dele.

— Bom dia!

Ele não retribuiu o sorriso.

— Katherine.

— Vamos...? Matthew, algum problema?

— Eu falei com Anise ontem à noite. Ela contou-me que você fez perguntas sobre a rebelião. Disse que ouviu a nossa conversa e que parecia desconfiar de nossa lealdade.

— Eu... hã... — Ela corou, sem saber o que dizer.

— O que está fazendo, Katherine? Eu não sei o que crê que ouviu, mas nós não somos rebeldes — afirmou Matthew, sem lhe dar a chance de explicar. — Você não precisa fazer perguntas à minha... minha *prima*.

Ela engoliu em seco.

— Mas tu disseste que se a cidade fosse sitiada, tu irias “mudar as coisas”. Estás planejando alguma coisa com ela.

— Não! Nós não estamos planejando nada. Nós...

— Matthew, admite logo! — explodiu ela, frustrada. — Tu és um rebelde! Tu e tua prima estavam conversando sobre fazer algo quando a cidade estiver sitiada.

— Nós só queremos ajudar.

— Então... admites? Estás espionando para os rebeldes? Eu *sabia*!

— Não é nada disso! O quê? — Ele parecia chocado. — Eu não estou espionando para ninguém.

— Não compreendo — disse ela, confusa. Queria acreditar nele. Queria poder confiar nele e saber que ele era realmente a pessoa que acreditava que ele era.

— Nós queremos ajudar os *ingleses* — explicou ele. — Eu não quero que os rebeldes vençam. Quero defender Carlisle. Achei que você soubesse disso! Quero que todos os

moradores da cidade fiquem seguros. Eu jamais desejaria que alguém invadissem o lugar onde as pessoas que eu... onde as pessoas com quem eu me importo moram.

— Mas és escocês.

— Os escoceses não são bárbaros, Katherine. Nós temos bom senso. Ter Carlos Stuart no trono não é necessariamente bom para o país. Anise acredita que podemos ser úteis. Acredita que, com as informações certas, poderemos ajudar.

— Mas vós sois apenas criados. O que poderíeis saber que realmente fosse útil?

— Decerto! — exclamou ele, com pesar. — Agora entendi.

— Não foi isso que eu quis dizer...

Ele deu um passo para trás, afastando-se dela.

— Eu acreditei que você fosse diferente. Acreditei realmente que não se importasse com classes sociais.

— Eu não me importo, eu... — Ela não sabia o que dizer. Não conseguia escolher entre os muitos pensamentos que lhe ocorriam desordenadamente.

— Você estava me espionando. Durante todo esse tempo, acreditava que eu era um rebelde. É só por isso que conversa comigo!

Ela congelou.

— *Você estava me espionando* — repetiu ele em voz baixa como se não conseguisse acreditar naquilo. — Durante todo esse tempo, eu achei que estivéssemos... — Ele suspirou. — Eu achei que fôssemos amigos. — Matthew disse aquilo com voz suave e pesarosa e Katherine sentiu uma dor profunda dentro do peito.

— Mas nós *somos* amigos — declarou ela, engasgada, mas a afirmação soou falsa até aos próprios ouvidos. — Eu só precisava ter certeza, só isso. Tu estavas agindo de forma suspeita, e eu precisava me assegurar que...

— Todo esse tempo... — interrompeu ele. — Todo esse tempo você estava apenas me observando para ver se eu cometia um erro. Será que todas as nossas conversas foram uma mentira?

— Claro que não! Passar todo esse tempo contigo foi... Você me curou, Matthew. Eu estava sofrendo tanto aqui, depois que a minha avó morreu. Nada disso era falsidade. Eu só queria ter certeza de que não estavas mentindo para mim.

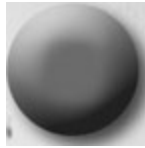
Assim que as palavras saíram, Katherine percebeu como tinha agido de forma horrível. É claro que Matthew não mentira para ela: tudo nele gritava honestidade. Era ela quem havia mentido, enganado e magoado alguém.

— Eu não posso conversar com você agora — declarou ele e foi embora.

> O progresso anteriormente previsto no cenário-tempo de 1745 foi afetado pelas ações da alocação do sujeito "KATHERINE"

> O projeto talvez não prossiga de acordo com o cronograma

CAPÍTULO OITO



Regras da casa para um certo Matthew Galloway caso ele queira voltar a comer o meu DELICIOSO bolo de chocolate no futuro próximo

- 1) Nunca mais discutir a nossa vida sexual em detalhes repugnantemente explícitos na internet. Sério, estou marcada pelo resto da minha vida.
- 2) Clare me perguntou porque eu estava tendo tantos espasmos hoje mais cedo e se você estava sendo vigoroso demais comigo. Eu te odeio, eu te odeio. Sai já da minha vida!
- 3) Sim, isso inclui qualquer alusão vagamente erótica, Matthew! Mamãe me parabenizou pelo óbvio vigor da nossa relação física!!
- 4) Você tem a mais vaga noção de como isso destrói a alma de alguém? Pode me matar agora, já. Não estou de brincadeira.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-149

Próximo à Grécia, mar Mediterrâneo, 1854

Katy respirou o ar bolorento enquanto deslizava a mão pelo flanco da égua dócil. Matthew estava dividindo a baia com o animal e não pareceu nem um pouco surpreso quando Katy apareceu. Depois de um ligeiro aceno com a cabeça, ela ofereceu um pouquinho de rum como oferta de paz. Ele aceitou e bebeu de um só gole sem nem fazer careta.

— Sente-se — disse ele fazendo um gesto para o chão coberto de palha. Ela pensou em recusar, afinal, ele mesmo estava sentado em um barril de água, mas decidiu não arriscar. Sentou-se no chão, puxando as pernas até o peito e olhando obstinadamente para os próprios joelhos.

— Sinto muito por não ter contado — começou ela. — Mas jamais teria me dado o emprego

se soubesse. E já vivo como um menino por tanto tempo que não é algo sobre o qual eu fale com alguém.

Ele ficou em silêncio por um tempo. Katy contraiu o rosto, tentando pensar em mais alguma coisa para dizer. Parecia tão errado discutir sobre algo que mantivera em segredo por tantos anos, algo do qual dependia para sobreviver.

— Há quanto tempo? — perguntou Matthew por fim. Ele remexia em uma escova para pelo de cavalos e a cabeça estava baixa; a franja ocultava seu rosto. Embora a pergunta fosse óbvia, ele acrescentou: — Há quanto tempo vive assim? Como um garoto?

— Há quatro anos. Quando saí do orfanato, meu destino era o reformatório. Essa foi uma opção melhor.

— *Quatro!* — A surpresa suprimiu a expressão cuidadosamente neutra que ele vinha mantendo, conferindo um toque do Matthew que ela conhecia de volta no tom formal que ele estava usando. — Quantos anos você tem?

— Vou fazer 17 no Natal. — Ela fez uma pausa e, depois, perguntou uma coisa que já queria saber havia muito tempo: — E você? Quantos... quantos anos tem?

— Vinte e um. — Ela ficou um pouco surpresa. Achava que fosse mais velho. Matthew já tinha feito tanta coisa com tão pouca idade. — E, durante todo esse tempo, ninguém nunca desconfiou que você é uma *garota*? — Ele pronunciou a palavra *garota* como se fosse um palavrão.

— Nunca. Mas acho que isso vai mudar quando eu ficar mais velha e a barba não crescer.

— Qual é o seu nome verdadeiro?

— No orfanato, eles me chamavam de Katy. Katherine.

— Katherine — repetiu ele em voz baixa. A reação dela ao ouvi-lo pronunciar o nome foi mais forte do que esperava. Virou o rosto, torcendo para que ele não notasse.

Matthew soltou a escova e se empertigou. Ainda não a olhava nos olhos, mas seus ombros haviam relaxado e ele parecia mais calmo. Olhou-a atentamente da cabeça aos pés.

Ela sentiu uma vertigem repentina, e quando passou, não sabia ao certo onde estavam. *Por um momento, parecia que estavam em um estábulo de verdade, em terra firme, o sol da manhã iluminando a palha com uma luz dourada, Matthew fitando as roupas dela com seus olhos escuros, os lábios se entreabrindo...* Ela piscou para afastar a imagem e logo estavam de volta ao fundo do navio. Matthew a olhava como se finalmente comparasse o Kit que conhecia com a garota por baixo das roupas. Quando os olhares se encontraram, ele pareceu estar enxergando a alma de Katy.

Ela ofereceu em tom gentil:

— Pode me perguntar o que quiser.

— Dói? — perguntou ele de uma só vez, enrubescendo no mesmo instante.

— Dói o quê?

— Ter que... hum, enfaixá-los? Você deve usar isso há semanas. *Anos*. Sem tirar.

Surpresa, Katy cruzou os braços sobre os seios sem perceber. Ele a observava com cuidado. Era um olhar totalmente inocente, mas provocou-lhe um arrepio na nuca mesmo assim.

— Ah, não muito. Agora está doendo um pouco porque já faz um tempo que não tiro. Não existe nenhum lugar em que se possa ficar sozinha por aqui.

— Mas todo esse tempo sem conseguir se mover livremente?

— Você nunca ouviu falar em espartilho? — brincou Katy, rindo.

— Suponho que sim.

— Mas cortar o cabelo curto é a parte mais difícil — confessou ela. — Eu gostaria de deixá-lo crescer.

— Deve ser muito difícil para você — respondeu ele com olhos brilhantes. O tom que usava era quase provocador, embora ainda um pouco formal.

— É sim. Esse corte de cabelo faz com que eu pareça um garoto de 12 anos.

— Verdade, talvez um pouco...

— *Matthew!* — exclamou ela, em tom ofendido.

Ele deu de ombros sem saber o que dizer. Ao olhar para ele, Katy sentia uma dor dentro do peito.

— Você não está escondendo mais nada de mim, está? — perguntou ele, inseguro. — Não sei se eu conseguiria lidar com outra revelação.

Ela deu uma risada e sentiu o estômago revirar.

— Nenhum outro segredo — mentiu ela.

Pelo restante do dia, Katy se viu caminhando de forma mais delicada, como uma garota. Por que será que era mais difícil fingir agora que Matthew sabia? De repente, começou a se sentir mais feminina. Lembrou-se de que precisava agir como um garoto, pelo menos por ora, e tentou caminhar com passos longos e confiantes.

Carlisle, Inglaterra, 1745

Depois da discussão no estábulo, Katherine e Matthew evitaram um ao outro por quase quatro dias com estranha, e por vezes até agressiva, determinação. Se o via cuidando dos cavalos, ela seguia por outro caminho; Matthew, por sua vez, tratava de desaparecer se Katherine se aproximasse para pedir água quente ao criado com quem ele estava conversando.

No quinto dia, Katherine decidiu que o procuraria para se desculpar. Depois do almoço, ficou rondando a porta do estábulo, mas Matthew sequer ergueu o olhar das rédeas que estava limpando. Pelo contrário, inclinou-se mais sobre elas, esfregando-as vigorosamente com cera para couro. Katherine ficou na porta, tentando encontrar um modo de descrever perfeitamente como estava arrependida.

Antes que conseguisse reunir coragem para falar, ele disse:

— Eu não achei que você viria de novo agora que já descobriu tudo que queria ao meu respeito, srta. Finchley.

— Posso assegurar que não vim aqui apenas para isso, Matthew.

— É mesmo? Será que queria apenas juntar evidências o suficiente para me mandar para a prisão ou talvez fazer com que sua tia me mandasse embora? — Ele parecia resignado e decepcionado.

— Não! Não foi nada disso. — Será que ele realmente acreditava que tudo que se passara entre eles fora um truque? Que tinha a intenção de lhe causar problemas? Ela abriu a boca para dizer algo, mas voltou a fechá-la.

— Eu deveria ter percebido desde o início — continuou Matthew. — Durante o caminho de

volta... naquela noite. — Ele engoliu em seco. — Você só estava tentando se aproximar de mim para se divertir e descobrir se eu era um traidor. Foi burrice minha pensar, mesmo que por um instante, que poderia ser outra coisa. Você é praticamente da nobreza.

— Eu queria ser tua amiga antes de suspeitar de qualquer coisa sobre os rebeldes — disse Katherine. — Mas assim que entreouvi a tua conversa com a tua prima, eu... Bem, eu precisei investigar mais. Quando tu disseste que seria voluntário, vi uma oportunidade e a aproveitei. — Mesmo enquanto as palavras saíam de sua boca, Katherine sabia que estava dizendo a coisa errada.

— Uma *oportunidade* — repetiu ele com pesar. — Isso é tudo que sou?

De repente, ela ficou com muita raiva.

— Ah, por favor. Será que não me viste da mesma forma? Por que outro motivo um criado ia querer *se aproximar* de uma garota solteira com um dote, *Matthew*? Tenho certeza de que não foi pela minha *conversa tão interessante*.

Ele deu um passo para trás, como se as palavras o tivessem machucado fisicamente.

— Eu... — Ele parou de falar. — Eu acho que as coisas só vão piorar se eu disser que queria conversar contigo porque te acho bonita.

Katherine ficou boquiaberta. Ele realmente achava que aquilo era um *elogio*? Ele quis ser amigo dela por causa da *aparência física*? Era assim que todos os homens que já conhecera enxergavam as mulheres — como objetos, como bens. Katherine tinha achado que Matthew era diferente.

Ele não notou a fúria silenciosa dela e continuou:

— Eu te achava bonita, engraçada e culta. Você estava tão melancólica, mas ainda tinha tempo para conversar comigo como se eu fosse uma pessoa, e não apenas um criado. Eu nunca tinha conhecido ninguém assim. Você é a pessoa mais corajosa que já conheci. Quando desconfiou que descobrira espiões jacobitas e decidiu você mesma *espioná-los*. Eu não te entendo. Mesmo que você fosse uma criada, ainda assim eu não conseguiria ficar longe de ti.

— Tu... realmente viste tudo isso em mim?

— Sim. Mas quando descobri que você estava apenas brincando comigo durante todo o tempo em que estivemos juntos, senti que tudo tinha sido uma mentira.

— Eu também quis ser tua amiga — confessou ela, apressada. — Eu fui tola. Estou envergonhada da forma como te tratei. Às vezes, faço as coisas sem pensar. Eu nem sabia nada sobre os rebeldes até que me contaste sobre eles. Deparei-me com uma situação que eu não entendia direito e acabei te magoando. E isso era a última coisa que eu queria. Gostaria de poder voltar no tempo e não ser tão impulsiva.

— Mas você foi *impulsiva*. — O modo como ele enfatizou a palavra a fez perceber o quanto tinha magoado os sentimentos dele. Ela deu um passo hesitante em direção a Matthew, mas ele recuou.

— É melhor eu voltar ao trabalho — disse ele, pegando novamente a cera.

Ela mordeu o lábio inferior, tentando não deixar a decepção transparecer.

— Sinto muito, muito mesmo. Tudo isso foi culpa minha, e eu gostaria que me perdoasses.

— Eu a perdoo por ser tola — concedeu ele com um suspiro profundo. — Mas não sei se ainda podemos continuar amigos como antes.

Os olhos de Katherine se encheram de lágrimas. Ela piscou, o que serviu apenas para piorar

ainda mais a situação.

— Estás certo, é claro — disse ela, a voz controlada e baixa. Katherine não esperava que ele fosse lutar por ela, ou que confirmasse que a conexão entre eles não fora apenas fruto da sua imaginação. E não deveria mesmo ter esperado tais coisas de Matthew. Ele era nobre demais, digno demais, leal demais para fazer a coisa errada, mesmo que fosse o que queria. Os ideais dele eram claros como cristal. Arriscar a honra de Katherine não seria algo que ele faria em qualquer situação — ela conseguia enxergar aquilo agora. Ele era melhor do que ela, que sempre tomava para si o que queria sem avaliar as consequências.

Não poderia obrigar Matthew a mudar de ideia por mais que quisesse. Afinal, aquela era a decisão certa. Eles precisavam parar com isso... Com esse *flerte*. Era uma coisa ridícula, perigosa para ambos, e precisava acabar antes que fosse longe demais. Sem dizer mais nada, Katherine caminhou lentamente de volta para casa. Sentia como se estivesse sendo cortada ao meio.

> Avanços no relacionamento no cenário-tempo de 1745 rejeitados por ambos os sujeitos

> É possível que a dinâmica social neste cenário-tempo impossibilite qualquer relacionamento entre os sujeitos

> Analisar melhor a situação

NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

As avós de Kate olharam longamente para Matt, surpresas por reconhecê-lo — aparentemente, elas não tinham acreditado quando Kate dissera que ele era *exatamente* igual ao Matthew Galloway da tia. Passado o choque, as duas ficaram ridiculamente felizes por conhecê-lo. Flo puxou Matt para um longo abraço. Nancy começou a chorar discretamente.

— Você é idêntico a ele — declarou Flo. — Isso... Isso é loucura. É muita coincidência vocês dois estarem na mesma faculdade. Como isso é possível? — Ela meneou a cabeça. — Mal consigo acreditar.

Quando conseguiram se recuperar, as avós começaram a constranger Kate o máximo possível, dizendo que a neta nunca tinha levado ninguém em casa e que estavam encantadas em conhecê-lo. Kate sofreu em silêncio à medida que enrubescia cada vez mais; no entanto, quando Nancy decidiu mostrar fotos de Kate bebê, ela impediu. Havia uma linha que ela não deixaria que as avós cruzassem, e essa linha envolvia uma foto em particular com uma gaivota, um sorvete caído no chão e muitas, muitas lágrimas. Definitivamente ela não queria que Matt visse aquilo — jamais.

Foi necessária certa dose de persuasão, mas, por fim, as avós de Kate permitiram que eles fossem até o sótão procurar documentos antigos. Kate explicara que só queriam saber mais sobre a história dos respectivos homônimos.

Foram para o andar de cima. Flo, com a precisão de um general militar, orientou Matt a levantar uma placa de isopor no teto do banheiro, que dava para o sótão. Em pé, em cima do vaso sanitário para conseguir alcançar, Matt tomou um banho de poeira quando conseguiu empurrá-la.

— Você ficou ótimo — provocou Kate enquanto ele limpava o rosto fazendo uma careta.

— Kate, suba você — ordenou Flo. — O teto é um pouco delicado. E você é mais leve. Matt talvez caia.

Segurando uma lanterna, Kate subiu. Ficou deitada no piso empoeirado por um tempo até recuperar o fôlego. O sótão estava cheio de caixas e engradados velhos. Havia também uma árvore de Natal enrolada em um lençol. Todos os brinquedos antigos de Kate também estavam lá. Tinham sido resgatados no ano anterior, quando sua mãe estivera prestes a jogá-los fora. Kate quis guardá-los para quando tivesse filhos. Sempre soubera que queria ter filhos. As avós vieram em seu socorro ao se oferecerem para guardar as caixas para ela.

Kate fechou os olhos. Se ela fosse esconder algo ali, em um lugar onde não desse para encontrar... Ela se virou para olhar para a parte dianteira da chaminé, que subia até desaparecer no telhado. Então abriu caminho em meio aos engradados até a estrutura de alvenaria, tirando caixas do caminho e se espremendo para passar por um arquivo, para que conseguisse chegar à parede.

Ela cutucou os tijolos com cuidado. Para sua surpresa, um deles se moveu. Kate segurou o tijolo solto pelas extremidades e fez força até que ele deslizasse para fora, fazendo um som de esfarelamento. A abertura estava cheia de teias de aranha. Kate

assoprou. Quando toda a poeira e cimento seco assentaram, ela usou a lanterna para iluminar a abertura e viu uma sacola de plástico. Seu coração quase saiu pela boca.

Pegou a sacola, retirando uma camada marrom de fuligem. Era surpreendentemente pesada e, lá dentro, havia vários cadernos, alguns documentos e um laptop velho, pesado e ultrapassado. Kate comemorou com um gritinho feliz.

— Você *já* encontrou alguma coisa? — gritou Matt, surpreso.

— No primeiro lugar que procurei! — Era como se soubesse exatamente onde estava.

— Que coincidência — comentou ele enquanto ela passava a sacola pelo alçapão. Matt segurou aquilo com a mesma reverência que ela. — Onde estava?

Ela parou para pensar. Não podia simplesmente dizer que tinha decidido ignorar as caixas e seguir um pressentimento estranho que a fizera olhar dentro da parede.

— Hum... Estava... Estava em uma das caixas.

— Que legal! É como se você soubesse onde estava o tempo todo.

Ela não fez comentários.

Matt a ajudou a descer. Eles sorriram um para o outro, triunfantes, os rostos tão próximos enquanto ela descia que os narizes quase se tocavam.

Os olhos dele estavam brilhando. *Seus lábios se entreabriam um pouco enquanto a ajudava a descer do sótão. Estava começando a chover de novo. Ele a olhou com olhos arregalados e ela sentia o balanço gentil do navio. O cheiro de maresia enchia os seus pulmões e...*

Não, aquilo não estava certo.

Ela piscou.

Estavam no banheiro da antiga casa dela? Sim: ela se lembrava de quando tinha pintado o cabelo de preto nessa mesma pia, durante aquela fase gótica. Ela manchara o rejunte do azulejo e as mãos tinham ficado muito zangadas.

Ela piscou.

Não, isso também não estava certo. Kate nunca tinha morado ali. Aquela era a casa das avós.

Kate se concentrou em Matt, cujo olhar estava pousado nela, e sentiu que estava se recompondo. Finalmente se lembrou de onde estava. Engoliu em seco.

— Você... Você também sentiu isso? — quis saber ela.

Matt olhou para ela sem esboçar reação.

— Sentiu isso o quê?

— Nada — respondeu com voz fraca.

CAPÍTULO NOVE



Katherine, você sabe que eu também posso acrescentar algumas regras, certo?

5) Katherine não pode mais roubar o meu chocolate amargo 85% só porque acabou aquela porcaria açucarada, nojenta e sem gosto que, em sua visão distorcida de mundo, ela costuma chamar de chocolate.

6) Pare de pegar a minha caneta tinteiro emprestada. Você realmente estraga a ponta, apesar de acreditar que isso é impossível. Eu consigo notar a diferença!

7) Eu ainda tenho mais coisas para reclamar e vou voltar quando souber quais são.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-149

Próximo à Turquia, mar Egeu, 1854

— Matthew, aquilo é um pássaro? — perguntou Katy. Eles estavam caminhando pelo deque praticamente deserto, admirando o litoral turco. Já estavam navegando havia três semanas e desembarcariam a qualquer momento. Katy estava observando cuidadosamente as nuvens negras que escureciam o céu quando viu uma mancha marrom por entre os cordames.

Matthew olhou para cima, seguindo a direção para onde ela apontava.

— É sim! Tem uma coruja enroscada nos cordames. É pequeninha.

O deque estava perigosamente molhado, então, seguiram até os cordames com cuidado, um apoiando o outro para evitarem escorregões.

— Precisamos ajudar a pobrezinha. — Katy arregaçou as mangas e tentou colocar o pé na corda, testando-a. Uma vez que sustentou seu peso, ela começou a subir pela corda grossa em direção ao pássaro.

— Katy, o que você está fazendo? Não pode simplesmente ir subindo por aí! — reclamou Matthew.

Sorrindo, ela olhou lá de cima.

— Está com *medo*? — Ela deu um risinho antes de se voltar às cordas e subir mais.

— Algumas pessoas são tão impulsivas que acabam se dando mal — resmungou ele.

Ela segurou o riso dessa vez. Precisava se concentrar na escalada.

Presas entre as cordas, a corujinha estava completamente imóvel. Provavelmente exausta pelas tentativas de escapar. Katy conseguiu se aproximar, movendo-se devagar para não assustar a ave.

— Cuidado! — exclamou Matthew lá debaixo. Preocupada com a pequena criatura, Katy respondeu com um leve aceno da mão. Passou os dedos pelas penas macias do bichinho, que se assustou, mas permitiu que Katy o soltasse cuidadosamente. Assim que se libertou, o pássaro bateu as asas loucamente, agitando-se até se afastar dela. Apoiando-se no cordame, observou-o voar para longe até que não passasse de um pontinho no horizonte.

Quando olhou para baixo de novo, Matthew estava com um sorrisinho no rosto.

— Muito bem. Mas você pode, por favor, descer antes que caia no mar?!

Ela riu alto, a animação de ter resgatado um ser vivo deixando-a tonta — ou talvez fosse a altura. Era mais difícil descer do que subir, mas, quando estava quase chegando ao deque, Matthew a ajudou pousando as mãos gentilmente em sua cintura. Ele estava mais próximo do que Katy imaginara, e dava para ver os cachinhos que haviam se formado no cabelo dele depois que havia secado. Matthew não se afastou. Ao olhar diretamente nos olhos dele, o sorriso de Katy murchou e sua respiração ficou ofegante.

Um marinheiro assoviou e Matthew rapidamente se afastou, soltando sua cintura.

— Cuidado aí, rapazes! — gritou o marinheiro.

Matthew corou até a ponta das orelhas.

— Está começando a chover de novo — ele apressou-se em dizer. — Vamos entrar?

> Cenário-tempo de 1854 progredindo conforme planejado

Carlisle, Inglaterra, 1745

Depois da conversa que teve com Matthew, Katherine foi correndo do estábulo até seu quarto. Agora, estava jogada na cama. A cabeça enfiada em um travesseiro e o rosto contra o edredom deixavam os sons do mundo abafados e embotados e Katherine respirava o ar quente e preso embaixo das cobertas. Odiava a si mesma e estava com raiva por Matthew fazê-la se sentir assim. Pressionou os dedos contra os olhos, afastando todas as cores do mundo até ver estrelas brancas atrás das pálpebras, desejando poder fazer o mesmo com suas emoções.

Fora uma completa idiota. Quase diariamente sua tia lhe apresentava vários jovens respeitáveis e ela tinha que acabar apaixonada por um criado? Katherine arfou e se sentou. Apaixonada. Era realmente isso que tinha acontecido?

Estava apaixonada por Matthew.

Apaixonada. Por um criado.

Ouviu uma leve batida na porta. Arrumou o cabelo e enxugou as lágrimas salgadas.

— Pois não?

Elizabeth entrou, olhando-a com preocupação.

— Kathy, o que foi? Estás doente?

— Não. Eu estou bem. — Katherine não sabia mais o que dizer, mas não queria que a tia saísse. Era bom ter companhia. Talvez a fizesse parar de pensar em Matthew por alguns instantes.

Então, os olhos de Katherine pousaram no quadro da avó. Aquele parecia ser um bom momento para perguntar sobre a briga e isso a faria se distrair um pouco.

— Por que nunca mais conversaste com a minha avó? — perguntou ela.

Elizabeth pareceu constrangida e, depois, contraiu a mandíbula.

— Então não sabes?

Katherine negou.

— Vovó não falava sobre isso. Eu só soube que tinha uma tia depois que ela morreu.

— Ah — disse Elizabeth em voz baixa.

— Sinto muito. Não precisamos falar sobre isso se...

— Não, eu posso contar-te tudo. É uma história que precisas saber, já que ela tem a ver com você. — Elizabeth passou a mão pela saia, puxando um fio solto do bordado. Katherine aguardou, tentando não parecer muito ansiosa.

— Tu sabes alguma coisa sobre teus pais? — perguntou Elizabeth.

— Eu sei que minha mãe morreu durante o meu parto — disse Katherine, devagar, sem saber aonde a conversa iria dar. — Meu pai morreu antes de eu nascer.

— Bem, isso não é exatamente verdade. A tua mãe morreu mesmo durante o parto, mas teu pai, até onde sei, ainda está vivo.

— *O quê?* — perguntou Katherine quase gritando.

— Ele era criado da nossa família quando éramos jovens. Tua mãe, a minha irmã, tinha 17 anos e tentou fugir para se casar. Eles foram pegos e trazidos de volta para casa. O teu pai foi demitido. Descobriu-se depois que tua mãe estava grávida e, como bem sabes, ela morreu no parto. Eu duvido muito que teu pai saiba da tua existência.

Katherine estava em choque. O pai era um criado.

A tia continuou com voz suave.

— Eu já tinha me casado com teu tio àquela altura e, quando descobri o que tinha acontecido... Bem, fiquei muito zangada com a minha mãe, tua avó. Eu achava que era errado não contar para teu pai sobre tua existência, principalmente porque tua mãe morreria. A minha mãe não concordou. Disse que era melhor ser uma órfã do que a filha de um criado... Uma filha ilegítima ainda por cima. Nós discutimos sobre isso por meses a fio, até que um dia ela simplesmente disse que nunca mais queria falar comigo. Não permitiu que eu tivesse qualquer contato com você. Eu mesma queria te criar, mas ela disse que jamais permitiria tal coisa. Não podia confiar em mim para manter o segredo de teu pai. — Elizabeth mordeu o lábio. — Ela realmente amava você. Muito. Eu ainda acho que foi errado não ter te contato sobre teu pai, mas tu tiveste uma infância feliz e isso é tudo que importa.

As últimas palavras saíram baixas, como se Elizabeth estivesse tentando consolar a si mesma. Katherine pegou a mão da tia e a apertou.

— A minha infância foi muito feliz, tia. E eu estou muito feliz aqui.

A tia olhou para ela, sorrindo.

— Eu tentei fazer a escolha certa.

— Acho que fizeste. Parece que foi uma situação muito difícil. Para todos os envolvidos.

Katherine não sabia bem o que pensar daquilo tudo. Sua avó, sua adorável avó, tinha feito aquilo? Ela ainda não conseguia acreditar que era filha de um *criado*. Exatamente como Matthew.

Elizabeth a observava atentamente, e ela se forçou a falar:

— Obrigada.... Muito obrigada por me contar a verdade.

— Vou te deixar com teus pensamentos. Tens muito a absorver. — Elizabeth parou na porta. — A minha mãe não era uma pessoa ruim. Ela apenas amava demais. A filha tinha acabado de morrer. Acho que temia que teu pai te levasse embora.

Katherine assentiu, pensativa e, então, Elizabeth foi embora, deixando-a sozinha de novo. Ela se jogou na cama e suspirou. O pai fora um *criado*, e talvez ainda estivesse vivo. Contudo, não era a ideia de procurar o pai que passava o tempo todo em sua mente, mas sim a noção de que ela deveria ter crescido como uma criada, exatamente como Matthew. No fim das contas, eles não eram tão diferentes assim.

CAPÍTULO DEZ



8) NADA DE ACRÉSCIMOS NÃO AUTORIZADOS À LISTA, MATTHEW.

9) PRINCIPALMENTE REGRAS QUE NADA MAIS SÃO DO QUE RECLAMAÇÕES EXTENSAS SOBRE CHOCOLATE, ENTRE TANTAS OUTRAS COISAS. QUE DROGA! LIGUE PARA A SUA MÃE SE QUISER RECLAMAR DE MIM. MAS MANTENHA ISSO LONGE DA GELADEIRA!

10) Além disso, quando alguma coisa acabar, você precisa acrescentar esse item à lista de compras.

11) Ou pelo menos pare de colocar embalagens vazias de volta ao armário! Fui fazer compras ontem e agora vou ter que passar uma semana inteira sem poder fazer mingau de aveia. Você é uma pessoa horrível.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-149

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

— Katherine era bem ousada, você não acha? — comentou Kate. Estavam no quarto de Matt no alojamento, analisando os documentos que encontraram no sótão. Kate estava lendo uma longa passagem em um diário, sobre quando Katherine e Matthew tinham se conhecido. Katherine, ao que tudo indicava, tinha ficado caidinha por ele logo de cara. Ela tinha usado expressões como “gostoso”, “bumbum” e “eu quero mordê-lo”. Todos os diários de Katherine, desde a adolescência até conhecer o marido, estavam entre os documentos escondidos no sótão.

Matthew e Kate não contaram às avós da garota sobre o computador e os cadernos. Nancy e Flo achavam que eles só tinham encontrado uma caixa qualquer com os diários de Katherine e algumas cartas.

Matt respondeu:

— Hum... Ousada? Se eu não soubesse da história, pela leitura eu diria que se tratava de uma adolescente escrevendo. O discurso dela é uma mistura de todos os memes da internet.

— Ela é *mesmo* maneira, concordo. Matthew devia viver pasmo com as respostas surpreendentemente inteligentes dela. — Kate sorriu. Não tinha a menor dúvida de que Matthew era completamente apaixonado por ela. Ela Katherine, é claro. *É óbvio*.

— Acho que sim — disse Matt devagar, como se estivesse tentando encontrar uma forma de se fazer entender corretamente. — Mas acho que ela parece... inocente, sabe? De uma maneira que ninguém mais é desde a guerra. É animador, mas ao mesmo tempo triste. Ela não fazia a menor ideia do que a esperava.

— Pois é — concordou Kate, baixinho. — Mas a gente ainda não sabe com o que ela estava se metendo afinal.

Matt pegou o laptop.

— Talvez a gente descubra alguma coisa aqui.

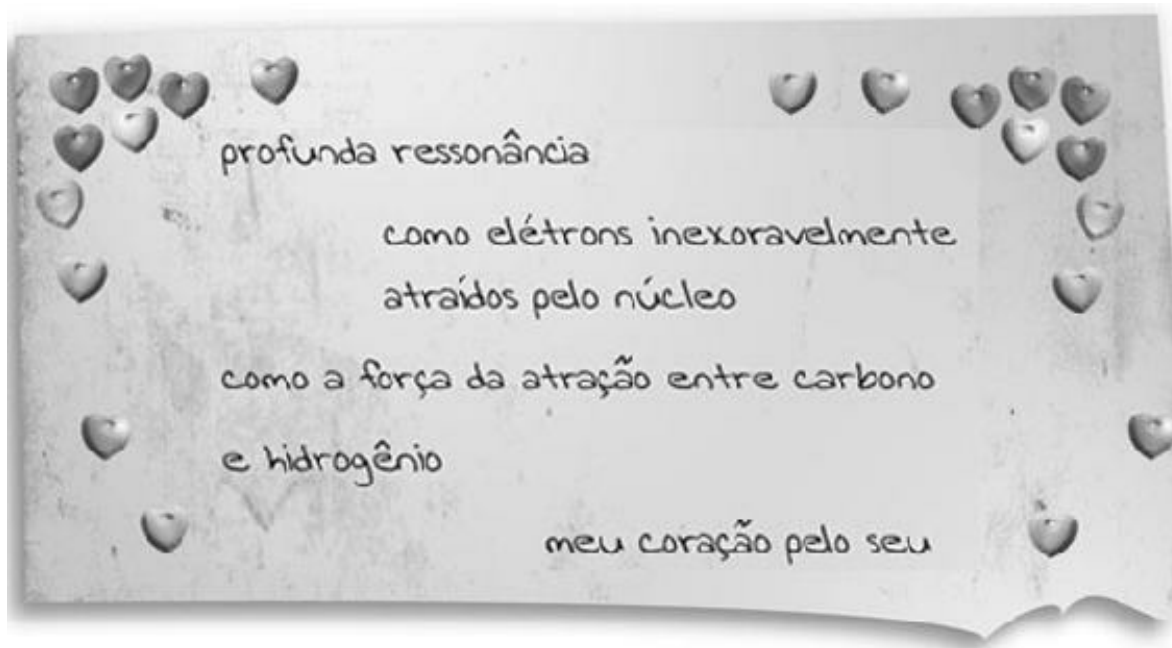
— Você acha que ainda funciona? — quis saber Kate.

Ele franziu a testa e as sobrancelhas se uniram de uma maneira que, sendo franca, Kate achava adorável.

— Bem, só tem um jeito de descobrir.

Depois de uma pesquisa na internet, descobriram um artigo sobre sistemas antigos de computador e concluíram que a velha bateria de lítio já devia ter morrido havia muito tempo. Matt disse que talvez conseguisse fazer um carregador rudimentar se removesse totalmente a bateria e ligasse fios de cobre diretamente na tomada. Então começou a trabalhar nisso enquanto Kate lia mais algumas anotações nos diários de Katherine.

Encontrou uma poesia sonhadora sobre um romance de faculdade, que provocou em Kate uma forte vergonha alheia. A poesia fazia referências à química e, por algum motivo, estava adornada por coraçõezinhos de lantejola meticulosamente arranjados.



Códex/v7/Cenário-tempo-2014/Doc-12

Depois de um tempo, Matt a interrompeu para pedir:

— Liga o computador, Kate! — Estava orgulhoso dos novos cabos de conexão arrumados na mesa diante dela. Os dois prenderam a respiração, esperando uma chuva de fagulhas, mas o cabo apenas brilhou um pouco. Uma luz azul na parte dianteira do laptop piscou e depois continuou acesa.

Kate passou o braço por cima do ombro de Matt.

— Mandou bem, espertinho.

Matt parecia satisfeito. Eles respiraram fundo e abriram o laptop. O teclado estava um pouco empoeirado, mas, fora isso, estava surpreendentemente limpo. Eles não tinham muitas esperanças de que o computador fosse ligar, apesar da sorte deles até aquele momento, então, quando a tela inicial surgiu, Matt quase derrubou o laptop da mesa de tanta surpresa. Kate prendeu a respiração até a tela de login aparecer.

— Uau! — exclamou ela. — Que sorte!

— Eu sei — concordou ele, ligeiramente ofegante.

— Parece que acabei de correr uma maratona. Meu coração está disparado — disse Kate.

A animação, contudo, não durou muito; era preciso uma senha para fazer o login.

— Como é que vamos conseguir descobrir a senha? — perguntou Kate.

Matthew passou a mão pelo cabelo.

— Vamos ter que falar com Tom. — Ele pareceu irritado, como se ter que apresentar Kate para o irmão fosse o pior cenário que poderia imaginar.

— Seu irmão? O hacker? — Kate endireitou a postura um pouco rápido demais, obviamente demonstrando mais entusiasmo do que deveria, já que Matt franziu a testa. — Mas ele não está na Escócia? — perguntou ela, tentando parecer desinteressada.

— Não. Ele também estuda aqui.

— Spartacus mora aqui? Tipo, do outro lado do campus?

— Mora. — Matt não parecia disposto a se mover tão cedo.

— Será que a gente não deveria ir procurá-lo então? — sugeriu ela, tentando não parecer muito ansiosa.

— Claro.

Enquanto Matt calçava os sapatos e procurava as chaves, ela esperou perto da porta, animada como um cachorrinho que está

esperando o dono para dar uma volta. Até que Matt, enfim, ficou pronto.

20 de julho de 2010.

Eu tive outro sonho ontem. Foi um daqueles dolorosamente reais, em que a gente acorda e parece que metade do coração foi arrancado do peito porque o namorado perfeito que o seu subconsciente criou não existe de verdade.

Foi outro sonho de época — acho que tenho assistido a Orgulho e preconceito vezes demais. Era o mesmo cara, porque, ao que tudo indica, eu tenho um tipo e é um cara que criei na minha cabeça. Cabelo bonito, um pouco tímido. Maças do rosto bem marcadas. Estava montado em um cavalo (eu sou um estereótipo ambulante). O nome dele era Matthew.

Códex/v7/Cenário-tempo-2010/Doc-6

Observação do arquivo: diário do sujeito “KATHERINE” com 16 anos

Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine e Matthew estavam nas ameias, almoçando em silêncio enquanto olhavam para os campos que logo estariam cheios de rebeldes que se aproximavam da cidade. Mais cedo naquele dia, um mensageiro chegara ao castelo trazendo notícias de que uma batalha ocorrera na cidade de Prestonpans, e que os ingleses haviam perdido. Todos entraram em pânico, principalmente porque o exército inglês ainda não estava preparado para um ataque. Agora, a maioria das pessoas estava convencida de que os rebeldes eram imbatíveis e que a cidade de Carlisle teria de ser evacuada.

Só se falava sobre esse assunto, mas Katherine e Matthew estavam sentados em silêncio. Desde a discussão que tiveram dias antes, qualquer conversa entre os dois era extremamente constrangedora. Não conseguiam relaxar na presença do outro e pareciam dois estranhos. Apesar disso, Katherine continuou insistindo em trabalhar como voluntária no castelo, e Matthew sempre a acompanhava, embora deixasse bem claro que não queria estar ali — pelo menos não com ela.

Katherine quebrou o silêncio.

— Eu estava conversando com a minha tia noutro dia. Ela me contou que a minha mãe fugiu de casa para se casar com um criado.

Matthew olhou para ela, chocado.

— O teu... O teu pai era um criado?

Ela assentiu.

— Eles queriam se casar, mas foram descobertos e separados. Minha mãe morreu no parto e

minha avó me criou. Meu pai não sabe que eu existo. Acho... Se eles tivessem conseguido fugir, eu teria sido *criada* como empregada.

Matthew não disse nada.

— Minha tia discordou da minha avó. Quis contar para o meu pai que ele tivera uma filha e isso dividiu a família. Creio que minha tia amava a minha mãe apesar de tudo e que a teria perdoado se ela tivesse sobrevivido. A nossa família é muito mais importante para a minha tia do que questões de honra. Eu ainda não tinha entendido isso, mas, mesmo assim, sinto que se eu quisesse... — Ela engoliu em seco. — casar-me com um jovem diferente do ideal, digamos assim, ela não me deserdaria completamente. E também acho que se a minha mãe estava preparada para viver uma vida como criada por amor, eu também estaria. — Durante todo o tempo em que falava, tomou o cuidado de evitar olhar para Matthew.

— Mantereí isso em mente — respondeu Matthew, friamente.

— Matthew — disse ela, virando-se para ele. — Eu não tenho mais palavras para me desculpar por ter desconfiado de ti. Por favor, eu imploro que me perdoes. Não consigo suportar isso.

Ele se mexeu e o seu ombro roçou no dela. Ainda assim, ele continuava com o olhar fixo nos campos. Ela admirou o formato do nariz dele, o cacho de cabelo que lhe caía sobre a testa. Viu seu pomo de Adão se mover quando engoliu em seco. Por fim, ele se virou e olhou diretamente nos olhos dela, que sustentou o olhar.

— Katherine — disse ele com voz grave e baixa, com um leve tom de aviso. Os olhos dela pousaram na boca de Matthew. Os lábios dele estavam muito próximos dos dela.

— Matthew — O som foi pouco mais do que um sussurro no ar, mas pareceu atingi-lo fisicamente. Ele se moveu devagar e se aproximou dela.

Ela conseguiu ver cada um dos cílios de Matthew. Eles se agitavam à medida que o olhar dele passeava pelo rosto dela até pousar nos lábios. As pupilas do rapaz se dilataram. Katherine sentiu o corpo se acender por dentro, como um farol. Sentia a respiração dele no seu rosto.

Ele fechou os olhos.

— Eu te perdoo — declarou ele. Então, levantou-se e se afastou cuidadosamente, como se estivesse sentindo dor. Em seguida, desapareceu pela escada em caracol da guarita do castelo. Ela o observou partir em silêncio, arfando como se tivesse acabado de correr, depois pressionou as palmas das mãos no rosto afogueado para esfriá-lo.

Próximo à Turquia, mar Egeu, 1854

— Precisa de ajuda com isso? — perguntou Katy, observando Matthew. Deitado em sua rede, posicionada junto à rede dela, estava concentrado em fazer anotações. Eram os únicos abaixo do deque. Depois de 18 dias no mar, o dormitório tinha começado a cheirar forte. Katy estava feliz por que faltavam apenas um ou dois dias para chegarem a Varna. — Eu poderia transcrever.

Ela vinha tentando ler um livro que estava sendo passado entre os soldados. Conseguira avançar apenas quatro páginas sobre a vida financeira do vizinho do personagem principal antes

de perder a paciência com os autores que recebiam por palavra.

— Ah, obrigado — agradeceu ele, surpreso. — Isso seria ótimo.

Ela se inclinou na rede, tentando decifrar o tom dele.

— Achou que eu não ia mais fazer valer meu emprego?

— Na verdade, eu não pensei sobre o assunto. — Ele ajustou os óculos.

Ela revirou os olhos.

— Por favor, não me diga que agora não passo de uma mulher incapaz aos seus olhos.

— É claro que não! Provavelmente você é mais autossuficiente do que eu. Só está sendo difícil me acostumar com a ideia de que você é mulher.

— Não está acostumado a ver mulheres independentes? Aposto que todas as suas amigas vão adorar saber disso.

— Na verdade, eu não conheço muitas mulheres. — Ele pareceu pouco à vontade. — Não tenho muitos amigos em geral.

Katy ficou surpresa. Ele parecera tão encantador desde o começo e, além disso, tinha feito amizade com muitos soldados — pelo menos com os que não tinham se ofendido com a função que ele exercia ali.

— Mudar-se tanto dificulta muito manter as amizades. Eu conheço pessoas ao redor do mundo todo, mas geralmente vou embora depois de algumas semanas e nunca mais as vejo. — Ele pareceu refletir à medida que falava. Katy suspeitava que ele nunca tivesse pensado sobre o assunto antes. Matthew era o tipo de homem que se bastava. Não precisava de pessoas ao seu redor para sentir-se feliz.

— Eu vinha mesmo me perguntando como é que você ainda não foi laçado por um casamento — respondeu Katy corajosamente, sabendo bem o que aquilo sugeria.

— Não creio que existam muitas mulheres dispostas a se casar comigo. Quem iria querer um marido que nunca está em casa?

— Eu acho que algumas mulheres gostariam — declarou ela com voz suave.

— Sério? — Ele ficou vermelho.

— Claramente você não entende nada sobre as mulheres. Um marido que nunca está em casa é um sonho — provocou ela. Matthew relaxou, sorriu um pouco e mexeu nos óculos de novo. — Talvez a solução seja encontrar uma esposa que viaje com você — acrescentou ela.

Ele abriu a boca e a fechou novamente. Por fim, respondeu com uma voz esquisita; parecia nervoso, mas, ao mesmo tempo, determinado:

— É uma boa ideia. Verei o que posso fazer a respeito.

Quando olhou para ela, Katy tentou não parecer muito animada.

— O que vai acontecer quando chegarmos ao acampamento? — perguntou Katy um pouco mais tarde, depois que tinham rascunhado mais um artigo. — Ficaremos em uma barraca?

Matthew assentiu.

— Tenho uma carta do meu editor dizendo que o exército tem de providenciar acomodações para mim. Espero que os soldados lá façam isso.

— Eles não abandonariam você. Ou abandonariam? Alguns deles realmente não gostam de você.

— Espero que não — respondeu ele, calmamente. Matthew sempre levava as opiniões de

Katy a sério, de uma forma que não levava quando ainda achava que ela era um garoto. Era algo que Katy não previra, uma surpreendente vantagem para a nova situação em que se encontravam. — Mas se o fizerem, eu posso ameaçá-los com todo o poder do *The Times*. Meu editor iria adorar um pequeno escândalo na primeira página. “Correspondente do *Times* é maltratado por Raglan”. Provavelmente, eu até ganharia um aumento.

Katy empalideceu ao ouvir o nome do patrão.

— Tenho certeza de que o exército encararia isso como uma ameaça muito séria — disse ela com a voz fraca.

— Minha principal preocupação agora é que vamos ter de montar uma barraca. Eu nunca fiz isso antes. Precisaremos de ajuda para armá-la.

— *Disse a garota ao soldado* — provocou Katy.

Matthew pareceu horrorizado.

Katy não tinha certeza se deixar um homem chocado era melhor forma de conquistá-lo, mas passara tempo demais com os criados e eles adoravam as piadas de duplo sentido que ela contava. Realmente não tinha outras experiências para se basear. Julgando pela reação de Matthew, parecia estar funcionando. Considerando-se que ficar mortificado seja uma reação mais íntima do que manter uma distância educada, Katy decidiu que sim, estava.

Ela conquistaria Matthew de qualquer maneira.

CHEGADA A VARNA, POR M. GALLOWAY

Assim que a infantaria leve aportou em Varna, na Bulgária, o exército marchou por vários quilômetros para chegar ao acampamento, o qual não passa de um lugar imundo, sem as mínimas condições de higiene. O ar é quente e empoeirado, e as moscas estão por toda parte. Latrinas cheias fedem no calor e metade do acampamento foi acometido pela cólera. O lugar parece ter saído diretamente do inferno.

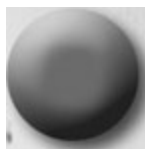
A administração do exército não conseguiu fornecer alimentos, água nem meios de transporte para o regimento. Embora o jornalista do Times tenha sido generosamente acomodado em um alojamento, metade dos soldados dorme ao relento. Não se conseguiu alimentos ainda.

Outra reviravolta controversa quase levou a um motim entre os homens. Foi dada uma ordem em relação aos pelos faciais. Os soldados receberam ordens de rasparem os bigodes e barbas por motivos de higiene e muitos estão em pé de guerra com o comando.

Códex/v3/Cenário-tempo-1854/Doc-5

Observação do arquivo: rascunho de um artigo para o jornal *The Times* escrito pela alocação do sujeito "MATTHEW"

CAPÍTULO ONZE



12) Quem você está querendo enganar, Katherine?! Eu não posso reclamar de você para a minha mãe. Ela gosta mais de você do que de mim (que sou FILHO dela!).

13) A aveia está no armário da cozinha. Desculpe.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-149

NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Spartacus — ou Tom, embora Kate ainda se esforçasse para se referir a ele assim — morava em uma república de estudantes fora do campus. A caminhada até lá pareceu bem mais longa do que realmente era, principalmente porque Matt estava quieto, ainda aborrecido por ter que apresentar Kate ao irmão.

Matt bateu à porta. Havia um número impressionante de jornais gratuitos bloqueando a abertura da caixa de correspondência. Kate estava nervosa. Ela realmente seria apresentada a Spartacus. A Kate de 15 anos de idade estaria exultante naquele momento, mas a Kate de 18 era bem mais madura e calma. Só ficou se erguendo na ponta dos pés uma ou duas vezes enquanto esperavam.

Por fim, um garoto alto e magro abriu a porta enquanto bocejava. Ele se espreguiçou, revelando o abdômen quando a camiseta velha subiu. Kate se viu imediatamente olhando para a pele dele, pensando “*eis o caminho da felicidade de Spartacus, bem na minha frente*”. Ela enrubescceu, afastando o olhar, enquanto Matt franzira as sobrancelhas, irritado.

— Oi. A gente acordou você? — perguntou Matt, falando alto demais. — Você sabe que são, tipo, quatro horas da tarde?

Tom apertou os olhos ao olhar para eles, bocejou de novo e, então, exclamou:

— Matt! Entre. Foi mal, cara, é que fui dormir tarde.

Kate seguiu os dois, mal contendo a animação. *É aqui que a magia acontece.*

Tom andou sem rumo pela cozinha. Depois de colocar a água para ferver, recostou-se na bancada da cozinha e coçou a barba por fazer, fazendo um pouco de purpurina cair no piso. A cozinha estava coberta de louça suja. Havia um vaso em cima de um prato, a planta murcha caía tristemente sobre uma assadeira cheia de crostas. Kate tentou esconder o nojo e fez um lembrete mental de não tomar o chá.

Tom tinha realmente acordado um pouco porque deu uma gravata em Matt e disse:

— Por onde você tem andado, irmão? A gente não se vê há muito tempo.

Uma resposta abafada veio da axila de Tom.

— Tenho andado evitando você, obviamente.

Matt conseguiu se livrar do aperto, mas, um segundo depois, Tom já o tinha agarrado de novo. Os dois lutaram por um tempo até que Matt se afastou e lançou um olhar constrangido para Kate.

— Tom, esta é Kate Finchley. Kate, este é o meu irmão, Tom.

Tom lançou um olhar significativo para Matt.

— Sim — confirmou Matt. — Elas são parentes.

— E como foi que vocês se conheceram? — quis saber Tom.

— É uma longa história. — Matt suspirou e começou a preparar o chá enquanto Tom olhava Kate dos pés à cabeça.

— Oi — cumprimentou ele.

— Oi, Tom. Havia anos que eu sonhava em conhecer você. — Kate trocou um aperto de mão educado com ele, tentando

esconder um sorriso.

— Ignore Kate. Parece que ela é meio fã do Spartacus — resmungou Matt.

— Ah, é? — Tom esfregou os olhos, afastando o sono. De repente, ele era apenas esse cara normal e meio nojento, e todo o constrangimento de Kate desapareceu. A paixonite por ele já não era mais tão paixonite assim agora que tinha conhecido a pessoa por trás do computador. Mas Matt ainda estava fazendo beicinho e Kate decidiu que poderia continuar fingindo admiração mais um pouco, só para irritá-lo mais.

— Aham, sou uma grande fã do seu trabalho — confessou ela. — Nunca achei que eu fosse conhecê-lo pessoalmente.

Tom ficou radiante.

— Eu nunca conheci uma fã na vida real.

— Ah, mas você tem uma tonelada de fãs. Você é um herói nos fóruns on-line — informou Kate, relaxando ao provocá-lo.

— Vou dar uma conferida nisso, para quando eu precisar de um pouco de confiança. Principalmente se as fãs forem tão bonitas quanto você — disse ele suavemente.

Matt bufou.

Sem emitir som, Kate disse “Ele está de cara feia”, ao que Tom sorriu e deu uma piscadinha. Depois de colocar uma expressão de adoração no rosto, ela esperou Matt se virar com as xícaras de chá e então foi para o lado de Tom.

— Na verdade, eu estou muito impressionada. Para alguém que passa tanto tempo na frente do computador, você é bem musculoso.

Tom tentou segurar o riso e deu um sorriso sedutor:

— Quer tocar neles? — Ele flexionou o bíceps e Kate soltou um suspiro exagerado. Ela quase conseguia sentir o olhar zangado de Matt.

Tom fez uma expressão canastrona de sedução enquanto Kate passava a mão no braço dele. Estava fazendo um comentário sobre a força que ele devia ter, quando Matt finalmente sentiu a necessidade de interrompê-los:

— Tudo bem! Já chega de toques inapropriados! A gente tem coisas importantes a fazer.

— Matt está certo, Kate. Eu realmente não posso me relacionar com uma fã.

Kate se esforçou muito para não rir. Estava começando a gostar bastante de Tom.

— Acho que faz sentido.

Um pouco relutante, Kate soltou o braço dele — os músculos realmente eram impressionantes —, e Matt rapidamente colocou uma caneca na mão dela, possivelmente para que não tateasse mais nada. Matt pegou a caneca dele na bancada e se posicionou ao lado dela, um pouco perto demais.

Kate tentou esconder o sorriso. Matt era muito engraçado e, aparentemente, era fácil deixá-lo com ciúmes.

Tom tomou um gole do chá, fez uma careta e colocou mais açúcar.

— Então, o que houve? Vocês descobriram alguma coisa? Presumo que não veio aqui só para me apresentar para Kate, embora ela seja uma grande fã.

— Kate e eu temos um trabalho para você.

— Ah é? — Tom os levou até o quarto e se sentou na cadeira diante da escrivaninha.

Matt pegou a mão de Kate e a puxou para se sentar ao lado dele na cama. Ele soltou os dedos dela devagar, só para se assegurar de que Tom entendesse o recado. Aquilo provavelmente era mais simples do que socar a cabeça dele e dizer: “Ei, entendeu o recado?”

Enquanto tomavam chá, Matt rapidamente contou para o irmão tudo que tinham descoberto no sótão. Tom ficou imediatamente animado com o laptop.

— Será que você consegue descobrir a senha? — perguntou Matt.

— Claro! Pode passar para cá. — Ele estendeu os dedos ansiosos e, depois, conectou o laptop ao computador dele.

— Então, imagino que vir para a Inglaterra tenha sido mais fácil com Tom já morando aqui? — perguntou Kate enquanto olhavam Tom trabalhar.

— Foi, sim. Eu sentia muita falta dele depois que ele veio para a faculdade — concordou Matt.

— Vocês parecem ser muito unidos.

— Nós somos mesmo — disse Tom.

— Tom sempre foi o mais aventureiro, sempre me metendo em confusões, como você pode imaginar. Foi ele que começou tudo isso.

— Hã — disse Tom, recostando-se na cadeira enquanto esperava o download de um programa. — Tenho certeza de que você causou tantos problemas quanto eu. Eu devo ter evidências em algum lugar.

Tom se voltou para o computador e clicou em uma pasta com vídeos antigos da família. Projetou as imagens na parede atrás de Kate e Matt e, enquanto trabalhava na decodificação da senha, Kate assistiu às aventuras das versões menores de Matt e Tom. Kate estava entusiasmada e encantada, e Matt pareceu resignado com o constrangimento. Matt tinha sido uma criança bem pequena e estranha em comparação com o irmão. Em um dos vídeos, ele tentou entrevistar a família inteira sobre o que tinham

feito no dia em questão, usando uma colher como microfone.

— Eu queria ser jornalista quando era criança — contou Matt.

— Você também não passou uma época querendo ser fazendeiro? — perguntou Tom. — Ei, você ainda escuta aquelas...

— Eu não sei sobre o que você está falando. Então, faça o favor de *calar a boca* — sibilou Matt.

Kate olhou de um para o outro, intrigada, mas, então, um novo vídeo começou e a distraiu.

A parte preferida de Kate era uma filmagem de um garotinho nu, coberto de farinha dos pés à cabeça, de modo que era impossível identificá-lo. Matt fez Tom pular rapidamente o vídeo.

— Era você? — perguntou ela.

— Não — negou Matt em tom pouco convincente. — Aquele era outro garoto que não me lembro o nome.

— E por acaso Tom tem uma foto dele?

Tom deu uma piscadinha para ela enquanto Matt tentava distraí-la com o vídeo de uma luta entre ele e Tom — os dois estavam tão animados quanto tinham estado mais cedo na cozinha. Mais tarde, Kate se deitou no sofá com os pés no colo de Matt, bocejando, enquanto assistia aos vídeos com olhos semicerrados, e Tom trabalhava em silêncio. Ficar assim tão perto de Matt parecia estranhamente natural, como se já tivesse feito aquilo centenas de vezes.

Varna, Bulgária, 1854

Katy nunca sentira tanto alívio quanto da primeira vez em que conseguiu se lavar de maneira adequada desde o embarque em Southampton. Foi na noite do primeiro dia após o desembarque, quando chegara ao acampamento em Varna, na Bulgária. A barraca deles era escura e pequena, com apenas um catre estreito, mas fornecia a privacidade necessária para desenfaixar os seios, e aquilo lhe parecia um luxo maravilhoso. Esfregou a pele até ficar rosada e até a água que Matthew trouxera da bomba ficar marrom e cheia de sabão.

Quando finalmente sentiu que estava limpa de novo, saiu e foi até onde Matthew a aguardava. Estavam dividindo a barraca, exatamente como teriam feito se ela realmente fosse o criado dele. Não tinham como solicitar outra. Além disso, havia semanas que Katy vinha dormindo em uma rede ao lado de Matthew e de dezenas de soldados, então, não achava que aquilo seria estranho.

— Vou pegar água limpa para você — disse ela. Ele assentiu, cansado. Fora uma longa viagem do porto ao acampamento, que se estendia para além dos limites de Varna, ao longo das margens de um enorme lago. Quando chegaram, os dois tiveram de pegar a barraca e montá-la. Estavam exaustos.

Enquanto ia em direção à bomba de água, Katy passou por uma fogueira na qual os soldados cozinhavam as escassas provisões que conseguiram obter. Katy sentiu o estômago roncar. Não tinham comido nada desde a chegada e provavelmente não comeriam nada até o dia seguinte.

Quando voltou para a barraca, Matthew estava se barbeando, removendo uns pelos ralos que cresceram durante a viagem. Ela não chamaria aquilo exatamente de *barba*.

— Obrigado — agradeceu ele, tirando o sabão com a água limpa que ela trouxera.

— Disponha. — Katy se sentou no catre e começou a pentear o cabelo, fazendo caretas ao passar pelos nós embaraçados. Logo teria de cortá-los de novo. Mantinha o corte bem curto desde que alguns criados implicaram com ela, dizendo que aqueles cachos faziam com que parecesse uma garota. Agora, seu cabelo já começava a cachear perto das orelhas e, embora ela tivesse uma aparência andrógina o suficiente para se passar por um garoto, seria arriscado demais ostentar um cabelo comprido e enrolado.

Ela cheirou o próprio braço. Desde que se lavara, ficara muito consciente do cheiro das roupas sujas.

— Será que se eu lavar minhas roupas elas secarão até amanhã de manhã? Acho que não consigo mais usá-las. Estão fedendo muito.

Matthew encolheu os ombros.

— Se ainda estiverem úmidas pela manhã, eu posso emprestar uma das minhas.

Ela ergueu o olhar, surpresa. Embora soubesse que ele a perdoara por ter mentido sobre ser um garoto, aquela fora uma gentileza inesperada.

— Obrigada — agradeceu ela com voz suave.

Ele assentiu e voltou a atenção para a barba com um ar constrangido.

Katy arrancou os cabelos que tinham ficado na escova, admirando a mistura de cores. Os dela, ruivos e os de Matthew, castanhos.

— Posso pegar uma agora? Uma camisa ou algo assim para usar hoje à noite?

Matthew se concentrou mais do que o necessário em enxaguar o sabão da lâmina de barbear.

— Claro. Pegue o que precisar na minha mala.

Com alívio, Katy trocou a camisa suja por uma limpa. Matthew, que estava lavando o rosto, manteve-se de costas para ela o tempo todo. Quando acabou de trocar de roupa, Katy cheirou o braço de novo, mas só conseguiu sentir vestígios do cheiro de Matthew nas peças limpas.

Então fez o melhor que podia para lavar a própria roupa usando apenas uma pequena tina de água e sabão barato. Quando finalmente pendurou as peças para secar do lado de fora da barraca, já era noite.

Katy pegou a pele de ovelha que cobria o catre e a esticou no chão e improvisou um travesseiro com um casaco de linho marrom. O chão sujo não parecia muito convidativo, mas se acomodou mesmo assim, dizendo a si mesma que era melhor do que dormir ao relento ou no navio.

— O que você está fazendo? — perguntou Matthew, cruzando os braços e parecendo obstinado. A postura seria bastante intimidadora não fosse a forma com que o cabelo dele cacheava ao secar.

— Indo dormir? — respondeu ela, em dúvida.

— Nada disso.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Foi uma longa viagem. Acho que eu mereço pelo menos um cochilo.

— Não vou permitir que você durma no chão. É claro que a cama é sua.

— Nós bem que podíamos... compartilhar, que tal? — sugeriu ela. — As pessoas não devem ficar bem juntinhas para se aquecer em condições adversas?

Ele revirou os olhos, mas o rosto e a pontinha das orelhas ficaram vermelhos. Matthew começou a pentear vigorosamente o cabelo, fazendo gotas d'água espirrarem pela barraca.

— Isso só é necessário no Ártico. Não creio que você corra o risco de congelar aqui.

— Ah, mas eu não estava falando de *mim* — disse ela. — Eu com certeza vou ficar bem. Estava me referindo a você, que é tão magro que talvez vire um bloco de gelo.

— Acho que eu consigo dormir no chão.

— Bem, depois não venha chorando se tiver virado um cadáver congelado amanhã. Você é delicado como uma flor, não acho que *consiga* dormir no chão. — Quando ele não respondeu, ela acrescentou com tom mais firme: — Matthew, eu não vou fazer você dormir no chão. Já lhe causei problemas demais e, além disso, eu aposto que o catre está cheio de percevejos. O chão

provavelmente é mais limpo.

— Eu não vou ceder, Katy.

Matthew, então, deu início a uma breve competição de olhares sérios. Ao que tudo indicava, era o novo método que usava para convencer Katy a concordar com o ponto de vista dele sem discussões nem gritos. Ela sempre se contorcia sob a força do olhar firme, mas estava determinada a não ser a primeira a desistir. Daquela vez, no entanto, Matthew estava mais determinado. Ela revirou os olhos, admitindo a derrota ao sair dramaticamente debaixo do cobertor. Para falar a verdade, o chão estava bem frio e ela estremeceu sem querer.

Matthew deu um soco no ar e comemorou.

— Eu venci!

— Nós vamos alternar. Eu vou dormir na cama hoje, e você dorme amanhã. Caso contrário, nós dois dormiremos no chão, combinado?

— Teremos a mesma discussão amanhã, porque eu nunca vou tirar a cama de você.

— Eu terei o dia inteiro para pensar em argumentos — avisou ela.

— Eu também. — Ele riu.

Katy sentiu uma onda de afeição por ele. Em geral, ela gostava quando tinham essas discussões e teria dado uma resposta mordaz, exceto que, naquela noite — na barraca nova com um *chão completamente firme e uma cama adequada*, sem um único soldado roncando ao lado —, tudo que queria era ser gentil com ele. Ele fora tão generoso ao perdoá-la e tão amável desde que descobrira que era uma garota... E Katy nem tivera a chance de retribuir o favor. Iria lavar a roupa dele e talvez encontrar comida para ambos logo pela manhã. Ao que tudo indicava, não receberiam provisões do exército tão cedo. Sentiu um impulso repentino, levantou-se e o envolveu em um abraço.

— Boa noite — murmurou no ouvido dele. Matthew estava tenso, mas relaxou lentamente, finalmente abraçando-a e pressionando o rosto no cabelo dela.

— Boa noite — desejou ele, com certo ar do que parecia ser surpresa na voz.

Ela se afastou, puxando para baixo a camisa que tinha subido até a coxa. Então, se deitou no catre e se cobriu.

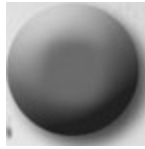
— Matthew, obrigada, de verdade — agradeceu ela. — Você tem sido muito bom para mim.

Os cantos dos lábios dele se levantaram em um sorriso.

— O prazer foi todo meu. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — *Disse a garota ao soldado.*

Katy deu uma gargalhada muito alta de satisfação, e Matthew se acomodou na cama improvisada no chão, um inconfundível semblante de orgulho em seu rosto.

CAPÍTULO DOZE



14) SUA MÃE ME ACHA O MÁXIMO, ACEITE ISSO. Não precisa ficar com ciúmes. É que seus pais passaram uma parte significativa da vida sem a minha maravilhosa companhia, até que de repente perceberam o que perderam todo esse tempo.

15) O período que passaram sem mim é culpa totalmente sua por ter demorado tanto para perceber que estava a fim de mim, sabe? Eu já poderia estar conversando com os seus pais há anos, em vez de ter acabado de conhecê-los. Entendo perfeitamente a necessidade que eles sentem de aproveitar ao máximo nosso tempo juntos para dizer como sou legal.

16) MAS O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ COM A MINHA LINDA LISTA? OLHE SÓ PARA TODAS ESTAS PALAVRAS QUE NÃO TÊM NADA A VER COM REGULAMENTOS. É DE PARTIR O CORAÇÃO.

17) Obrigada pela aveia, querido!

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-149

NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

— Kate — chamou Matt, esfregando o ombro dela.

— Que horas são? — murmurou ela. — A reunião só começa às nove.

— Que reunião?

— Das sufragistas, Matthew.

Houve uma longa pausa e, então, Matthew disse aparentemente para outra pessoa:

— Ela está sonhando.

Kate abriu os olhos para ver quem mais estava no quarto deles e piscou. Certo. Eles estavam no quarto de Tom, tentando descobrir a senha do laptop de Katherine.

— Está acordada agora? — Matt sorriu para ela, tirando o cabelo de cima do olho. — Tom conseguiu! Ele descobriu a senha de Katherine! Temos acesso a todos os arquivos dela.

Kate se sentou e esfregou os olhos.

— Sêrio?

— Sêrio!

Kate deu um gritinho de alívio em comemoração.

— Eu quero ver. E não acredito que *dormi*. Obrigada por nos ajudar, Tom.

— Sem problemas. Eu tenho tanto interesse nisso tudo quanto vocês. Essa é a boa notícia. A má notícia é... Bem, vejam vocês mesmos.

Tom fez um gesto para Kate olhar o laptop e Matt pegou uma cadeira para ela. Depois que ela já estava sentada, ele se inclinou, olhando para o computador por sobre o ombro dela.

A unidade C do computador estava cheia de pastas organizadas e nomeadas, o que Kate aprovava. Ela era um pouco obsessiva com a organização dos próprios arquivos. Era obviamente mais parecida com a tia do que imaginara. Ela rolou a lista pela tela, tentando discernir quais pastas eram mais importantes, passando por *Relatórios*, *Dados*, *Resultados da PCR*. Tentou abrir uma pasta, mas recebeu uma mensagem de erro. Então, entendeu o que Tom quisera dizer com “más notícias”. Vários arquivos tinham sido corrompidos.

— Não estou entendendo — disse Kate, clicando em outro arquivo que, por sua vez, abriu direitinho. Somente os arquivos relativos ao trabalho de Katherine no laboratório pareciam ter sido afetados.

— Acho que foram destruídos remotamente — explicou Tom. — Alguém na mesma rede se certificou que ninguém mais conseguiria abri-los.

— Você consegue recuperá-los?

— Não. Eu já tentei, mas não sobrou muita informação.

Kate esfregou a nuca e se virou para ele.

— Então basicamente esse laptop não adianta de nada.

— Tem mais coisa nele — interrompeu Matt. — Vamos ver o que tem no e-mail dela.

Ela abriu a caixa de entrada e passou pelas mensagens mais recentes procurando qualquer coisa relativa ao trabalho da tia. A maioria eram newsletters, a não ser por alguns com assuntos como “ONDE VOCÊ ESTÁ?” e “RE: Reunião da faculdade”. Ela clicou nessa última mensagem. Ao que tudo indicava, Katherine tentara marcar uma reunião de equipe alguns dias antes de sua morte, mas o encontro fora cancelado algumas horas antes do horário marcado. Nenhuma das mensagens mencionava nada sobre planos de roubar o laboratório ou liberar a bactéria, embora isso provavelmente não fosse uma surpresa.

— Tem outra conta. Tente essa — sugeriu Matthew apontando para uma subpasta na caixa de entrada. Kate clicou e surgiram os e-mails da conta pessoal de Katherine. Havia vários e-mails que não tinham sido abertos. Todos idênticos.

Falha na entrega ao destinatário <home.news@thetimes.co.uk>

Problema causado por: 1 erro(s): Servidor SMTP <gmail-smtp-in.l.google.com> bloqueou o envio de e-mail para <home.news@thetimes.co.uk> por violação de segurança (Erro seguindo comando superior). Favor não tentar enviar a mensagem novamente ou outras medidas serão tomadas.

Destinatário-final: rfc822:home.news@thetimes.co.uk

Ação: não executada

Status: 5.0.0 (falha permanente)

Assunto: “Pesquisa no Laboratório Central Science”

Data: “Terça-feira, 21 de junho de 2019, 18:28:53 +0100”

Prezado Editor do *The Times*,

Esta mensagem trata das implicações de um trabalho sendo desenvolvido pelo Laboratório Central Science. Somos cientistas e, nos últimos meses, temos ficado cada vez mais preocupados com o tema do nosso trabalho.

Gostaríamos de chamar a sua atenção para essas preocupações porque, todas as vezes em que tentamos discuti-las com os nossos superiores, fomos impedidos. Estamos ficando preocupados com as medidas que eles podem tomar para nos manter em silêncio no futuro. Se nossos temores tiverem fundamento, o Laboratório Central Science está realizando um trabalho que poderá afetar a todos nós.

Em anexo, o senhor encontrará uma cópia das nossas investigações, que, como o senhor verá, mostram evidências de que o Central Science está usando as pesquisas de nossa equipe sem que os autores tenham conhecimento. Tudo indica que o laboratório está criando o que acreditamos ser uma arma altamente perigosa e incontrolável: uma bactéria com o poder de destruir o ecossistema e matar todo organismo vivo que encontrar. Uma vez liberada, ela deixará um rastro de mortes por todo o planeta e será impossível contê-la. A criação de tal arma viola diversas leis internacionais e, obviamente, também a ética. O fato de que está sendo desenvolvida em segredo implica o laboratório em um escândalo que deve ser impedido a todo custo.

Estamos enviando esta mensagem agora porque nossas preocupações estão sendo ignoradas e porque o laboratório está prestes a começar a produção em massa da bactéria. Gostaria de reforçar que, uma vez liberada, a bactéria não vai parar dentro dos limites do nosso país e será impossível impedir que se alastre globalmente. Forneceremos mais informações

assim que possível. Este e-mail foi enviado para todos os jornais da Grã-Bretanha e organizações internacionais de notícias.

Esperamos que, depois de ler esta mensagem, o senhor trabalhe para divulgar este crime o mais rápido possível, e antes que seja tarde demais.

Atenciosamente,

Dr. Matthew Galloway, PhD. e Katherine Galloway, PhD.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-169

Ficaram em um silêncio horrorizado por um tempo.

— Bem — disse Kate por fim. — Eles definitivamente não eram traidores.

— Seja quem for que os impediu de enviar esta mensagem, também deve ter destruído os arquivos do laptop — concluiu Tom.

— Era gente com muito poder.

— Você acha que os chefes deles no Central Science podem ter feito isso? — perguntou Kate.

— Não sei.

— A verdadeira pergunta é: *por que* eles fizeram isso? — disse ela. — Eles obviamente queriam impedir que os Galloways contassem a qualquer um o que tinham descoberto sobre a bactéria. Ainda assim, essas informações vazaram depois da morte dos dois. Foi tudo divulgado pela imprensa. Eu li as matérias. Mas por quê? Por que matar Katherine e Matthew para calar ambos e depois espalhar a notícia mesmo assim?

— Porque depois que Katherine e Matthew fossem descobertos roubando a bactéria, o laboratório teria alguém para culpar — disse Matt lentamente. — Antes disso, o foco seria o motivo pelo qual o Central Science estava desenvolvendo tal bactéria, mas assim que Katherine e Matthew fossem considerados terroristas, o laboratório poderia culpá-los por tudo. Eles poderiam inventar que os dois tinham alterado a bactéria para que se tornasse uma arma biológica e que em seguida tentaram roubá-la. O laboratório seria completamente inocente.

Kate olhou para ele, chocada.

— Mas o que o Central Science planejava fazer *de verdade* com essa bactéria? Antes de tudo, por que eles a criaram?

— Eles nunca a usaram — interveio Tom. — Se tinham um plano, nunca o levaram adiante.

— Não faz diferença. Ainda precisamos descobrir — disse Matt. — Katherine e Matthew foram bodes expiatórios. Se descobrirmos a verdade por trás dos planos do Central Science, talvez a gente também consiga descobrir o que aconteceu com a sua tia e com o meu tio. Precisamos saber *exatamente* o que aconteceu.

Foram lendo os outros e-mails em silêncio, obstinadamente.

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: Q ue meeeerda
Enviado: 7 de junho de 2019 15:42:51 GMT

Matthew. Matthew, que merda.

Perguntei para Clare do laboratório de inseticidas no que ela estava trabalhando e tudo se encaixou, Matthew. Eles estão desenvolvendo venenos também!

Eu realmente não consigo lidar com isso, Matthew. Que merda... Talvez você não seja absurdamente paranoico e esteja certo. (' ° □ °) ' ^  Que merda.

K.

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: RE: Q ue meeeerda
Enviado: 7 de junho de 2019 16:10:36 GMT

A gente conversa em casa. Se sobrar tempo durante o seu total descontrole emocional, pode comprar leite?

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: RE: RE: Q ue meeeerda
Enviado: 7 de junho de 2019 16:11:10 GMT

Acho que eu tenho motivos mais do que suficientes para um descontrole emocional. Idiota!! Tá, vou comprar o leite. Vejo você mais tarde. K.

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: OK
Enviado: 19 de junho de 2019 19:15:02 GMT

Ok, então estou enviando o e-mail agora. Para todo mundo na equipe, certo? O que devo escrever? Acho mais adequada uma abordagem não detalhada, no caso de termos de recuar. Achei que eu estaria tendo um ataque agora, mas estou estranhamente calma em relação a tudo isso. Obviamente sou muito mais brilhante do que eu achava. K.

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: RE: OK
Enviado: 19 de junho de 2019 19:17:11 GMT

É, acho melhor não detalhar. Só diga que queremos uma reunião e que gostaríamos de contar com a presença de todos. Acho bom você estar calma. Mostra que estamos fazendo a coisa certa. Hum, também demonstra como você é brilhante. É claro... *cof, cof*
Você já acabou? Eu já encerrei por hoje.

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: Hum
Enviado: 20 de junho de 2019 13:05:22 GMT

Então, o dr. Smith veio falar comigo, Katherine. Ele queria saber qual é o assunto da reunião. Eu disse que estávamos preocupados com o trabalho no laboratório e ele disse que deveríamos tê-lo consultado primeiro, porque não era uma coisa que todo mundo precisava saber imediatamente. Ele nos disse basicamente para calarmos a boca. Você está livre às 16h? Ele disse que quer conversar com a gente nesse horário.

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: RE: Hum
Enviado: 20 de junho de 2019 13:10:29 GMT

Não parece bom. Na sala dele? Encontro você lá. Amo você. K

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: RE: RE: Hum
Enviado: 20 de junho de 2019 13:11:01 GMT

Eu também amo você.

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: atualização
Enviado: 21 de junho de 2019 16:36:02 GMT

Comecei a preparar o relatório. Você está certo. Temos que divulgar as informações. O risco que vamos correr com isso não importa mais, e se não fizermos isso agora, eles vão fazer algo mais sério do que puxar nossa orelha. Beijo. K

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: RE: atualização
Enviado: 21 de junho de 2019 17:05:49 GMT

Eu acho que a gente também deveria bisbilhotar um pouco e tentar reunir o máximo de provas enquanto ainda podemos. Você vai trabalhar hoje à noite? Beijo

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: RE: RE: atualização
Enviado: 21 de junho de 2019 17:32:59 GMT

Concordo. Depois do trabalho? Vejo você mais tarde. Não planejo trabalhar depois das 18h. Beijo, K

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-168

— Então — disse Tom, abrindo um novo arquivo no computador. Matt e Kate se viraram para ver a projeção na parede começar a se formar à medida que ele construía uma linha do tempo dos eventos. — Eles suspeitam de alguma coisa. Começam a investigar e descobrem que há algo estranho com alguns dos seus experimentos. Decidem falar com todos os colegas da equipe. São impedidos pelo chefe, mas não devem ter gostado da explicação dada por ele porque decidem ir a público. Tom continuou:

— Escrevem um relatório. Tentam enviá-lo por e-mail para diversos jornais, mas são bloqueados. Em algum momento a essa altura, começam a procurar mais informações, provavelmente no próprio laboratório. Enfim. Então a família descobre que os dois desapareceram e que a casa deles tinha sido revirada. Em seguida, os jornais noticiam que eles morreram e que são terroristas.

— Mas, antes de desaparecerem, eles deixam algumas coisas na casa das minhas avós, incluindo este computador — interrompeu Kate.

— É, bem pensado. Eles devem ter desconfiado de que seriam presos ou algo assim e quiseram proteger as provas. Aposto que não imaginavam que os chefes conseguiriam corromper os arquivos remotamente. — Tom acrescentou isso à linha do tempo.

— Então, as suas avós começam a importunar o laboratório que, por sua vez, envia soldados para assustá-las e fazê-las ficarem caladas — disse Matt, enquanto Tom escrevia suas palavras.

— Então, o que precisamos saber é — disse Kate pensando em voz alta — primeiro: o que Katherine e Matthew descobriram depois que tentaram enviar aquele e-mail e, segundo, onde descobriram.

— Acho que é seguro presumir que foi dentro do próprio Central Science. Era lá que estavam quando foram assassinados — respondeu Matt.

— Sim, mas eles realmente morreram da forma descrita nos jornais ou em uma data posterior? — sugeriu Kate.

— Bem pensado — disse Matt, acrescentando: — Em terceiro lugar, também precisamos saber o que aconteceu com a bactéria depois. Se o laboratório Central Science, ou quem quer que seja, estava disposto a matar para manter o segredo, então eu duvido que tenham simplesmente desistido e destruído a pesquisa quando tudo isso aconteceu. Precisamos descobrir como a bactéria foi liberada no laboratório e se os Galloways tiveram alguma coisa a ver com aquilo.

— A gente realmente quer se envolver com isso? — perguntou Tom, meio em tom de desculpa. — Tipo, Katherine e Matthew estão mortos. Não podemos ajudá-los. E não é como se o Central Science fosse liberar a bactéria agora. Já faz anos. Por que arriscarmos nossas vidas por causa disso?

— O fato de que não liberaram a bactéria não significa que não vão fazer isso um dia. Os responsáveis por isso ainda podem estar livres por aí — argumentou Matt. — Se eles planejavam usar a bactéria antes da guerra, então existem tantos motivos para fazer isso agora quanto existiam no passado. Nada mudou desde então. A Inglaterra está sempre à beira de uma guerra com a Europa. Não existe nada que impeça o Central Science de liberar a bactéria agora se eles quiserem.

— E eles tiveram anos para terminar de aperfeiçoá-la. Ela poderia destruir o mundo inteiro — acrescentou Kate. — E Katherine e Matthew são da família. Precisamos provar que são inocentes!

Tom suspirou.

— Vocês estão certos. É que isso é muito mais sério do que as coisas com que Spartacus se envolve. A gente realmente pode acabar sendo assassinado, se quem quer que seja que está por trás disso quiser manter o segredo a todo custo.

— Nós temos que investigar — insistiu Matt suavemente.

Tom assentiu, resolutivo.

Ambos olharam para Kate.

— Vamos nessa — confirmou ela.

Eles ficaram em silêncio por um tempo até que Matt soltou um suspiro de lamentação.

— Por onde começamos?

— Não sei — respondeu Tom. — Vocês encontraram mais alguma coisa no sótão? Algum cartão de memória ou sei lá?

Kate negou com a cabeça.

— Nada desse tipo. Isso foi tudo que encontramos no sótão, olha só. — Ela pegou a mochila e tirou todos os documentos: os diários e alguns livros antigos da faculdade.

Tom folheou o diário de Katherine que tinha a capa com menos purpurina. Continha crônicas de sua vida desde a época da faculdade. Kate não tivera a chance de olhar com atenção todos os diários.

— Então, o que significa o código? — perguntou ele.

Kate olhou para ele sem entender.

— Que código?

— Código? — repetiu Matt, levantando em um salto para ler por sobre o ombro do irmão. — Ai, meu Deus, Kate, está escrito em código.

As últimas cinquenta páginas não estavam escritas com a letra de Katherine, mas em um conjunto organizado de símbolos.

— Como é que não percebemos isso antes? — perguntou ela, olhando boquiaberta para as páginas.

— Isso tem que ter algum significado — afirmou Matt. — Talvez nos conte mais sobre o que o Laboratório Central Science estava planejando.

— Precisamos decodificar isso o mais rápido possível — disse Kate.

— Bem, por sorte, eu tenho um programa que faz justamente isso — disse Tom com um sorriso. — Acho que temos a nossa próxima pista.

CAPÍTULO TREZE



18) Ai, meu Deus, não! Minha esposa se dá bem com a sogra! Como pôde fazer isso comigo, mundo cruel?! Eu vou me jogar pela janela, não posso viver assim por mais um segundo sequer.

19) Não se preocupe, você sempre pode começar uma nova lista se realmente insiste em mandar na minha vida. Já percebeu que eu consegui fazer isso sozinho, e perfeitamente bem, por 26 anos sem precisar dos seus conselhos sobre higiene pessoal, estilo de vida e saúde física e mental, certo?

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-149

Varna, Bulgária, 1854

Katy estava admirando a vista. Agora que tinha saído do acampamento — que era uma área lamacenta e fétida nos arredores da cidade —, conseguia perceber que a paisagem era na verdade bonita. O terreno era coberto de flores do campo onde rebanhos de ovelhas e cabras pastavam, e o lago se estendia até as montanhas no horizonte.

Ela dormira muito bem na noite anterior, e quando acordou, já tarde, Matthew tinha saído. Foram apenas breves instantes de pânico, porque logo ele estava de volta, parecendo exausto ao dizer:

— Não encontrei comida em lugar algum.

— Isso é porque você é bonzinho demais, delicado como uma flor — afirmou ela, carinhosamente, e talvez com um toque de reprovação. — Deixe isso comigo.

Ela se encolheu no casaco que Matthew lhe emprestara porque havia um vento frio vindo do lago, mas, principalmente, porque ele tinha o cheiro de Matthew.

Um pequeno grupo de moradores negociava suas mercadorias com os soldados nos arredores do acampamento. Vendiam apenas cacarecos sem utilidade; o estômago de Katy implorava por comida.

Estava prestes a desistir e voltar para a barraca quando um jovem apareceu, colocando fardos de palha no chão para vender antes de voltar para a vila. Não demonstrou qualquer interesse por ela e caminhou devagar pela estrada imunda, obviamente aproveitando o tempo para um descanso. Alguns soldados tinham ido até a vila em busca de comida, mas nenhum tivera sorte e todos voltaram para o acampamento de mãos vazias.

Seguindo a intuição, Kate seguiu o garoto até a vila, onde o viu sumir atrás de uma loja. Ela entrou sorrateiramente pela porta da frente. Estava quase vazio lá dentro. Nas paredes, algumas prateleiras empoeiradas exibiam botas velhas e tigelas. Katy estava se virando para sair quando notou uma moradora conversando com o vendedor nos fundos da loja. Katy reconheceu o tilintar das moedas e se aproximou mais para observar.

O vendedor tirou um cachimbo da boca e enfiou a cabeça atrás da cortina velha e manchada que cobria a passagem para uma sala nos fundos da loja. Chamou alguém com impaciência. O garoto que Katy seguira chegou depois de um momento, esforçando-se para segurar uma sacola pesada. A mulher pegou a sacola e saiu da loja sem falar nada, de cabeça baixa. Katy sorriu. Havia comida ali *sim* — só era preciso saber onde procurar.

O vendedor notou Katy naquele momento. Em um inglês rudimentar, disse:

— O que foi, garoto?

Ela empinou o queixo e respondeu:

— Eu quero comprar comida.

— Não temos comida. — Ele se virou de costas e bateu no cachimbo, analisando a extremidade.

— Mentira.

Ele ergueu as sobrancelhas grossas, surpreso. Então, com o cachimbo de volta à boca, exibiu um sorriso cheio de dentes amarelados e quebrados.

— O que o faz dizer isso, garoto?

— O senhor acabou de entregar uma sacola de comida para aquela mulher. — Ela olhou bem nos olhos dele, desafiando-o.

— Roupas — limitou-se a dizer.

Katy se abaixou e pegou uma raiz coberta de terra que caíra da bolsa.

— O senhor vende roupas sujas? — perguntou Katy de forma tão direta quanto ele.

O vendedor soltou um som ininteligível, que ela esperava ser uma risada.

— Você é esperto demais para ser inglês, hein, garoto? O que quer?

Katy fez algumas moedas tilintarem no bolso para que o homem ouvisse e para encobrir o ronco do próprio estômago.

— O que o senhor tem para oferecer?

— Frango — respondeu ele, e depois fez uma careta, pensando. — E... Eu esqueci a palavra. Aquilo que faz a gente... — Ele esfregou uma das mãos no olho.

— Cebola — adivinhou ela depois de um instante de confusão.

Ele contou as moedas, ansioso, e então desapareceu atrás da cortina, voltando um pouco depois com uma sacola. Piscou para Katy ao lhe entregar a sacola e ela retribuiu o sorriso, sentindo-se vitoriosa.

Quando voltou ao acampamento, Matthew estava sentado no chão ao lado da barraca. Segurava uma caneca de café metálica e o caderno estava apoiado no colo.

— Bom dia — disse ela, roubando o café dele. Katy bebeu um gole, fazendo careta ao sentir o amargor. Depois, olhou por sobre o ombro dele, distraidamente baixando um cacho do cabelo dele que estava em pé. Então, notou o que estava fazendo e afastou a mão, envergonhada. Fora um gesto automático, quase um ato reflexo.

Matthew estava reescrevendo o próximo artigo que enviaria, usando algumas sugestões que

Katy oferecera. Ela sentiu uma pontada de culpa. O artigo estava perfeito, mas ela sabia que lorde Somerset não iria gostar da sinceridade a respeito das condições do acampamento, então, convencera Matthew a suavizar um pouco o tom. “Guarde essas informações para um próximo artigo”, dissera ela, “para quando tivermos visto mais do acampamento”.

Matthew inclinou a cabeça e sorriu para ela.

— Oi. Eu tenho um presente para você. — As palavras saíram como uma enxurrada, como se ele estivesse morrendo de vontade de contar para ela e não conseguisse esperar nem mais um minuto.

— Ah! Muito obrigada — disse ela, sem conseguir se lembrar da última vez que ganhara um presente de verdade.

Parecendo muito satisfeito consigo mesmo, ele lhe entregou um pacote embrulhado em papel pardo.

Katy rasgou a embalagem. Dentro dela, uma caneta tinteiro.

— Matthew!

— Eu queria que você tivesse o seu próprio equipamento para escrever — explicou ele, parecendo astuto de repente.

— Que gentil! Muito obrigada.

— Não precisa agradecer. Afinal de contas, você é minha assistente. É quase um requisito você ter seu próprio equipamento. — Ele parecia estar tentando convencer a si mesmo. — Além disso, eu prefiro que não use a minha caneta.

— O quê? Mas por que não?

— As canetas se adaptam à nossa pegada e, como você é canhota, isso pode afetar o funcionamento da minha.

— Como é? Você está dizendo que durante todo esse tempo estava preocupado que eu pudesse estragar a tua caneta?

— Não! Eu... eu pensei que talvez isso pudesse acontecer se você a usasse com frequência. Eu amo aquela caneta.

— Matthew!

Ele olhou para Katy com pesar, os olhos cheios de remorso.

Ela queria estar ofendida, mas acabou caindo na risada diante da expressão arrependida dele.

— Bastava ter me pedido para eu não usar sua caneta!

— Mas eu queria que aprendesses taquigrafia — admitiu ele, ainda chateado.

— Durante todo esse tempo você tem me observado escrever preocupado que eu pudesse estragar sua caneta? Que conflito de emoções! Teve pesadelos a respeito?

Ele assentiu, tristemente, e, depois, completamente sério, disse:

— Foi traumatizante.

— Eu não entendo você. Se tem tanto medo de estragar sua caneta, por que simplesmente não usa um lápis?

— Um lápis. Um lápis — disse ele cada vez mais horrorizado, olhando para o espaço vazio como se uma imagem horrenda se descortinasse diante dele. Matthew balançou a cabeça. — Algumas pessoas só querem que a nossa sociedade entre em colapso.

Ela começou a rir e ele abriu um sorriso para ela.

— Bem, independentemente dos motivos que o levaram a me dar este presente, muito

obrigada. Eu adorei de verdade. — Ela o abraçou, encaixando a cabeça sob o queixo dele e sorrindo em seu pescoço. Agora que não estava mais se sentindo culpado por causa da caneta, ele retribuiu o abraço, apertando Katy com força. Ela suspirou. Ser abraçada por Matthew era como estar de volta ao lar. Por fim, ele se afastou, pigarreando e passando as mãos no casaco.

— Então, teve mais sorte do que eu na busca por comida? — quis saber ele.

Ela quase tinha se esquecido.

— Ah, não muita — disse ela em tom casual, enquanto lhe entregava a sacola cheia.

Matthew ficou boquiaberto ao puxar o frango da sacola pelo pé, a ave ainda com as penas e de asas abertas. Maravilhado, fitou a comida e, depois, Katy. Ele a puxou pelo cotovelo, olhando para ela com uma expressão íntima e carinhosa no rosto.

— Mas onde você conseguiu tudo isso? Eu não... Você é extraordinária.

Ela tentou engolir em seco, mas não conseguiu. Não acreditava que ele estivesse olhando para ela daquele jeito — como se ela fosse maravilhosa — só por causa de um frango.

— Eu tenho os meus métodos — conseguiu responder por fim. Tentou soar misteriosa, mas a frase soou meio emocionada.

O olhar dele pousou nos lábios dela e, de repente, Katy acordou do devaneio e gelou por dentro. Instintivamente, pressionou o rosto no ombro dele, escondendo-se em um abraço apertado e nada romântico. Matthew estivera prestes a beijá-la, mas ela não poderia permitir, não quando escondia tanta coisa dele. Ela o apertou uma última vez e, quando o soltou, a expressão calorosa e suave tinha desaparecido do rosto dele.

— Então, frango para o jantar? — disse ela, animada, querendo que ele parasse de olhar para ela como se ela fosse um alvo móvel que precisava ser derrubado. A resposta dele foi um pouco desanimada, mas Katy tentou não se importar.

> Erro no cenário-tempo de 1854

> Primeiro objetivo não alcançado

> Preparar para possível intervenção

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate bateu à porta de Matt, equilibrando o café da manhã em um dos braços. Eles passariam a manhã tentando decodificar o diário que tinham descoberto na noite anterior. Tom dera a eles um programa que analisava o texto ao determinar a frequência com que cada símbolo aparecia e comparava os resultados com tabelas de dados das letras mais usadas em inglês. O programa, então, dava uma sugestão de correspondência entre cada símbolo e as letras do alfabeto.

Matt ainda devia estar dormindo, porque demorou um pouco para abrir a porta. Quando finalmente apareceu, estava apenas com a calça do pijama. Ele coçou a cabeça e ajustou os óculos. Claramente não tinha tido tempo de colocar as lentes de contato.

— Bom dia. — Ele pegou os pratos que ela equilibrava com mais dificuldade e a convidou para entrar. Largou os pratos sobre a escrivaninha, onde Kate os organizou. Tentou não ficar olhando para o peito nu dele, mas o movimento dos ombros enquanto ele vestia a camiseta era uma distração. Ele colocou um colete por cima.

— Trouxe café da manhã que peguei no refeitório. O leite acabou de novo. — Ela percebeu que estava tagarelando. — A última restrição às importações foi a pior. Eles me deram suco de maçã para colocar no meu cereal.

Ele resmungou alguma coisa e se sentou ao lado dela na cama para comer.

O programa faria o trabalho bem rápido, mas primeiro teriam de escanear todas as páginas e digitalizar o código manuscrito. Demorou um pouco para o programa reconhecer a letra, mas, por fim, a primeira página foi escaneada e estava pronta para ser decodificada.

Os resultados mostraram que havia três símbolos que apareciam com muito mais frequência do que os outros. De acordo com a análise, em inglês, esses deveriam ser os símbolos para “e”, “t” e “a”. Kate fez uma busca e substituiu os símbolos por tais letras. O sistema parecia funcionar porque, em alguns casos, o símbolo que ela substituiu por “a” era uma preposição, o que fazia sentido.

— Podemos presumir que o outro símbolo que aparece sozinho deve ser “i”, então, não é? — perguntou Matt.

— Bem pensado. E onde vemos “tµe” o “µ” obviamente é um “h”.

Eles foram avançando no texto, revelando aos poucos palavras inteiras e dando alguns chutes para preencher as lacunas. Às vezes erravam, mas era fácil detectar as palavras que não funcionavam. Cada nova letra decodificada resultava na descoberta de várias outras e logo o texto estava quase legível. Rolaram a tela para o início, para que pudessem ler o primeiro registo decodificado. Kate não conseguia esconder o sorriso de animação por terem conseguido aquilo.

5 DE JUNHO DE 2019

Decidi ser ainda mais fantástica e misteriosa ao escrever em código. Um dos motivos é porque, ultimamente, eu e M temos discutido algo que preciso escrever, mas não me sinto à vontade com a ideia de que alguém leia. O motivo principal, no entanto, é que escrever em código é a coisa mais legal do mundo. EU QUERO SER ESPIÃ. POR QUE NÃO SOU UMA ESPIÃ? ONDE FOI QUE A MINHA VIDA DEU ERRADO?

Então, apesar da profunda injustiça que o universo me aprontou ao me tornar uma cientista e pesquisadora em vez de uma espiã durona, eu tenho uma coisa meio assustadora para discutir. Durante o jantar de ontem, M me disse que vem conversando sobre seu trabalho com Mick, do laboratório de esporos. (Chocante, eu sei, mas guardem um pouco de animação para daqui a pouco, gente.)

Enfim... Achei que ele fosse mencionar a história de filhos de novo, considerando que me levou para jantar num lugar chique e me pediu para usar um vestido sexy que ele adora. Mas, não. Em vez disso, aparentemente ele gostaria de discutir a respeito de um dilema perigoso e que mudaria muitas vidas. Ao que tudo indica, filhos vão ter que esperar até que isso tenha sido resolvido.

Então, SIM, eu não estava realmente prestando atenção quando ele começou a falar de Mick, considerando que é UM ASSUNTO EXTREMAMENTE CHATO PARA SE CONVERSAR — ÓTIMA MANEIRA DE QUEBRAR O CLIMA, M —, mas então ele disse uma coisa muito séria que me pegou totalmente de surpresa.

Parece que Mick contou para M sobre a sua nova proposta de pesquisa, para a qual ele torcia que houvesse financiamento. A pesquisa se concentra no comportamento dos esporos de um fertilizante quando radiados. Ele estava falando para M sobre a proposta de financiamento e mencionou o antraz como exemplo de pesquisas anteriores sobre esporos bacterianos.

M, que aparentemente vinha esse tempo todo escondendo o fato de que é uma espécie de Sherlock Holmes, de repente percebeu como a nossa bactéria é semelhante ao antraz. Percebeu também que, com alguns poucos ajustes, os nossos esporos fertilizantes talvez tivessem um efeito muito semelhante em

mamíferos expostos ao antraz, que, como sabemos, é uma ARMA BIOLÓGICA.

Enquanto M ainda estava pensando nisso e fazendo algumas pesquisas, recebemos um e-mail do alto escalão do laboratório sugerindo que concentrássemos nosso trabalho em uma propriedade específica da bactéria — uma que a tornaria ainda mais perigosa, de acordo com M. Isso fez com que os alarmes na cabeça de M disparassem, tipo: O QUE ESTÁ ACONTECENDO, SERÁ QUE ESTOU DENTRO DE ALGUM TIPO DE FILME LOUCO DE ESPIÕES? NÃO. NÃO PODE SER.

Ele ainda não disse nada para ninguém a respeito disso porque queria saber a minha opinião primeiro. Isso por saber muito bem que, se ele estivesse apenas sendo paranoico, naturalmente eu acabaria com ele e pisaria em seus restos mortais até despedaçar-lhe totalmente o ego. Mas acabei concordando com ele: aquilo tudo era muito estranho.

Putz, é muito difícil traduzir os meus pensamentos idiotas em código. Eu realmente preciso começar a editar o fluxo de pensamentos do cérebro à boca (hã, caneta? Mão?).

Por que o Central Science financiaria a pesquisa de um fertilizante capaz de produzir esporos que poderiam matar mamíferos? Mesmo que inicialmente déssemos a eles o benefício da dúvida, o trabalho se tornou tão focado nesse aspecto que não tinha como aquilo ser uma coincidência. Eles deviam saber o que estavam fazendo.

Obviamente, tudo isso é um experimento perfeito para um vilão de Hollywood com um laboratório tecnologicamente inverossímil e que não opera de acordo com as leis conhecidas do universo, mas existe um pequeno problema: nós não trabalhamos para um vilão horrível com cabelo armado e macio no estilo Einstein. Nós trabalhamos para o CENTRAL SCIENCE!

O alto escalão fica preocupantemente animado com o aspecto da proteção da colheita. Não, sério! Eu tenho recordações, que chegam a ser quase fisicamente dolorosas, de me sentar para tomar café com consultores seniores e ouvi-los vomitar arco-íris de alegria diante da perspectiva de uma bactéria que proteja adequadamente algum tipo obscuro de pera que só existe na Sicília contra um tipo raro de mosca que vive na Malásia. ELES SÃO IDIOTAS, NÃO VILÕES DO MAL. Embora todos tenham cabelo macio e

bonito.

Então, sim. Partindo do princípio que eles não estejam tentando construir uma arma com alto poder de destruição contra a humanidade (o que, sejamos honestos, É LÓOOOOGICO QUE ELES NÃO ESTÃO, seja lá o que M diz), isso não faz o menor sentido!! O que eles sequer fariam com uma bactéria desse tipo? Eles não poderiam, tipo, vendê-la para algum país como uma arma ou coisa assim.

Se liberassem essa bactéria em qualquer lugar, ela simplesmente se espalharia e mataria todos os animais e seres humanos em TODOS OS LUGARES. Ela mataria todo mundo. Qual seria a utilidade de uma arma assim? As armas nucleares têm ao menos algum tipo de controle!

De qualquer forma, M insiste que devemos “investigar” mais a fundo, ou como ele gosta de falar, “KATHERINE DARIA UMA ÓTIMA DETETIVE. VAMOS PROVAR ESTA TEORIA USANDO A CIÊNCIA”. Basicamente, M vai revisar todos os testes que fez e ver se alguma coisa sobressai, e eu vou sondar o pessoal durante o café para ver se o projeto de mais alguém está seguindo em uma direção inquietantemente maldosa.

Suspiro.

Nada de bombas, nem tiroteio ou mulheres seminuas. Ao menos, não por enquanto.

CAPÍTULO CATORZE

Nova mensagem de “Katherine”

Você é ridículo e eu amo você.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-150

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate acordou em uma cama estranha, enrolada em um cobertor. Encolhido, Matt dormia virado para ela. Tinham adormecido enquanto esperavam o programa terminar de decodificar o restante do diário. Observou-o enquanto dormia tranquilo, resistindo ao impulso de acariciar o cabelo dele. Então, Matt roncou alto e desfez o encantamento. Ela sorriu, relutantemente afeiçoada por ele, e se virou.

Provavelmente deveria ir para o próprio quarto, mas não conseguiu se obrigar a levantar. Ligou o tablet. Tinha três mensagens de amigos e uma chamada perdida da mãe. Ignorou tudo. Entraria em contato depois. Não queria interromper aquele momento. Era tão certo estar ali: sonolenta e ouvindo a respiração relaxada de Matt. Sentia pertencer àquele lugar, como se devesse ter estado ali desde sempre.

— Você não é um zero à esquerda — murmurou ele durante o sonho.

— Obrigada pelo apoio — provocou ela.

Ele riu, reagindo ao tom brincalhão de Kate mesmo enquanto dormia. Ela enterrou o rosto no travesseiro dele, abafando o riso. Ela sempre adorava quando ele fazia aquilo.

Um som alto invadiu o sono de Kate e ela gemeu, sem se dar ao trabalho de abrir os olhos. Aconchegou-se mais a Matthew, puxando o cobertor por cima do ombro. Estava frio no castelo.

— Já começou? — murmurou Kate. — Ainda nem amanheceu.

— Eu não sei — murmurou ele, puxando-a para mais perto de si. — Mas era de se imaginar que Carlos esperaria até o amanhecer.

— É muita falta de consideração da parte dele — declarou ela no meio de um bocejo. — O que ele acha que está fazendo? Sitiando a cidade?

Matthew riu, e o som a despertou por completo.

— Ah, foi só o seu despertador — disse ela e, então, parou. *Despertador? Castelo?* Por que essas coisas continuavam acontecendo, esse... deslocamento? Seus sonhos não costumavam ser tão vívidos assim.

Matthew se virou atrás dela.

— Eu não preciso trabalhar hoje. Vamos dormir mais um pouco — disse ele, beijando o pescoço de Kate. Ela inclinou a cabeça, dando-lhe mais acesso, e então congelou. Matt e ela nunca tinham sequer se beijado, que dirá fazer uma coisa como aquela, seja lá o que fosse.

— Matt? — chamou ela com voz fraca.

Ele ergueu a cabeça.

— Hã? — respondeu ele, olhando para ela como se não fizesse a menor ideia de qual era o problema, e ela teve que olhar ao redor para se certificar. Sim, definitivamente estavam no quarto de Matt no dormitório da universidade. Não, eles definitivamente não tinham feito nada como aquilo antes.

— Acho que acabamos pegando no sono ontem à noite — explicou ela.

Ele olhou para ela e depois fechou os olhos com força, sacodindo a cabeça para clarear os pensamentos. Finalmente, *finalmente*, ele a soltou.

— Certo. Sinto muito. Eu estava sonhando.

— É. Eu também.

> As camadas embutidas de lembranças parecem estar confundindo os sujeitos

6 DE JUNHO DE 2019

Uma atualização da nossa Investigação Secreta e Provavelmente Sem Sentido: M reviu os relatórios e, se olharmos para a pesquisa como um todo — desde os estágios de desenvolvimento até os testes finais do fertilizante —, não há como negar que a coisa é suspeita. É algo que está realmente acontecendo.

..... sim, então a teoria idiota de M parece se sustentar. QUAL É O PROBLEMA DESTA VIDA E POR QUE ISSO ESTÁ ACONTECENDO COMIGO?

Espero que apareça logo alguma coisa para provar que estamos errados ou as coisas não vão acabar bem, não apenas porque M vai se achar um detetive genial e ficar todo convencido a respeito disso, o que pode ser péssimo para o mundo como um todo. Eu amo Matthew, mas ele realmente não compreende o quanto é inteligente, sexy e brilhante de modo geral. Se ele fizesse ideia disso e começasse a agir de acordo com suas qualidades, eu estaria ferrada. (Literal, metafórica e categoricamente.)

Eu realmente não consigo levar isso a sério. É horrível demais. Mal consigo reunir forças para pensar no que essa bactéria poderia causar. Imagine um mundo onde o pior tipo possível de doença bacteriana pudesse viajar pelo espaço aberto. Imagine-a se espalhando pelo país, matando tudo em seu caminho, todo o ecossistema, desde as abelhas até os seres humanos, dizimando continentes inteiros.

Não poderíamos destruí-la. Não teríamos tempo suficiente para desenvolver uma vacina, não diante da velocidade com que a bactéria se espalharia. Não haveria nada a fazer a não ser fugir. Mesmo se apenas uma única bactéria fosse liberada, ela teria o potencial de se espalhar pelo mundo inteiro. Não sobraria nada. Droga! Por que nós não simplesmente viramos fazendeiros como M sempre quis fazer? A vida seria bem mais fácil.



Códex/v1/Cenário-tempo-1745/Doc-4

Observação do arquivo: rota da marcha do exército jacobita, do desembarque nas ilhas britânicas até Carlisle, durante a invasão da Inglaterra em 1745

Carlisle, Inglaterra, 1745

Desde que tinham feito as pazes, naquele dia nas muralhas do castelo, Matthew e Katherine ficaram cada vez mais próximos. Matthew parecia não conseguir tirar os olhos dela por um minuto sequer. Ele sustentava todos os olhares até que Katherine desviasse os olhos, sem conseguir corresponder à intensidade dele. Estava apaixonada por Matthew, mas não sabia se estava preparada para fazer alguma coisa a respeito, não quando o resultado causaria tanto tumulto. Mesmo se os tios não a deserdassem, ainda assim seria um escândalo.

Matthew parecia compreender a hesitação dela, mesmo que nunca tivessem discutido o assunto abertamente. Ele aguardava com paciência que Katherine fizesse sua escolha. Tudo dependia dela. Até que decidisse, eles aproveitavam uma trégua velada — que envolvia uma quantidade de toques que excedia a descrição de algo puramente platônico — e muitas noites

insones, pelo menos da parte de Katherine.

Mas a insônia não era apenas provocada por Matthew. Katherine também estava preocupada com a invasão jacobita. Os rebeldes aproximavam-se rapidamente da Inglaterra e, certa manhã, quando a geada começava a colorir os campos de um tom suave de cinza, avistaram cavaleiros nas montanhas fora dos muros da cidade. Katherine e Matthew estavam na despensa do castelo.

— Os rebeldes chegaram! — exclamou um soldado, horrorizado. Katherine saiu da despensa e viu um grupo de homens correndo até as muralhas. — É cedo demais! O exército ainda não se reuniu para defender a Inglaterra.

Katherine voltou ao cômodo, onde Matthew estava totalmente concentrado em empilhar potes de feijão. Pegou-o pela mão, acariciando-a com o polegar, e seguiram os soldados até as ameias. Solto a mão dele assim que saíram para a luz ofuscada do sol.

Durand olhava para as margens do rio por um telescópio. Estava cercado de gente: homens da milícia, assustados, e das tropas do castelo, mais calmos. Katherine apertou os olhos para tentar ver o que eles estavam vendo. Conseguiu discernir apenas uma tropa parada de cavalos. Certamente os cavaleiros tinham sido enviados para avaliar as defesas da cidade. Matthew puxou Katherine pelo cotovelo, para um degrau de onde ela poderia ver melhor, e postou-se ao seu lado, uma das mãos apoiada discretamente nas costas dela.

Katherine estava contando o número de cavaleiros quando sentiu algo passar zunindo pelo seu ouvido e, então, um pedaço de pedra se desprende da parede atrás deles com um barulho forte. Ela gritou, abaixando-se atrás do parapeito enquanto a poeira assentava em sua cabeça.

— Os malditos estão atirando em nós! — gritou Durand, virando-se para um dos seus atiradores. — Abra fogo!

O atirador estava paralisado de medo. Tinha se agachado e protegido a cabeça com os braços. Katherine olhou para os soldados à sua volta. Todos aterrorizados demais para se mover. Sem parar para pensar, correu em direção ao canhão, e de uma pilha ao lado dele, levantou uma bala pesada.

Matthew chegou para ajudá-la a enfiar a munição no cano e apontar para os rebeldes. Mas bem na hora em que Katherine se preparava para atirar, alguns fazendeiros guiando o gado passaram na frente dos soldados inimigos.

— Maldição! — exclamou Durand. — Não atirem!

Todos nas ameias prenderam a respiração à espera de que os fazendeiros saíssem do caminho. Os cavaleiros rebeldes se certificaram de manter uma barreira de inocentes entre eles e quaisquer possíveis balas de canhão.

Por fim, os fazendeiros seguiram e, com um aceno de Durand, Katherine acendeu a pólvora para lançar a bala de canhão pelos campos, provocando uma explosão ensurdecedora que a fez pular. Quando a fumaça se dissipou, os rebeldes tinham recuado, aparentemente sem ferimentos.

O coronel Durand suspirou, decepcionado.

— Boa tentativa, rapazes. Creio que não voltarão a atacar esta noite. Soldados, eu espero mais coragem da próxima vez! Nesse meio-tempo, certifiquem-se de que as sentinelas fiquem em vigia constante a partir de agora. Assegurem-se de que não haja qualquer iluminação após o anoitecer e digam para as sentinelas não destrancarem os portões pela manhã. A não ser que queiram escoceses invadindo a nossa cidade.

Os soldados da tropa assentiram e foram cumprir as ordens. Durand, então, voltou-se aos

soldados envergonhados, todos de cabeça baixa.

— Agora, quanto aos senhores. Que vergonha! Uma criança teria demonstrado mais coragem!

Katherine e Matthew trocaram um sorriso, incrivelmente orgulhosos de si mesmos.

Quando ficou claro que os rebeldes não voltariam naquele dia, saíram do castelo. Katherine estava agitada no caminho de volta para casa, uma mistura de euforia e tensão que a fazia praticamente saltitar pelas ruas movimentadas. Matthew estava um pouco mais controlado, porém, mesmo ele não conseguia parar de falar. Eles discutiram a breve batalha incessantemente, até que soasse tão perigosa quanto teria sido uma batalha corpo a corpo.

— Eu nunca imaginei que teria a chance de dar um tiro de canhão! — exclamou Katherine, apoiando-se na porta do estábulo enquanto Matthew dava o jantar dos cavalos. Ela passava o peso do corpo de um pé para o outro e não conseguia parar de falar.

Então, notou certo alvoroço vindo da casa. Despediu-se rapidamente de Matthew e entrou discretamente pela cozinha. Ao passar pelo local, fez uma careta ao ouvir a voz da tia entoando um fluxo contínuo de ordens. Katherine subiu correndo pela escada dos fundos para tirar aquela roupa e colocar um vestido. Tia Elizabeth entrou no quarto bem na hora em que ela estava enfiando as roupas de Matthew no armário.

— Kathy, onde estiveste? — perguntou a tia. — Chama uma das criadas e arruma tuas malas imediatamente. A cidade está sendo atacada!

— Nós não podemos *partir*! — exclamou Katherine, horrorizada.

— É claro que podemos, Katherine. Não ficarei aqui sentada esperando que esses escoceses imundos matem a minha família. — Elizabeth estava quase chorando de medo e de raiva.

— Eu não partirei convosco — declarou Katherine, decidida. — A cidade tem defesas. Alguns cidadãos vêm trabalhando há meses para garantir que estejamos prontos para resistir a um ataque. Vamos deter os rebeldes, tia. Não fugirei como uma covarde.

A mandíbula de Elizabeth se contraiu e seu rosto empalideceu de fúria.

— Katherine Finchley, tu ficarás com esta família. Não a deixarei aqui em uma casa vazia enquanto os escoceses fazem o que bem entenderem. Tu serás... atacada!

— Pois eu ficarei, Elizabeth — declarou Katherine com firmeza.

A tia respondeu em tom sério:

— Ao longo desses meses, eu permiti que tivesses espaço e liberdade para que vivesses o luto por tua avó. Tentei apoiar-te e não te reprimi. Cheguei a permitir que supervisionasses pessoalmente a casa dela com privacidade, mas eu não deixarei que faças isso. Tu vais embora conosco, nem que eu mesma tenha que te arrastar até a carruagem.

> Alocação do sujeito “ELIZABETH” pode causar atrasos no cenário-tempo de 1745

> Pedido de intervenção

>> Pedido negado

CAPÍTULO QUINZE

KitKat 16:11:33 Eu quero que você dê aquela empinadinha de perna.

Gallows Humour 16:13:28 Hein?

KitKat 16:13:56 Igual nos filmes. A garota dá uma empinadinha e uma sacudida na perna para mostrar como o beijo foi bom. Da próxima vez que nos beijarmos, acho que você deve fazer isso.

Gallows Humour 16:14:11 Por que não faz você? Você é a garota.

KitKat 16:14:36 Garotos também podem dar uma empinadinha de perna! IGUALDADE ENTRE OS SEXOS!

KitKat 16:14:46 (ノ°□°)ノゝ 

Gallows Humour 16:15:01 Para de usar esse emoticon em tudo! Eu juro que ele nem é engraçado.

KitKat 16:15:27 Enfim, a questão é que se você fizer isso eu vou poder dizer que o meu beijo é digno de uma empinadinha de perna. Não posso fazer com que a minha própria perna reaja.

Gallows Humour 16:15:52 Mmmm. Só estou imaginando a cena...

KitKat 16:16:10 NO TRABALHO DE NOVO, NÃO

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-155

Varna, Bulgária, 1854

Katy olhou horrorizada para os pacientes. Estavam sujos, deitados em catres de palha na barraca que servia como hospital no acampamento em Varna. O lugar era imundo. O chão, uma massa fétida de palha com esgoto correndo por baixo, misturava-se ao fedor de doença. Ela e Matthew esperavam pelo médico que concordara em dar uma entrevista sobre o surto de cólera que se espalhava pelo acampamento.

— Se está assim *agora* — sussurrou ela olhando para o hospital —, imagine quais serão as condições quando as batalhas começarem e os enfermeiros tiverem de cuidar de uma avalanche de feridos. — Ela jamais imaginara que um hospital de campanha pudesse ter condições tão precárias.

Matthew assentiu.

— Espero tornar as condições melhores até lá.

— Como? Publicando sobre isso no jornal?

— Exatamente. — Matthew sustentou o olhar dela. Toda incerteza que sentia por ter de espioná-lo triplicou de repente. Matthew só estava tentando ajudar e, considerando o estado daquele lugar, o exército precisava desesperadamente de ajuda.

Katy ficara surpresa naquela manhã, quando Matthew pedira que ela o acompanhasse até o hospital.

— Você ainda é minha assistente — explicara ele quando ela perguntara o motivo. — Mesmo que inesperadamente tenha se revelado... mulher.

Em pé, naquele hospital de campanha, desejou mais do que nunca que Matthew a deixasse para trás quando fizesse o seu trabalho. Não queria mais espioná-lo.

— A maioria dos problemas tem a ver com a falta de equipamentos — continuou Matthew. — Eu posso mudar isso ao levar a questão à atenção do público, para levantar fundos.

— Ah! — Aquilo fazia sentido. Por que lorde Somerset era tão contra Matthew?

— Onde estão todos os médicos? — perguntou Matthew.

Ela olhou em volta, percebendo de repente que, além dos muitos pacientes, a enfermaria estava completamente deserta.

— Deveria haver pelo menos enfermeiras de plantão — respondeu ela.

— Enfermeiras não são permitidas — explicou Matthew, parecendo resignado. — Antes que diga qualquer coisa, também acho isso ridículo. Os franceses permitem. Também pretendo mudar isso.

— Espero que sim. Bem, vamos tentar fazer alguma coisa de útil enquanto esperamos o médico — disse Katy, arregaçando as mangas. — Será que devemos dar água e comida para eles?

Por um momento, achou que Matthew fosse ficar zangado com ela, mas, então, ele disse com um tom de carinho exasperado:

— Você é... é tão... — Ele parou de falar e mordeu o lábio. — Sim, vamos fazer isso. Acho que os suprimentos ficam na barraca ao lado.

Ao retornarem da despensa com alguns poucos alimentos, entregues a eles com má vontade pelo soldado de plantão, encontraram o médico.

— Bom dia — cumprimentou ele, erguendo-se depois de examinar um paciente. — O que os senhores estão fazendo?

— Achamos que poderíamos fazer alguma coisa útil enquanto aguardávamos pelo senhor — explicou Matthew.

Katy se virou para Matthew e disse:

— Deixe esses suprimentos comigo. Vou distribuí-los enquanto vocês conversam.

Três horas depois, foram embora com várias páginas de anotações sobre os problemas do hospital e algumas ideias para melhorias simples que poderiam ser feitas.

— Definitivamente você deve relatar tudo isso ao seu editor — disse Katy para Matthew.

Ela não estava mais preocupada com lorde Somerset. Aqueles homens precisavam de ajuda. Muitos deles não comiam desde a noite anterior. O exército deveria agradecer Matthew pela ajuda em vez de tentar impedi-lo.

Naquela noite, Katy voltou das latrinas e encontrou Matthew na barraca, deitado na cama improvisada no chão, de olhos fechados. Estava tentando evitar a discussão sobre quem ocuparia a cama ao fingir que estava dormindo.

— Isso não vai funcionar, Matthew.

Ele se mexeu e se virou de bruços, puxou o cobertor e cobriu a cabeça como se a simples presença dela estivesse atrapalhando o sono dele.

Ela revirou os olhos e o cutucou com o pé.

— Eu não estou acreditando nessa cena.

Como ele não deu nenhuma resposta, ela disse:

— Tudo bem. Como você já está dormindo, então não vou precisar sair para colocar meu pijama, certo?

Ele abriu um dos olhos.

— Mas você já está de pijama.

— E você está *acordado*.

Ele bocejou de forma dramática e cobriu o rosto com a mão.

— Estou cansado demais para me mexer. Por favor, não seja cruel me fazendo levantar agora.
— Porque seria absolutamente horrível da minha parte obrigá-lo a dormir na cama?
— Exatamente — murmurou ele com o rosto enfiado no braço. Ela suspeitava que Matthew escondia um sorriso.

Então olhou para ele e, depois, para o catre macio e acolhedor no qual dormira tão bem na noite anterior. Tinha até um travesseiro de verdade e tudo mais. Não conseguiu resistir e se deitou.

— Mas não pense que essa cena vai funcionar todas as noites — avisou ela.

— Você pode me compensar com um café da manhã quentinho — murmurou ele, sonolento.

Ela bocejou alto como resposta e, depois, se espreguiçou.

— O dia de hoje foi muito longo e difícil, Matthew. Passei muito tempo à procura de suprimentos para a minha família. Tenho praticamente sido uma *caçadora-coletora*. Acho que não vou conseguir me levantar amanhã.

Apesar de já estar quase dormindo, Matthew riu, quase como se por reflexo.

POST  OFFICE			Charge	Counter Number
INLAND			Chargeable Words	
TELEGRAM			Actual Words	Matthew
DATA	RECEBIDO EM			
16 junho 1854	Acampamento de Varna			
MUITO SATISFEITO COM O ÚLTIMO ARTIGO PONTO				
REPORTAGENS SEM RESTRIÇÕES SÃO ANIMADORAS				
PONTO PROVOCANDO MUITAS CONTROVÉRSIAS PONTO				
OUTROS JORNAIS NÃO TÊM NADA COMPARADO COM				
O THE TIMES PONTO LIDO POR MILHARES COM				
INTENSO INTERESSE PONTO BOM TRABALHO PONTO				
Please write on the back of this form, the telephone number, or name and address of the sender, if not to be telegraphed				



Os primeiros exemplares do The Times chegaram às minhas mãos e preciso dizer que estou decepcionado com o seu trabalho até o momento. Recebi muitas cartas de soldados preocupados. Eu contratei você para garantir que não precisasse me preocupar com isso.

Acreditei ter deixado bem claro o que esperava de você: artigos sem nenhuma informação detalhada, que colocassem a administração do exército na melhor posição possível.

Espero não ter depositado minha confiança na pessoa errada. Não me decepcione novamente.

Lorde Somerset

Kate voltou para o quarto de Matt e o encontrou ainda lendo páginas do diário. Tinham trabalhado naquilo a manhã inteira. Ela lhe entregou um prato com uma torrada para o almoço.

— Consegui manteiga de amendoim para você — disse ela.

— Ah, valeu! Amo manteiga de amendoim.

— Eu... sei — disse ela, dando de ombros. Já estava começando a se acostumar a simplesmente saber coisas a respeito de Matthew. — O que mais diz aí?

— Nada que já não soubéssemos. Katherine está falando sobre conversar com outras pessoas da equipe sobre o que está acontecendo. Ela deve ter escrito isso um pouco antes de terem decidido mandar aquele e-mail para convocar a reunião. — Ele pegou uma caneca de chá e tomou um gole. — Precisamos nos apressar para ler o resto. Vamos nos encontrar com Tom em meia hora.

— Eu mal posso esperar — provocou ela.

A expressão no rosto de Matt congelou em um sorriso educado. Katherine riu e abaixou um pouco a cabeça para olhar diretamente nos olhos baixos dele.

— Ei — disse ela baixinho. — Você sabe que a gente só está implicando com você, não sabe? Matt, eu não estou interessada no Tom. — Ela engoliu em seco, nervosa. — Estou interessada em *você*.

Ele não disse nada. Ela mordeu a torrada para preencher o silêncio, tentando parecer casual e não como se estivesse se rasgando por dentro.

— Kate — disse ele, tão baixo que mal dava para escutar.

Ela não respondeu, tomada por um pânico repentino. Será que tinha interpretado errado todos os sinais? Será que tinha acabado de se colocar no papel de idiota completa?

— Você sairia comigo? — perguntou Matt.

Kate não conseguiu evitar um enorme sorriso.

— Lógico! — respondeu, sentindo-se acender por dentro.

Matt ficou apenas olhando para ela, feliz.

— Só para deixar registrado, quem deu o primeiro passo fui eu, ok? — insistiu ela, observando Matt com os olhos brilhando.

— Pode acreditar nisso se fizer você se sentir bem — concordou ele tranquilamente, puxando-a para si. Ele roçou os lábios nos dela e depois a beijou com mais intensidade, como se não conseguisse se controlar.

> Primeiro objetivo alcançado no cenário-tempo de 2039

> Sistema progredindo como o esperado

Kate estremeceu subitamente ao ser tomada por um *déjà vu*. De uma só vez, conseguiu ver tudo de forma muito clara. Ela já tinha feito aquilo antes, *exatamente* aquilo.

Matt já a beijara antes, exatamente como a estava beijando agora. Só que... tinha sido diferente. *Ele* estava diferente, um pouco mais alto do que ela, e por isso colocara a mão no queixo dela para erguer o seu rosto até a altura do beijo. Estava aconchegada junto a ele como fizera antes, o corpo relaxado e completamente entregue. Ele recuou, os lábios entreabertos por causa do beijo. Tinha sido curto demais, mas muito doce. Kate queria mais e pressionou novamente os lábios contra os dele, relutante em se afastar.

Ao se abrirem, os olhos dela encontraram os dele. Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela, distraíndo-a um pouco. *O cabelo dela estava curto, caindo na altura dos olhos em um corte que só usara na infância. As roupas de Matt eram ásperas contra a sua pele de uma forma não usual aos tecidos sintéticos. Sentiu o cheiro de fumaça no ar em torno deles, cheiro de tabaco antigo. Ela quase não reconheceu o odor: cigarros tinham sido banidos e eram quase impossíveis de se encontrar.*

— Aposto que Lloyd George não beijava *assim* — disse Kate, alegre.

— Vou considerar isso um elogio — respondeu Matt.

Ela se afastou rapidamente. Eles ficaram olhando um para o outro.

— O que você disse? — perguntou ele.

— Nada. O que você disse? — perguntou ela.

— Sei lá... — Ele fez uma pausa. — Fez sentido na hora.

Kate não conseguiu pensar em nenhuma resposta. Na sua cabeça, continuava vendo Matt com roupas de época, lindo de morrer. Ficaram se olhando, ambos perdidos em pensamentos. Por fim, ele desviou o olhar, franzindo a testa e olhando para o chão. Claramente tinha decidido que não queria mais discutir o assunto.

Kate achou que seria melhor fazer o mesmo. Pelo menos, refletiu ela, aquilo tinha servido para diminuir a inevitável estranheza de um primeiro beijo. Mas esperava que não acontecesse da próxima vez. Tinha perdido completamente a emoção do beijo em si.

— Hum, vamos voltar ao diário? — sugeriu Matthew.

— Claro — concordou ela, aliviada.

Enquanto liam o material, Matt ficava olhando para ela, mas Kate não conseguia olhar para ele. Sua mente estava cheia de ideias malucas. Por que aquele beijo parecera tão familiar? Por que ela ficava imaginando Matt em diferentes períodos históricos, tanto nos sonhos quanto acordada? Estava a um passo de contar a ele sobre suas suspeitas em relação à magia e reencarnação e viagem no tempo; a única coisa capaz de mantê-la sob controle era se concentrar no diário de Katherine. Ela realmente torcia para que surgisse logo uma explicação, porque aqueles deviam ser os sinais de que uma pessoa está ficando maluca.

A sensação não se aplacou. À medida que liam mais e mais registros de Katherine, Kate sentia que já tinha visto o fim daquele filme. Parecia saber o que Katherine tinha escrito antes de ler.

Então, Matt a beijou de novo, abraçando-a como se não conseguisse mais esperar. Foi um beijo rápido, quase um “selinho”. Ela ficou tensa, esperando ter outra visão. Matt parecia estar esperando o mesmo e, depois de um tempo, ele a beijou de novo, dessa vez, mais profundamente, segurando o rosto dela e puxando-a para si. Os lábios dele eram macios e tinham gosto de chá.

Ela relaxou contra o corpo dele, aproveitando o momento. Ainda parecia que já tinham feito aquilo várias vezes, embora aquele fosse praticamente o primeiro beijo deles. No entanto, tudo que vinham fazendo parecia uma repetição de algo que já tinham feito muitas vezes antes.

Beijaram-se por um longo tempo, um descobrindo — ou redescobrando — os lábios do outro. Por fim, se separaram, encostando as testas e apenas respirando juntos.

— Eu esperei tanto tempo por isso — disse ele, mordiscando levemente o lábio inferior de Kate, apenas um roçar do dente contra a pele sensível.

Ela ofegou, atordoada, tentando se lembrar de qualquer outra coisa que não fosse o formato da boca dele contra a dela.

— Eu também — disse ela quando conseguiu recuperar o poder da fala.

11 DE JUNHO DE 2019

M tem estado muito ocupado desde a última vez que escrevi — e com isso eu quero dizer que nem me lembro mais como ele é —, e como eu sou ridícula e dependente, estou com saudade daquela cara idiota dele, mais do que deveria, por causa de apenas seis dias de horários que não bateram.

E não está rolando sexo! Nadinha! A gente meio que resmunga alguma coisa para o outro à noite e caímos de cara na cama, ainda vestidos, e nos recusamos a nos mexer até a manhã seguinte, até que o despertador nos arranque de um sono exausto, muito semelhante a um coma.

Seis dias! Deve ser algum tipo de recorde horrível e que nunca mais deve ser repetido.

SE SER CASADO É ASSIM, ENTÃO, EU QUERO O DIVÓRCIO. E depois, sexo.

No entanto, hoje encontramos um tempinho para conversar sobre as repercussões disso tudo. (Isso tudo que está acontecendo no trabalho, não a nossa falta de sexo). Acho que não preciso nem dizer que não podemos permitir que essa pesquisa continue sendo realizada no Central Science, mesmo que de forma accidental. Mas a questão é: devemos confrontar a diretoria ou presumir que o assunto é sério e procurar a polícia? No entanto, se formos a público e estivermos errados, o país inteiro vai nos odiar, não é mesmo? Nós vamos deflagrar uma crise nacional por causa da paranoia ridícula de M! Já existe muito pânico no momento por causa das recentes ameaças de bomba, não precisamos acrescentar um alarme falso na mente aterrorizada da população.

De qualquer forma, teremos que contar para alguém. Embora a gente meio que já saiba o que está acontecendo, acho que precisaremos fazer algumas investigações ilícitas no escritório. O que não parece mais tão excitante agora que eu realmente vou ter que fazer. Estou morrendo de medo para ser sincera.

Mesmo assim, é dessa forma que a vida tem sido: revisar tudo que sabemos e conferir, conferir de novo e conferir uma vez mais e, então, tentar decidir o que fazer em conversas cheias de rodeios até meu pobre corpo privado de sexo ceder à inconsciência. Então, eu passo a noite inteira

sonhando que terei alguma morte trágica envolvendo tiros e talvez até tortura.

Já revisei tantas vezes a pesquisa do laboratório que acho que eu mesma poderia administrar o lugar; e muito embora adore o meu trabalho, acho que fazer isso seria a minha visão do inferno. Surpreendentemente, eu gosto de preservar minha sanidade, sabe? Se a pessoa estiver a fim de um trabalho que a deixe completamente insana, basta tentar controlar meia dúzia de pesquisadores independentes, obstinados e boca suja. (Pode confiar em mim, eu faço parte do grupo.)

O que mais me preocupa é que realmente precisamos fazer isso com calma antes de agir, mas eu notei que todos os projetos em andamento estão prestes a serem concluídos. Não sei se isso significa que a bactéria logo estará pronta, mas pela linha do tempo da pesquisa, eu diria que essa possibilidade existe.

Que merda. Pensar nisso é aterrorizante.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Katherine Galloway comentou no status de Matthew Galloway “Acho que Kate acabou de me trocar por uma fatia de bolo de chocolate. Ela não disse uma palavra nos últimos 15 minutos a não ser sobre a cobertura.”

Curtir • Comentar • Compartilhar

Katherine Galloway Você precisa se conformar que está sobrando no meu atual romance com o bolo.

9 h • Curtir

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-156

Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine estava sentada na carruagem de frente para Elizabeth e para o primo mais novo quando se aproximaram da fronteira da cidade. Todos estavam em silêncio, olhando pela janela para o céu escuro e para a rua sinistramente vazia. O único som era o bater das ferraduras dos cavalos nos paralelepípedos. As pessoas que ainda não tinham fugido da cidade escondiam-se atrás de barricadas dentro das próprias casas.

Katherine se mexeu no assento, ansiosa. Não podia fugir ao primeiro sinal de perigo como estava fazendo. Aquilo ia contra tudo o que ela vinha trabalhando. Qual era o propósito de terem defesas se, ao primeiro sinal de perigo, deixariam tudo para trás imediatamente?

Cruzou os braços enquanto tentava, desesperadamente, pensar em uma forma de evitar ter de partir com a família, evitar abandonar Matthew. Ele ficara no castelo com os outros criados quando os tios de Katherine decidiram fugir da cidade.

A carruagem deles se juntou a uma fila de outras que aguardavam para passar pelos portões da cidade em segredo. Ao que tudo indicava, muitos outros cidadãos não tinham coragem suficiente para defender a própria cidade.

Quando chegou a vez deles, o tio entregou ao guarda uma grande quantia de dinheiro para suborná-lo e o portão se abriu sem fazer barulho. A carruagem deles foi a última a passar e seguir para o campo aberto. Katherine conseguiu ouvir os suspiros de alívio dos guardas enquanto os portões começavam a se fechar novamente. Os cidadãos conseguiram fugir, e os rebeldes não foram alertados dos portões abertos.

Aquela era a última chance de Katherine. Assim que os portões se fechassem, os soldados não voltariam a abri-los. Não poderia deixar a cidade agora, quando tudo estava acontecendo. Nem tivera chance de se despedir de Matthew. Ela precisava voltar. Decidida, abriu a porta da carruagem e saltou. Espremeu-se por entre os portões que se fechavam e voltou à cidade. Ela correu por entre os guardas — chocados demais para reagir —, e com as saias levantadas até os tornozelos, seguiu direto para a estrada.

— KATHERINE FINCHLEY! — gritou a tia por trás dos portões que se fechavam, mas já era tarde demais. Katherine já havia desaparecido e corria pelas ruas estreitas de Carlisle. Os portões não seriam abertos outra vez.

Correu até sentir os pulmões ardendo e surgir uma dor na lateral do corpo. Quando parou,

olhou para as construções escuras à sua volta. Agora que estava sozinha, o impacto do que tinha feito a atingiu em cheio e, de repente, não conseguia mais respirar. Ela abandonara a própria família, na calada da noite, e a sua casa ficava do outro lado da cidade. A rua estava deserta. Alisou as saias, tentando não entrar em pânico. Só precisava percorrer o caminho de volta para casa. Já tinha caminhado pela cidade todos os dias até o castelo — só que não usando vestido, não tarde da noite e sempre na companhia de Matthew.

Respirou fundo para se acalmar. Estava tudo bem. Era só uma caminhada de dez minutos até em casa.

Quando chegou ao portão que dava acesso à entrada para carruagens da casa da tia, o coração de Katherine afundou no peito. Estava trancado. É claro que estaria. Ela sacudiu as correntes, desesperada. Estava presa do lado de fora. Como tinha sido tola... Encostou-se no portão e foi escorregando até o chão, a cabeça apoiada nas mãos.

— Ei! — gritou uma voz, fazendo Katherine dar um pulo. — O que você está fazendo?

O clarão de um lampião descia pela alameda de entrada e ela conseguiu enxergar as feições iluminadas do homem que a carregava.

Matthew.

Ela se levantou.

— Matthew! Sou eu!

— *Katherine?*

— Por favor, me deixa entrar — implorou ela, meio engasgada de alívio.

— O que você está *fazendo* aqui? Você...? Mas que *tola*!

— Eu precisava estar aqui. Não podia ir embora.

— Você é tão... *urgh!* — exclamou ele passando a mão pelo cabelo, em sinal de frustração.
— Por que fez uma coisa dessas?

— Eu tive que fazer — respondeu ela, tranquila. — Por favor, me deixa entrar.

Ele destrancou o portão em silêncio. Katherine mordeu os lábios, preocupada que ele estivesse zangado com ela. Assim que o portão se abriu, porém, ele a puxou para dentro e para perto dele. Apoiou a cabeça no ombro dela e fez um som que lembrava um soluço.

— Poderia ter acontecido alguma coisa contigo na cidade no escuro — murmurou ele no pescoço dela.

— Sinto muito — sussurrou ela. — Eu simplesmente não poderia deixar tudo para trás depois de todo o nosso trabalho. — Em sua mente, acrescentou: *eu não poderia te deixar.*

Timidamente, pousou uma das mãos nas costas dele e, depois, encostou a cabeça na dele. Ficaram assim por um longo tempo.

Palácio de Buckingham

Prezado lorde Raglan

Em nome de Sua Majestade Rainha Vitória, venho instruir vossa senhoria a iniciar as medidas para dar início ao ataque contra o exército russo, a não ser que vossa senhoria acredite que tal empreitada não possa ser iniciada com qualquer prospecto razoável de sucesso.

O governo de Sua majestade acredita ser provável que as dificuldades de um ataque aumentem com o passar do tempo. Uma vez que não existe qualquer perspectiva de uma paz segura e honrada até que a frota russa seja capturada ou destruída, é deveras importante que nada, exceto empecilhos intransponíveis, impeça o início da batalha.

Quanto mais tempo adiarmos, mais tempo o exército russo terá para colher inteligência a partir das informações publicadas diariamente no The Times. Antes de ser divulgada publicamente, a maior parte dessas notícias ainda não tinha sido comunicada ao governo de Sua Majestade por nenhum dos canais oficiais. O tempo é crucial para o sucesso desta empreitada.

As tropas devem se preparar para partir de Varna a Crimeia sem demora.

Em nome de Sua Majestade,

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Victoria R', enclosed within a light gray rectangular border.

Rainha Vitória



Códex/v3/Cenário-tempo-1854/Doc-9

Observação do arquivo: viagem do exército britânico através do Império Otomano até a Crimeia. Quando o exército partiu de navio de Varna, Bulgária, o contingente fora reduzido para 27 mil homens, em grande parte como resultado do surto de cólera. O exército francês também foi severamente afetado, restando um total de trinta mil homens, e os turcos contavam com sete mil soldados. Os aliados encontravam-se em situação desesperadora, com poucos suprimentos e barracas que não eram à prova d'água

Crimeia, Ucrânia, 1854

Katy se aconchegou mais a Matthew. Com o rosto colado no pescoço dele, tentava abafar os tremores que lhe percorriam enquanto aguardavam na fila para receber uma barraca. Não ligava para o que os soldados estavam pensando. Precisava se aquecer. Praticamente já não sentia mais as extremidades do corpo de tanto cansaço e frio.

Esperaram semanas até as ordens da Inglaterra chegarem a Varna. Quando esse dia chegou, o regimento deixou o acampamento e seguiu para Crimeia, onde a batalha contra o exército russo aconteceria. O navio ficara cheio de soldados bêbados, comemorando e gritando o hino nacional. Havia bem menos homens do que na ocasião em que saíram de Southampton, meses

antes. A cólera matara centenas deles. A bordo do navio, Katy e Matthew ficaram juntos, conversando baixinho e evitando os homens agitados.

A viagem tinha durado uma semana, e a maior parte desse tempo fora gasta aguardando que os navios batedores decidissem onde as tropas deveriam desembarcar. Por fim aportaram e, sob vento e chuva, marcharam para um acampamento temporário. Katy estava exausta. Sentia que estava chegando ao seu limite e a guerra mal havia começado.

No dia seguinte, as tropas britânicas marchariam ao encontro do exército russo que se aproximava e a batalha teria início. Já haviam tido o primeiro vislumbre dos inimigos: um grupo de soldados russos no alto de uma colina tinha avaliado o contingente das tropas inglesas e francesas.

— Não falta muito agora — sussurrou Matthew. — Já é quase a nossa vez.

Ela assentiu, tentando manter os olhos abertos. Eles só precisavam conseguir a barraca e, então, ela poderia dormir. Katy cambaleou quando Matthew se afastou para falar com o soldado responsável por alocar as pessoas nas barracas. Recuperou o equilíbrio rapidamente e, depois, esforçou-se para parecer ao menos parcialmente consciente.

— Sou Matthew Galloway, jornalista do *The Times* — informou ele ao soldado. — Prometeram-me acomodação enquanto eu viajassem com o regimento. — Matthew entregou a carta de lorde Raglan, para a qual o soldado ficou olhando por um momento parecendo não entender. Depois devolveu o documento.

— Eu não sei de nada sobre isso — respondeu o homem. — Vá falar com o general — orientou ele, apontando de qualquer maneira na direção de uma barraca maior, que era obviamente o centro de operações.

— Agradeço a ajuda — disse Matthew, educadamente, virando-se para a barraca indicada e parecendo ligeiramente nervoso.

Katy o acompanhou, apreensiva, sabendo que eles provavelmente teriam de brigar para conseguir acomodações. Em Varna fora fácil conseguir uma barraca, mas quanto mais artigos de Matthew eram publicados no *The Times*, mais ele vinha sendo tratado com desconfiança e até mesmo com agressividade.

— Matthew, espere — chamou ela, largando as malas no chão e puxando-o para si. — Vai ficar tudo bem. Você vai conseguir.

Ele a abraçou com força, como se ela fosse a única coisa o mantendo de pé. A respiração dele saía quente contra o pescoço dela.

— O que eu faria sem você? — respondeu ele.

Ela estremeceu e apoiou o rosto no cabelo de Matthew, sorrindo enquanto absorvia o calor da pele dele.

— Provavelmente murcharia e morreria, sendo essa flor delicada que você é.

— Provavelmente — concordou ele.

Depois de um momento, ele se retraiu. Ela entendeu a dica e se afastou, mesmo querendo ficar abraçada a ele para sempre. Uma mecha de cabelo cobria os olhos dele. Incapaz de resistir ao impulso, Katy ajeitou-a. Não ligava que os soldados pudessem achar aquele comportamento estranho.

Matthew virou-se e caminhou até a barraca. Ergueu uma das mãos como se fosse bater, mas depois olhou para a lona, sem saber como proceder. Katy, que seguia logo atrás, pigarreou

ruidosamente.

— Pois não? — disse um soldado, enfiando a cabeça para fora.

— Nós, hã... Fomos orientados a procurar o general — disse Matthew. — Ele está aqui?

O soldado bufou por entre os dentes.

— Ele está muito ocupado agora. Vocês têm hora marcada?

— Não. Eu preciso falar com ele a respeito das acomodações. Sou jornalista do *The Times*, Matthew Galloway.

O homem resmungou alguma coisa enquanto fazia um gesto para eles entrarem.

— O general está em reunião agora — informou o soldado, apontando para um homem que, sentado à volta de uma mesa, de costas para eles, conversava com um grupo de oficiais. Provavelmente estão falando sobre os suprimentos, ou a falta deles, pensou Katy.

O soldado indicou um banco posicionado junto à lateral da tenda e os dois se acomodaram, gratos por poderem aguardar sentados. Era a primeira vez que descansavam desde o desembarque. Katy observou as costas dos soldados com curiosidade, admirando como os uniformes estavam bem passados e limpos apesar do ambiente imundo.

Por fim, a reunião terminou e o general se virou para olhar para eles. Aterrorizada, Katy olhou para o homem. Era o oficial que a pegara lendo na biblioteca de lorde Somerset.

Ele sabia quem ela era.

Katy fechou os olhos com força, contendo um gemido de descrença.

> ALERTA: crise iminente no cenário-tempo de 1854

> Ações da alocação do sujeito “KATY” em breve poderão ser descobertas pela alocação do sujeito “MATTHEW”, o que será prejudicial ao progresso até o objetivo

> Intervenção recomendada

>> Intervenção negada

CAPÍTULO DEZESSETE

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: Você pode imprimir isso para mim? A minha impressora quebrou

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: Katherine, isto nem tem a ver com trabalho. É uma tirinha.

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: PODE PARAR DE QUESTIONAR OS MEUS MÉTODOS CIENTÍFICOS? VOCÊ É UM PÉSSIMO MARIDO!

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: Serei seu escravo da impressora se trazer café para mim.

De: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Para: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Assunto: Não é só café o que há de gostoso à sua espera no meu escritório

De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: Hmmm. Gostoso? O que Mickey está fazendo aí? (BRINCADEIRINHA! JÁ ESTOU INDO)

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-159

21 DE JUNHO DE 2019

Nós vamos invadir o escritório do laboratório Central Science hoje à noite! Escrevemos um e-mail que será enviado também hoje para todas as agências de notícias que conseguimos pensar, para o caso de não voltarmos. O pior cenário possível é que sejamos presos; se isso acontecer, ainda assim conseguiremos divulgar o que sabemos para o público.

Vou levar o meu laptop com toda a pesquisa para a casa da minha mãe na hora do almoço para que eu tenha um registro confiável. Só para prevenir. Também vou levar os meus diários. Tem um tijolo solto na estrutura da chaminé que passa pelo sótão onde eu posso esconder tudo. Vai ser bom ter uma cópia de segurança da nossa pesquisa, caso eles confiscem os nossos computadores de trabalho. Ou se acontecer alguma coisa com a gente hoje à noite.

Não sei bem mais o que dizer. Se descobrirmos alguma coisa de útil e não formos pegos, escreverei de novo. Caso contrário, acho que fizemos tudo que estava ao nosso alcance para levar a situação a público, e este diário prova isso. Estou com medo. Mas não tenho dúvidas. Só que tudo isso me fez perceber uma coisa — eu quero ter filhos agora, e não ficar esperando até ter construído a minha carreira. Eu quero muito ter um filho. Quero ensiná-lo a falar palavrão e agir de maneira inapropriada e mostrar todas as coisas maravilhosas que existem no mundo até que o seu cérebro exploda de alegria. Mas ainda há tempo para isso, eu espero. Se conseguirmos descobrir uma maneira de consertar essa situação horrível.

De qualquer forma, nosso plano é usar meu celular para tirar fotos de tudo que encontrarmos e transferi-las para um site de armazenamento de arquivos. Eu já tenho gravadas nele algumas das informações mais incriminadoras que descobrimos, assim como as propostas de pesquisa da DEFRA nas quais o nosso trabalho se baseia. Espero que seja o suficiente para mostrar que há algo muito suspeito acontecendo.

Assim, mesmo se formos pegos, já teremos as provas armazenadas em um lugar seguro e não haverá nada que eles possam fazer a respeito. O endereço e as informações de login estão abaixo. Se você estiver lendo isto...

Bem, acho que sabe o que fazer.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-167

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate terminou de ler o último registro de 2019 enquanto Matt tinha saído para pegar um lanche. Tentou na mesma hora acessar o site de armazenamento para verificar se havia fotos, mas a URL a levou a uma página de erro. O site não existia mais — o que não era nenhuma surpresa, depois de vinte anos. Mas teriam de encontrar uma forma de acessá-lo mesmo assim. Tom talvez fosse capaz de encontrar alguma versão em cache. Suspirou, resistindo à tentação de enviar mensagens urgentes para Matthew até ele voltar.

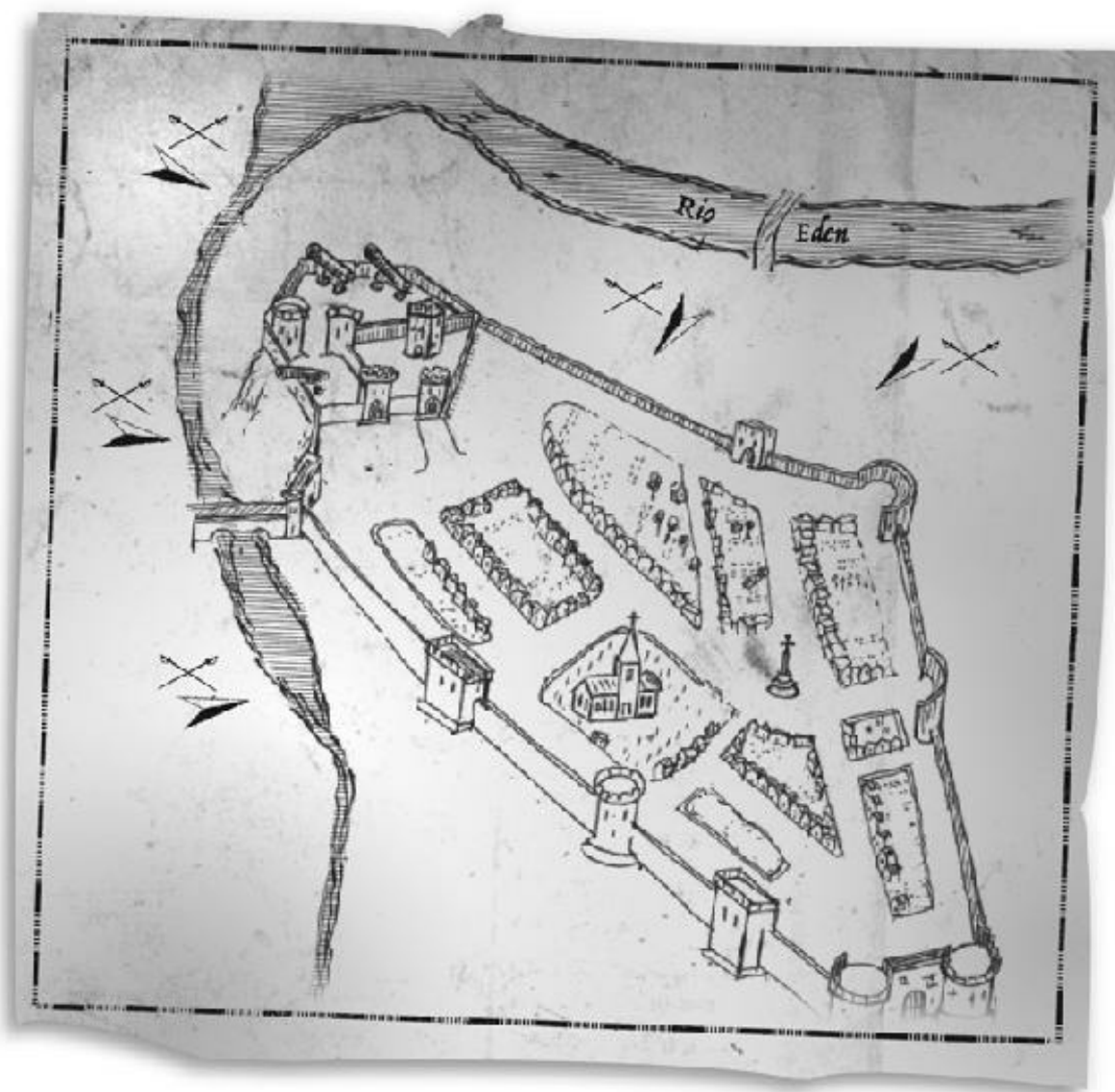
Por fim, ele apareceu e Kate soltou de uma vez:

— Precisa ligar para Tom agora mesmo!

— Kate — respondeu ele em tom controlado. — Você se lembra de que eu disse que teria de estar presente na conversa inteira? Você não pode me incluir só no final.

— Claro, claro — disse ela, sem prestar muita atenção. Impaciente, ela leu o último registro em voz alta.

Matt ligou para Tom.



Carlisle, Inglaterra, 1745

Katherine estremeceu, enrolando-se mais no fino xale que estava em seus ombros. Faltava pouco para o amanhecer e, das muralhas do castelo, não era possível enxergar nada além de um denso nevoeiro branco que se estendia por todo o terreno. Cobrindo um bocejo com a mão, Katherine se apoiou no muro. Era estranho estar no castelo usando vestido, mas agora que a tia partira, não havia mais motivo para se vestir como garoto. Naquele dia, ela nada mais era do que uma espectadora curiosa, atrapalhando a guarnição em vigia. Pessoas como ela lotavam as ameias da muralha. Os cidadãos de Carlisle, homens e mulheres, que não tinham fugido, estavam ali, nervosos, observando o inimigo aparecer pela neblina.

— Chá? — murmurou uma voz baixa em seu ouvido. Katherine, num sobressalto, virou-se para se deparar com Matthew.

— Hum — disse ela, parecendo um poço de eloquência. Ela se corrigiu rapidamente. — Sim, por favor. Onde conseguiste? — perguntou ela aceitando a xícara quente de bom grado.

— Busquei em casa. Achei que talvez estivesse com frio.

— Obrigada, Matthew. Foste muito gentil.

Ela respirou o vapor que se elevava do chá e se inclinou para mais para perto dele. Então, percebeu que as pessoas ao redor os encaravam e deu um passo para trás. Esquecera-se por um instante que estava vestida como uma dama, e que Matthew ainda era o seu criado. Não poderiam conversar da mesma forma que antes. Em vez disso, ela se virou para olhar para a neblina, esperando por um tiro de canhão, por uma batalha ou por *alguma coisa* que a impedisse de passar vexame. Não havia nada, a não ser o som dos corvos grasnando pelos campos.

— Tu sabias — começou Katherine, baixinho — que Gengis Khan tinha um método especial para assustar os inimigos quando sitiava as cidades? No primeiro dia, o seu exército montava uma tenda branca, que significava que, se a cidade se rendesse, a vida dos moradores seria poupada. No segundo dia, erguiam uma tenda vermelha para mostrar que os homens seriam massacrados quando fossem derrotados. No terceiro dia, se a cidade ainda resistisse teimosamente e mantivesse as defesas, então, ele levantava uma tenda negra. Essa tenda... — Katherine pigarreou. Estava conseguindo assustar a si mesma. — A tenda negra significava que todos seriam assassinados. Não haveria misericórdia.

Matthew ficou em silêncio.

— Sinto muito. Foi menos reconfortante do que eu esperava.

— Tudo bem. É melhor estarmos preparados. — Matthew mudou de posição; tamborilava com as unhas em uma pedra, pensando. — Primeiro, o príncipe enviará uma mensagem pedindo para que Durand se renda e dizendo que não seremos feridos; ou seja, a tenda branca. Durand, então, terá que calcular por quanto tempo acredita que conseguirá manter a defesa. Ele não vai conseguir esperar para sempre, mas pode tentar defender a cidade até a chegada do exército e não creio que vá se render sem lutar. Se nós não nos rendermos, então os rebeldes vão se preparar para o ataque. Depois disso, a batalha vai começar, e não haverá garantias de

segurança se os rebeldes conseguirem entrar na cidade. O príncipe Carlos vai liderar os saques do exército escocês como lhe convier, o que equivale à tenda vermelha. — Ele fez uma pausa. — Sinto muito. Isso também não soou muito reconfortante. Talvez seja melhor parar por aqui. É improvável que Carlos assassine todo mundo. Nada de tenda preta.

Katherine engoliu o chá, nervosa, olhando para o neveiro, tentando desesperadamente enxergar o exército inimigo. Sabia que estavam lá, espreitando-os sem serem vistos. Achou até que conseguia ouvir os ecos das gaitas de foles à distância. Tudo que poderiam fazer agora era aguardar — e torcer para que Matthew estivesse certo e que não houvesse nenhuma tenda preta.

Katherine acordou ao som do canhão. Abriu os olhos e viu que estava apoiada no ombro de Matthew, que a abraçava. Ficou assustada ao sentir como aquilo parecia *certo*. Estavam descansando apoiados na barricada. Os cidadãos que não tinham ido para casa estavam sentados na muralha e qualquer um poderia se virar e vê-la sentada daquele jeito com um criado. Ela afastou o braço de Matthew, corada de vergonha, e se levantou.

Na escuridão que invadia a cidade, parecia que os rebeldes estiveram tentando se aproximar. O tiro de canhão do castelo, que despertara Katherine, fez com que os rebeldes retrocedessem. Enquanto voltavam pelos campos em direção ao rio, o canto vitorioso do hino nacional ecoou pelo castelo.

Katherine e Matthew trocaram olhares satisfeitos. Os rebeldes não se atreveram a atacar a cidade.

Uma hora depois, um único cavaleiro se aproximou dos portões da cidade. Um silêncio mortal tomou conta de todos quando deram autorização para o cavaleiro entrar.

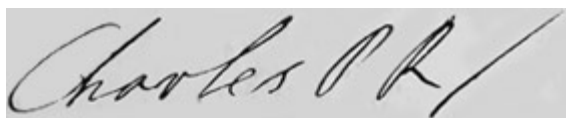
— Um fazendeiro traz uma carta do príncipe! — exclamou alguém enquanto a mensagem que ele trazia era passada pelas muralhas.

10 de novembro de 1745

Com a intenção de recuperar o Direito Real, descobrimos com pesar que os cidadãos desta cidade estão dispostos a obstruir a nossa passagem. A fim de evitar o Derramamento de Sangue Inglês, por meio desta mensagem solicitamos que os senhores abram os portões em uma rendição pacífica tanto da cidade quanto do castelo, e que permitam a nossa entrada pacífica. Nós nos comprometemos a protegê-los de quaisquer danos ou insultos, dando um exemplo para toda a Inglaterra em relação à nossa Honra, com a qual pretendemos cumprir nossa Obrigação.

Se os senhores se recusarem a permitir a nossa entrada, estamos decididos a forçar a nossa passagem por Quaisquer Meios Necessários e, assim, não teremos mais o poder de evitar as terríveis consequências que costumam surgir quando uma cidade é tomada à força. Considerem este pedido com

seriedade e enviem uma resposta dentro de duas horas, pois consideraremos qualquer Protelação como uma Recusa final e tomaremos as Medidas cabíveis.



Carlos, Príncipe de Gales
Regente dos Reinos da Inglaterra, Escócia e Irlanda

Códex/v1/Cenário-tempo-1745/Doc-6

Pareceu levar uma eternidade para Durand dar a sua resposta, mas, na verdade, foi apenas meia hora. Por fim, outro tiro de canhão ecoou. A mensagem era clara: *não nos renderemos*. Katherine comemorou, orgulhosa por testemunhar a resistência da cidade contra o inimigo, enquanto outras haviam se rendido.

Matthew assoviou.

— Bem, esta mensagem foi bem direta.

Estava feliz e orgulhoso, e ela não conseguiu afastar o olhar.

Mais tarde, voltaram em silêncio para a casa da tia dela. Matthew estava com a cabeça baixa e Katherine parou na porta da frente, incerta. A casa estava escura e silenciosa. Estavam rodeados por tranquilidade — a cidade parecia totalmente deserta, e ela estava bem consciente de que estavam completamente sozinhos, de um jeito que nunca tinham estado antes. Independentemente do que acontecesse, era muito improvável que fossem interrompidos. Trêmula, Katherine respirou fundo e convidou:

— Gostarias de entrar para jantar?

Ele ficou olhando para ela por um tempo, depois assentiu devagar, entrando logo atrás dela.

— Onde estão todos os criados? — perguntou Katherine a Matthew.

— Seu tio os enviou para casa para que ficassem com suas famílias. Eu disse a ele que ficaria, já que não posso voltar para a Escócia.

— Onde está a tua prima?

— Ela teve de partir — disse ele com tristeza.

Ela tocou o braço dele.

— O cerco não vai durar para sempre. Logo ela estará de volta.

Ele assentiu, mas não pareceu convencido.

— Já que só estamos nós dois aqui, suponho que eu deva procurar comida — disse ela.

Mesmo sem nunca ter preparado uma refeição antes, Katherine resolveu se aventurar na cozinha. As bancadas de pedra estavam vazias. Desceu a escada até o porão, investigando a

despensa fria até encontrar um presunto pendurado nas vigas. Encontrou alguns pratos e fatiou cuidadosamente a carne, servindo-a com molho condimentado de maçã e feijão.

Matthew, sentado à mesa da cozinha, observava Katherine. Ela planejava servir a refeição ali, mas estava extremamente frio com todas as lareiras apagadas. O frio do piso da cozinha passava pela sola do sapato, chegando aos seus pés.

— Vamos à sala de jantar? — sugeriu ela.

— Acho que sua tia ficaria ultrajada se descobrisse que um dos criados usou a sala na sua ausência.

Katherine sorriu.

— Eu sei. Mas não consigo me importar com isso. Provavelmente tem a ver com a ameaça de morte, eu acho, pairando sobre a cidade. Isso faz com que as convenções sociais pareçam ter menos... importância. — Ela deu um passo em direção a ele. Matthew baixou a cabeça em direção à dela e piscou uma, duas vezes. Katherine então pressionou levemente o corpo contra o de Matthew, e roçou os lábios nos dele.

> Primeiro objetivo alcançado no cenário-tempo de 1745

> Sistema progredindo conforme o esperado

Afastou-se imediatamente. O que ela estava fazendo? Como podia agir de forma tão inadequada?

Matthew empalideceu, chocado.

— Katherine...!

Ela sentiu o sangue subir ao rosto, corando de vergonha. Tinha estragado tudo. Matthew não ia querer nada com ela agora. Controlou-se para não chorar. Então, com um ímpeto, ele aproximou o rosto do dela de novo e a beijou, um toque íntimo e demorado.

Ela pressionou o corpo contra o dele. Sabia que não devia, mas parecia tão certo, como se já tivessem feito aquilo centenas de vezes. Matthew envolveu a cintura dela com um dos braços, puxando-a mais para perto de si enquanto acariciava a lateral de seu corpo com movimentos circulares do polegar. Para Katherine, era como se a sua felicidade fosse inesgotável.

Ele se afastou com um tremor, os lábios se descolando dos dela.

— Não podemos — declarou ele, com desespero. — Não é certo. Estou me aproveitando de ti, Katherine. Eu não posso afastar você da sua família, da sua vida. Não podemos ficar juntos.

— Claro que podemos. Nós fugiremos. Eu não ligo, Matthew. Leve-me contigo para a Escócia, onde podemos roubar rebanhos com os melhores! Eu te amo!

— Kathy, você não sabe o que está falando. Não faz ideia de como é a vida quando se vive na pobreza. Vais se arrepender da tua decisão.

Katherine pressionou as mãos no rosto dele. Sentiu a barba rala que começava a despontar. Ele aceitou o toque, mas a expressão do rosto manteve-se séria.

— Não recebi nenhuma herança, sabe? — disse ela com a voz suave e amorosa. Um tom que ela não reconhecia, tão cheio de ternura e felicidade. — Eu te contei que meu pai era um criado. Eu não estaria morando aqui não fosse a bondade da minha tia e a teimosia da minha avó. Meu primo herdará a fortuna da família. Eu não sou um ovo de ouro para ser sequestrada por um

criado. Sou um ovo comum.

— Bem, se você não tem dinheiro, acho que não estou mais interessado — disse ele, abrindo um sorriso.

Ela bufou e o beijou novamente. Não conseguiu evitar o riso que lhe escapou, vibrando contra os lábios dele. Estava tomada por uma vertigem. Ele a beijou mais profundamente, e seu riso se dissipou. Katherine suspirou junto à boca de Matthew, estremecendo.

Depois de um tempo, ele deu um passo para trás, os lábios se afastando de forma quase relutante. Os olhos dele estavam escuros e suaves. Katherine tinha o olhar pousado na vermelhidão do pescoço dele.

— Nós podemos fugir. Conseguir um sítio, começar uma família — sugeriu ele, cheio de esperanças.

— Parece maravilhoso.

Ele a beijou novamente. Foi um beijo suave e cheio de promessas. Katherine tentou controlar um gemido que ameaçava escapar. Matthew pressionou os lábios no pescoço dela e seus dedos mergulharam em seu cabelo, acariciando-a, antes de escorregarem até a sua nuca.

Chocada com a própria audácia, Katherine sugou o lábio inferior dele. Matthew prendeu o cabelo dela atrás das orelhas, usando o polegar para acariciar o pescoço dela. Ele pressionou o rosto na nuca de Katherine, fazendo-a estremecer novamente e entreabrir os lábios para outro beijo.

Depois de um tempo, ele gemeu.

— *Shhh* — murmurou ela por entre os lábios dele. Terminou de beijá-lo do jeito que queria, de forma firme e insistente, e depois se afastou. Havia semanas que desejava tocar Matthew. E aproveitaria a oportunidade ao máximo.

— Será que já estou autorizado a falar? — perguntou ele, sorrindo.

— Talvez — concedeu ela, com um toque de riso.

— Aceita casar comigo, Katherine? Eu quero passar esta vida contigo e a próxima também.

— *Aceito* — respondeu ela. — Claro que aceito. O que eu fiz para te merecer? — perguntou ela, segurando o rosto dele com delicadeza.

— O que *eu* fiz para *te* merecer?

— Tudo bem, nós dois temos muita sorte.

CAPÍTULO DEZOITO



Várias regras para Katherine, a pior que já existiu

- 1) NADA DE AMASSOS “SECRETOS” NA HORA DO ALMOÇO NO SEU ESCRITÓRIO. Nunca vamos superar o constrangimento. Você é uma péssima influência sobre mim. Péssima! Eu era um homem absolutamente respeitável antes de você invadir a minha vida e fazer com que nos pegassem aos beijos em cima da sua mesa!
- 2) Pode apagar este risinho bobo do seu rosto agora mesmo! Isso não tem a menor graça. Não mesmo! Você tem consciência de que a gente precisa trabalhar com essas pessoas, não tem? TODOS OS DIAS, PELO RESTO DAS NOSSAS VIDAS.

Crimeia, Ucrânia, 1854

Depois que a reunião terminou, o general atravessou a barraca em direção a eles com um brilho de reconhecimento no olhar. Katy fez uma careta, rezando com todas as forças para que ele não dissesse nada que pudesse revelar o segredo dela. Ela endireitou a postura e se preparou para interrompê-lo caso fizesse qualquer menção ao lorde Somerset. Para sua surpresa, porém, ele se virou para Matthew, exclamando, alegre:

— Matthew Galloway!

— George! — respondeu Matthew, trocando um aperto de mão caloroso. — Katy assistiu à cena com um misto de terror e espanto. — Como você está? — continuou Matthew. — Me sinto um tanto tolo por não ter percebido que estava à espera de um velho amigo.

George riu.

— O que você está fazendo por estas bandas? Por favor, não me diga que você é soldado ou serei obrigado a falar com seu superior a respeito da ausência de uniforme.

Matthew riu.

— Ah, não sou soldado. Mas também estou aqui a trabalho. Eu sou repórter do *The Times*.

A expressão de George ficou séria de repente.

— Então é você? Ah, eu sinto muito ouvir isso. Gostaria que não estivesse envolvido em nada disso.

— Por quê?

— Temo que não seja bem-vindo, Matthew. Vários dos meus camaradas não aprovam a presença de um jornalista na linha de frente. Questões de segurança, como pode imaginar. Falei com Raglan na semana passada e ele está furioso com você. Parece que os russos tiveram acesso a um dos seus artigos e isso causou muitos problemas na Inglaterra.

Katy controlou um tremor. Sentia-se prestes a desmaiar.

— Ouvi o mesmo desde que cheguei — confirmou Matthew, com tristeza. — Mas eu preciso continuar mesmo assim. O que estou fazendo é muito importante.

— Importante? — George sugeriu que se sentassem, observando Matthew intensamente.

— As pessoas na Inglaterra estão preocupadas com a organização do exército. Ao contrário do que os seus superiores acreditam, eu não estou aqui para espionar para os russos, mas sim para ajudar os soldados britânicos. Enviei ao jornal descrições precisas da administração local, e meus esforços resultaram em várias reformas extremamente necessárias. Meu editor me contou que já houve muito progresso desde que chegamos.

George parecia duvidar.

— Bem, guardarei para mim as minhas opiniões. Então, como posso ajudá-lo?

— Acomodações, George. Trago comigo uma carta de lorde Raglan, prometendo ajuda. Ele a assinou há alguns meses como um favor para o editor no jornal, embora, ao que tudo indique, ele tenha mudado de opinião desde então. — Matthew entregou a carta ao amigo.

— Você teve sorte de ter sido enviado a mim. Qualquer outro teria recusado. Raglan deu ordens para que não lhe ajudássemos mais. Mas creio que consiga encontrar algo para um velho amigo, mesmo que nossas opiniões a respeito desse trabalho que está realizando sejam

divergentes.

Matthew apertou a mão de George novamente, cheio de gratidão:

— Muito obrigado, George. Significa muito para mim.

— Não há de quê, meu amigo.

Eles ficaram assim por um tempo, até que Matthew pareceu cair em si. Ele se voltou para Katy, que esforçava-se ao máximo para ser confundida com uma cadeira e fundir-se ao ambiente.

— Desculpe-me, George. Este é Kit, ou melhor, Christopher Russell, meu assistente. Kit, este é George, um velho amigo meu e da minha família. Nós nos conhecemos desde que me entendo por gente, mas infelizmente perdemos o contato depois do colégio e não nos vemos tanto quanto eu gostaria.

— Raramente estamos no mesmo país — contribuiu George e, então, virou-se para Katy. — Prazer em conhecê-lo, filho.

Ela baixou a cabeça em um aceno tímido, tentando esconder o rosto.

— Prazer — murmurou ela em resposta.

Sentia o olhar dele em seu rosto, mas manteve o seu fixo no chão e só relaxou quando percebeu que ele tinha voltado a falar com Matthew. Então, para seu horror, ergueu o olhar e encontrou os olhos de George fixos nela. Ele estava com a testa franzida, ligeiramente perplexo.

— Conseguirei uma barraca para vocês — decidiu ele. — Nesse meio-tempo, fiquem à vontade aqui mesmo. Pedirei que tragam um pouco de água. Infelizmente, não tenho muito mais a oferecer, como chá e café.

— Muito obrigado, George — agradeceu Matthew, sincero.

— Não há de quê — respondeu George, distraído. Ainda olhava fixamente para Katy. Então, sua expressão se suavizou. — Ah, sim, eu me lembro de você. Você é o garoto que trabalhava para Raglan, não é? O que eu encontrei lendo na biblioteca em vez de trabalhando. Vejo que encontrou um trabalho honesto. Foi bom ele ter providenciado um criado para você nesta viagem, Matthew. E uma pessoa que trabalhava na casa dele. Aposto que deve estar arrependido agora que está zangado com você, não é?

Matthew olhou para Katy como se nunca a tivesse visto antes. A expressão no rosto dela deve ter mostrado tudo que ele precisava saber, porque ele disse:

— Desculpe-me, George. Estou me sentindo um pouco enjoado. Vou sair para tomar um pouco de ar. — Matthew saiu da barraca sem esperar por resposta.

George observou o amigo sair, confuso.

— Bem, espero que Matthew esteja bem. Tentarei conseguir acomodações. Por favor, tome um pouco de água.

Katy assentiu, trêmula. Depois que George saiu, pressionou as mãos contra os olhos, sem conseguir segurar as lágrimas.

Matthew não voltou.

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate foi à última aula do dia, já que estavam esperando para ver se Tom conseguiria acessar o site de armazenamento. Parecia estranho, porém, seguir com a vida com tanta coisa acontecendo. Tudo parecia tão sem importância agora. Depois da aula, seguiu

direto para o quarto de Matt. Ele esperava por ela com uma refeição quente e uma expressão abatida.

— Tom disse que não tem como acessar o site — contou ele, desanimado. — Explicou que não tem como recuperar o servidor. Não há cópias de segurança nem nada. Não temos como acessar essas fotos.

Kate esfregou o rosto, sentindo-se repentinamente exausta.

— *Merda.*

Ele empurrou o prato em direção a ela, como se ela pudesse estar com fome naquele momento.

— Coma — ordenou ele. — E eu conto qual é o plano.

— Plano? — repetiu ela, soando patética.

Ele apenas assentiu e fez um gesto em direção ao prato.

— Isso — concordou ele.

Ela pegou o garfo e começou a engolir a comida sem nem sentir o gosto e sem afastar os olhos dele.

— Nós temos que ir ao laboratório — declarou ele. — Ao Central Science.

Ela engoliu rapidamente.

— O quê? Ainda estão em quarentena! Não podemos ir até lá!

— A essa altura, a quarentena já deve ter acabado. Isso foi há vinte anos, Kate.

Ela olhou, pensativa, para o prato.

— Tudo bem. Digamos que a gente se arrisque a ir lá, o que realmente é uma *péssima ideia*. Por que faríamos isso?

— Se conseguirmos encontrar o último lugar em que os Galloways estiveram, há uma chance de encontrarmos o celular de Katherine. Principalmente se o prédio ainda estiver intocado, uma vez que está em quarentena desde então — explicou Matt.

— Acho que temos uma chance. Mas será que eles não destruíram todas as provas? Eles não teriam simplesmente deixado um celular dando bobeira no laboratório para qualquer um encontrar, já que estavam tentando manter tudo em segredo. Não que a gente já saiba quem “eles” sejam.

— Eu torço para que Katherine e Matthew tenham dado um jeito de esconder o celular, só por precaução. É o que eu teria feito. Deixado o máximo possível de cópias de segurança, como fizeram na casa das suas avós.

— É, eu também teria feito isso — disse Katherine lentamente. Estava começando a pensar que qualquer coisa que fizesse, Katherine teria feito igual. Elas eram parecidas. Até demais.

— De qualquer forma, este é o melhor plano que consegui bolar, Kate, e estou torcendo desesperadamente para que não seja um beco sem saída, sabe? Se você tiver alguma ideia melhor, eu vou adorar ouvir.

Ele pareceu esperançoso, mas ela se encolheu, sem saber o que dizer. Tudo que conseguia vislumbrar do plano de Matthew eram as coisas que poderiam dar errado. Era muito incerto.

Ela pousou o garfo no prato.

— A gente pode ir amanhã, se é isso mesmo que você quer.

Matt assentiu.

— Amanhã então.

> Cenário-tempo de 2039 progredindo conforme planejado, mas a segurança dos sujeitos pode estar em risco

— Eu não acredito que estamos indo ao Central Science — continuou ele. — Estamos indo mesmo!

Ela tocou o rosto dele.

— Não vamos falar sobre isso agora. Será que podemos apenas ser nós dois?

Ele concordou e sua expressão foi ficando mais suave e íntima. Ele a beijou. Os dedos do pé de Kate contorceram-se dentro da meia. Ela deslizou uma das mãos por baixo da camiseta de Matt.

— Avise se eu estiver indo rápido demais — disse ela. — Tudo bem se você quiser ir mais devagar.

— Não — respondeu dele. — Isso parece... certo. Como se já tivéssemos feito antes.

— Hum — disse ela. — Só na minha imaginação...

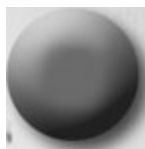
Ele deu um sorriso safado, tirando a blusa dela.

— Ah, é? E o que mais fizemos na sua imaginação?

— Bem, em geral você não está usando calça — sussurrou ela no ouvido dele, puxando-o pelo cinto.

— Vamos ver o que podemos fazer a respeito disso.

CAPÍTULO DEZENOVE



3) Ei, cara, foi você que se esqueceu de trancar a porta da minha sala! Não é culpa minha se você estava profundamente distraído com os meus seios maravilhosos que perdeu toda a capacidade intelectual! Agradeça apenas por ter sido a Clare que nos pegou no flagra e não Mick. Caso contrário, já estaríamos na internet agora. E você já tem fotos impróprias na internet para a vida toda. ;)

4) De qualquer forma, fique calminho. Todo mundo morre de inveja da gente e das nossas atividades na hora do almoço. **NÓS SOMOS OS DESCOLADOS DO LABORATÓRIO.**

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

Crimeia, Ucrânia, 1854

Katy ficou sentada na barraca que lhes deram, aguardando, sem esperanças, que Matthew retornasse. Sabia que ele não voltaria e não poderia culpá-lo por ficar afastado — embora também não tivesse alternativa a não ser esperar por ele. Ficava repassando a cena com George em sua mente. Matthew tinha se fechado completamente quando descobrira que ela trabalhava para lorde Raglan. Ainda conseguia ver a expressão apática no rosto dele. Ele não iria voltar. Katy o traíra. Nada que ela dissesse resolveria a situação.

Por fim, viu uma movimentação na entrada da barraca e ergueu o olhar, com o coração disparado e o estômago contraído.

Era apenas um soldado.

— Kit Russell?

Ela assentiu.

— Estou aqui para acompanhá-lo até a sua nova missão.

— Missão? — perguntou ela com a voz trêmula.

— Seu patrão transferiu você para trabalhar com os médicos. Ele não vai mais precisar dos seus serviços.

- > Conforme previsto, as ações da alocação do sujeito “KATY” no cenário-tempo de 1854 tornaram-se prejudiciais ao progresso
- > Chances cada vez menores de concluir a missão
- > Intervenção recomendada
- >> Intervenção negada

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Kate estava sonhando com Matt beijando-a e pressionando-a contra sua mesa de trabalho quando o despertador tocou. Ela piscou, ainda sonolenta. Ficou ouvindo um programa no rádio despertador de Matt. Estavam no quarto dele.

Ela se aconchegou mais a ele e depois puxou as cobertas até a altura dos olhos. Ficou deitada na escuridão, ouvindo, sonolenta, o programa, até que o assunto se transformou em uma discussão sobre colheita. Então, Kate se sentou.

Ela apontou um dedo para Matt e exclamou:

— Eu não acredito!

Matt esfregou os olhos e franziu as sobrancelhas.

— O que foi?

— Você escuta programas sobre agricultura — disse ela. — Ai, meu Deus! Você é um perdedor!

— Fala sério. Não há nada de errado em ter um interesse saudável por rotação de culturas.

Ela começou a rir.

— Ninguém ouve sobre agricultura, a não ser agricultores. Esse programa começa às quatro da manhã! Isso significa que você grava para *ouvir mais tarde* — concluiu ela, surpresa diante da dedicação dele em ouvir fazendeiros discutindo sobre plantação.

— Eles também apresentam discussões interessantes sobre texugos e coisas do tipo.

Foi impossível evitar balançar negativamente a cabeça para ele.

— Eu achei que você fosse legal — acusou ela com voz triste. — Você me enganou direitinho este tempo todo. Com esse corte de cabelo retrô e essas roupas que não combinam, achei que você era ironicamente *hipster*, mas, na verdade, você é só um *velho*! Eu não posso sair com alguém que ouve um programa desses. Isso vai arruinar a minha reputação!

— *Reputação* — repetiu Matt entredentes. Então, puxou-a para cima dele, silenciando aquelas reclamações de ultraje com a própria boca. Kate sorriu contra os lábios dele e correspondeu ao beijo, já pensando nas próximas piadinhas.

— Tom tinha dito que você queria ser fazendeiro quando era criança — lembrou-se ela de repente. — E você ainda meio que quer. Isso é tão... *fofo*.

— Será que dá para você parar de falar no meu irmão enquanto estamos na cama? — pediu ele.

Ela o puxou pela nuca, beijando-o para demonstrar como estava concentrada nele e não em nenhum de seus parentes. Com uma voz que esperava parecer rouca e sexy e não com a de alguém que estava se recuperando de uma gripe horrorosa, Kate murmurou:

— Tem certeza que não prefere ouvir o resto do programa?

Matt afastou os lábios do pescoço dela e olhou para o seu rosto.

— Tudo bem — disse ele com tanta sinceridade que ela quase acreditou. Ele estendeu o braço por cima dela e aumentou o volume do rádio. Cruzou os braços atrás da cabeça, como se estivesse muito satisfeito. Ela bufou e o puxou para si de novo. Ele comemorou a vitória com um beijo.

— Ganhei — disse ele, a voz baixa e tranquila.

Kate estremeceu. Era assim que uma voz rouca deveria ser.

— Acho que nós dois podemos sair ganhando — decidiu ela. — Definitivamente somos as pessoas mais legais aqui nesse quarto.

— Que dureza, né?

— *Foi isso que ela disse!* — exclamou Kate.

Matt fez que não com a cabeça.

— E foi nessa pessoa que escolhi depositar meus sentimentos — murmurou ele, como se aquela fosse apenas a mais recente entre as péssimas escolhas que fizera na vida.

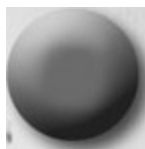
— Você é *demais* — disse ela, feliz, suspirando enquanto ele beijava o seu pescoço.

Ele bufou.

— Demais? É essa a palavra que você vai escolher? Sêrio? Você é tão romântica.

— Você é *radical, cara* — entooou ela, puxando-o para que continuasse beijando o seu pescoço. — Volte ao trabalho. Não temos muito tempo, então vamos aproveitar.

CAPÍTULO VINTE



5) Eu, Matthew Galloway, aqui declaro que Katherine Galloway é responsável por todos os incidentes dolorosamente vergonhosos que ocorreram em minha vida até a presente data. Incluindo, mas não somente, a vez em que quebrei o próprio nariz com uma raquete de tênis quando tinha nove anos. CULPA DE KATHERINE.

6) Não existe nenhuma foto minha sem roupas na Internet!! Nenhuma!! Isso é uma mentira descarada!!

7) NÃO SEREMOS OS CIENTISTAS DESCOLADOS SE FORMOS DESPEDIDOS POR ASSEDIAR SEXUALMENTE UMA MESA DE TRABALHO.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

Crimeia, Ucrânia, 1854

Katy estava atravessando o campo para cumprir uma tarefa dada pelo novo patrão quando o viu.
— *Matthew* — disse ela.

Ela não via Matthew havia dias, desde que ele descobrira sua ligação com lorde Somerset. Estava trabalhando com os médicos no hospital de campanha desde então, cuidando dos soldados com cólera. Três dias após o desembarque, o exército ainda estava acampado na costa, aguardando ordens para marchar para a batalha. O mais perto que Katy chegara de Matthew naquele período fora em sonhos, que eram iguais todas as noites. Ele sempre morria nos braços dela, e todas as manhãs ela acordava coberta de suor e com vontade de vomitar. Por mais que dissesse para si mesma que aquilo não era real, não conseguia afastar a sensação de mau agouro. A lembrança de estar completamente sozinha e olhando para o rosto pálido e sem vida de Matthew lhe doía até os ossos; era insuportável.

Agora que ele estava ali diante dela, vivo e bem — que era como sempre desejava que ele estivesse —, Kate não conseguia pensar em nada para dizer. Tentou se lembrar do discurso que havia preparado, a desculpa que ensaiara inúmeras vezes na cabeça, mas sua mente ficou totalmente em branco. No entanto, a batalha logo começaria, e talvez ela nunca mais o visse. Aquela era a sua última chance de explicar por que tivera que enganá-lo.

— Eu posso explicar tudo, por favor...

— Kit Russel — chamou uma voz, interrompendo-a.

Katy se virou e se deparou com um cavalo entediado olhando fixamente para uma faixa de grama amarelada; o cavaleiro sobre ele a encarava intensamente.

Lorde Somerset.

Ele a encontrara no pior momento possível. Kate se agitou, alternando o olhar entre o patrão e Matthew, que ainda não dissera nada.

— Ele sabe de tudo — confessou Katy.

— Ah — disse com pesar lorde Somerset, ou Raglan, como Matthew o conhecia. — Isso explica por que seus artigos foram tão reveladores apesar da presença de Kit. Quando você descobriu?

— Alguns dias atrás — respondeu Matthew com tristeza. — Eu não acredito que você estava me espionando esse tempo todo, Kit.

— Alguns dias? — perguntou Lorde Raglan. — Mas isso significa que... Kit, devo dizer que estou muito decepcionado por você não ter pressionando mais o sr. Galloway antes que ele descobrisse para quem trabalhava. Vocês não estavam trabalhando lado a lado? Ele nunca chegou a confiar em você?

— Na verdade, senhor, eu tive sim algumas oportunidades para alterar os artigos de Matthew — confessou Katy de cabeça erguida. — Mas decidi não fazer isso.

Somerset inclinou a cabeça de forma inquisitória enquanto segurava as rédeas com mais força.

— Posso saber por quê?

— Depois de ver as verdadeiras condições nos hospitais de campanha e a falta de atenção ao bem-estar dos soldados, eu decidi que algo precisava ser feito, apesar de suas preocupações.

— Você foi enviado para cá para se certificar de que nenhuma informação vazasse para os russos. Como saber se eles não estão mais bem preparados para a batalha por culpa sua? Nós podemos perder a guerra por sua causa!

— Não sei se isso é verdade ou não, senhor. Sinceramente espero que não, porque eu acredito no trabalho que o sr. Galloway vem fazendo. Ele é um homem corajoso e honrado e o editor dele nos disse que os artigos que enviou resultaram em várias mudanças muito necessárias. Algumas voluntárias já estão a caminho do front para trabalharem como enfermeiras. O senhor talvez tenha ouvido falar de Florence Nightingale. Além disso, uma linha ferroviária está sendo construída até o front e tudo isso por causa dos artigos de Matthew. Mais suprimentos, mais munição e mais homens também chegarão, e tudo isso por causa dele. Essas vantagens têm mais valor do que os possíveis riscos que os artigos representam. Sinto muito decepcioná-lo, senhor, mas mantenho a minha escolha veementemente.

Raglan parecia furioso.

— Entendo. Nesse caso, não há mais nada a dizer. Você está despedido. — Ele puxou as rédeas e partiu a galope.

Katy não se importava com ele. Quando se atreveu a olhar para Matthew, ele a encarava de forma intensa, com uma expressão complexa no rosto. Parecia ao mesmo tempo nervoso e esperançoso, mas não fez qualquer comentário a respeito da confissão que ela acabara de fazer. Então, de repente, baixou a cabeça e desapareceu por entre a multidão no acampamento. Katy ficou olhando para ele. Matthew sabia de tudo agora. Não havia mais nada que pudesse fazer

para que a perdoasse. A decisão era dele.

Carlisle, Inglaterra, 1745

Sentados e protegidos do frio por um cobertor, Katherine e Matthew observavam os rebeldes cavarem suas trincheiras abaixo dos muros do castelo. Mal dava para vê-los sob a neblina, de mangas arregaçadas e cavando incansavelmente, os mosquetes apoiados perto deles. Era uma visão estranha com toda a neve que derretia ao redor.

Os jovens soldados da milícia de Carlisle estavam cada vez mais agitados e em pânico diante daquilo. Haviam abandonado seus postos e discutiam acaloradamente se deveriam ou não se render. Katherine e Matthew estavam entre os poucos civis que não haviam fugido ou se trancado nas próprias casas atrás de barricadas. Observavam os soldados aterrorizados com um tipo sereno de curiosidade. Tinham um ao outro naquele momento, e aquilo era tudo que importava.

Por fim, o grupo de soldados da milícia que sussurrava entre si empurrou um representante. Inseguro, ele se aproximou do coronel Durand, que observava o trabalho dos rebeldes por um telescópio. O soldado entregou uma carta para o oficial. Enquanto ele lia, seu rosto se tingiu de um roxo impressionante.

Nós, da milícia, cujos nomes assinamos abaixo, acreditamos que o castelo não é forte o suficiente para deter nosso inimigo e nos recusamos terminantemente a defendê-lo.

A ameaça imposta pelo exército rebelde é grande demais para ser suportada por qualquer força, e os danos serão muito maiores se resistirmos às exigências em vez de nos rendermos.

Códex/v1/Cenário-tempo-1745/Doc-7

— Mas o que significa isto? — explodiu o coronel, afrontado.

O soldado arregalou os olhos e gaguejou uma resposta, falando tão depressa as palavras que devia tê-las decorado:

— Senhor, estamos exaustos demais para continuarmos vigiando o castelo. Esperávamos ter o apoio do exército inglês a essa altura e não podemos mais manter as defesas sozinhos. Iremos nos render.

— Não! — exclamou Durand, firme.

O garoto abriu e fechou a boca diversas vezes. Seus olhos se voltaram para os amigos, que estavam reunidos a uma distância segura, mas ouvindo atentamente as palavras do coronel.

— Nós somos perfeitamente capazes de defender a cidade — insistiu Durand. O garoto

estava tão aterrorizado que nem parecia estar ouvindo. — As trincheiras dos rebeldes são péssimas e foram cavadas longe demais para ter qualquer serventia. Eles sequer possuem canhões!

— Sinto muito, senhor, mas nós nos renderemos antes que todos sejamos mortos. Falaremos com o prefeito. — O garoto voltou correndo para o grupo.

Durand tentou impedi-lo, mas era tarde demais. A milícia marchou para fora do castelo, deixando apenas Durand e os homens mais velhos da guarnição defendendo Carlisle.

Crimeia, Ucrânia, 1854

O exército russo era uma mancha de metal polido do outro lado do rio. No início, Katy não tinha entendido o que estava vendo. Parecia que o inimigo era uma criatura gigantesca de armadura, agachada no sopé das montanhas, aguardando para atacar. Então, percebeu que o que via eram os capacetes dos soldados que haviam se espalhado seguindo a linha do horizonte. Depois de um dia longo e quente de marcha, eles haviam chegado ao campo de batalha.

As tropas britânicas estavam espalhadas pela planície, formando uma onda de casacas vermelhas, as baionetas reluzindo ao sol. Era uma fileira vermelha fina, marchando em direção ao inimigo. À direita deles estavam os franceses, um grupo menor com uniformes escuros, e, do outro lado, estavam os homens com *kilts* de lã e grandes chapéus pretos de pele de urso do regimento escocês.

Katy começou a descer um declive de terra que se desintegrava a fim de juntar-se a um grupo de civis reunido em uma vila na planície. Não passava de um borrão de construções de madeira no vasto deserto. Era um grupo triste em comparação ao brilho surpreendente dos soldados.

O barulho da artilharia encheu o ar. Chocada, Katy se agachou por reflexo, esperando ser atingida. Sentia o ar vibrando à sua volta, como se as balas tocassem sua pele enquanto cortavam o ar. Uma bomba explodiu as construções à sua frente. As paredes de madeira foram lambidas pelo fogo e o ar foi tomado por uma fumaça branca que se espalhou rapidamente por toda a vila. As pessoas que estavam com ela começaram a gritar e correram em busca de proteção. Katy piscou para afastar a fuligem dos olhos enquanto tentava enxergar alguma coisa através do ar denso.

Deveria ter permanecido na colina, onde era possível ver todo o campo de batalha. Agora estava no meio do caos e não enxergava um palmo diante do nariz. Queria encontrar Matthew, só para se certificar de que ele estava seguro. Não o vira mais desde o encontro com lorde Somerset no dia anterior.

Em seus pesadelos, tinha visto Matthew morrer quatro vezes. Todas as manhãs, acordava gritando o nome dele, a imagem gravada na retina em cores vívidas e pútridas. Parecia tão real; cada uma daquelas mortes tinha arrancado outro pedaço do seu coração. Era diferente de qualquer outro sonho que já tivera na vida. Parecia mais uma lembrança.

Por que estava tão perturbada por algo que sequer tinha acontecido? Matthew estava ali em algum lugar — evitando-a, mas vivo e saudável —, ainda assim, sentia-se perdida, como se ele já tivesse morrido muito tempo atrás.

- > Amálgama temporal está provocando sofrimento mental no sujeito “KATY” no cenário-tempo de 1854
- > Isso pode afetar as chances de alcançar o objetivo
- > O tempo está se esgotando e os sujeitos ainda não fizeram nenhum progresso em direção ao desfecho desejado
- > Intervenção recomendada
- >> Intervenção negada

CAPÍTULO VINTE E UM



Matthew, você precisa ficar atento. Está começando a se expressar como eu. Percebeu que usou VÁRIOS PONTOS DE EXCLAMAÇÃO no seu último bilhete? O que aconteceu com “Pontuação excessiva é para idiotas e pessoas sem educação. Por favor, não envie e-mails para mim se não conseguir controlar a sua digitação, srta. Finchley”? E com “Pare de gritar comigo usando letras maiúsculas, Katherine. É estranho e não torna o seu argumento mais ou menos válido. Os dados ainda não estão de acordo com a hipótese”? Eu treinei você muito bem. :’)

Um dia, quem sabe, você vai ser uma pessoa descolada!

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

LABORATÓRIO CENTRAL SCIENCE, CONDADO DE MIDLANDS OCIDENTAIS, INGLATERRA, 2039

O céu estava tingido de laranja escuro quando saíram da estação de trem e entraram no laboratório. Uma placa enferrujada indicava que tinham chegado ao Laboratório Central Science, mas eles teriam adivinhado mesmo que não houvesse placa alguma. A cerca estava coberta com avisos fluorescentes que exclamavam PERIGO: ZONA EM QUARENTENA.

— O portão está trancado — declarou Matt, levantando o cadeado.

— Aposto que dá para achar algum buraco na cerca. Este lugar é um chamariz para adolescentes rebeldes. Devem ter encontrado um modo de entrar há muito tempo.

— E você sabe tudo sobre adolescentes rebeldes? — quis saber ele, seguindo-a enquanto ela caminhava pelo perímetro da cerca.

— Não faço ideia do que você está falando — respondeu ela, tranquila. — Eu fui uma garota muito bem comportada.

Ele riu em tom de deboche, mas ela preferiu ignorá-lo, pois acabara de encontrar um buraco relativamente grande na cerca aramada.

— Eu não disse?! — Ela se agachou e passou pelo buraco e pelos arbustos do outro lado. Abriu caminho pelos galhos espinhosos até chegar à segurança de um estacionamento pavimentado.

Estava tirando as folhas que tinham ficado presas no cabelo quando Matt saiu do arbusto, parecendo incomodado e desarrumado.

— Você está bem? — perguntou Katherine.

— Acho que o meu cotovelo está sangrando.

— Ah, você está bem — afirmou ela, agarrando a mão dele.

Cuidadosamente, atravessaram o estacionamento vazio e cheio de mato em direção ao prédio. O complexo parecia intocado, as grandes janelas não tinham sido quebradas, embora estivessem esverdeadas com limo e fungos. Não se parecia em nada com o que Kate imaginara. Lembrava mais uma biblioteca do que um local em quarentena por causa do surto de uma bactéria perigosa. Não acreditava que estavam arriscando tudo para desvendar um mistério esquecido havia tanto tempo e que acontecera tantos anos antes. Mas sentia que aquele era o motivo de sua existência — o motivo de estar viva. Não podia desistir. Tinha de fazer isso por si mesma e por Katherine.

Aproximaram-se do prédio com cautela, mas não havia sinal de vida. Kate espiou pelos vidros imundos das janelas, enquanto Matt tentava abrir as portas. O sistema de segurança obviamente tinha resistido ao tempo, porque a porta não cedia.

— Por que não quebramos uma janela? — sugeriu Kate, interrompendo os pensamentos de Matt, que vislumbrava acessar o mecanismo da fechadura. Ele pareceu chocado com a ideia.

— Matt, é um *prédio abandonado*. Quem se importa?

— Mas é um desperdício de vidro!

— Você tem um senso muito deturpado de moralidade. Eu realmente acho que não importa, bobão. Pode deixar que faço isso.

— Kate pegou uma pedra de um canteiro que precisava de poda havia muito tempo e a atirou contra a janela. Ela quicou e caiu com um som surdo.

Matt fez uma careta.

— Parabéns — provocou ele, seco.

Ela revirou os olhos e pegou a pedra de novo.

— Boa ideia, Kate. Aposto que *dessa vez* vai funcionar direitinho.

— Tenho sido uma péssima influência para você, sr. Galloway. Menos sarcasmo, por favor, meu jovem. Cinismo não combina com você.

— Eu nem acho que sarcasmo seja a pior influência que você teve na minha vida — resmungou ele.

— Ah, não precisa agradecer — disse ela, mirando a pedra com cuidado em uma das quinas dos grandes painéis de vidro das portas de correr. O vidro se estilhaçou, derramando uma majestosa e satisfatória chuva de cacos sobre o piso da recepção. Ela lançou um olhar presunçoso para Matt, mas ele estava ocupado demais olhando para dentro do prédio para notar.

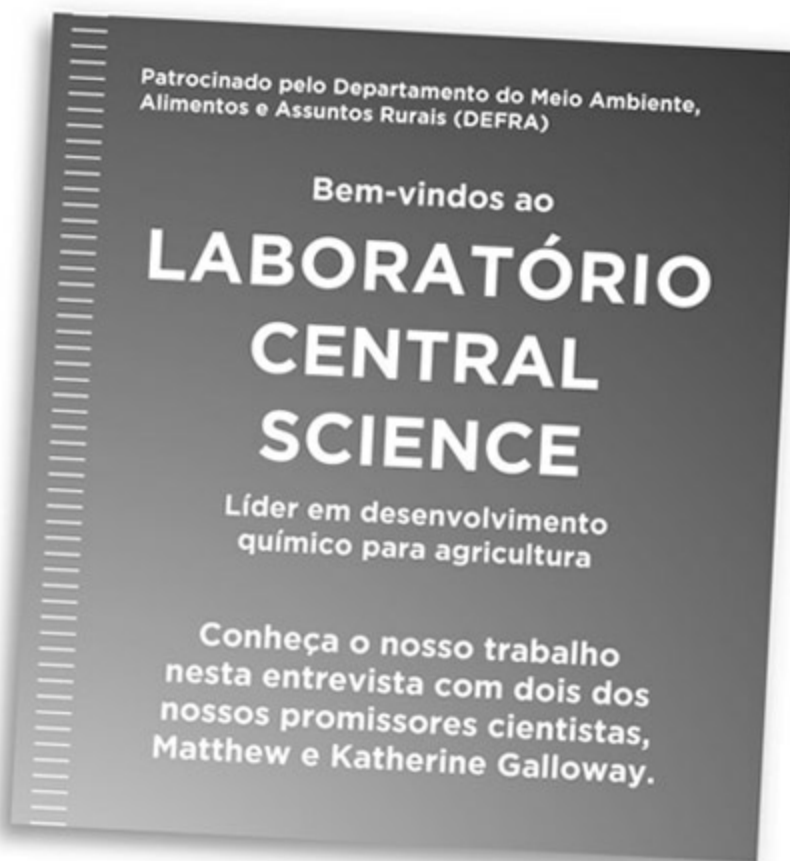
— Como vamos saber se a bactéria ainda está viva? — perguntou ele.

Eles lançaram um olhar apreensivo para o prédio.

— Eu tenho quase certeza que a liberação da bactéria não aconteceu de verdade, sabe? — declarou Kate. — Olha só este lugar. Parece que eles tiveram bastante tempo para arrumar tudo antes de fechar. Acho que o Central Science inventou tudo isso para fazer com que as pessoas mantivessem distância. Acho que devemos arriscar. Além disso, a bactéria já não teria sido liberada pelo vidro que eu acabei de... hum... quebrar?

Matt assentiu e passou pela abertura na porta, fazendo os cacos de vidro estalarem sob seus pés.

Kate o seguiu e, então, acendeu a lanterna, iluminando a recepção. Pegou um folheto colorido no chão. Na frente, havia uma fotografia de Matthew e Katherine Galloway, posando com jalecos e tubos de ensaio e sorrindo para a câmera.



— Você está pronta? — perguntou Matt, batendo com o ombro no dela.
Ela largou o folheto, sentindo a boca seca, e assentiu.
— Estou.

Carlisle, Inglaterra, 1745

— É difícil acreditar que estamos no meio de um cerco — disse Katherine. — Tudo está tão tranquilo.

No dia seguinte, haveria uma reunião para decidir se a cidade deveria se render aos jacobitas, mas, naquela noite, a cidade estava silenciosa.

— Será que poderias vir comigo até os meus aposentos? — continuou ela, um pouco nervosa. O pedido soava escandaloso mesmo que estivessem noivos agora. — Eu quase morri de frio na noite passada porque não consegui acender a lareira.

Matthew assentiu com uma expressão estranha no rosto e foi com ela até o andar de cima. As mãos deles se tocaram na balaustrada; ambos se sobressaltaram com o toque e se afastaram, olhando-se timidamente.

Quando chegaram ao quarto, ela se sentou à penteadeira e soltou o cabelo enquanto ele acendia a lareira. Matthew não parava de lançar olhares na direção dela. Quando o fogo queimava com segurança, ele se aproximou e parou bem atrás de Katherine. Ela se recostou no peito dele e deu um beijo em seu braço. Matthew se curvou para beijar o pescoço dela; toques suaves percorrendo a pele.

Um gemido ecoou no quarto. Katherine levou um tempo para perceber que o som ofegante e lascivo tinha vindo dela. Fechou os olhos, constrangida. Tinha gemido alto demais e ele só havia beijado o seu pescoço! Matthew começou a beijar levemente as pálpebras dela. Quando Katherine abriu os olhos, viu a expressão de adoração no rosto dele.

— Será que podes me ajudar a tirar o vestido? — perguntou ela, baixinho. — É muito difícil fazer isso sozinha.

Ele olhou para o corpete do vestido e ela estremeceu.

Quando Matthew começou a desabotoar cuidadosamente o vestido, Katherine pensou no quanto era muito mais romântico ter Matthew fazendo aquilo em vez de uma criada. Quando ele soltou as fitas da blusa, ela se levantou e deixou o vestido escorregar para o chão. Já se sentia nua mesmo com várias camadas ainda a remover. Matthew a despiu devagar, saboreando cada momento como se ela fosse um presente em um embrulho elaborado. Ele beijou, maravilhado, cada centímetro de pele exposta.

Por fim, ele terminou de tirar todas as camadas e Katherine se afastou da pilha de peças abandonadas no chão. Ele ficou ofegante e rapidamente a puxou para si e a beijou. O toque dos dedos dele eram frios sobre a pele de suas costas e ela ofegou.

Matthew sorriu.

— Desculpa-me.

— Não precisa se desculpar.

Ele a ajudou a vestir a camisola e não se apressou para amarrar a fita. Então, deu um beijo

leve na nuca de Katherine.

Ela se virou com um sorriso no rosto.

— Agora é a minha vez.

Ela começou a desabotoar a casaca dele e, depois, a camisa, beijando a pele que revelava-se a cada botão.

— Bem mais rápido — murmurou ela contra a pele dele. — Talvez eu deva voltar a me vestir como um garoto.

— Eu não faria objeções — respondeu ele. — Desde que não fosse em público.

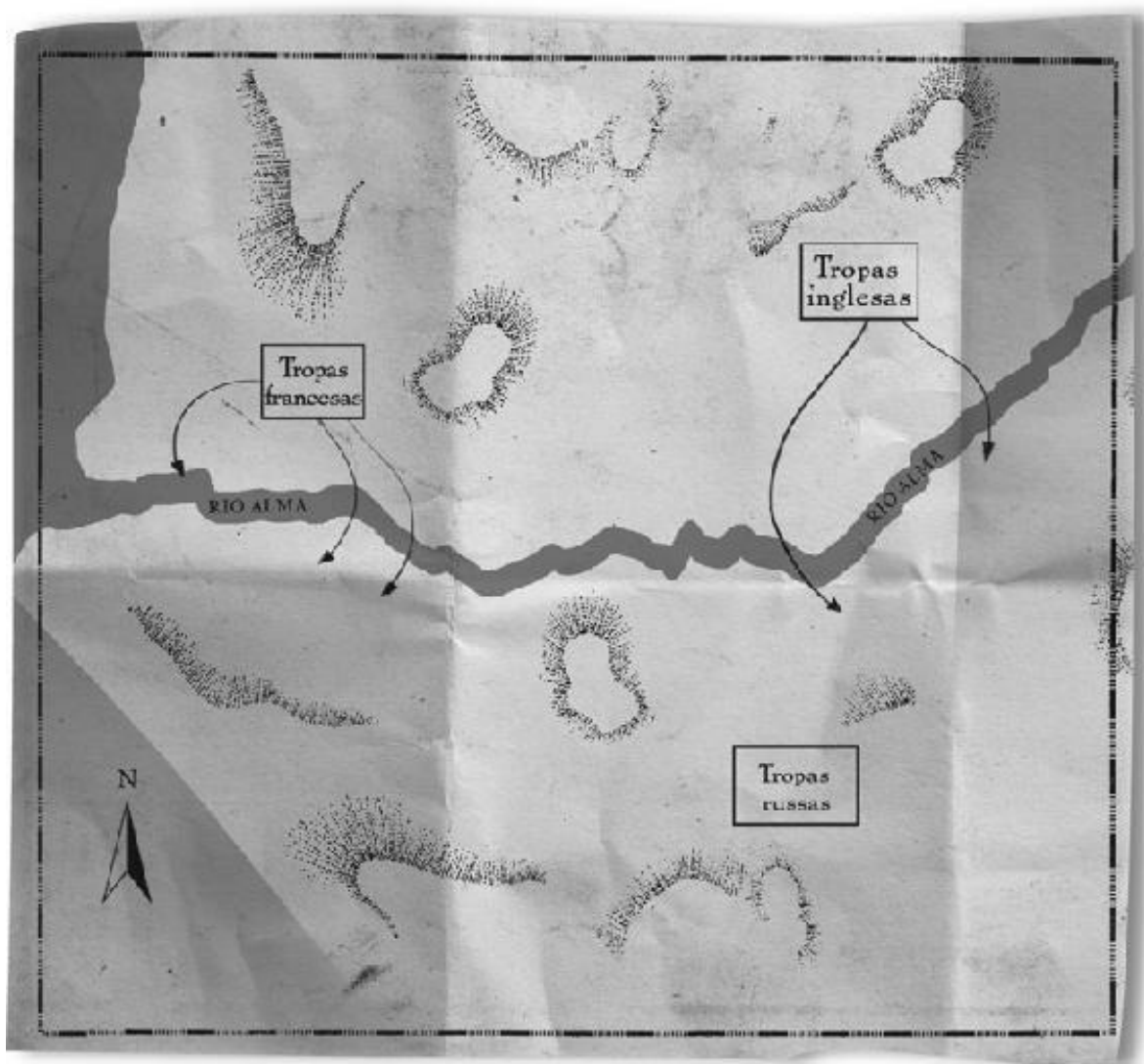
Katherine poderia muito bem passar o resto da vida beijando Matthew. Ela enfiou a mão por baixo da camisa dele para tocar em sua pele macia.

Ele se sobressaltou, surpreso.

— É melhor pararmos. Devemos esperar até estarmos casados.

Ela soltou um suspiro. Ao sentir as mãos dele acariciando seu cabelo, fechou os olhos. Katherine não estava pronta para ir além daquilo. Tudo era bom demais para ser verdade.

> Cenário-tempo de 1745 progredindo conforme planejado.



Crimeia, Ucrânia, 1854

A batalha estava intensa e Katy já tinha perdido a noção de onde estava. O ar estava pesado com a fumaça do incêndio das construções da vila. Katy empalidecia a cada sombra, temendo, de alguma forma, ter cruzado as linhas inimigas e estar cercada por russos. Tropeçou novamente, sentindo que esmagava algo com os pés. Por um momento nauseante, achou que tivesse pisado em um cadáver, mas então um odor frutado se elevou no ar cheio de fumaça. Uvas. Estava em um vinhedo.

De algum lugar próximo vinham sons de tiros e de homens gritando. Sentia o calor do fogo na pele. De repente, uma sombra caiu sobre ela e Katy se jogou no chão achando que poderia ser uma bomba. As batidas das asas, no entanto, mostraram que era apenas uma ave tentando fugir da batalha. Um tiro passou por cima da cabeça de Katy, que estremeceu ao ver a bala se alojar em uma parede, fragmentos de tijolos explodindo.

O barulho a aterrorizou, mas a ajudou a retomar o senso de direção.

Sabia agora que a linha de frente devia ser no rio. Correu até que a fumaça se dissipasse e, de repente, conseguiu enxergar de novo. As fileiras ordenadas e coloridas dos regimentos haviam se transformado em uma massa marrom, o vermelho vivo misturando-se ao azul.

Então, Katy cambaleou para trás, em choque. Havia várias *mulheres* em pé no topo da colina, os vestidos voando na brisa. Os russos estavam fazendo um *piquenique* durante a batalha! Ficou boquiaberta diante de tamanha arrogância. Assistiam à guerra como se fosse o passatempo daquela noite.

Depois de um momento, voltou a si e verificou o progresso dos soldados. Os britânicos estavam concentrados em uma ponte de madeira e os russos, que estavam do outro lado do rio, atiravam neles. Os homens caíam na água e nadavam até a margem antes de subirem a colina. Seguravam o mato viscoso para içarem o corpo à terra e eram imediatamente mortos pelos russos.

Os planos de Katy eram vagos, mas não conseguia parar de pensar que tinha de encontrar Matthew, que ele precisava de sua ajuda. Seguiu em direção ao rio. Os soldados cruzavam as águas com dificuldade, segurando os rifles acima da cabeça. Ficou surpresa ao perceber que vários carregavam cachos de uva entre os dentes —obviamente também tinham passado pelos vinhedos e aproveitado a oportunidade.

A batalha ficava mais violenta a cada segundo e uma bomba passou voando por Katy, caindo no outro lado do rio. Explodiu em meio aos soldados russos em uma labareda de fogo. Katy ouviu um grito e viu um soldado ferido na margem um pouco abaixo dela. O sangue escorria por um ferimento na cabeça dele. E então, viu Matthew exatamente onde sabia que ele estaria: bem no meio do perigo. Estava dentro da água até os joelhos e tentava puxar o homem ferido para a margem.

Quase todos em Carlisle estavam reunidos na catedral para decidir se deviam se render. Durand e sua guarnição tentavam convencer os moradores aterrorizados a continuarem lutando contra os rebeldes.

— Eu apoio Durand — afirmou Matthew para Katherine com firmeza. — Nós conseguiremos resistir à invasão. Não devemos confiar que eles cumprirão as promessas depois que recusamos as condições iniciais. Temos que mantê-los fora da cidade.

Katherine fez um “hum” pensativo.

A reunião se estendeu por um longo tempo, mas mesmo que os civis estivessem inicialmente dispostos a manter as defesas, a milícia se recusava a ajudar.

Com isso, uma onda de pânico se espalhou pela catedral.

— Temos que nos render! — exclamou um cavaleiro. — Não temos condições de defender a cidade sem soldados.

Uma votação foi organizada e a maioria dos civis votou a favor da rendição. Durand se levantou para falar com a multidão, a voz retumbante ecoando no teto alto da igreja.

— Senhoras e senhores, seja qual for a decisão da cidade, o castelo e a guarnição se manterão firmes. Qualquer um que deseje se juntar a nós no castelo será bem-vindo. Nossas defesas são boas e temos provisões suficientes para resistir pelo tempo que o cerco levar.

Ele fez uma pausa e depois continuou:

— Os portões do castelo serão fechados ao entardecer e permanecerão trancados quando os jacobitas entrarem na cidade depois da sua *rendição*. — Ele colocou ênfase proposital na palavra, demonstrando o quanto estava enojado com o fato da milícia desistir tão facilmente.

Katherine entendia a sensação. Depois de um aceno firme com a cabeça, ele se encaminhou para a saída a passos decididos.

Um soldado bloqueou o caminho dele.

— Senhor — disse ele —, as condições do príncipe Carlos exigem que o castelo se renda junto com a cidade. Teremos de insistir para que o senhor entregue as suas armas.

— A guarnição do castelo não se renderá — retorquiu Durand. — A cidade deveria se recusar a desistir diante de ameaças de violência, não importa o motivo. Carlisle não deve ceder às ameaças de Carlos, principalmente quando somos perfeitamente capazes de nos defender. Carlisle é melhor do que isso. *Nós não nos renderemos*.

— Senhor, temo que eu seja obrigado a insistir. Nós já redigimos o documento de rendição... Se o senhor assiná-lo, então poderemos acabar logo com isso. Se o senhor não assinar, Carlisle terá que enfrentar a fúria dos rebeldes escoceses e não permitiremos isso. Sinto muito, mas não tenho escolha a não ser pedir que o senhor assine.

— Eu me recuso, seus covardes — sibilou Durand.

Em silêncio, o soldado baixou o mosquete e o apontou para Durand. Depois de um momento de choque, todos começaram a gritar. E então tudo aconteceu de uma vez só. A guarnição e a milícia apontaram as armas uns contra os outros, lançando ameaças furiosas em um mar de barulho.

Durand ficou congelado.

— Não! — gritou Matthew, agitado. — Ele não pode morrer!

Katherine correu na direção deles, sem saber direito o que planejava fazer, mas sabendo que precisava ajudar. Porém, Matthew a empurrou para trás e se jogou para tirar Durand da linha de fogo. Com o susto, o soldado com o mosquete se jogou para frente e, então, sem aviso, a arma disparou.

O estrondo ecoou na igreja.

— *Não!* — gritou Katherine. Ela não conseguia ouvir nada a não ser o tiro ecoando em seus ouvidos, não conseguia ver mais nada a não ser o sangue que se espalhava rapidamente pelas costas da camisa de Matthew, empapando o tecido em questão de segundos.

Matthew tinha sido atingido.

> ALERTA: Alocação do sujeito “Matthew” no cenário-tempo de 1745 está comprometida

> Situação crítica

> Intervenção recomendada

>> Intervenção em progresso

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Eu sou descolado! Só porque não me comunico como um adolescente bêbado não significa que não sou moderninho. Ou “épico” ou “animal” ou seja qual for a palavra que os jovens usam hoje em dia. E eu sei que você está rindo de mim neste momento porque usei a palavra “moderninho”, não minta.

Talvez você esteja só se divertindo um pouco às minhas custas. É bem legal provocar o outro com bilhetes na geladeira.

(Além disso, nosso relacionamento começou mesmo comigo corrigindo a sua gramática? Por que você aceitou sair comigo?)

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

Crimeia, Ucrânia, 1854

Matthew quase tinha conseguido puxar o soldado ferido para a margem quando Katy desceu a colina.

— Matthew! — chamou ela, as palavras abafadas pelo som da batalha e pela correnteza do rio. Ela se ajoelhou na margem, agarrando o soldado ferido e arrastando-o até a terra firme. Era um escocês. O chapéu alto de pele de urso estava torto e encharcado. — Matthew, a gente precisa sair daqui — disse ela.

Matthew saiu da água com dificuldade. Antes que tivesse a chance de responder, alguém atirou neles.

Katy o derrubou e se jogou em cima dele. Se não tivesse feito isso, ele teria sido atingido. Ela precisava impedir isso, mesmo que ela própria levasse o tiro.

— *Katy!* — exclamou ele, tentando se livrar dela, mas ela se segurou firme. Não poderia permitir que ele morresse.

> ALERTA: Risco de o tempo se esgotar no cenário-tempo de 1854

Katy ofegou tentando respirar, sentindo o pânico tomar conta de si como se estivesse se

afogando. Então, de repente, o soldado escocês se atirou em cima de ambos, protegendo-os no espaço escuro e seguro sob seu corpo. Não fazia ideia do motivo pelo qual ele decidira sacrificar a própria vida, mas cerrou os dentes e fechou os olhos enquanto os tiros aumentavam. O soldado sobre eles tremia. Um líquido quente pingou no rosto dela. O homem gritava, contorcendo-se à medida que os impactos o atingiam. Até que de repente tudo ficou em silêncio e Katy e Matthew se entreolharam. O escocês os salvara. Salvara os dois.

Matthew estava *vivo* e enquanto olhava para Katy com uma expressão de horror, pânico e descrença, a mente dela estava tomada por uma sensação de calma. Não se lembrava de como respirar, pensar ou fazer qualquer outra coisa a não ser fechar os olhos e saborear o alívio por ele estar vivo, por não precisar assistir à morte dele de novo como na catedral. Matthew ainda estava ali. Ele ainda era dela.

Foi naquele instante que as lembranças voltaram, derramando-se dentro dela como se sempre tivessem estado ali. Katy só precisou se deparar com a morte para lembrá-las. As imagens inundaram sua mente como manchas vívidas, e ela se recordou de tudo — e Matthew era tudo para ela e ela o amava e sempre o amara.

Ela já tinha feito aquilo antes. Tinha segurado o corpo de Matthew empapado de sangue e buscado o ar em meio às lágrimas. Não era um simples *déjà vu* porque ela se lembrava de tudo claramente, como se tivesse acontecido no dia anterior. Mas tal coisa era impossível.

Katy conseguiu ver com clareza surpreendente as vidas anteriores que viveram. A visão dela escureceu e ela afastou as lágrimas que lhe embaçavam os olhos. O mundo voltou ao foco, mas agora era novo e diferente.

> Amálgama temporal 100% concluído no cenário-tempo de 1854

> É altamente improvável que os dois sujeitos atinjam o objetivo, considerando-se o cenário perigoso em que se encontram

Carlisle, Inglaterra, 1745

Com o sangue fluindo do ferimento em seu peito, Matthew ficou em pé por tempo suficiente para que Katherine tivesse esperanças de que o ferimento não fosse sério, que tudo daria certo e que ele ficaria bem. Até que ele desabou no chão de uma só vez, como se as cordas que o mantivessem em pé tivessem sido cortadas. Seguiu-se um silêncio sepulcral.

O soldado que atirara em Durand e atingira Matthew por acidente largou o mosquete e deu um passo para trás, horrorizado. Katherine, trêmula, abriu caminho pela multidão, sentindo as pernas prestes a ceder. Não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Ela se jogou no chão ao lado de Matthew, puxando-o para o seu colo.

— Matthew! — exclamou ela, a voz soando oca.

A cabeça dele estava apoiada no ombro dela.

— Eu te amo — disse ele.

Katherine fechou os olhos e pressionou o rosto contra o dele.

— Eu também te amo, Matthew. *Por favor*, não me deixes.

Durand estava próximo a eles, coberto com o sangue de Matthew.

— Por favor, não se renda — implorou Matthew a ele. — O senhor não pode. Por favor, o

senhor precisa resistir. Prometa.

Durand assentiu, pálido.

— Ninguém mais vai morrer. Eu prometo.

O olhar de Matthew pousou novamente no rosto de Katherine, passeando pelos traços dela como se quisesse memorizar cada detalhe.

— Kathy, cuide de... Anise para mim. Por favor.

Ela concordou com um aceno de cabeça e tentou forçar um sorriso enquanto via a luz se esvaír dos olhos de Matthew. O corpo dele foi ficando imóvel, tomado por uma espécie de resignação. Tudo estava embaçado diante dos olhos de Katherine. Ela piscou enquanto afastava o cabelo que tinha caído sobre os olhos dele. Matthew não piscou; Katherine percebeu que era porque ele não conseguia afastar o olhar dela.

— *Eu te amo* — repetiu ele sem emitir som antes de fechar os olhos para não abri-los nunca mais, mesmo quando ela implorou que não a abandonasse. Katherine chorou convulsivamente, cada soluço que saía do seu peito sacudia o corpo sem vida em seu colo. Ela não conseguia parar. Seu choro era um som rouco e o rosto queimava com o sal das lágrimas que escorriam.

- > Alocação do sujeito “MATTHEW” se esgotou
- > Intervenção em progresso
- > Missão fracassada
- > Buscando a correspondência mais próxima
- > ... buscando ...
- > Correspondência encontrada em uma linha espacial adjacente
- > Transferindo candidato masculino
- > Carregando arquivo ...

Ele ofegou. Os olhos de Matthew se abriram e o olhar dele se focou nela. A respiração dele estava pesada.

— Matthew? — perguntou ela, o coração na garganta. Ele tinha *morrido*. Ela tinha *visto Matthew morrer*. Mas ali estava ele, vivo em seus braços. Ela conseguia sentir o coração dele batendo contra o peito dela.

— K... Kat... — Ele se engasgou e tossiu sangue, depois pigarreou. — Katy? Você morreu... O que está acontecendo?

Ela ficou encarando Matthew, chocada, enquanto ele se esforçava para ficar de pé. Não havia nenhum rasgo em sua roupa e nenhum ferimento em seu peito.

Nas margens do rio, no meio da batalha da Crimeia, com o escocês morto aos seus pés, Katy se lembrou de tudo. De todos os momentos ao longo da história em que estiveram juntos e de todas as vezes em que foram separados. Não conseguia imaginar como fora possível ter se esquecido de tudo. Estava tudo tão óbvio e tão claro, inclusive a forma como Matthew tinha voltado para ela depois de sua morte em 1745. Sentiu o pânico tomar conta de si e, então, que alguém a abraçava, puxando-a de volta para a realidade.

— Está tudo bem — murmurou Matthew. — Você está segura. Acabou. Eu estou aqui.

— Você morreu — disse ela, estremecendo. Matthew acariciou as costas dela.

— Não dessa vez. Você me salvou, Katherine. Está tudo bem. Eu estou bem.

— Você se lembra? Por favor, me diga que você também se lembra. Que não sou só eu. Diga que não estou enlouquecendo ou...!

— Eu me lembro. — A voz dele soava calma. — Eu morri. Levei um tiro. Na catedral. Eu me lembro.

Ela suspirou e, sentindo-se mais calma, conseguiu se recompor. Katherine podia fazer aquilo. Matthew estava ali com ela e tudo que imaginara era real. Mas eles ficariam bem desde que fugissem do perigo naquele momento.

— Precisamos correr — disse Matthew como se estivesse lendo seus pensamentos. — O mais rápido possível. Você consegue fazer isso, Katy?

— Consigo.

— Um, dois, três — murmurou ele e de repente já estava puxando-a pelo caminho, afastando-os da margem do rio e da batalha em direção a um lugar em que o ar estivesse limpo e o chão não estivesse ensopado de sangue.

Ela parou, tentando se orientar. Até que chegaram a uma casa de pedras totalmente vazia. A poeira tinha tomado conta de tudo ali dentro como se o local fosse um túmulo vazio havia muito tempo. Ela colocou uma barricada contra a porta e desabou no chão com um suspiro de alívio.

Matthew estava seguro. Estava vivo.

> Cenário-tempo de 1854 fora de perigo

> As ameaças continuam. Manter a vigilância até que os sujeitos estejam em segurança

LABORATÓRIO CENTRAL SCIENCE, CONDADO DE MIDLANDS OCIDENTAIS, INGLATERRA, 2039

Dentro do laboratório, Kate e Matthew olhavam em silêncio para a pequena placa de metal que indicava o escritório que pertencera a K. GALLOWAY, PESQUISADORA JÚNIOR. Pela primeira vez na vida, Kate não conseguiu pensar em nada para dizer — nem mesmo uma piadinha.

Ela já estivera ali antes.

Sabia que sim, exceto pelo fato de que não, nunca estivera.

Ou Kate estava enlouquecendo ou alguma coisa muito estranha estava acontecendo. Ela abriu a boca para perguntar para Matthew se ele sentia a mesma coisa, mas as palavras não saíram. Não poderia verbalizar uma coisa que faria com que parecesse uma louca varrida.

Matt virou a maçaneta e a porta se abriu com um rangido. O sol tinha se posto e a sala estava escura, a não ser pelos facho de luz da lanterna. Partículas de poeira se ergueram no ar quando eles entraram.

O olhar de Kate estava completamente focado no casaco pendurado no encosto da cadeira. A cor tinha desbotado até um tom de bege bem claro, resultado de vinte anos da ação do sol, mas o padrão do tricô ainda estava claro. Ela passou a mão sobre a peça, sentindo os pontos sob os dedos. Perdeu o ar. Aquilo era de Katherine. Ela estivera bem ali, trabalhando naquela sala: enviando e-mails engraçadinhos para o marido, preparando relatórios de pesquisa, preocupando-se com a bactéria, tirando o

casaco e deixando-o no encosto da cadeira no final de um dia cheio.

Ela se obrigou a afastar o olhar e se concentrou em Matt, que estava abrindo algumas gavetas.

— Não tem nada aqui — declarou ele.

Kate olhou por sobre o ombro dele. As gavetas da escrivaninha e os móveis de arquivo estavam todos vazias.

— Alguém deve ter destruído todo o trabalho deles depois que eles foram assassinados — concluiu Kate.

Eles ficaram se olhando, horrorizados. Tinham ido até ali para nada. Não havia nada naquela sala que pudesse acrescentar algo sobre a morte da mulher que assinara aqueles documentos.

O escritório de Matthew deve ser aqui perto — disse Matthew, tentando soar otimista. — Talvez encontremos alguma coisa lá.

— Espere — pediu Kate. Ela cuidadosamente pegou um enfeite de raposa que estava sobre a mesa e o enrolou no casaco, colocando os dois objetos na mochila.

Quando encontraram o escritório de Matthew, a porta estava trancada. Suspirando alto, como um homem preparando-se para a morte iminente, Matthew se atirou contra a porta, tentando arrombá-la. Surpreendentemente, deu certo.

— Uau. Eu achei que isso só funcionava nos filmes — comentou ela, enquanto ele esfregava cuidadosamente o ombro.

— Acho que é uma fechadura barata, já que é só para trancar uma sala — disse ele. Depois acrescentou: — *Meu Deus*, isso dói bem mais do que eu tinha imaginado.

— Matt, minha flor delicada, essa foi a sua chance de mostrar toda a sua masculinidade. Por que está estragando tudo?

Ele riu.

— Primeiro as damas, querida.

Estava uma bagunça lá dentro. Papéis espalhados por todos os lados e pedaços quebrados da escrivaninha e da cadeira. O pior de tudo eram os pontos escuros nas paredes. Kate respirou fundo, horrorizada. Não tinha a menor dúvida de que eram manchas de sangue.

— Matt...

Ele pegou a mão dela.

— Acho que foi aqui que tudo aconteceu.

Kate fechou os olhos, sentindo-se tonta. Ela conseguia ver o momento em que Matthew e Katherine tinham morrido de forma tão vívida que se sentiu mal.

— Foi aqui que nós... que eles morreram. Realmente atiraram neles.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Matthew, nosso relacionamento começou porque eu não sosseguei até você me levar para jantar. Você estava determinado a manter nossa relação puramente platônica porque trabalhávamos juntos e tudo mais, mas eu enchi o seu saco até você ceder. Como já se esqueceu disso? VOCÊ ACHOU QUE NÃO TINHA A MENOR ESCOLHA, NÃO É?

Reencenação dramática de como as coisas aconteceram:

K: Ei, gato, que bom conhecer você! Sou a Kate!

M: Você usou vírgulas demais nessa frase.

K: Vamos nos beijar agora.

M: Não. Por favor. Me permita morrer sozinho e infeliz em um poço de desespero.

K: Mas você tem que levar em conta o meu senso de humor! Meus seios maravilhosos! E o quanto eu sou boa na análise de erros! A gente devia começar a se beijar.

M: Mas a gente trabalha junto! Eu sou tímido e nem um pouco divertido!

K: Já mencionei como os meus seios são lindos?

M: Claro, vamos nos pegar.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

LABORATÓRIO CENTRAL SCIENCE, MIDLANDS OCIDENTAIS, INGLATERRA, 2039

Kate não acreditava que Katherine e Matthew tinham sido assassinados em 2019 até ter visto as manchas de sangue. Esperava descobrir que eles tinham conseguido escapar em segredo ou até mesmo que tivessem morrido em algum acidente horrível no laboratório.

— Espero que eles tenham conseguido esconder alguma evidência para nós antes de terem sido pegos — disse Matt apertando a mão dela antes de soltá-la. — Algo que nos ajude a provar que eles eram inocentes. — Ele ficou procurando pelo escritório destruído, separando os pedaços dos móveis em uma pilha.

— Você acha que eles podem ter escondido alguma coisa aqui? — perguntou Kate.

— Por que motivo eles estariam na sala de Matthew? O escritório dele não fica perto de nenhuma saída. — Em movimentos

frenéticos, ele vasculhou uma a uma as gavetas destruídas da escrivaninha.

— Acho que isso faz sentido... — concordou ela, tentando se controlar. Ela tinha que ajudar. — A gente está procurando por um celular, certo?

Ele assentiu.

— Ou por uma câmera. — Ele ainda estava se movendo rapidamente, passando pelos armários e gaveteiros antes de seguir para outro lugar.

— Matt, calma. Nós não estamos com pressa. Você não vai achar nada procurando dessa forma.

— Não — disse ele distraidamente. — Eu vou encontrar. Só preciso pensar onde eu... onde ele esconderia alguma coisa. Quando vir o lugar, eu vou saber. Não é em nenhum lugar por aqui.

Kate o observou, pensativa, lembrando-se de como ela se sentira no sótão, como tinha ido direto para o laptop escondido.

— Feche os olhos. Pense. Onde você esconderia alguma coisa se fosse você? Você não tem nem um minuto para pensar. Alguém está do lado de fora da porta, tentando entrar. Onde você esconderia algo pequeno, algo precioso?

Matthew ficou parado por um instante. Quando abriu os olhos, seu olhar pousou imediatamente na impressora. Ele abriu a tampa. Então, parecendo ter se esquecido até de respirar, enfiou a mão lá dentro e tirou os cartuchos de tinta. No último espaço, escondido nas sombras, havia um celular. Ele soltou o ar, trêmulo, antes de olhar para Kate com uma expressão de triunfo, e ela quase não conseguiu sustentar o olhar dele.

— Você foi direto ao lugar certo! — exclamou ela. Estava acontecendo com Matt também. Não era só ela experimentando a sensação de *déjà vu*.

Ele deu de ombros.

— Só pareceu certo, sabe?

— Você é brilhante. — Kate o beijou, de forma determinada e firme. Quando se afastou, ele parecia meio surpreso, e ela o beijou de novo, só para ver a expressão mais uma vez. Matt envolveu a cintura dela de forma protetora e a puxou para si.

— Um beijo digno de empinadinha de perna — murmurou ele, roçando os lábios no pescoço dela, bem abaixo da orelha. Ela se apoiou nele e tirou o celular de suas mãos.

— Todos os meus beijos são dignos de empinadinha — declarou ela.

Kate analisou o celular volumoso com curiosidade e depois removeu a tampa traseira do aparelho. Atrás de uma bateria inoperante, havia um cartão de memória. Depois de tirá-lo, ela o inseriu em seu tablet e projetou as imagens, embaçadas e pixeladas, na parede manchada de sangue do escritório.

INT. CARRO — NOITE

Silêncio. Uma tomada inicial do teto do carro, por dentro. A câmera faz um giro para mostrar a estrada escura, os postes de luz deixando a imagem momentaneamente branca antes de entrar em foco.

KATHERINE

(com voz suave, perto da câmera)

Tudo bem, Matthew. Conte o plano para a nossa audiência cativa.

O carro para no sinal. É o único carro na rua deserta. Um homem pigarreia, e a câmera o focaliza. Ele está concentrado na direção, as luzes dos postes piscando no rosto dele.

MATTHEW

Vamos começar pelo escritório do dr. Smith, testar a nossa nova habilidade de arrombar fechaduras. Tenho certeza de que já somos experts...

KATHERINE

(interrupção, soando descontente)

Ei, eu treinei hoje na fechadura da porta da frente!

Fora do quadro, MATTHEW lança um olhar carinhoso e exasperado.

MATTHEW

(irônico)

Seguindo instruções que você encontrou na Internet. De qualquer forma, se isso funcionar, começaremos a procurar por qualquer coisa comprometedora.

KATHERINE

Isso se conseguirmos acessar o computador.

O sinal fica verde e Matthew volta a atenção para a estrada, soltando o freio.

MATTHEW

Acho que vai funcionar. Todos os artigos que li na Internet dizem que se você reinicializar o computador com um sistema operacional diferente ainda dá para acessar o HD.

KATHERINE

Você trouxe o pen-drive com o sistema operacional?

MATTHEW

(concorda com um aceno de cabeça)

Chegamos.

Os dois ficam em silêncio. O carro entra em uma longa alameda e os faróis iluminam por um instante uma placa que diz Laboratório Central Science, DEFRA. Matthew mostra o cartão de identificação para o segurança, que levanta a cancela. Eles seguem até o estacionamento e param o carro. Matthew olha pela janela antes de se virar para Katherine. A expressão em seu rosto é de medo. Ele se inclina para beijá-la.

IMAGEM DESAPARECE GRADUALMENTE

INT. ESCRITÓRIO DO DR. SMITH — MAIS TARDE

Uma tela de computador é visível por sobre o ombro de Katherine. O texto na tela está embaçado em uma mistura de cores. A câmera se afasta até a imagem entrar em foco, mostrando um e-mail enorme.

KATHERINE

(lendo em voz alta)

“De acordo com o nosso último e-mail, confirmo que foi dada a autorização para que o Laboratório

Central Science prossiga conforme as orientações. A preparação da bactéria foi feita com base na suposição que a data de liberação será 15/08/19 e é essencial que fiquemos o mais próximo dessa data possível, com descrições detalhadas dos efeitos dos esporos bacterianos na saúde dos seres humanos. Temos pouco tempo disponível para que a arma esteja pronta para ser distribuída para as tropas no início da guerra.

O financiamento para os testes foi aprovado, cobaias para os testes foram enviadas do presídio de Wakefield. Devem chegar dentro de uma hora. Favor fornecer relatórios regulares sobre o progresso. É fundamental que o Ministério da Defesa seja imediatamente informado em caso de qualquer mudança para que ações pertinentes possam ter tomadas.” A assinatura é de alguém do Ministério da Defesa.

KATHERINE, com o rosto tomado de horror, se vira para MATTHEW. A câmera capta o queixo dela e o contorno escuro dos olhos.

KATHERINE

Não é o Central Science que está fazendo isto. É o exército! A bactéria vai ser usada na guerra daqui a dois meses. É uma arma.

MATTHEW

Eles estão fazendo testes em humanos. Isso não deve estar de acordo com a lei.

(pausa)

O que mais está escrito aí?

A câmera volta a focar a tela do computador. Katherine clica em vários arquivos, passando os olhos antes de seguir adiante. Então, ela para em um e-mail salvo.

KATHERINE

(ofega)

Tem um e-mail do primeiro ministro. Ah, meu Deus. Aqui diz:

(lendo em voz alta)

“Prezado Dr. Smith, Dr...” Blábláblá... “Conforme acordado em nossa última reunião, por favor considere esta mensagem como confirmação de que o efeito da bactéria nas cobaias está de acordo com as exigências e tem total aprovação para uso como arma de destruição. No entanto, desde então decidimos que necessitamos de mais informações sobre as propriedades da bactéria na água. É essencial que a bactéria não consiga sobreviver por muito tempo em ambiente aquático para evitar a contaminação das Ilhas Britânicas durante a exposição na Europa. Foi liberado financiamento adicional para estudos mais profundos sobre o ciclo de vida da bactéria no meio aquático e esperamos um relatório a esse respeito em três semanas. Esta é a exigência final do conselho antes que a bactéria seja entregue para o uso do Ministério da Defesa.” Depois, tem uma tonelada de números e cálculos de custos.

MATTHEW

Você está falando sério? Que porcaria é essa? O primeiro ministro sabe sobre isso? Ele planeja liberar a bactéria na Europa e rezar que ela não chegue ao Reino Unido porque não sobrevive na água? Como é que eles podem autorizar uma coisa dessas? Como é que podem considerar uma coisa dessas como ética? O nosso país é administrado por um bando de idiotas!

Corta a imagem.

INT. ESCRITÓRIO DO DR. SMITH — MINUTOS MAIS TARDE

KATHERINE

Este negócio está gravando de novo? Ótimo. Este é um relatório de Marge, com data de duas semanas atrás. Ela está trabalhando em uma vacina contra a bactéria a ser aplicada em animais de fazenda. Poderia funcionar em seres humanos também, certo?

MATTHEW

(mais calmo agora)

Bem, se a bactéria se espalhar no Reino Unido — o que ainda não consigo acreditar ser algo que eles apenas torçam para que não aconteça —, eles ao menos poderão vacinar todo mundo para que ninguém morra. Mesmo se o nosso governo decidir aniquilar completamente o resto do mundo, vamos ficar bem, certo? Claro! O que diabos esse pessoal tem na cabeça?

Nós precisamos liberar a fórmula da vacina para que os outros países possam neutralizar a bactéria quando ela for liberada. Você consegue aumentar a tela para eu analisar a fórmula, Katherine?

Ele dá um zoom na tela do computador e focaliza nos detalhes da vacina.

Tudo bem, agora vai rolando a página para eu gravar tudo. Mais devagar. Vamos ter que transcrever isso para que as pessoas recebam a cura.

Aparece na tela uma cadeia de DNA de uma vacina e instruções para criá-la. A gravação termina de forma abrupta.

INT. PORÃO — MEIA HORA MAIS TARDE

MATTHEW

(trêmulo)

Eu não posso... eu não posso. Não. Não.

A câmera segue até uma janela interna com as venezianas meio abertas. As palavras PERIGO: ÁREA DE QUARENTENA estão pintadas no vidro. A câmera dá um zoom na sala do outro lado, mal iluminada por lâmpadas fluorescentes. Há uma fileira de mesas de aço inoxidável e em cima de cada uma delas há um saco preto com um corpo. O primeiro saco está aberto e um braço, vermelho vivo e com feridas supuradas, aparece pela beirada da mesa. As unhas estão amareladas, descolando-se da pele. A manga da roupa é de um laranja vivo. Um número de identificação da prisão está estampado no ombro.

KATHERINE

Eu vou vomitar.

A câmera é desligada.

INT. FREEZER — DEZ MINUTOS MAIS TARDE

Katherine está pegando frascos de bactéria nas prateleiras de um freezer e colocando-os em uma caixa. Sua respiração provoca vapor no ar frio.

MATTHEW

Estas são todas as amostras, né?

A câmera balança na mão de Matthew enquanto eles levam a caixa até a bancada do laboratório, onde há um forno. Eles ajustam a temperatura para duzentos graus Celsius e o forno começa a emitir um zumbido.

KATHERINE

Acho que sim, acho que é o último freezer com material. Presumindo que ninguém descubra e desligue o forno imediatamente, o calor deve matar todas as amostras. Toda a pesquisa será destruída.

Katherine coloca o conteúdo dos frascos na prateleira superior do forno.

MATTHEW

Já é tarde. Ninguém vai descobrir nada até amanhã de manhã. Nós vamos conseguir impedir tudo isso.

Matthew mal acaba de falar e ouvem um barulho do lado de fora do laboratório. A câmera oscila quando a luz do corredor se acende. Ouve-se a porta do forno se fechando. A imagem sobe e desce enquanto KATHERINE e MATTHEW correm para a porta do outro lado do laboratório.

KATHERINE

(ofegante)

Na próxima vez, nós vamos para um lugar quente e tranquilo antes disso acontecer.

INT. ESCRITÓRIO DE MATTHEW — MAIS TARDE

KATHERINE segura a câmera e a imagem de MATTHEW fica trêmula como se ela estivesse tremendo muito. MATTHEW está ajoelhado, mexendo na impressora.

KATHERINE

(voz trêmula)

Anda logo, Matthew.

MATTHEW

Conte para eles.

KATHERINE

(sussurrando diretamente no microfone do celular)

Nós fomos descobertos. Eles trancaram todas as saídas e estão procurando por nós. Não vamos ter tempo de fazer o upload do vídeo, então vamos ter que deixar essa única gravação para que vocês possam...

(ofegando, tentando recuperar o fôlego)

...ver o que eles fizeram com a gente. Tentamos destruir toda a bactéria. Mas... mas se houver mais delas... Se eles a utilizarem, por favor, façam a vacina. Copiem as informações deste vídeo e a produzam. Por favor.

Passos ecoam pelo corredor.

Matthew, você ouviu isso?

A câmera focaliza a porta vazia. Mais passos.

MATTHEW

Me dê o telefone.

A imagem mostra o chão e depois a troca de mãos. Então, o celular é enfiado na impressora: um close do rosto agitado de MATTHEW preenche a tela antes de ele fechar a tampa. Cinza, depois preto. O som fica abafado, mas ainda é audível. Os passos ficam mais altos. Um guarda grita algo inaudível.

MATTHEW

(com intensidade)

Eu amo você. Em todas as vidas. Eu amo você. Eu amo muito você.

KATHERINE

(sofrendo, desesperada)

Matthew — !

Ouvem-se vários tiros. Então, o silêncio é seguido por agentes de segurança dando ordens e relatando os acontecimentos para os superiores. Depois de vários minutos, as vozes silenciam. O vídeo continua rolando na tela negra.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-171

Carlisle, Inglaterra, 1745

No fundo da catedral, longe da reunião, Katherine observava a pele de Matthew, o local macio e perfeito onde deveria haver uma ferida. Não havia qualquer marca. Quando ela olhou para ele, Matthew estava chorando.

— Matthew?

— Você morreu — contou ele com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Eu sinto muito. Eu sinto muito se te deixei. Achei que tivesse te perdido. Eu te perdoo. Eu te perdoo por tudo. Não posso te perder.

— Eu nunca morri, Matthew. Por que achas que eu morri?

— Nós estávamos na Crimeia. Você foi ferida quando lançaram um foguete. Eu te vi morrer.

— Crimeia? — ofegou ela. — Um *foguete*? O que seria um foguete? A cidade está sitiada e tu estavas tentando proteger Durand e *tu* levaste um tiro. Matthew, tu foste ferido e estás imaginando coisas.

Ele olhou para ela.

— Eu não sei quem você é, mas certamente não é a minha Katy. Quem é você? Onde eu estou?

— O quê? Estamos em Carlisle. — Ele não demonstrou qualquer reconhecimento. — *Carlisle*. Eu acho que deves descansar agora. Sofreste um choque terrível. Não sei o que aconteceu, mas, de alguma forma, escapaste da morte. Quando acordares, tudo fará sentido.

Quando saíram da catedral, estava claro que Durand e seus apoiadores tinham vencido a discussão. Estavam se preparando para retornar ao castelo, fortalecer os portões e se preparar para o ataque dos rebeldes.

Katherine não conseguia se preocupar com nada daquilo enquanto levava Matthew embora. Quando chegaram à casa da tia, ele parecia enjoado, então ela o deixou sentado em sua cama e foi buscar água. Quando voltou, encontrou-o curvado, segurando a barriga.

— Você está b...? — começou ela, mas antes que conseguisse terminar a pergunta, ele vomitou no chão. Ela ficou parada, observando-o até que não houvesse mais nada para expelir. Sabia que deveria consolá-lo, mas não conseguia tocar nele. Por fim, ele se sentou, parecendo exausto. Ela lhe entregou um copo d'água, que ele bebeu com gratidão, antes de se deitar na cama enquanto ela limpava a sujeira no chão. Quando terminou, ele tinha adormecido.

Matthew estava encolhido, uma expressão de sofrimento estampada no rosto. Ela não sabia o que pensar. Ele levava um tiro — o sangue era prova disso. Ele morrera em seus braços. Então, de repente, estava curado, mas achando que estava na Crimeia. Katherine nem sabia onde ficava esse lugar.

Agora que tinha a chance de olhar para ele mais atentamente, percebia algumas ligeiras mudanças na aparência do amado. Ele parecia um pouco mais velho — havia uma definição no rosto dele que não existia antes. As mãos eram mais lisas e sem os calos que sempre faziam Katherine estremecer quando ele tocava sua pele. Os músculos definidos também tinham desaparecido. Ele parecia *frágil* comparado ao que fora mais cedo naquele mesmo dia e mais suave, como se tivesse passado a vida dentro de casa em vez de trabalhando com cavalos. O cabelo também estava mais curto, cortado de um jeito que nunca tinha visto antes em homem algum.

Quando falou com ela, seu sotaque também soara diferente. Ainda era escocês, mas um pouco menos carregado, mais relaxado e inglês.

Eram todas mudanças sutis, mas ainda faziam os pelos da sua nuca se eriçarem. Não sabia o que aquilo significava, mas sabia que aquele não era o seu Matthew. Era outra coisa. Algo que tinha tomado o lugar de Matthew e fingia ser ele. Tal pensamento a encheu de pavor.

Katherine fugiu do quarto, horrorizada. Não conseguia pensar no que aquilo significava para

o seu Matthew. Não conseguia pensar que ele tinha morrido. Não ainda. Mas onde ele estava? Como ele tinha simplesmente... desaparecido? E como é que *aquela coisa* tinha tomado o seu lugar?

Ela foi para outro quarto, permitindo que a criatura dormisse, e se deitou sob cobertores frios, tensa, a mente repassando o momento em que vira a vida se esvair dos olhos de Matthew e depois reaparecer de forma anormal e aterrorizante. Ficou acordada por muito tempo, mas, por fim, a manhã chegou e Katherine sabia que tinha que se mover. Tinha que voltar para a coisa que estava deitada em sua cama. Sentia-se mais enjoada e aterrorizada a cada passo que dava em direção ao próprio quarto. Abriu a porta devagar, sem saber ao certo o que esperar. A coisa ainda dormia, então ela tocou o ombro dele e o sacudiu. Ele abriu os olhos e olhou para ela, piscando.

— Kit?

— Meu nome é srta. Finchley. — A voz dela soava dura e vazia, e a coisa com o rosto de Matthew pareceu magoada por um instante. Então, a coisa com o rosto de Matthew se sentou, esfregou os olhos e pressionou os dedos na testa como se estivesse com dor de cabeça. Aquilo ficou observando Katherine atentamente. O rosto dela doía com a força que fazia para esconder o nojo que sentia. Seu estômago estava apertado de medo. A coisa sorriu para ela, cheia de esperança, mas Katherine a ignorou.

— Katherine — murmurou ele em uma voz tão parecida com a de Matthew que ela não conseguia suportar.

— Não me chame assim — ordenou ela, firme. — Eu não sei o que és, mas, com certeza, não és o meu Matthew. O que és tu?

A coisa não respondeu, apenas ficou olhando para ela sem entender.

— Eu sou Matthew Galloway. Não sei o que está acontecendo.

— Se estás aqui... Onde está o meu Matthew?

A coisa não respondeu. Só ficou olhando para ela. Katherine, no entanto, sabia o que aquele olhar significava. O Matthew dela não voltaria e ela fora deixada com aquela coisa que se parecia com ele, mas que não era ele. Katherine se virou e saiu correndo. As lágrimas escorriam pelo rosto dela. Ela se jogou na cama do quarto de hóspedes, quase sem conseguir abafar o grito com o travesseiro.

> Intervenção no cenário-tempo de 1745 parece não ter tido o efeito desejado

> Embora ainda haja uma alocação do sujeito “MATTHEW”, a progressão do relacionamento é cada vez menos provável

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Katherine, eu adoro o modo como você descreve suas invenções como se fossem fatos. Não foi assim que as coisas aconteceram. Não mesmo. Eis a verdade:

K: Com licença, CARA. Sei que você está no meio de um experimento muito importante e arriscado, mas eu sou nova aqui e, a partir de agora, preciso de toda sua atenção e você nunca vai se livrar de mim, então, é melhor ir se acostumando! Então, se um dia eu der a você a chance de falar alguma coisa, me mostre como pedir novos produtos químicos?

M: Uau. Você chegou a respirar? Claro que eu ajudo. Sou Matthew, um idiota que não sabe no que está se metendo.

K: Bom saber. Eu vou me certificar de incomodá-lo quase incessantemente pelo resto da sua vida. Qual é o melhor lugar para beber alguma coisa por aqui? Sei que só estou aqui há quatro horas, mas eu realmente preciso encher a cara!

M: Hum... Oi?

K: Deixa pra lá. Formulários de requisição, então? Nossa, que armário legal! Mal posso esperar para transar em cima dele!

M: Oi...?!

K: Então, por que você está trabalhando aqui? Eu me candidatei porque uma garota me disse que servem uns nachos maravilhosos na cantina daqui. E ela está certa!

M: Hum... Sério?

K: Ah, e eles também me deram uma bolsa de doutorado. Mas, sabe como é, os nachos pesaram mais na minha decisão.

M: Eu nem sabia que vendiam nachos aqui.

K: Fala sério! Vamos lá agora comprar alguns.

[Corta para alguns meses depois quando eu me acostumei com o seu... jeito Katherine de ser]

M: Ei, Katherine, eu sei que você é esquisita e não tem nenhum filtro entre o cérebro e a boca e que ainda acha que é adolescente e tudo mais, mas, por mais estranho que pareça, acho isso um charme. Não sei o motivo — talvez você tenha feito uma lavagem cerebral em mim —, mas já é tarde demais para fazer algo a respeito! Então, tá. Vamos sair para beber alguma coisa?

K: A gente já está saindo tipo há um ano. Qual é o seu problema?

Carlisle, Inglaterra, 1745

Já era fim de tarde quando Katherine tomou coragem para enfrentar a coisa de novo. Ele estava olhando para o teto quando ela entrou no quarto. Virou-se para ela com olhos brilhantes e Katherine congelou. Ela ficou surpresa ao notar que a pele da coisa estava vermelha e escura, com um brilho doentio, como se estivesse febril. Sentiu um cheiro forte de vômito.

— Olá — cumprimentou a coisa, parecendo incerta e um pouco assustada.

— Olá. Precisas de alguma coisa? Comida? Água?

Ele não tinha tomado o desjejum, mas negou.

— Eu só... Será que pode me dizer onde estou?

— Estás em Carlisle. Na fronteira da Inglaterra e da Escócia. Estávamos na catedral e foste atingido por um tiro. Até que, de repente, tu não eras mais o meu Matthew. Isso é tudo que sei. Do que te lembras?

— Eu me lembro de estar na Crimeia com minha... Com minha amiga Katy, quando ela levou um tiro em uma batalha e morreu. Então, tudo ficou escuro, eu acordei em uma catedral do outro lado do mundo e agora uma mulher com o rosto de Katy está me tratando como se eu fosse um monstro.

Katherine morreu? Ela nem conseguia processar aquilo. Ela tinha *morrido* um dia antes em algum lugar do outro lado do mundo.

Ela engoliu em seco.

— E o que achas que aconteceu?

Depois de um longo silêncio, a coisa fechou os olhos, franzindo a testa muito intensamente, como se estivesse com dor. Então, respondeu com um tom pesado:

— Eu esperava que pudesse me explicar. Parece-me uma enorme coincidência que alguém idêntico a mim estivesse em Carlisle acompanhado de alguém tão semelhante à minha Katy. Com certeza já teríamos nos encontrado antes de hoje, certo? Minha família é de um lugar próximo a Carlisle, do outro lado da fronteira.

— Tu te pareces muito com o meu Matthew. É como se fossem irmãos. Gêmeos! Mas mesmo que fossem, isso não explicaria teu surgimento repentino. Achas que foi mágica?

A coisa que não era o seu Matthew esfregou a testa.

— Eu não compreendo por que qualquer pessoa iria querer me arrastar do outro lado do mundo para substituir um homem morto.

— Talvez estivessem tentando ser gentis. A tua Katy morreu. O meu Matthew morreu. Será que quiseram nos unir para que não ficássemos sozinhos?

— É possível. Mas não sei bem se eu agradeceria por isso.

Katherine concordou. Não havia como aquele homem substituir o seu Matthew. Ela não sabia o que dizer.

— Como estás te sentindo?

— Mal. Eu vomitei a manhã toda e estou com uma dor de cabeça horrível. Acho que estou com febre.

— Precisas de alguma coisa? Queres que eu chame um médico?

— Não. Obrigado. Espero que passe logo.

Ela assentiu e ficaram em silêncio novamente. Depois de um tempo, para quebrar o silêncio, ela perguntou:

— Disseste que estava na Crimeia?

— Sim. Sou jornalista do *The Times*. Estou fazendo reportagens sobre a guerra.

Ela ficou boquiaberta.

— Na Crimeia? Eu não sabia que os jacobitas estavam atacando outros lugares além da Inglaterra.

— Jacobitas? Mas o que eles têm a ver com isso?

— Estamos em guerra com eles, como disseste. — Ela franziu a testa. — Foi por isso que atiraram no meu Matthew, porque os rebeldes estão atacando a cidade.

— Eu me referia à guerra com os *russos*.

Katherine ficou olhando para ele, boquiaberta. Nunca ouvira falar sobre aquilo.

— Estás certo disso? Será que não estás confundindo as coisas por causa do choque?

Ele afirmou categoricamente:

— Tenho certeza absoluta. Estamos em guerra com os russos há meses. Não sei como não ouviu falar nisso. — Depois de um instante, ele perguntou: — Você disse que os jacobitas estão atacando a Inglaterra? *De novo*? O que o rei Francisco quer *desta vez*? E que momento ruim, logo quando a Inglaterra está em guerra com a Rússia? Primeiro os escoceses se recusam a ajudar na guerra, deixando a Inglaterra sozinha, e agora nos atacam? *Sério*?

— Rei *Francisco*? — perguntou ela, assustada. Parecia que cada um deles estava dentro de uma conversa diferente.

Lentamente, ele perguntou:

— Katherine, em que ano estamos?

— Ano de mil setecentos e quarenta e cinco de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A coisa — o homem — olhou para ela, chocado, e, então, começou a rir, um som fraco que acabou com um acesso de tosse. Ela o observou, confusa e espantada, até que ele se recompôs e começou a explicar:

— Começemos do início. — Ele estendeu a mão para cumprimentá-la.

Ela aceitou, relutante.

— Olá, Katherine Finchley. Meu nome é Matthew Galloway, e eu venho do ano de 1854. Prazer em conhecê-la.

Crimeia, Ucrânia, 1854

Matthew se encostou na parede da casa, ofegante e com os olhos fechados. As coisas pareciam quase tranquilas dentro da construção, um pequeno paraíso no meio da batalha. Katy mal percebeu. Ainda tentava conciliar o Matthew ao seu lado com aquele do qual se lembrava.

Tentava unir as duas versões dele que conhecia.

— Me diga do que você se lembra? — perguntou ela por fim.

Ele pensou por um tempo.

— Eu trabalhava como criado na casa da sua tia durante a rebelião jacobita. Você estava me espionando *de novo*. Nós ajudamos a fortificar as defesas da cidade e, quando os rebeldes atacaram, os soldados entraram em pânico e quiseram se render. Eles votaram e, durante uma discussão, eu levei um tiro. Essa é a última coisa que eu me lembro.

— Então não se lembra de voltar?

Ele olhou para ela, sem entender.

— Depois de morrer, você acordou completamente curado — contou Katy lentamente, lembrando-se do que tinha acontecido em Carlisle todos aqueles anos antes, em outra vida. Era tão estranho se lembrar de coisas passadas um século antes e que não tinham acontecido com ela. Mas as lembranças eram límpidas como cristal e vívidas demais para não serem reais, mesmo que ela não compreendesse como aquilo era possível.

— Como assim? — perguntou Matthew. — Eu acordei? *Curado*? Como?

— Você... Ele, o outro Matthew... Enfim, ele disse que tinha vindo do futuro. Chegamos à conclusão que você devia ter sido trazido por uma bruxa, mas era só um palpite. Nenhum de nós tinha a menor ideia do que poderia ter acontecido. Eu ainda não tenho. — Ela tentou pensar no que mais ele tinha dito e, de repente, percebeu. — Você tinha vindo desse momento agora! Me lembro bem de você ter dito que estava trabalhando como jornalista na guerra contra os russos. Ou seja, *agora*. Deve ser em uma batalha que *ainda vai acontecer*.

— Eu viajei no tempo — repetiu Matthew. — Em algum ponto durante esta guerra eu volto para o passado.

— Isso. Você disse que a sua... que... Disse que eu morri. Na guerra. Eu *morro*. — Ela engoliu em seco. Ela testemunhara o luto de Matthew por outra versão dela e, na época, aquilo tinha sido muito triste, de uma forma meio surreal. Mas agora sabia que ele estivera de luto por ela, *Katy*. Ela iria morrer e Matthew ficaria sozinho até voltar a 1745, atraído por outra pessoa que também fora deixada sozinha. — Foi por isso que você voltou. Porque eu perdi o meu Matthew naquela época e você me perdeu agora.

Por um momento, nenhum dos dois soube o que dizer. Katy iria morrer.

— Do que mais você se lembra? — quis saber ele. — Temos que nos certificar de que isso não aconteça de novo. Você precisa se lembrar. O que mais ele disse?

— Eu não sei! — exclamou ela. — Aquilo não significava nada para mim na época. Eu não estava prestando atenção.

— Você precisa tentar, Katy. Caso contrário, irá morrer.

Ela gemeu, irritada consigo mesma.

— Eu não consigo me lembrar de todos os detalhes. Por que você não se lembra? *Eu não entendo*.

— Porque ainda não aconteceu comigo. Ainda está no meu futuro.

Ela parou de falar por um instante.

— Talvez seja bom que você não se lembre daquela vida — admitiu ela. — As coisas não terminaram bem.

Ele olhou para ela com uma expressão horrorizada.

— Como é que as coisas podem ficar piores do que isto?

— Acredite em mim: elas podem. — Katy respirou fundo e depois perguntou: — Isso significa que você está me perdoadando?

— Acho que sim. — Ele não parecia feliz com isso.

— Sei que não faz muita diferença a essa altura, mas eu sinto muito. Eu me arrependi da decisão de espionar você no instante em que o conheci, e me odiava mais a cada dia que passava. Sinto muito por ter feito você confiar em mim. — Ela mexia um dos pés para frente e para trás, cavando um arco no piso sujo. — Eu gostava de você, Matthew. Ainda gosto.

— Achei que isso também fosse um truque. Um jeito de conseguir mais informações.

— Não! Eu não... Não era isso que eu estava fazendo.

— Bem, agora eu entendo — disse ele, mal-humorado. — O fato de termos sido... amigos em outra vida esclarece as coisas. Está claro que existe alguma coisa entre nós. Claramente fomos feitos para ficar juntos.

Ela ficou em silêncio por um tempo, boquiaberta com o que ele estava dizendo. Não conseguia processar a informação, mas sabia que era verdade.

— Tudo bem — disse ela, aliviada. — Eu realmente não queria que você achasse que eu estava fingindo gostar de você, porque gosto de verdade. Mais do que eu deveria.

— Você só está dizendo isso porque está com medo de morrer?

Ela o observou com cuidado.

— Só porque levaria mais tempo até eu realmente dizer isso, não torna o sentimento menos verdadeiro. Eu amo você. — Ela piscou. Não fora sua intenção dizer o que tinha acabado de dizer.

Matthew congelou. Seus lábios se abriram um pouco e, por um breve instante, ela achou que ele estivesse com raiva. Até que ele abriu um sorriso radiante. Sem dizer qualquer outra palavra, puxou-a para si de forma gentil e cuidadosa. Ela permitiu, olhando para ele, maravilhada. Não acreditava que ele enfim a perdoara.

Os olhos deles pousaram nos lábios dela.

— Eu também amo você. — Ela sentia o hálito dele em seu rosto. — E perdão você.

Ela o puxou pela lapela para beijá-lo.

> Primeiro objetivo alcançado no cenário-tempo de 1854

— *Finalmente* — gemeu ele, passando os dedos pelo cabelo dela. — Eu ficava me lembrando do gosto da sua boca e já estava desesperado para ver se continuava o mesmo.

— Continua? — Ela mordeu o lábio inferior dele. Ele emitiu um som gutural e ela abafou o som com a própria boca, fazendo com que ele se derretesse. Ela estremeceu, dominada pela sensação.

Beijaram-se apaixonadamente — totalmente diferente da suavidade de um primeiro beijo. Era um gesto faminto, como se não soubessem se teriam outra chance. Katy se perdeu nele enquanto reaprendia aquilo que o fazia gemer e o que o fazia sorrir. Passou a língua pelo céu da boca dele, fazendo-o sorrir contra os lábios dela e parar o beijo.

Ele disse com voz profunda e grave:

— Exatamente o mesmo. — E por um segundo, ela não sabia do que ele estava falando. — O

gosto é igual.

— O seu também — respondeu ela, baixinho, acariciando a base do pescoço dele. Ele tomou as mãos dela nas dele, como se temesse que ela fosse deixá-lo.

— Vou me casar com você — declarou ele, decidido. — Quando a guerra terminar, vamos nos casar. Vamos comprar uma fazenda no interior, começar uma família e nunca mais vamos nos arriscar dessa forma.

— Você já disse isso antes — provocou ela. — Um século atrás.

— Ainda é o que eu mais quero na vida. Vou me casar com você um dia.

— Esse é o seu pedido de casamento? — perguntou ela, provocando-o para esconder a felicidade que sentia. — Que romântico.

Ele começou a responder, mas ela abafou as palavras com um beijo quente e profundo.

— Katherine, quer se casar comigo? — perguntou ele quando ela permitiu que ele se afastasse. Com os lábios pressionados no rosto dela, a voz dele era suave e ao mesmo tempo séria.

— Quero — concordou ela, voltando a beijá-lo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Uau, Matthew, assim você faz parecer que sou louca. Apesar das circunstâncias, acho que qualquer um pode concluir que eu sou maravilhosa e que você é um pouco distraído. Você realmente não percebeu quando começamos a sair juntos? O que você achou que estava acontecendo quando saíamos para jantar ou íamos ao jardim zoológico ou à pista de patinação no gelo? Você foi a um casamento como meu acompanhante! Duas vezes! Cara. Eu não acredito que realmente o convenci a começar a me namorar. Isso é um pouco patético!

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

LABORATÓRIO CENTRAL SCIENCE, INGLATERRA, 2039

O vídeo que encontraram no cartão de memória de 2019 chegou ao fim, deixando as palavras de Matthew reverberando na mente de Kate: *Eu amo você. Em todas as vidas. Eu amo você. Eu amo muito você.* Tocou o próprio rosto e percebeu que estava molhado de lágrimas. Ela se esquecera por um instante que estavam assistindo a um vídeo. Sentira como se estivessem prestes a serem eles mesmos assassinados — como se o sangue na parede fosse deles.

— Matt, podemos ir embora? Eu não consigo continuar aqui, nesta sala. Por favor.

Ele passou o braço sobre os ombros dela.

— Vamos voltar para o seu escritório — disse ele contra o cabelo dela.

Ela assentiu, procurando a mão dele e segurando-a como se fosse um salva-vidas.

Quando entraram no escritório de Katherine, sentaram-se junto à parede, tentando decidir o que fazer em seguida. Kate não conseguia deixar de ficar atenta ao som de passos, esperando que os seguranças comessem a persegui-los mesmo agora, tanto tempo depois.

Quando tentou falar, sua voz saiu trêmula. Pigarreou.

— Katherine e Matthew destruíram a bactéria. Eles a destruíram e evitaram que fosse usada na guerra. Salvaram o mundo!

— Salvaram — concordou Matt. — Eles conseguiram. Acabou.

Kate suspirou. Ele não entendia.

— Matt, não acabou. Não está nem perto de acabar. Eles tiveram vinte anos para refazê-la.

— *Merda!* É por isso que este prédio está em quarentena há tanto tempo. Para que o Central Science pudesse trabalhar em segredo.

— Precisamos destruir a bactéria — declarou ela, relutante e aterrorizada. — De novo.

> Sujeitos no cenário-tempo de 2039 ficarão em perigo se prosseguirem

> Intervenção recomendada

>> Intervenção negada

— Mas como conseguiste vir do futuro? Isso não é possível. É bruxaria, e bruxaria não *existe* — declarou Katherine, exasperada. Estavam tendo a mesma conversa desde que Matthew revelara que viera do ano de 1854.

— Acho que temos evidências de que seja mesmo isso — disse ele, tranquilo.

— Por que eu deveria acreditar no que me dizes? — perguntou ela, subitamente zangada. — Podes muito bem estar inventando tudo isso.

— Mas não estou, Katy.

Katherine se retraiu.

— Peço que não me chames assim.

Ele fez uma careta.

— Desculpe-me.

Ela esfregou um calo na palma da sua mão.

— Juro que não estou mentindo — assegurou Matthew. — Eu sou do futuro. — Ela não ergueu o olhar, e ele continuou falando em voz baixa, em tom quase inaudível. — Os exércitos inglês e francês estão lutando contra os russos. Quando parti, tínhamos vencido a primeira batalha. Antes de um foguete matar todos os nossos líderes, nós provavelmente venceríamos a guerra. Eu não consigo imaginar como isso poderá acontecer agora.

— Foguete? — perguntou ela com voz insegura e suave.

— Era isso que estava acontecendo quando vim para cá. A primeira batalha havia terminado e nós tínhamos vencido. Estávamos no acampamento. Os comandantes estavam reunidos para discutir a tática das próximas batalhas, e os russos conseguiram lançar um foguete do outro lado do rio direto no barracão deles. Eu vi acontecer. Tentei ajudar, tentei socorrê-los, mas era tarde demais. O barracão pegou fogo e todos morreram. — Quando passou a mão pelo cabelo, pareceu uma pessoa de verdade, lamentando a perda dos amigos, e não o monstro que ela havia imaginado.

— Todos os generais morreram — continuou Matthew. — Meu amigo George morreu. Nós... nós não tínhamos mais ninguém para liderar o exército. Não havia ninguém no exército inglês nem no francês que tivesse sido treinado para aquilo. Ninguém que tivesse experiência em guerra. Todos os comandantes estavam naquele barracão, e então de repente estavam todos mortos porque eu demorei demais. Não consegui salvá-los. E também não consegui salvar Katy.

— Katy? O que aconteceu com ela?

— Ela tinha morrido mais cedo, naquele mesmo dia, em uma batalha perto do rio. Foi baleada. Eu também não consegui salvá-la.

Eles ficaram em silêncio.

— Sinto muito — ofereceu ela. — Sinto muito que tenhas passado por tudo isso.

Ele assentiu.

Ela repassou a situação, tentando compreender tudo aquilo.

— Então, alguém, alguma.... Bruxa? Alguma bruxa notou que em 1745 um homem chamado Matthew Galloway morreu. Ela encontra o mesmo homem no ano de 1854, quando tinha acabado de perder sua... amiga. Decide que o melhor a se fazer é juntar os dois, ignorando todas as leis do universo, da lógica e da moralidade?

— Se ao menos soubéssemos como, por que e quem fez isso.

— Não te esqueças do “quando”. Ela... ou ele... poderia ser de 1854 ou de 1745 ou de 1900, por mais distante que isso possa parecer.

— Eu gostaria de saber por que eles se *importam*. O que nós temos de especial para que eles usem a magia dessa forma? — Matthew tentou se levantar, mas foi tomado pela vertigem e caiu novamente na cama. — Ajude-me a me levantar, por favor. Eu preciso andar um pouco. Não me sinto muito bem.

— Talvez devas repousar.

Ele insistiu que conseguiria ficar de pé, então, ela o ajudou. A vermelhidão tinha se espalhado por toda a pele e ele parecia muito quente quando ela passou a mão pelo braço dele.

Ele estava descabelado depois de ter passado tantas vezes as mãos nervosamente pela cabeça. Ela teve que controlar o impulso de ajeitar o cabelo dele. Aquele não era o seu Matthew. Talvez ela o tivesse conhecido em outra vida, mas agora ele era praticamente um estranho. Ela não sabia nada sobre o modo como ele vivia, ou que tipo de pessoa ele era. As coisas que amava no seu Matthew poderiam ser completamente diferentes naquele homem. Pior ainda: e se ela não fosse a mesma Katherine que ele conhecera? E se ele não gostasse dessa versão dela?

Matthew se afastou dela, apoiando-se na penteadeira. Ele puxou a camisa.

— Minha pele está coçando — explicou ele. — Acho que são as roupas de Matthew. Não estou acostumado a usar um tecido tão áspero.

Katherine tentou esconder a preocupação fazendo uma piada.

— Serias tu uma flor delicada?

Inesperadamente, uma expressão triste tomou o semblante dele e Matthew franziu a testa como se estivesse prestes a chorar.

Katherine pousou a mão no ombro dele.

— Estás bem?

— Estou, sim. Eu só... É que eu sinto falta de Katy.

Katherine afastou a mão, sentindo-se esquisita.

— Sinto muito pela tua perda — lamentou ela por fim.

Ele assentiu.

— Isso piora as coisas...? Quero dizer, o fato de eu ser parecida com ela.

Ele demorou a responder.

— Não. Acho que ajuda. Faz com que eu me lembre das coisas boas e não das ruins. Ela era maravilhosa e me fazia rir. Não ia querer que eu chorasse por ela. Katy provavelmente implicaria comigo sem parar em relação a isso se estivesse aqui. Quero dizer, se aquela versão dela estivesse aqui.

— Eu também posso implicar contigo sem parar se isso ajudar.

O comentário provocou um sorriso triste, mas já era um começo.

— Depois, talvez. Não sei se vou conseguir lidar com isso no momento.

> Alocação do sujeito “MATTHEW” no cenário-tempo 1745 ainda não se recuperou da transferência

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Katherine, você não só me convenceu como... me instigou a entrar em um relacionamento para o qual eu não estava pronto. Mas, no final, tudo deu certo. Então, tudo bem. Perdoo você pelo ligeiro assédio sexual. Além disso, não é como se você tivesse me pedido em casamento ou algo assim. Eu ainda consegui fazer essa parte corretamente.

Embora, pensando bem, eu não me lembro muito bem como foi que ficamos noivos... Lembro-me da manhã seguinte e do anel que escolhemos. Katherine, por favor, diga que você não me torturou até que eu a pedisse em casamento ou que não fez nada igualmente horrível que eu simplesmente apaguei da memória.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

Crimeia, Ucrânia, 1854

— Você me disse que a rebelião de 1745 foi vitoriosa — disse Katy de repente. Eles estavam apoiados um no outro dentro da casinha. — O Matthew de 1745 disse que o levante terminou com a vitória jacobita. No... mundo dele, plano de existência ou seja lá como queira chamar, Carlisle se rendeu aos rebeldes e eles marcharam pela Inglaterra. Carlos conquistou o direito de reger a Escócia, que se tornou um país independente a partir de então, mas você me contou que foi horrível. Que teve início um longo período de escassez e que metade da população da Escócia morreu porque não havia trabalho nem comida. Você... Ele disse que o rei continuava tentando invadir a Inglaterra. E que ele se recusou a apoiar a Inglaterra nesta guerra.

— Mas... não foi isso que aconteceu. Conheço bem a história e com certeza não foi isso que aconteceu. Os jacobitas foram derrotados.

Katy se encolheu.

— Mas foi isso que você me contou. Eu não iria me confundir quanto a isso.

— Então ele vem de um lugar onde os jacobitas venceram? Uma versão diferente da história?

— Parece que sim.

— Mas, Katy! — Ele parecia tão aliviado que ela ergueu o olhar, surpresa. — Então, isso significa que não aconteceu. Se o Matthew Dois não é do mundo em que estamos agora, então, nada disso aconteceu comigo, e eu não vou viajar no tempo e nem você vai morrer!

— Matthew, o fato dos escoceses serem independentes provavelmente não vai afetar o rumo desta guerra.

— Como você sabe? Talvez faça toda a diferença do mundo! Se os escoceses não estavam lutando do nosso lado, nós contávamos com menos soldados. Eles estavam em uma trégua com a

França, então talvez a França também não tivesse lutado. E o homem que nos salvou no rio era escocês. Se ele não estivesse lá, nós dois teríamos morrido! As coisas já estão acontecendo de novas formas por causa dessa diferença.

— Como assim? Você está dizendo que *toda a história* mudou por causa de um único levante? Que se um pequeno cerco, o cerco de Carlisle, há mais de um século, tivesse tido um desfecho diferente, isso mudaria o resultado de tudo que se seguiu? — Ela parou de falar. Matthew começou a falar e ela pediu para ele ficar quieto. — Foi *você*. *Fomos nós* — concluiu ela por fim. — Nós mudamos o rumo do cerco. Durand talvez tivesse se rendido se não estivéssemos lá. Você o fez prometer que não se renderia.

— *Não*. Isso é... Nós não podemos... Isso não é *real*. Você não pode estar realmente sugerindo que a *nostra presença lá* tenha mudado todo o curso da história!

— Creio que pode ter mudado, sim — admitiu ela. — Embora isso soe como se fossemos extremamente convencidos. Mas faz sentido. Talvez nós não estivéssemos em Carlisle neste outro mundo, então Durand se rendeu logo no início e os rebeldes levaram adiante a invasão à Inglaterra. Talvez até tenham conseguido tomar Londres antes de o exército inglês conseguir chegar lá e impedi-los.

— Então, no nosso mundo, nós atrasamos a rendição de Carlisle por tempo suficiente para o exército chegar da capital e defender a Inglaterra? — perguntou ele, um pouco descrente. — Então, isso significa que os jacobitas não venceram e a Escócia permaneceu sendo parte da Grã-Bretanha.

— Exatamente.

Ele levantou as mãos em uma demonstração exagerada de descrença.

— Mas isso é *ridículo*. Nós não somos... Nós não *sabíamos* de nada do que estava para acontecer. Foi tudo por acaso!

— Eu gostaria de ter uma explicação melhor, mas não tenho.

Ele ficou em silêncio, resignado.

Katy tentou se lembrar o que mais Matthew tinha dito a ela em 1745.

— Você também me contou sobre a guerra, esta guerra de agora e o que aconteceu — lembrou-se ela. — Tinha algo acontecendo quando você foi mandado para o passado. Alguma coisa importante. — Ela roeu a unha, perdida em pensamentos.

— Você não lembra o que era? — Matthew afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. O toque dele era uma distração.

— Não consigo me lembrar — bufou ela, frustrada. Katy não tinha prestado muita atenção ao que Matthew dizia na época. Não sabia que seria tão importante. — Será que isso realmente importa? Estamos vivendo uma versão diferente da guerra. Talvez nada do que ele tenha dito aconteça aqui. Aquelas coisas aconteceram em um mundo no qual os jacobitas saíram vitoriosos. Tudo pode ser diferente agora.

— Mas existe uma chance de acontecer. Muitas coisas ainda são iguais. Qualquer informação sobre o local onde um foguete russo possa cair é melhor do que nada.

— Um *foguete* — disse ela. — Ele falou sobre um foguete! Disse que todos os generais foram mortos de uma vez só. Que ele tentou impedir, mas não conseguiu.

Matthew ofegou, horrorizado.

— *Todos eles*? Todos os generais foram mortos? Nesse caso, não haveria ninguém para

comandar os soldados ou fazer os planejamentos táticos. O exército não teria a menor chance de lutar e vencer. Você tem certeza? *Como foi que isso aconteceu?*

Katy fez uma pausa, tentando se lembrar de tudo. Tinha acontecido em outra vida; ela estivera tão assustada e aflita que não tinha prestado atenção ao que Matthew lhe dizia. A cidade dela estava sitiada e ela tinha acabado de perder o homem que amava — não tinha se preocupado com detalhes de uma guerra que aconteceria um século no futuro. Aquilo *não era importante* na época.

Fechou os olhos e tentou imaginar o ano de 1745. Estavam no quarto dela. Matthew estava brincando com um pedaço de pão. Conseguia vê-lo arrancando migalhas da casca. Mas o que ele dissera? O que tinha acontecido?

Ela abriu os olhos de repente e, horrorizada, olhou para Matthew.

— Eles estavam em uma reunião. Um foguete atingiu o barracão onde estavam e o fogo consumiu tudo. Todos lá dentro morreram antes de conseguir escapar. Todos os comandantes. Ingleses e franceses.

— Sim, mas *quando*? Quando é que isso acontece? — Matthew parecia desesperado.

— Não sei, Matthew. Você não disse nada sobre isso naquela época. Você disse que eu tinha acabado de morrer também. Que eu tinha sido atingida por um tiro durante uma batalha perto do rio. Depois, o foguete atingiu o barracão dos comandantes. — Katy sabia que sua voz soava irritada, mas não conseguia evitar. — Eles também estavam perto de um rio. Foi assim que os russos conseguiram se aproximar tanto, subindo o rio.

— Um rio? Mas... é exatamente onde estamos agora. E você não morreu. Não aqui. Deve ser um rio diferente. Uma batalha diferente.

Ficaram em silêncio.

— O escocês — começou Matthew de repente. — Ele nos salvou perto do rio. Você teria sido atingida se ele não estivesse lá.

— Então foi hoje? Nessa batalha?

— Só pode ser. E naquela outra vez, na outra versão desta guerra, o escocês não estava lá para te salvar. Porque os escoceses não lutaram ao lado dos ingleses.

— Ele salvou a minha vida — declarou Katy. — Eu poderia ter *morrido*.

— Mas não morreu! Você está viva. E isso significa que este foguete... O foguete que matou todos os comandantes vai ser lançado hoje. Isso vai acontecer *agora*!

> ALERTA: Sujeitos do cenário-tempo de 1854 estão correndo perigo

> Intervenção recomendada

>> Intervenção negada

LABORATÓRIO CENTRAL SCIENCE, INGLATERRA, 2039

Kate e Matt procuraram em meia dúzia de laboratórios idênticos e abandonados à procura de qualquer traço da bactéria antes de chegarem ao porão. Estava frio — frio demais para um prédio que deveria estar sem energia elétrica havia décadas. Kate pressionou a mão contra a parede. Sentiu a vibração de um gerador e sabia que estavam no lugar certo.

— Olhe — sussurrou Matt. — O chão. Está limpo.

Quase todas as superfícies do prédio estavam cobertas de poeira. Por todos os lugares que passaram eles deixaram uma trilha

de pegadas, como se estivessem caminhando na neve. Mas ali, nas profundezas do porão, o chão estava imaculadamente limpo. Havia até uma vassoura encostada na parede.

— Alguém vem aqui. Com frequência. — Kate engoliu em seco, usando a lanterna para iluminar um corredor escuro. Então, viu uma porta de metal com uma placa que indicava ARMAZENAMENTO DE BACTÉRIAS. ENTRADA PROIBIDA.

— Ah, não. Não, não, *não* — murmurou ela. — Eles têm a bactéria. Eles não podem. Eles não iriam...

— Vamos descobrir — disse Matt, segurando-a pelo ombro e usando o polegar para massagear o músculo. — Precisamos descobrir.

— Eu não consigo — disse ela, desesperada. — Isso *não está acontecendo*. Deveria ter acabado há vinte anos.

— Kate, isso está acontecendo. A gente precisa entrar.

Ela concordou. Eles se encaminharam para a porta.

— O freezer ainda está funcionando — disse Kate. — Eles o mantiveram ligado todos estes anos.

Matt virou a grande maçaneta e a trava da porta se abriu com um chiado longo e lento. As luzes do lado de dentro piscaram antes de se acenderem em um brilho sombrio. A claridade revelou fileiras de prateleiras lotadas de frascos, cada qual rotulado com um adesivo amarelo fluorescente com o símbolo da caveira com ossos cruzados.

— *Merda*.

— De quanto fracos eles *precisam*? — perguntou Matt, com um tom entre o horror e o espanto.

— Eles poderiam destruir o planeta inteiro em *um dia* com isso. Se o conteúdo dessa sala for liberado... — Kate entrou no freezer e pegou cuidadosamente um frasco. Havia um prazo de validade e o número do lote marcado, como se fosse um composto químico simples em vez de uma arma mortal.

— Kate, olhe — mostrou Matt. Ele segurava uma pasta azul que estava pendurada em uma corda presa na parede, ao lado da porta. — É o livro de registros do estoque. Olhe.

Ela passou os olhos pela página. Colunas preenchidas com letra compacta, listando a quantidade e o número de frascos que tinham sido retirados do estoque. As datas mostravam que, quase toda semana ao longo dos últimos meses, ao menos cinco frascos haviam sido retirados. O último registro tinha sido apenas dois dias antes, quando 15 frascos haviam sido retirados.

— Eles estão levando a bactéria para algum lugar. Isso ainda não acabou.

Ouviram um som ecoando pelo corredor que levava ao freezer.

Passos.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Ih, olha só, Matthew, o nosso bloco de notas acabou. Acho que este é o fim desta discussão! Por favor, não se esqueça de comprar pão.

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-160

Carlisle, Inglaterra, 1745

Matthew estava deitado na cama. Parecia muito mal, mas Katherine ainda insistia que ele lhe contasse tudo que fosse capaz de lembrar sobre o levante de 1745 na versão dele da história.

— Eu sei que, quando os rebeldes marcharam para a Inglaterra, o exército não estava preparado para defender Londres. O governo entrou em pânico e assinou tratados permitindo que o príncipe Carlos se tornasse rei da Escócia apenas para impedir o avanço da invasão. Os descendentes dele continuaram o reinado, causando todo tipo de problemas possíveis, e atualmente estamos sob o reinado de Francisco I. Ele continua tentando conquistar a Inglaterra, quando até o príncipe Carlos ficara satisfeito em aceitar apenas a Escócia. Ele se recusou a ajudar na guerra contra os russos, então, estamos lutando para ir em frente com o contingente que temos. Eu sei que deveria apoiar o meu país, mas, na verdade, o rei não passa de um garoto mimado. Os reis escoceses arruinaram o país de muitas maneiras com tanto descaso e ganância. Seguiu-se um longo período de escassez que se estendeu por muitos e muitos anos. Quase metade da população morreu. Para pessoas comuns como eu, teria sido muito melhor se a Escócia houvesse continuado como parte do Império Britânico.

— Então, estás me dizendo que os ingleses precisam de mais tempo, aqui e agora, porque não estão preparados para lutar contra os rebeldes?

— Suponho que sim. Eu não sei. Sinto muito. Gostaria de poder dar todos os detalhes da rebelião escocesa, mas não consigo me lembrar exatamente do que aconteceu. Creio que teremos de esperar para ver o que acontecerá agora.

— Será? Digo, se nós sabemos que os ingleses precisam de mais tempo para reunir as tropas, então talvez possamos fazer com que a marcha rebelde se atrase. Nós já conseguimos impedir que Durand se rendesse com a morte do meu Matthew. Se conseguirmos fazer com que os soldados permaneçam mais um pouco em Carlisle, iremos garantir mais tempo para os ingleses organizarem o exército e defenderem o país.

— E como sugere que impeçamos uma cidade inteira de se render por tempo suficiente para fazer diferença?

Ela sorriu para ele.

— Bem, talvez poderias te sacrificar novamente? Pode ser que funcione.

— Talvez não.

— Se estiveres te sentindo bem, podemos ir até o castelo para ver o que está acontecendo. Podemos improvisar.

— Matthew? O que gostarias para a tua Katy? — perguntou Katherine, enquanto caminhavam em direção ao castelo. — Digo, o que gostarias que ela fizesse se tu morresses? Gostarias que ela encontrasse outra pessoa?

Ele olhou para ela, curioso.

— Você está *com* Matthew aqui, nesta época? Eram um casal?

Ela pareceu surpresa com a pergunta.

— Sim, é claro. Tu não estavas com Katy?

— Não. Eu... Eu creio que nós acabaríamos ficando juntos. Mas ela me traiu, e eu demorei muito para perdoá-la.

— O que ela fez?

— Ela me espionou para o exército. Para se certificar de que eu não estava escrevendo sobre as coisas erradas.

— Ah — disse ela, antes de admitir: — Eu também espionei o meu Matthew. Achei que ele fosse um rebelde e o segui para ter certeza de que ele não estava revelando nenhum segredo nosso aos rebeldes. Foi por isso que acabamos nos tornando amigos, eu acho. Caso contrário, eu não teria dedicado o meu tempo para conhecer melhor um criado.

— E ele estava revelando os segredos?

— Não. Eu estava errada. Ele me perdoou.

Matthew não respondeu, e eles continuaram caminhando em silêncio. Katherine pensou nas semelhanças e nas diferenças entre suas vidas até que Matthew a surpreendeu ao responder à pergunta inicial.

— Sim, creio que eu gostaria que encontrasse outra pessoa depois da minha morte. Desejaria que alguém tomasse conta de Katy depois que eu morresse, se ela não tivesse morrido também. Eu preferiria isso em vez de ela ter que voltar a ser uma criada, sozinha, mas leal a mim. Acredito que o seu Matthew desejaria o mesmo para você. Sei que é diferente para você, pois tem família e um lar, mas ainda creio que eu desejaria que tivesse uma vida feliz. Não faz bem permanecer tanto tempo de luto. Os mortos não se importam. A história deles acabou.

— A não ser na situação em que estamos, em que eu não consigo me livrar de ti — provocou ela. Katherine não se saía bem em discussões sérias e não sabia como dizer que as palavras que ele acabara de dizer significavam muito para ela. Sentia-se culpada por estar substituindo o seu Matthew tão rapidamente, mesmo que por uma versão diferente dele. Na verdade, isso tornava as coisas ainda piores, como se o passado deles significasse tão pouco que um homem com o rosto semelhante ao dele fosse suficiente para deixá-la feliz. Mas como não conseguiu encontrar as palavras, ela preferiu fazer uma piada.

Matthew pareceu compreender, pois não riu. Em vez disso, respondeu:

— Eu jamais teria deixado a minha Katy se pudesse encontrar um jeito de ficar. Eu juro. Se tivesse acontecido o contrário — se eu tivesse morrido e o teu Matthew me substituísse no meu mundo —, eu desejaria que a minha Katy o amasse e vivesse com ele. Juro que o seu Matthew desejaria o mesmo para ti.

— Obrigada — foi tudo que Katherine conseguiu dizer.

Ele se virou e começou a andar novamente. Depois de alguns passos, acrescentou com voz suave e casual que não a enganou por um minuto sequer:

— E quanto a você? Iria querer que o seu Matthew encontrasse alguém se você morresse?

Katherine refletiu e, para sua angústia, descobriu que tinha sentimentos bastante fortes em relação ao assunto. Ela não era tão bondosa quanto Matthew. Queria que ele fosse somente dela. Ainda bem que as circunstâncias lhe eram favoráveis.

— Eu sou muito egoísta para permitir que encontrasses a felicidade nos braços de outrem — confessou ela em tom alegre. — Sinto muito, mas não tens escolha neste assunto. Só tens permissão para ficar comigo.

Ele riu baixinho.

— Bem, creio que eu consigo perdoá-la por isso.

— Quanto a encontrar a felicidade com uma *versão* diferente de mim — continuou Katherine —, eu tenho uma condição.

— Ah, e qual seria?

— Ela está proibida de ter um cabelo mais bonito do que o meu. Meu desejo é que sempre que olhasses para o cabelo descuidado dela, te lembrasses do meu com saudade. Eu ficaria feliz com isso. — Matthew lançou um olhar de dúvida para o cabelo dela. — Ah, é preciso que te lembres que atualmente não tenho uma criada para cuidar do meu cabelo — apressou-se ela a acrescentar.

— Entendi. Levarei em conta a sua condição.

— Então?

— Creio que a resposta diplomática é o silêncio. Eu não posso oferecer uma opinião sem ofender *alguma* das suas versões. Conhecendo bem a minha sorte, dez Katherines diferentes aparecerão imediatamente diante de mim e exigirão que eu classifique seus penteados por ordem de preferência.

— Essa é, certamente, a resposta correta. Eu agradeço o elogio.

— Eu não disse nada, e qualquer um que diga o contrário estará mentindo — continuou ele, mas os seus olhos estavam brilhando.

Ela se encostou nele, mordendo o lábio para esconder o sorriso. Matthew parou de andar imediatamente, cambaleando um pouco como se incapaz de aguentar o peso extra. Ela se empertigou novamente. Vinha tentando não insistir com perguntas relativas à doença dele, mas ele definitivamente parecia pior.

— Eu não sei bem como não notei nada antes — disse ele. — É tão óbvio que não estamos no século XIX. Olhe como a paisagem é *rural*.

Ele claramente não queria discutir como se sentia.

— Bem — objetou ela, ligeiramente ofendida em nome de Carlisle. — Tu certamente não chegaste no nosso melhor momento. As coisas costumam ser muito mais organizadas. Sem as barricadas, nem pilhas de armas e esse tipo de coisa. Além disso, creio que dissesse que estavas morando em uma barraca neste teu *futuro glorioso*?

— Não foi a minha intenção te insultar. Na verdade, considerando o tempo que passou, estou bastante impressionado como a vida continua bem parecida. Veja bem, se olhar por outro lado, é até um pouco desencorajador o pouco progresso que foi feito durante um século inteiro.

— Queres dizer que ainda não existem carruagens sem cavalos? — Ela levantou uma das sobrelhas, e ele inclinou a cabeça, rindo.

— Ah, não. Eu duvido muito que chegue o dia em que não será mais necessário usar cavalos para o transporte.

— Creio que voar também está fora de questão?

— Ah, não — disse ele. — Será que eu me esqueci de mostrar as minhas asas?

Ela ficou boquiaberta antes de ver a expressão no rosto dele.

— *Matthew!* Isso não tem graça!

— Tem, sim! Você acreditou na hora.

— Bem, cem anos é muito tempo. Como achas que a vida será em 1954? Se alguém dissesse que haverá uma maneira de voar, tu acreditarias?

— É *claro* que não! Não seja ridícula.

Ela fungou, parecendo não se convencer.

— Tenho certeza de que isso é verdade, querido.

Ele pareceu se assustar com o tratamento carinhoso, e ela se contraiu por dentro. Tinha ficado à vontade na presença deste novo Matthew muito rapidamente. Não deveria estar agindo dessa forma uma vez que tinham se conhecido no dia anterior. Seguiu-se um silêncio constrangedor.

LABORATÓRIO CENTRAL SCIENCE, MIDLANDS OCIDENTAIS, INGLATERRA, 2039

Os passos soavam abafados e ainda distantes, mas se aproximavam rapidamente.

— Rápido — disse Kate, em um sussurro intenso.

Matt assentiu. Depois de soltar a pasta da parede, ele a seguiu para fora do freezer. Ela fechou a porta atrás dele, sem se preocupar em empurrar a tranca.

— Eles devem ter visto a entrada — declarou Matt, horrorizado. — O vidro quebrado. Sabem que tem alguém aqui.

— Vamos. — Ela olhou para o corredor e, embora não houvesse sinal de ninguém, o som de passos estava ficando mais alto.

— Por aqui.

Ela correu na direção oposta, mergulhando ainda mais no porão, virando aleatoriamente em uma série de corredores. Tentou ser silenciosa. Matt a seguia, e ela sentia a respiração quente dele em sua nuca.

A luz da lanterna provocava distorções no corredor, deixando Kate em pânico. Agarrava-se à esperança de que houvesse outra saída e rezava silenciosamente para que não acabassem em um beco sem saída.

Segurava o frasco com força, para evitar que ele caísse. Havia outra porta pesada de metal à frente. Estava trancada com um cadeado. Kate achou que fosse a única saída, mas viu uma curva no corredor e, com alívio, uma escada que levava para o andar de cima.

Subiu de dois em dois degraus. A porta estava trancada. Ela se virou, vendo o corredor atrás de Matt desaparecer na escuridão quando ele a alcançou com a luz trêmula da lanterna refletida nas paredes.

— Trancada — ofegou ela.

Ele não hesitou e se lançou contra a porta, usando o ombro para arrombá-la. Dessa vez, a tranca não cedeu como acontecera no escritório de Matthew. A porta rangeu, mas se manteve firme. Katherine olhou para a escuridão do porão e viu a luz de uma lanterna se aproximando.

— Eles estão vindo. Tente de novo.

Matt se atirou de novo contra a porta, emitindo um gemido baixo de dor. Dessa vez, a porta cedeu e ele passou para o outro lado, quase caindo. Kate o segurou.

— Vamos logo — disse ela, e então começaram a correr de novo por um longo corredor. Os passos atrás deles finalmente, *finalmente*, caíam no silêncio.

Matt parou para se recompor e depois continuou. Kate o seguiu, aliviada demais para prestar atenção para onde ele os estava levando.

Quando chegaram ao saguão de entrada, pararam de correr, ouvindo os cacos de vidro estalarem sob seus pés, e olharam diretamente para os faróis de um carro parado do lado de fora. Nenhum dos dois se moveu. Como não ouviram gritos nem tiros,

Kate se obrigou a avançar.

— Está vazio — disse ela, aliviada. — Não tem ninguém aqui.

— O carro deve ser do segurança, eu acho. Ele deve estar sozinho — concluiu Matt, saindo do prédio e caminhando em direção ao carro. — Vamos.

Matt abriu a porta e sentou-se ao volante. Kate ficou boquiaberta diante da audácia dele. Aquele era um veículo militar! Matt fez um gesto impaciente com a cabeça. Ela se apressou e entrou no carro. Ele virou a chave na ignição e deu a marcha à ré bem na hora que o perseguidor apareceu no saguão, cego pelos faróis.

O homem, usando um uniforme militar impecável, tirou a arma do coldre. Tiros acompanharam o carro enquanto Matt dirigia em direção aos portões abertos. Ouviram um som agudo quando um disparo atingiu o veículo, mas conseguiram acessar a estrada principal e fugiram a toda velocidade. Conseguiram escapar!

Matt soltou um grande suspiro, e Kate não conseguiu conter o grito de alívio.

— Eu realmente espero que ninguém nos pare — disse Matt, nervoso.

— É. Este é um carro militar. Nós teríamos muitos problemas por tê-lo roubado.

— Não é só isso. Eu ainda não tirei a carteira de motorista.

Kate não parou de rir até chegarem à via expressa, lágrimas escorrendo pela face, e ela não sabia bem se eram por causa do ataque de riso ou de um ataque histérico.

CAPÍTULO VINTE E OITO

1 nova mensagem
De: Matthew <gallows@hotmail.co.uk>
Para: Katherine <KitKatherine@gmail.co.uk>
Assunto: Pare de fugir! Como foi que ficamos noivos?

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-161

NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Estavam quase chegando à universidade e nenhum dos dois tinha falado ainda. Kate não parava de olhar para o frasco que ainda segurava firmemente na mão. Ela o soltou com cuidado, colocando-o no suporte para copo.

— Como é que vamos revelar tudo isso? E se eles nos impedirem como fizeram da última vez?

Matt estava olhando fixamente para a estrada, mas arriscou um olhar para ela. Suas mãos seguravam firme o volante na posição dez para as duas durante toda a viagem. Jamais vira alguém dirigir com um pavor tão determinado antes. Ele encolheu os ombros e fez uma careta de dor porque se machucara ao arrombar as portas.

— Da última vez, não sabíamos quão sérias as coisas ficariam — respondeu ele. — Podemos tomar mais cuidado agora, e, dessa vez, contamos com a ajuda de Tom.

— Só que, dessa vez, roubamos um carro militar e provavelmente um esquadrão inteiro do exército está procurando por nós. E eles vão estar prontos dessa vez. Tiveram vinte anos para se preparar para outro vazamento.

Ele parou.

— Vamos para a Escócia — decidiu ele, de repente. — Não podemos confiar em ninguém aqui. Para onde quer que formos, vão nos encontrar, mas teremos mais chances se sairmos do país. Eles vão tentar nos matar para manter isso em segredo, mas não vamos facilitar para eles.

Kate concordou, tensa.

— Estou com medo — admitiu ela, baixinho. — Eu não quero morrer por causa disso, não outra vez. — Outra vez? Mas o que ela estava dizendo? Não tinham sido eles que morreram vinte anos antes. Foram Katherine e Matthew.

Matt não notou o engano.

— Nem eu — respondeu ele. — Mas não me arrependo de nada disso, mesmo que a gente morra, porque isso me levou até você.

Ela olhou para ele, com os olhos arregalados.

— Nem eu. Não consigo imaginar a minha vida sem você. Você é... tudo para mim.

— Eu amo você — declarou ele em voz grave e tirou uma das mãos do volante para pegar a dela e levar aos lábios.

— Eu também amo você — respondeu ela, sentindo a respiração presa na garganta. Percebeu naquele momento que sempre o amara, embora não conseguisse se lembrar de como se apaixonara por ele. Não sentira frio na barriga nem fora tomada por aquela emoção nervosa. Nada disso. Ela apenas olhara para ele e, de repente, tudo se encaixara.

Ela sempre o amara e tinha esperado, pacientemente, até ele aparecer. Talvez tenha existido um tempo em que não estivesse ligada a ele por cada molécula do seu ser, mas devia ter sido há tanto tempo que era impossível se lembrar.

Carlisle, Inglaterra, 1745

O castelo estava bem protegido. Katherine foi obrigada a usar tal nível de astúcia para que conseguissem entrar que até ela mesma ficou surpresa. Inventou uma desculpa para não terem se juntado aos demais no dia anterior, dizendo que Matthew tinha sido ferido e não estava bem o suficiente para voltar à luta. Quando o soldado o reconheceu como o homem que interviera e levara um tiro, permitiu que fosse levado até Durand, que queria encontrá-lo.

— Eu agradeço por tua ajuda ontem — disse Durand, dispensando vários membros da guarnição que, aparentemente, tinham assuntos urgentes para tratar com ele apesar do cessar-fogo momentâneo. — Como te sentes?

— Bem, na verdade. Só ligeiramente febril. Contudo, não quero que o senhor se preocupe nem me agradeça — improvisou Matthew. — Era o meu dever protegê-lo. Creio que o senhor está correto em manter a sua posição. A cidade e o castelo podem resistir aos rebeldes.

— Obrigado pelo apoio, embora eu não saiba por quanto tempo mais conseguiremos resistir — admitiu Durand. — A cidade está determinada a se render, e um número cada vez maior dos meus homens acredita que devemos nos juntar a eles.

— Mas eu ouvi dizer que o exército inglês ainda não está preparado para um ataque — interveio Katherine.

Durand olhou para ela e, depois, de volta para Matthew, notando a diferença no modo de vestir dos dois. Era óbvio que Matthew era criado dela. Katherine rezou para que Durand não suspeitasse que havia algo entre eles.

— É verdade que o exército ainda não chegou do continente, senhora — concedeu ele com um ligeiro sorriso.

— Então, certamente o melhor que podemos fazer para ajudar a Inglaterra é atrasar os jacobitas e garantir que o exército tenha tempo suficiente para se preparar — disse Katherine. — Mesmo que no fim o senhor acabe por se render, quanto mais tempo resistirmos aos rebeldes, maiores serão as chances de o nosso exército vencer as próximas batalhas.

Durand assentiu, pensativo.

— É um bom argumento, senhora. Vou levá-lo em consideração. Não acredito que as consequências serão extremamente negativas se esperarmos mais alguns dias antes de decidirmos a respeito da rendição.

Katherine suspirou.

— Muito obrigada. Bem sei o quanto o senhor sabe mais do que nós, e eu lhe agradeço por levar em conta o meu conselho.

Ele assentiu e estendeu a mão para Matthew.

— Sou eu quem agradeço pelo apoio. Ficareis no castelo?

Foi Katherine quem falou novamente, percebendo como Matthew parecia exausto.

— O sr. Galloway ainda está um pouco fraco, senhor. Ele precisa de um bom descanso, então voltaremos para casa.

Durand assentiu e se virou depois de se despedir.

Assim que saíram do castelo, Matthew vomitou na sarjeta. Ficou ali parado, respirando com dificuldade, os olhos estreitados contra a luz. Katherine afastou o cabelo da testa dele, verificando a sua temperatura. Estava ardendo em febre.

Foi só quando estavam caminhando de volta para casa, com Matthew apoiado pesadamente em seu braço, que Katherine notou um chumaço de cabelo entre os dedos. Demorou para perceber que era de Matthew. Ela olhou para ele — seus olhos estavam fechados, como se concentrasse todas as suas forças para caminhar — e depois novamente para a própria mão, uma mecha densa de cabelo castanho e sem vida presa a ela. Engoliu em seco e rapidamente sacudiu a mão para se livrar daquilo. Que tipo de doença Matthew tinha? Por que o cabelo dele estava caindo daquele jeito?

- > ALERTA: Alocação do sujeito “MATTHEW” no cenário-tempo de 1745 está em situação crítica
- > Efeitos da radiação não foram considerados. O sujeito talvez não consiga sobreviver à transferência entre os filamentos de espaço
- > Intervenções semelhantes não recomendadas nos demais cenários-tempo
- > Solicitação de orientação
- > ... aguardando ...
- > ... aguardando ...
- > Orientação não recebida
- > Vigilância será mantida sem intervenções até que nova orientação seja registrada

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Três chamadas perdidas de “Aquele homem, por que ele não me deixa em paz”

Nova mensagem de texto de “Aquele homem, por que ele não me deixa em paz”

Como foi que ficamos noivos? Por favor, só me diga isso. É impossível que seja pior do que o que estou imaginando agora. Bj M

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-162

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, INGLATERRA, 2039

Fizeram todo o percurso até o campus apavorados e tensos, certos de que o próximo carro que passasse por eles seria acompanhado por sirenes. Às duas horas da manhã, chegaram a um acostamento próximo ao campus. Tinham combinado de se encontrarem com Tom, que já esperava por eles. Deixaram o veículo militar e entraram rapidamente no MiniCooper, bem menos chamativo.

Para alívio de Kate, Tom dirigia mais rápido do que Matt e logo estavam acelerando pela via expressa a uma velocidade quase perigosa. Kate ignorou os barulhos que o carro antigo fazia, enquanto atualizava Tom sobre o que tinha acontecido.

— Queremos a sua ajuda para colocar na internet os vídeos que encontramos no telefone de Katherine e para marcar uma coletiva de imprensa. Vamos mostrar às pessoas o que o governo está fazendo e o estoque de armas que eles têm pronto para uso — concluiu ela. — Temos uma amostra da bactéria para provar que é verdade.

Matt, que estava observando atentamente pela janela à procura de viaturas da polícia, se virou para olhar para ela.

— Na verdade, Kate, nós deveríamos esconder o frasco. Não queremos que seja confiscado quando cruzarmos a fronteira.

— Coloque no seu bolso — sugeriu Kate. — Eles não vão fazer revista completa.

Matt assentiu.

* * *

Dirigiram até o alvorecer, quando o sol não passava de uma mancha vermelha subindo na linha do horizonte. Kate passara a viagem preocupada: não com a bactéria, mas com ela e Matt. Tinha certeza de que estava enlouquecendo. Ainda não conseguira encontrar uma explicação racional para o que estava acontecendo com eles. Desde que deixaram as instalações do Central Science, estavam falando como se tivessem sido descobertos e assassinados vinte anos antes — mas aquilo era impossível.

Estavam quase chegando à Escócia. A última placa dizia que o próximo desvio era para a fronteira internacional e listava as cidades mais próximas.

— Espere! — gritou Kate, olhando para a placa pela qual tinham acabado de passar.

— O que foi? — perguntou Tom.

Matt apenas suspirou, como se já soubesse o que ela queria fazer.

— Será que podemos fazer uma parada? Em Carlisle? — pediu ela.

Tudo tinha ficado claro na mente dela. Tinha que ver Carlisle. Precisava descobrir se todas as coisas das quais se lembrava eram reais ou não. Nunca estivera naquele lugar, mas, de alguma forma, tinha todas aquelas... *lembranças*? Se Kate pudesse provar que não eram reais, que elas não correspondiam à cidade, então tudo aquilo não passava de imaginação e ela realmente tinha enlouquecido. Entretanto, se a Carlisle de que se lembrava fosse real, então, finalmente criaria coragem para conversar com Matt sobre aquilo, de uma vez por todas.

— Mas faltam só algumas horas para chegarmos em casa — argumentou Tom.

— Eu sei. Eu só... Estou com muita fome. Por favor.

— A gente pode passar por um *drive-thru*...

— Também estou morrendo de fome — interrompeu Matt. — A gente está acordado há quase 24 horas. Eu preciso parar um pouco.

— Gente! Mas o que está acontecendo aqui? Não podemos simplesmente parar para tomar café da manhã.

— Por favor, eu preciso! — exclamou Kate em pânico, sem conseguir se explicar, mas certa de que precisavam parar.

— Vamos parar, Tom! — gritou Matt.

O irmão não verbalizou seu desagrado, mas pegou o desvio.

Kate tentou controlar a sensação de pânico que subia pelo peito. Tudo ia fazer sentido quando parassem em Carlisle: tinha certeza disso. Ela compreenderia o resto da história ali. Precisava fazer aquilo, porque não ia conseguir continuar se não entendesse o que estava acontecendo em sua cabeça.

Carlisle, Inglaterra, 1745

— Estás melhor? — perguntou Katherine quando Matthew finalmente acordou depois de quase 12 horas de sono.

— Um pouco tonto. Meu peito dói. — Ele se esforçou para se sentar. Estava na cama de Katherine de novo e ela, por sua vez, passara a noite em uma poltrona, velando o sono dele.

— O que achas que está acontecendo? Eu nunca vi uma doença como a tua antes. Será que é alguma enfermidade do futuro? — perguntou Katherine, sentando-se ao lado dele na cama e colocando uma compressa sobre a pele quente.

— Não. Eu não sei o que tenho. Não estava doente antes de chegar aqui.

Katherine fez uma careta diante das úlceras que cobriam o corpo dele. Imaginava se não seria varíola, mas não parecia. Talvez devesse aplicar algum cataplasma na pele dele?

— Queres que eu chame um médico?

— Eu vou ficar bem — disse ele. — Podes confiar em mim. Acho que os médicos deste século não podem me ajudar com isso. Eles provavelmente ainda acreditam em humores.

— É claro que acreditam em humores. Eles são médicos!

De alguma forma, ele encontrou forças para passar um sermão indignado:

— Humores não existem. Tratar as pessoas com base em uma explicação mítica como essa costuma apenas piorar a situação. Sangria é uma prática bárbara!

Ela franziu a testa.

— Estás tentando me enganar de novo? A sangria ajuda as pessoas. Minha avó teria morrido muito antes se não tivesse passado pelo procedimento uma vez por dia.

— A sangria não deve ter prejudicado a sua avó se não tiver sido feita em excesso, mas com certeza o procedimento não a ajudou em nada. Humores não existem.

Ela ficou em silêncio, tentando absorver aquilo. Nunca sequer questionara a existência de humores, pois consistia em uma explicação do mundo que fazia sentindo. O que mais ela achava que sabia e que estava completamente errado?

CAPÍTULO TRINTA

Nova mensagem de texto de “Katherine”

Então... Talvez eu tenha conspirado um pouco para ficarmos noivos. Nada de muito prejudicial, juro. Você gosta de estar casado comigo, não é? Então tudo acabou bem no final! Será que podemos encerrar esse assunto de uma vez por todas?

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-163

CARLISLE, INGLATERRA, 2039

No instante em que chegaram a Carlisle, Kate sabia que já estivera ali antes. Era maior e mais espaçosa do que se lembrava, mas ainda havia traços da cidade que conhecera nos prédios que resistiram aos séculos desde a última vez que estivera ali, em 1745. Na praça da cidade, o ateliê da costureira, a mercearia e o açougue dos quais se recordava tinham sido substituídos por uma loja de departamentos, uma sapataria e uma lanchonete, mas a catedral ainda estava lá: antiga e inalterável.

— Será que... Será que podemos passar pelo castelo? — pediu ela, um pouco desesperada.

— Isso é *loucura* — respondeu Tom. — Alguém pode nos encontrar a qualquer momento. O que vocês estão fazendo?

— Por favor, Tom — pediu ela. — É importante. Seremos rápidos. Eu prometo.

— Vocês têm dez minutos. Depois disso, nós vamos embora — decidiu ele.

Ela concordou. Matt ainda a observava, preocupado, e ela sabia que ele estava com a mesma sensação de *déjà vu* que ela.

O castelo era o que mais tinha mudado. O fosso desaparecera. Em vez disso, um gramado bem cuidado margeava o muro em ruínas, e uma via movimentada passava pela entrada. Ainda era, porém, uma instalação militar, com tanques parados no estacionamento enquanto os turistas visitavam as ameias aposentadas do castelo.

Enquanto Kate e Matt entraram, Tom ficou no carro, pronto para partirem assim que os dois terminassem. O castelo tinha acabado de abrir para a visita do dia, e Kate comprou as entradas de um funcionário sonolento.

Matt ficou em silêncio ao seu lado. Quando entraram no pátio, ele pegou a mão dela, segurando-a como se fosse uma âncora. Ela sentiu um leve estremecimento e o puxou para mais perto de si.

Seguiram direto para as ameias, que eram maiores do que ela se lembrava, além de pavimentadas e com cercas. Kate respirou fundo, ouvindo de repente o tiro de canhão que ecoara por aquelas pedras tantos séculos antes.

> Amálgama temporal 100% concluído no cenário-tempo de 2039

Matt ficou sem fôlego; Katherine conseguia sentir como ele estava trêmulo.

Agora que olhava mais de perto, percebia que o castelo estava exatamente igual. Em silêncio, conduziu Matt para o local de onde eles tinham observado os rebeldes cavando as trincheiras na neve no ano de 1745. Agora era um playground, e o som do riso das crianças enchia o antigo campo de batalha.

— Aconteceu de verdade — concluiu ela, passando uma das mãos em uma pedra fria, gasta por trezentos anos de exposição ao clima. Os canhões ainda estavam ali. Tocou um deles, perguntando-se se seria o mesmo que ela e Matthew tinham consertado.

— Eu não entendo — disse ele, desesperado. — Foi tudo real?

— Foi — confirmou ela. — Nós estivemos aqui.

— E... e nos outros lugares? Crimeia?

— E em Bletchley Park. Também estivemos lá.

Ele assentiu.

— Por quê? Por que tudo isso aconteceu? Por que continuamos voltando?

— O mais próximo que chegamos de uma explicação foi bruxaria. Mesmo agora, trezentos anos depois, eu não tenho explicação melhor.

— Mas deve haver um motivo. *Por quê?*

— Nós sempre ajudamos — respondeu Kate. — Nós impedimos o assassinato em Bletchley Park, salvamos Alan. Ao longo

do tempo, nós continuamos *ajudando*.

— E agora? O que vamos fazer agora? Garantir que a bactéria seja destruída? Impedir o apocalipse antes que ele comece?

— Parece que sim. — Ela tentou afastar o início de um ataque de pânico. Eles não conseguiriam fazer isso: era responsabilidade demais. Eles não tinham nada de especial.

— Então, isso é muito importante — disse ele baixinho, em tom resignado. — Se estamos aqui, se fomos trazidos de volta de novo, deve ser um momento importante e essencial. Foi assim em todas as outras vezes, mesmo que não soubéssemos disso na época.

— E se a gente não conseguir? — A voz dela estava quase inaudível, misturando-se ao ar frio da manhã. — O que vai acontecer da próxima vez? Nós voltaremos e o mundo será um terreno baldio?

— Nós vamos conseguir — declarou ele, determinado. — É para isso que estamos aqui. Nós vamos conseguir.

Kate se virou para Matt, apoiando o rosto no ombro dele e respirando fundo. Ele a envolveu, abraçando-a até que ambos parassem de tremer.

— Nós vamos conseguir — repetiu ele.

Crimeia, Ucrânia, 1854

O acampamento estava silencioso, quase pacífico, enquanto Matthew e Katy voltavam do front para o barracão. Um soldado estava de guarda na entrada, cochilando em pé; lá dentro, os generais planejavam o próximo passo da batalha.

— Não acho que devamos esperar — disse Matthew. — Pode acontecer a qualquer momento.

— Então nós simplesmente vamos *invadir*? — perguntou Katy, em dúvida.

— Sim? — Matthew deu um passo hesitante em direção ao barracão, olhando para o horizonte calmo. — Ainda não há sinal de mísseis.

Katy endireitou a postura, pigarreou e, sem se preocupar se alguém estava observando, deu um beijo rápido e suave em Matthew.

— Nós vamos conseguir — prometeu ela. — Vai dar tudo certo.

— Vejo você do outro lado. — Ele tomou o rosto dela nas mãos e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

Ela estremeceu.

— Não fale assim. Parece que estás se referindo à *vida após a morte*.

Ele piscou uma vez e depois outra, parecia prestes chorar, mas, então, sorriu.

— Se esse for o preço a pagar para a encontrar novamente...

— Ah, pode acreditar quando eu digo que você não vai mais se livrar de mim. — Ela o beijou de novo e, por fim, eles se afastaram. — Vamos salvar o mundo.

Carlisle, Inglaterra, 1745

Quando Katherine levou o jantar para Matthew, ficou chocada com a deterioração do estado dele depois de apenas uma hora longe. A pele estava mais vermelha e cheia de bolhas e ele tremia muito. Ela o acordou com carinho e ele se sentou, trêmulo. Conseguiu comer só um pouco antes de vomitar novamente. Ela ficou tagarelando enquanto arrumava os cobertores, tentando distrair os dois.

— Tu disseste que eu era uma criada em 1854? Essa outra versão de mim parece ser muito corajosa. Não sei se *eu* conseguiria fazer isso. Devo parecer uma imprestável em comparação.

Nem sei cozinhar uma batata!

Ele piscou, tentando focar a visão e esfregou a testa com uma das mãos.

— Você era incrivelmente corajosa. Mas nada tem de imprestável agora. Só viveu uma vida diferente. Tenho certeza de que existem muitas coisas que pode fazer que a Katy que eu conheci não saberia como.

— Então, no instante em que me viste nessa outra vida eu te conquistei com a minha personalidade e inteligência brilhante? E pediste a minha mão em casamento na hora e estávamos casados uma hora depois? — Estava tentando fazê-lo sorrir, mas Matthew respondeu com seriedade.

— Não exatamente. Na verdade, eu achei que fosse um rapaz. — Quando viu a expressão ofendida no rosto dela, apressou-se a explicar: — Você se vestia como garoto. E se apresentou como Kit.

— Ah. — Ela se deitou ao lado dele, virando-se para olhar diretamente em seus olhos e para ficar mais confortável. — E quanto tempo demorou para descobrires que eu era uma mulher?

Ele virou o rosto e ofereceu um sorriso atrevido.

— É uma mulher? — Ele deu uma risada fraca diante da expressão séria dela. — É uma longa história e eu não sinto muito orgulho dela. Fiquei zangado e a tratei mal. Sinto-me extremamente envergonhado e prefiro não contar todos os detalhes. Contudo, eu descobri que era, na verdade, uma mulher.

— E te apaixonaste perdidamente por mim?

Considerando que ela o provocava sem parar desde que se conheceram, Katherine ficou surpresa ao vê-lo corar de vergonha, o rosto ficando ainda mais vermelho do que já estava.

— Eu fiquei maravilhado com a sua determinação para sobreviver a todo custo. Quando conheci aquela garotinha pequena que tinha encontrado uma forma de criar uma vida para si mesma quando todo o mundo estava contra ela, eu senti que tinha sido mimado durante a minha vida inteira. Ela era forte e engraçada e me desafiava de uma forma como nunca ninguém tinha feito antes. Então, sim, eu me apaixonei.

Katherine olhou fixamente para ele, completamente maravilhada que ele visse a outra versão dela daquele jeito. Então, cruzou os braços.

— O que queres dizer com “aquela garotinha pequena”? Eu não sou pequena!

— O quê? Ah, bem... Katy era bem mais baixa que você. E muito magrinha. Acho que não foi bem alimentada na fase de crescimento. — Ele parou de falar, parecendo triste. — Eu me pergunto se ela teria ficado tão alta quanto você se tivesse sido criada da maneira adequada. É horrível pensar que a forma como as pessoas vivem pode mudar tanta coisa a respeito delas. Não apenas as lembranças, mas também a aparência física.

— Katy é muito mais corajosa do que eu.

— Tenho certeza de que isso não é verdade. Quando eu... *cheguei*... você estava defendendo a sua cidade. Poderia muito bem ter ido embora de Carlisle com a sua família, mas não o fez. Ficou para lutar. Poderia até mesmo ter esperado em casa para ver o que ia acontecer, mas esteve nas ameias, ajudando as tropas com os canhões. Isso me parece muito corajoso. Na verdade, creio que eu seja o fraco entre nós dois. Em comparação com as suas duas versões, eu sou um covarde.

— Pois eu creio que és muito corajoso. É preciso muita coragem para ir à guerra como

jornalista. Isso exige muita coragem.

— Acho que foi uma anomalia. — admitiu ele, baixinho. — Eu fui seduzido pela glória daquilo tudo.

Katherine baixou a voz para combinar com a dele.

— Matthew, eu te contarei um segredo. Eu não creio que existam heróis de verdade. Apenas pessoas que ignoram o próprio instinto de sobrevivência por tempo suficiente para fazer algo inacreditavelmente ousado.

— Faz sentido. Mas mesmo em retrospecto, eu acho que tomei a decisão certa, ou a minha versão que vive neste século tomou. Defender Carlisle realmente vale uma vida.

Ficaram em silêncio e, depois, Matthew deu um sorriso intenso na tentativa de diminuir a tensão.

— Espere... Não sabe nada sobre os dinossauros, não é? Eles só serão descobertos no próximo século.

Ela negou com a cabeça e Matthew sorriu. Parecia mais animado do que em qualquer outro momento desde sua chegada.

— Pois vai ficar completamente maravilhada. Sabe o que é um fóssil?

Conversaram por mais um tempo, e uma vez que Katherine conseguiu superar o choque de *lagartos gigantes que viviam sobre a Terra*, interessou-se muito por tudo que Matthew tinha a dizer. Mas ele estava ficando cada vez mais exausto, então ela o deixou dormir. Na manhã seguinte, Katherine estava esgotada em virtude da noite que passou entre cochilos, extremamente preocupada com ele. Matthew acordara várias vezes para vomitar e ela esteve ali ao lado dele para zelar por sua saúde.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Katherine Galloway convidou Matthew Galloway para entrar no grupo fechado “Ajude Matthew a ~*~ pedir a mão de Katherine ~*~ e achar que a ideia foi dele em quatro etapas simples”
Membros (35) • Posts (250)

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-164

CARLISLE, INGLATERRA, 2039

Kate estava aguardando no carro com Tom enquanto Matt pegava comida e café para o desjejum, quando seu tablet vibrou. Era uma mensagem de texto, de Matt. “Acabei de me lembrar de Clove .” Ele deve ter enviado a mensagem da lanchonete. Ela ficou olhando para o texto, tentando decifrar o significado. *Clove*? Mas o que ele queria dizer com isso? Será que era alguma coisa importante?

— Tom, você sabe...? — Kate parou de falar ao ouvir o som das sirenes. Então olhou pela janela traseira, horrorizada, à medida que o som se aproximava. Um carro de polícia estava entrando no estacionamento da lanchonete.

— *Merda!* — exclamou Tom, ligando o carro.

Dois policiais saíram do carro, sacaram suas armas e entraram correndo no restaurante.

— Mas o que está acontecendo? — perguntou Kate. — *Não*. O que é isso?

Ouviram uma explosão no restaurante. Kate viu, horrorizada, as pessoas saindo correndo lá de dentro.

> ALERTA: Alocação do sujeito “Matt” do cenário-tempo de 2039 corre perigo

> Com base em resultados anteriores, intervenção não recomendada

— Eles devem ter emitido um alerta para vocês dois — disse Tom, engatando a marcha à ré. Devem ter colocado fotos de vocês na televisão.

— O quê?! Pare! Para onde você está indo, Tom? Precisamos ajudar Matt. — Kate estendeu a mão para abrir a porta do carro, mas Tom a impediu, agarrando-a pelo ombro.

— Kate, *não*. Precisamos ir embora.

— *Matt*. Não podemos simplesmente deixá-lo para trás. Precisamos... — Vários tiros soaram na lanchonete e Kate congelou. Tom apertou bem os olhos e respirou fundo.

— Precisamos ir embora.

Tom não parou para explicar. Pegou a saída dos fundos checando em ambas as direções para ver se havia mais viaturas.

— Kate, nós não temos como ajudá-lo agora. Ele deve estar sendo preso. Precisamos ir embora *agora* antes que prendam a gente também. Temos que chegar a Escócia.

— Mas... — Ela estava tremendo, não sabia o que fazer.

— Ele vai ficar bem. Só está sendo preso. Nós vamos conseguir libertá-lo. Vai ficar tudo bem.

Aquilo não estava *acontecendo*. Não de novo.

— *Kate*. Por favor — implorou Tom, olhando para ela. — Vai ficar tudo bem.

Ela começou a chorar.

— Vai ficar tudo bem — repetiu ele, enquanto pegava a entrada para a via expressa, como se estivesse tentando tranquilizar tanto ele mesmo quanto ela.

Ela não sabia se estava chorando pelo Matt dela, por *aquele* Matt, ou por todos os outros Matthews que conhecera e perdera. Vinham fazendo aquilo ao longo de toda a história, encontrando-se e amando-se e, depois, sendo separados antes de terem a chance de viver juntos. Por que Matthew sempre a deixava sozinha?

Ela se perguntou como alguém poderia sobreviver a tanto amor e tanto sofrimento. Matthew era dela, aparentemente sempre fora, e agora ele tinha ido embora. Por que tudo sempre acabava? Por que aquilo sequer *começava*? Kate revisitava uma série de lembranças e recordações. Não conseguia se concentrar nem processar as cenas que tomavam a sua mente. Não conseguia situar os momentos, eram apenas imagens da vida deles juntos: imagens de Matthew sorrindo para ela, trechos de conversas, beijos. Estavam em um barco e, depois, em um jardim iluminado com velas e depois no laboratório. Ela não sabia dizer se aquela era uma lembrança verdadeira ou uma das lembranças da tia... Não, eram todas dela. Todas aquelas coisas tinham acontecido com eles.

Matthew tinha sido seu criado — conseguia vê-lo no assento da carruagem, olhando para ela —, fizera dela uma repórter e, em outro século, flertou com ela por e-mail. E em todas as ocasiões Matthew sempre, sempre a amou. Ele a encontrava todas as vezes. E todas as vezes eles se perdiam.

Conseguia se lembrar dele morrendo em seus braços e de morrer nos dele, diversas vezes. Por quantas vezes tinham executado essa dança — essa dança horrível e linda através dos tempos? Por que tinham feito aquilo? O que tinham de tão especial que o universo sempre os trazia de volta — e os unia? Por que as coisas sempre davam errado? Por que não podia funcionar ao menos dessa vez? Kate fechou os olhos, mordeu o lábio e se lembrou de como todos os Matthews da história sempre olharam para ela como se ela fosse o eixo do mundo dele.

Ela era o eixo do mundo dele? Ou o eixo do mundo e ponto final? Essa parecia uma conclusão arrogante mas, ainda assim, o universo — ou Deus, ou algum alienígena sem nada melhor para fazer — devia ter algum motivo para os unir daquela forma tantas vezes. Algum motivo para trazê-los de volta pelo tempo apenas para uni-los e depois separá-los em um estalar de dedos. Por quê?

Ela precisava de respostas. Precisava descobrir qual era a ponta solta que estavam deixando em todas as ocasiões — qual era o fio que o universo não podia deixar desatado.

Kate apoiou a cabeça nas mãos. Sentia-se exausta.

Estavam quase na fronteira, quase em segurança. Mas cada quilômetro que avançavam a afastava mais de Matt. Como puderam deixá-lo para trás?

— Vamos voltar — disse Tom em voz baixa, como se estivesse lendo os pensamentos dela. — Assim que descobirmos o que fazer com a bactéria, ok? Nós vamos resolver isso e voltar para buscá-lo.

— Eu sempre vou voltar para ele — afirmou ela. — Só me preocupa a possibilidade de que dessa vez ele não esteja esperando.

Kate respirou fundo. O que Matt gostaria que ela fizesse? A resposta veio rápido. Revelar a verdade sobre o Central Science e a bactéria. Mostrar o frasco para todo mundo.

Kate congelou.

— O frasco ficou no bolso de Matt — disse Kate com a voz neutra. — Nós não temos mais a bactéria.



Notícias > Notícias > Terrorismo

Estudante escocês é preso sob acusação de terrorismo

45 comentários

Matthew Galloway, 18 anos, foi preso em um confronto dramático com a polícia mais cedo nesta manhã enquanto tentava fugir do país. Ele estava sendo vigiado pelo serviço de segurança britânico (MI5) depois de ter sido filmado por câmeras de circuito interno, invadindo uma instalação do governo com a aparente intenção de roubar segredos de estado. O jovem foi acusado de roubar equipamentos e documentos confidenciais e de usar um veículo militar para fugir.

Devido à rápida ação do MI5, Galloway foi capturado antes que pudesse realizar qualquer ato de terrorismo.

Matthew Galloway tem dois cúmplices: Tom Galloway e Kate Finchley. Ambos estão a caminho da Escócia e há um alerta para a prisão deles em todas as fronteiras internacionais. O MI5 informou que ambos devem ser tratados como altamente perigosos e dizem que é possível que estejam com uma arma biológica letal.

Matthew Galloway, ao que tudo indica, está seguindo os passos de outro parente. O tio, também chamado Matthew Galloway, foi descoberto quando planejava um ato de traição contra o governo no início da última guerra, em 2019. O tio homônimo foi preso junto com a esposa, Katherine. Ambos morreram em decorrência de ferimentos causados quando resistiam violentamente à prisão.

Quem avistar os foragidos deve entrar em contato com a polícia imediatamente. Recomenda-se cuidado e distância dos alvos.

Códex/v8/Cenário-tempo-2039/DOC-1

Crimeia, Ucrânia, 1854

Katy e Matthew correram para o barracão onde os generais estavam reunidos. Passaram pelo guarda e invadiram o lugar. Os oficiais de mais alta patente da Grã-Bretanha e da França estavam ali.

— Estamos sendo atacados! — exclamou Katy. — Os russos. Eles estão atirando contra o acampamento.

Por um instante, ninguém se moveu. Seguiu-se um silêncio e ninguém ouviu o som de tiros ou o assóvio de um foguete a caminho.

Lorde Somerset se levantou, com o rosto vermelho.

— Kit! Saia *já* daqui — explodiu ele, quando os oficiais começaram a gritar uns com os outros em um francês nervoso. — Estou farto das suas mentiras.

— Eu não estou mentando, senhor — disse ela, desesperada. — Este barracão vai ser atingido por um foguete.

— Os senhores precisam ir para um lugar seguro ou todos aqui vão morrer — acrescentou Matthew com voz alta e determinada.

— Isso é traição! — exclamou lorde Somerset enquanto um oficial francês se levantava. Ele alternava o olhar entre lorde Somerset e Matthew, parecendo suspeitar de ambos. Então,

afastou-se e foi andando cautelosamente até a entrada do barracão. Os demais generais franceses o seguiram.

Aos gritos, lorde Somerset ordenou que os demais permanecessem, mas a debandada já estava em curso. Katy saiu do caminho para deixar que os homens passassem e lançou um olhar aliviado para Matthew. Tinham conseguido. Os oficiais não iam morrer. Eles os salvaram!

Lorde Somerset, porém, estava ultrajado.

— Prenderei ambos por traição — declarou ele.

— Fique à vontade — declarou Matthew. — Contanto que nos afastemos deste barracão.

— Para que vocês possam fugir? Acho que não. — Lorde Somerset se acomodou à mesa e os convidou a fazer o mesmo. — Quero saber o que vocês estão tentando conseguir com essa interrupção tola.

Matthew pareceu que iria resistir, mas acabou se sentando em uma cadeira próxima.

— Tudo bem, mas deixe Kit ir embora. Ele não tem nada a ver com isso, estava apenas seguindo as minhas ordens.

Lorde Somerset fez um sinal para o soldado que segurava Katy e o homem a soltou. Ela se afastou rapidamente.

— Kit, saia. Agora — disse Matthew.

— Não! — exclamou ela, mas o soldado a pegou e a arrastou para fora, e ela não tinha forças para resistir.

— Você está ciente de que acabou de arruinar uma reunião de grande importância, não está? Por acaso está do lado dos russos? — perguntou lorde Somerset para Matthew e depois não conseguiu dizer mais nada. Naquele exato momento soou um assovio e uma explosão ensurdecadora se fez quando o foguete atingiu o barracão.

Carlisle, Inglaterra, 1745

Matthew não melhorou nem um pouco. Katherine cuidou dele de forma incansável, mas a saúde dele se deteriorava muito rapidamente. A pele estava coberta por úlceras; a cabeça, agora careca, estava inchada. Ele não parava de vomitar, não conseguia se sentar sem desmaiar por causa da tontura e tinha de se esforçar para se lembrar de onde estava. Katherine estava angustiada de tanta preocupação.

O médico que ela chamou não reconheceu a doença de Matthew e queria fazer uma sangria nele. Katherine precisou impedi-lo, lembrando-se da lição de Matthew sobre humores, e mandou o homem embora depois de lhe pagar pela consulta. Tudo que podia fazer era tentar manter Matthew confortável e rezar pelo melhor.

— Katherine — disse ele enquanto ela limpava suas feridas. — Eu sinto muito.

Ela olhou para o rosto inchado dele e engoliu em seco.

— Não sejas tolo. Vais logo melhorar. Tu... tu tens que sobreviver, Matthew. Por favor.

Ele passou a mão no rosto dela.

— Eu não vou conseguir, Katherine. Sinto muito. Estou morrendo. Nós dois sabemos disso. Não fui forte o suficiente para fazer a transição, e isso está me matando. Eu espero... Eu estou feliz por ter te conhecido e não lamento ter vindo parar aqui para ficar mais alguns dias contigo,

mesmo que isso me leve à morte. Voltaria quantas vezes fossem necessárias para ficar um pouco mais contigo.

Ela tentou não chorar, piscando para afastar as lágrimas.

— Eu não vou conseguir viver sem você, Matthew. O que vou fazer? O que *posso* fazer?

— Tentar ser feliz.

— Eu não vou conseguir — respondeu ela, agora chorando abertamente. — Não posso te perder duas vezes. Isso não é justo.

— É mais do que justo, Katherine. Conseguiu ficar comigo mesmo depois da minha morte. Quantas vezes isso acontece?

Matthew se esforçou para se sentar, tentando abraçá-la, mas suas forças estavam se esgotando e ele se contentou apenas em acariciar o cabelo dela.

— Matthew, e se isso acontecer comigo também? E se quando tu morreres eu voltar para o século XVII e não sobreviver à jornada e ele tiver que assistir à minha morte? E se isso continuar em uma série infinita? Eu estou com medo.

— Eu também. Meu Deus, Katy, eu também estou com medo. Mas não creio que isso vá acontecer. Qual seria o sentido disso tudo? Quem quer que tenha feito isso deve ter nos acompanhando durante toda a nossa vida. Eles não nos mandariam de volta apenas para morrer. Isso não serviria a nenhum propósito. Creio que eles cometeram um erro ao me mandar para cá dessa forma. Estavam tentando nos ajudar, mas fizeram isso de forma errada. Talvez, quem sabe, eles consigam encontrar uma forma de te mandar de volta sem deixar que tu adoças. Ou talvez isso não aconteça. Talvez nós tenhamos conseguido cumprir o que quer que eles precisavam que fizéssemos aqui. Espero que sim.

Ele fechou os olhos. Tinha falado por muito tempo, fazendo pausas frequentes para recuperar o fôlego. Até que se recostou na cama e voltou a dormir. Katherine ficou velando o sono de Matthew, pensando em tudo o que ele dissera até o anoitecer. E então adormeceu bem junto a ele.

Quando acordou, ele estava morto.

> ALERTA: Alocação do sujeito “MATTHEW” no cenário-tempo de 1745 se esgotou devido aos altos níveis de radiação da transferência, os quais não foram considerados

> Transferência entre os filamentos de espaço não é viável

> Operação encerrada

> Reiniciar o sistema

> Aguardando informações do usuário

> ... aguardando ...

>> Instrução recebida

>> Reinicialização dos sujeitos em andamento

> Calculando novo caminho de execução

- > Pesquisando novo cenário-tempo
- > Transferindo arquivo
- > Carregando o arquivo para alocação do sujeito “MATTHEW”
- > Alocação do sujeito “Matthew” reiniciando em 5 ... 4 ... 3 ... 2 ... 1
- > Transferência do sujeito concluída
- > Aguardando a conclusão da alocação do sujeito “Katherine” no cenário-tempo de 1745
- > ... aguardando ...

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Matthew Galloway marcou Katherine Galloway em uma publicação:

A MINHA VIDA INTEIRA É UMA CONSPIRAÇÃO! Eu não entendo mais nada... Agradeço a... todos os meus conhecidos... por terem tornado o meu casamento possível. É bom saber que posso confiar totalmente em vocês. Katherine, vai ter volta. Não pense que eu vou ser tão facilmente influenciado de novo.

Curtir • Comentar • Compartilhar

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-165

Crimeia, Ucrânia, 1854

O foguete atingiu o barracão com um estrondo ensurdecedor. Seguiu-se uma onda de calor e mais barulho quando a parte de trás desabou com lorde Raglan e Matthew ainda lá dentro.

Matthew.

Katy correu até o local.

Por um momento, sentiu o coração quase parar por não conseguir localizar Matthew. Ele não estava ali. Tinha desaparecido completamente. *Onde ele estava?* E então, de repente Matthew saiu rastejando debaixo da mesa, cobrindo a cabeça com um dos braços para proteger o rosto da fumaça. Katy suspirou de alívio ao ver que ele estava bem — estava vivo — e, então, as chamas se ergueram com um rugido, o ar ficou quente e tudo pareceu desmoronar lá dentro. A lona, estalando com as chamas, pareceu se encolher em volta de Katy. Um mastro de sustentação caiu, atingindo-a no ombro. Não conseguia mais ver Matthew. Ele estava oculto em algum lugar sob camadas de lona queimada, chamas e fumaça.

Katy tossiu, tentando limpar a garganta da fumaça densa e quente. Estava aterrorizada. Encontrava-se em uma espécie de fornalha gigante; sentia-se pequena, frágil e impotente.

Puxou a gola da camisa para cobrir a boca e, com dificuldade, continuou em frente em direção à mesa. Abriu caminho, ofegante, até estar ao lado dela. Em um primeiro momento, não viu qualquer sinal de Matthew. Depois, conseguiu localizá-lo deitado perto de onde ela estava. Matthew estava sob um mastro caído. O peso do objeto e da lona em chamas o prendia ao chão. Katy arrastou-se em direção a ele.

— Saia daqui! *Vá embora!* — berrou Matthew, mas ela o ignorou agarrando o mastro. Empurrou-o com toda a sua força, gritando de frustração quando o objeto não cedeu nem um pouco. Katy era fraca demais e estava engasgada por causa da fumaça densa. O desespero ameaçava tomar conta dela — ela não conseguiria, não seria capaz de libertar Matthew.

> ALERTA: Alocação do sujeito “MATTHEW” no cenário-tempo de 1854 está em perigo crítico

> Tempo do sujeito prestes a se esgotar

> Intervenção recomendada

Até que de repente sentiu braços ao redor de si. Era lorde Somerset. Finalmente, o mastro se soltou e conseguiram empurrá-lo para longe. Matthew se ajoelhou e bateu na roupa para apagar as chamas.

Desorientada, Katy olhou em volta em busca da saída. Estavam cercados por fumaça. Os olhos e a garganta ardiam e nada mais importava a não ser escapar dali para o ar puro e frio.

— Por aqui! — gritou ela para lorde Somerset e Matthew, antes de cobrir a boca com a manga da camisa. Matthew rastejava atrás dela, mas ela não olhou para trás, concentrando suas forças em seguir em frente, mesmo sentindo os braços e as pernas pesados e duros. Quando finalmente saíram, puderam ver a luz do dia e respirar ar puro.

Katy caiu no chão, inspirou profundamente, e Matthew se jogou ao seu lado. Estava coberto de cinzas e fuligem e os olhos lacrimejavam por causa da fumaça — mas estava vivo. Tinham conseguido. Katherine fechou os olhos, lágrimas de alívio escorriam pelo seu rosto.

E, então, ouviram outro estrondo, seguido por um grito agonizante.

— Socorro! — gritou lorde Somerset. Ele estava preso dentro do barracão.

Katy não hesitou. Ele a ajudara a salvar Matthew. Ignorando os protestos do próprio Matthew e sua tentativa fraca e apavorada de segurá-la, Katy correu de volta para o barracão.

Lorde Somerset estava bem na entrada, um dos mastros caído sobre seu peito. Ela empurrou o objeto, usando toda a força que lhe restava para libertá-lo. Era mais do que apenas retribuir um favor. Lorde Somerset não podia morrer ali. Ele era o comandante do exército inglês. Quem poderia saber o que aconteceria se ele morresse? Como a sua morte afetaria os rumos da guerra? Ela precisava salvá-lo.

Quando o mastro cedeu um pouco, lorde Somerset começou a rastejar para escapar — mas Katy não conseguiu sustentar o peso por muito tempo. Ela soltou um gemido ao fazer mais força, mas acabou conseguindo movê-lo. O movimento, no entanto, deve ter deslocado o barracão, já em condições precárias, uma vez que outro mastro se soltou. Katy tentou sair do caminho, mas não foi rápida o suficiente. O mastro caiu bem sobre sua barriga, jogando-a de costas no chão.

> ALERTA: Alocação do sujeito “KATY” no cenário-tempo de 1854 está em condição crítica

> Instruções solicitadas

> ... aguardando ...

Katy tentou respirar. Por um instante, não conseguiu sentir nada a não ser a fumaça queimando os pulmões. Até que a dor veio. Uma dor que preencheu cada canto de sua mente até que ela já não era mais capaz de respirar, nem de pensar, nem de fazer qualquer outra coisa a não ser fechar os olhos e tentar não se deixar tomar completamente pela agonia.

Então, Matthew estava lá, segurando o seu rosto.

— *Katy!* — exclamou ele.

MatthewMatthewMatthew

— Katy... — A voz dele era suave, sofrida. Como ela podia ter feito aquilo com ele? Eles

estavam tão felizes, mas não tiveram tempo suficiente. Como da última vez.

Katy tentou dizer que o amava, mas as palavras não saíram; em vez disso, ela simplesmente piscou para ele, os olhos brilhando de admiração e amor. Soube com exatidão o motivo pelo qual ele sempre era levado de volta para ela. Porque ele era perfeito.

— Eu te amo — repetia Matthew sem parar enquanto ela apenas olhava para ele. Deu beijos no cabelo dela e passou as mãos em seu rosto e lábios. Ficaram tingidas de vermelho. — Você vai ficar bem. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

— Matthew — disse ela sem emitir som. — Está tudo bem.

— Não! Não... Nós vamos consertar tudo.

> A situação não pode ser corrigida sem efeitos adversos

> Instruções solicitadas

> ... aguardando ...

Matthew segurava Katy junto ao peito. As lágrimas caíram sobre a face dela, misturando-se ao sangue. Ela o amava tanto. Tivera tanta sorte por tê-lo. Então, fechou os olhos. Imagens de Matthew sorrindo inundaram sua mente e ela se permitiu parar de respirar.

> ALERTA: o tempo da alocação do sujeito “KATY” se esgotou no cenário-tempo de 1854

> Missão incompleta

> Solicitação de permissão para reinicializar o sistema para outra tentativa

>> Permissão consentida



Home > Notícias > Ataque Terrorista

Vídeo fornece “prova” de conspiração governamental

78 comentários

Notícias relacionadas

Assassinato do casal Galloway em 2019 foi uma tentativa de silenciá-los?

O governo escocês jura proteger os direitos civis dos seus cidadãos

Tom Galloway é o famoso Spartacus?

Vídeo: Conheça os quartos de Kate Finchley e de Matt Galloway nos dormitórios da Universidade de Nottingham

Rei William está “furioso” porque o governo escocês confiscou Balmoral

Opinião: Deveríamos fechar nossas fronteiras?

Os cúmplices de Matthew Galloway, 18 anos, acusado de terrorismo e preso nesta manhã em Carlisle, fizeram um comunicado à imprensa.

Tom Galloway, 22 anos, irmão do suspeito preso, e Katherine Finchley, 18 anos, cidadã inglesa e aluna da Universidade de Nottingham, alegam ter provas de que o governo inglês possui uma arma de destruição em massa (ADM), violando assim o tratado internacional assinado em 2020 contra esse tipo de armamento.

A prova consiste em um vídeo de 2019 que, aparentemente, mostra que Katherine e Matthew Galloway, seus homônimos e parentes, não apenas eram inocentes em relação à acusação de traição, mas que também foram assassinados durante seus esforços para revelar evidências do envolvimento do governo no desenvolvimento da suposta ADM no local onde trabalhavam, uma unidade do Laboratório Central Science.

Tom Galloway e Katherine Finchley afirmam que a prova histórica, deixada pelos Galloway, levou-os a encontrar não só o vídeo como também a arma biológica. Eles alegam que o governo ainda tem um estoque da ADM, embora não mostrem provas dessa afirmação.

Se comprovadas, essas alegações terão sérias implicações nos próximos meses, uma vez que o conflito entre a Inglaterra e a Europa continental continua progredindo, apesar das contínuas negociações em relação às disputas comerciais e de importação.

Tom Galloway e Katherine Finchley escaparam da prisão e cruzaram a fronteira internacional, estando sob proteção do governo escocês, que se recusa a extraditá-los. A decisão aumenta o antagonismo existente entre os dois países.

A assessoria de imprensa do gabinete do primeiro-ministro britânico não quis comentar o caso.

Siga as notícias ao vivo no nosso site e deixe sua opinião nos comentários usando #ConspiraçãoDaBactéria

A conexão de vídeo estava com interferência, mas os rostos preocupados de Nancy e Flo estavam bem visíveis. Kate e Tom estavam na casa dos pais dele. Fazia três dias desde a prisão de Matt.

— Kate, mas o que foi que aconteceu? — perguntou Flo, aflita. — Deixamos que você subisse no sótão e logo depois recebemos a notícia de que você é fugitiva da polícia e que o seu namorado foi preso por terrorismo! — Se Flo não estivesse tão preocupada, talvez tivesse soado quase impressionada.

Kate coçou a cabeça, envergonhada.

— É, foram dias bem intensos.

— Seus pais estão furiosos. Eles sequer sabiam que você estava *namorando*.

Katherine suspirou.

— Eu sei. Já falei com eles. — Não fora uma conversa divertida. — Sinto muito por ter demorado tanto para ligar para vocês. Estivemos muito ocupados com tantas entrevistas desde a coletiva de imprensa.

— Por que você está se arriscando com essa ligação? O MI5 não pode rastrear esse número e encontrá-los?

— Ah, eles sabem exatamente onde estamos. Não estamos nem escondidos, estamos na casa dos pais de Matt. Mas eles não podem fazer nada quanto a isso.

— Por quê? — quis saber Nancy, inclinando-se para a tela e empurrando Flo.

— A Inglaterra não pode obrigar a Escócia a extraditar criminosos, principalmente os acusados de crimes políticos.

— Kate, você está bem? — perguntou Nancy. — Não precisa fazer piada com a situação. Você deve estar morrendo de medo.

— Vovó, para ser sincera, se eu parar de fazer piada com a situação tenho quase certeza de que vou direto para a cama e nunca mais me levanto. Mesmo com todas as piadas sem graça do mundo, eu mal estou conseguindo manter a sanidade.

— Bem, lide com isso da melhor maneira para você. Mas estamos aqui se precisar.

— Obrigada, vovó. — Kate desejava que as avós estivessem ali para abraçá-la e consolá-la. Engoliu em seco, tentando não chorar.

— Então, você está na casa dos pais de Matt? — perguntou Flo. — Como eles são?

— Ah, eles são ótimos. Estão encarando tudo que está acontecendo numa boa. Acho que já esperavam que uma coisa assim pudesse acontecer, já que eles sabem sobre o lance de Tom ser hacker. Mas o fato de Matt ter sido preso, e não Tom, foi o que mais deixou os dois surpresos.

— Você teve alguma notícia de Matt?

Kate suspirou. Estava ligando para as avós do quarto de Matt. Olhou em volta, enquanto abraçava um travesseiro.

— Ainda não. Os pais de Matt estão tentando entrar em contato, mas ele ainda está sendo interrogado e não pode fazer ligações.

— Espero que liberem ele quando ficar provado que vocês estão dizendo a verdade. Eles não podem mantê-lo preso quando é óbvio que vocês não são terroristas.

— *Se* conseguirmos provar. O governo inglês ainda se recusa a discutir o assunto. Dizem que não reconhecem declarações de terroristas. Um absurdo.

— *O quê?* Que absurdo! — exclamou Nancy, horrorizada. — Eles não podem fazer isso. Você tem provas!

— Eu sei. Mas eles dizem que o vídeo pode ter sido forjado — explicou Kate com um suspiro de frustração. — Precisamos da bactéria e o frasco acabou ficando com Matthew. Mesmo se a polícia não tiver encontrado no bolso dele, a bactéria já deve ter morrido há muito tempo, já que não está armazenada em um freezer.

— Não dá para conseguir outra amostra?

Kate parou para pensar.

— Talvez, mas eu não sei como. Não é como se eles fossem simplesmente me deixar entrar nas instalações do Central Science.

Kate esfregou o rosto. Estava exausta. Não conseguia dormir de tanta preocupação. Tinha pensado que assim que as pessoas soubessem o que estava acontecendo, alguém assumiria a investigação e descobriria a verdade, mas nada tinha mudado. E como saber o que poderia acontecer se a guerra contra a Europa fosse declarada? O governo talvez decidisse mesmo usar a bactéria como arma e ela acabaria se espalhando pelo mundo inteiro só porque Kate e Matt não tinham conseguido provar suas alegações. Se ao menos conseguissem obter outra amostra seria muito fácil acabar com tudo aquilo. Kate não parava de imaginar o que aconteceria — como o mundo ficaria depois que a bactéria fosse liberada. Era quase certo que tudo seria reduzido a pó.

A única coisa positiva era que o vídeo de Katherine e Matthew de 2019 tinha sido levado a público. Se a bactéria fosse liberada, existia a chance de que alguém se lembrasse das alegações de ambos e produzisse uma vacina para impedir que a

bactéria se espalhasse — se não fosse tarde demais.

Seu tablet vibrou. Estava recebendo outra ligação. O jornal *The Times* estava tentando entrevistá-la o dia inteiro. Tom estava ocupado havia horas respondendo perguntas e, ao mesmo tempo, cuidando para que o servidor do site que escolheram não caísse com o mar de acessos que estavam recebendo.

— Eu preciso desligar agora, queridas. Ligo para vocês daqui a alguns dias, quando as coisas estiverem mais calmas, ok? Amo vocês.

— Tudo bem, docinho. Estamos pensando em você e estamos muito orgulhosas do que está fazendo. Você limpou a reputação da sua tia. E fez uma coisa maravilhosa para nós, Kate. Eu não consigo expressar o quanto...

Kate finalizou a ligação e atendeu a do jornal. Eles tinham várias perguntas, as quais ela respondeu devagar à medida que tentava encontrar forças para continuar lutando sem Matt ao seu lado.

Kate largou a xícara de chá e correu para o banheiro, onde vomitou outra vez. Não podia continuar assim — estava ficando doente de preocupação. Depois de três meses, a história tinha morrido. Ninguém se dedicara a provar suas acusações e os jornais tinham se esquecido dela, de Tom e de Matt. Não sabia mais o que fazer. Não podia ficar esperando por algo que certamente não ia acontecer.

Precisava encontrar uma maneira de conseguir outro frasco. Não podia mais enviar mensagens para a Inglaterra, já que o país tinha bloqueado todos os acessos à Internet europeia a fim de censurar qualquer propaganda política.

Kate passava noites em claro olhando para o teto e bolando planos. Poderia ajudar Matt a fugir da prisão — partindo do pressuposto de que conseguiria entrar na Inglaterra sem ser presa. Poderia invadir novamente o laboratório e pegar outra amostra — partindo do pressuposto de que os frascos não tivessem sido transferidos para outro local. Cada um dos planos que bolava parecia ridículo e todas as noites ela tinha um ataque de pânico. Ela não poderia fazer nada, não sem Matt. Não seria capaz.

Nesse meio-tempo, estava presa na Escócia com a família de Matt, acordando todos os dias, esperando e rezando para receber notícias de que a bactéria fora descoberta e destruída e, ao mesmo tempo, para não receber notícias de que ela fora liberada e estava se espalhando por toda a Europa.

Kate lavou a boca e cuspiu na pia. Não parava de vomitar. Estava tão nervosa e preocupada que passava mal todas as manhãs. Tinha até parado de menstruar com a tensão de tudo aquilo. Era tanto enjo... Devia ter alguma coisa muito errada com ela, ou... Ela olhou para o rosto pálido no espelho, e, de repente, tudo se encaixou. Como não tinha percebido antes?

Estava grávida.

Levou a mão à barriga. Será que estava mesmo *grávida*? Precisava fazer um teste para ter certeza. Não conseguia pensar direito. Sentou-se na beirada da banheira. A conversa que tivera naquela manhã com Tom lhe voltou à mente. Ele estava à mesa da cozinha com os pais. Quando a viu, empurrou o jornal na sua direção.

— Matt foi julgado ontem de manhã. Aceleraram o procedimento por causa de uma liminar de urgência — informou Tom.

Ela passou os olhos pela manchete e foi descendo até a foto de Matt, com a cabeça baixa e as mãos algemadas. Parecia pequeno e derrotado.

— O julgamento aconteceu em segredo por motivos de “segurança nacional” — continuou Tom. — Ele foi condenado à prisão perpétua por terrorismo.

Kate fechou os olhos e respirou fundo, mas o ar pareceu não chegar aos pulmões. Solto um gemido, um som como o de um animal ferido, e achou que fosse chorar, mas descobriu que estava rindo histericamente. Estava grávida.

Ela ia ter um filho. Um filho de Matt. *Finalmente*.

Tinham passado por tantas encarnações diferentes — e, daquela vez, ela estava grávida. Daquela vez, ambos *ainda* estavam vivos. Daquela vez, tinham sobrevivido a tudo, mesmo que não estivessem juntos. Aquela tinha que ser a vez que seriam felizes e ficariam em paz. Aquela tinha que ser a vez que escapariam com vida.

De repente, Kate sabia o que tinha que fazer. Não poderia simplesmente ficar sentada esperando que alguém resolvesse as coisas — não agora. Ela teria que se certificar *pessoalmente* de que o mundo estava livre da bactéria. Pelo filho. E tinha que tirar Matt da prisão.

Kate começou a bolar um plano. À medida que sua barriga crescia, a estratégia de resgate ia tomando forma.

Fez pesquisas sobre as vidas anteriores dela e de Matt, tentando entender onde cada uma de suas lembranças se encaixava ao longo da história. Descobriu os artigos de Matthew no jornal em edições antigas do *The Times*. Passou uma tarde inteira chorando ao ler as palavras dele sob a linha de créditos “pelo nosso próprio correspondente”.

Guerras antigas e obscuras das quais nunca tinha ouvido falar nesta vida, de repente, se tornaram os momentos mais importantes da história. Junto com Matt, ela já havia evitado o fim do mundo seis vezes, e só agora percebia a diferença que tinham feito. Eles tinham ajudado a acabar com a rebelião jacobita e se certificado de que a Escócia não fosse varrida pela fome. Um século mais tarde, salvaram os generais na Crimeia e se certificaram de que a Inglaterra e a França não perdessem a guerra. E, agora, precisavam garantir que o planeta inteiro não fosse dizimado pela bactéria. Depois de todos os esforços que fizeram

para proteger o mundo, ela não poderia desistir. Ao que tudo indicava, a humanidade não poderia sobreviver sem eles. Por que outro motivo eles continuavam sendo trazidos de volta?

Ela escreveu cartas para o bebê, caso falhasse em sua tentativa de resgatar Matt e não voltasse mais. Queria que o filho deles soubesse que era amado e que os pais não o haviam abandonado. Ela iria voltar. Primeiro, ela só precisava achar o pai do seu filho e terminar de salvar o mundo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Katherine,

Precisamos conversar sobre uma coisa. Já venho pensando nisso há um tempão. Vamos jantar fora. Use o seu vestido preto. Você sabe qual. Eu amo você (muito além do que seria saudável para a minha sanidade mental).

Beijo, Matthew

Códex/v7/Cenário-tempo-2019/Doc-166

ST. ANDREWS, ESCÓCIA, 2039

Kate sentiu que estava prestes a explodir. Estava lutando contra o próprio corpo, fazendo força, desesperada para acabar logo com aquilo depois de horas de dor, de esforço e de concentração.

Estava exausta, mas não conseguia parar de fazer força. Apertava com firmeza a cabeceira da cama, desejando que fosse a mão de Matthew tentando conduzir a pressão infinita que a puxava em todas as direções. Por fim, a força implacável e inflexível com a qual estava lutando cedeu e, em um empurrão escorregadio, ela deu à luz.

Jogou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— *Eu nunca mais vou passar por isso* — declarou ela para deixar registrado. — Não estou nem aí se o Matt voltar e quiser ter mais dez filhos. Não vai acontecer. — Todos simplesmente a ignoraram como vinham fazendo nas últimas nove horas sempre que ela gritava pedindo mais anestesia *imediatamente pelo amor do bom Deus*.

Vislumbrou a luz rosada por entre as pálpebras, tentando não pensar na umidade gosmenta que sentia nas pernas. Ninguém lhe dissera que o parto era tão nojento.

Estava flutuando em um mar de adrenalina, quando sentiu um peso leve em seus braços. Abriu os olhos e olhou para a pequena trouxinha. A respiração ficou presa na garganta. Ela era *perfeita*. Kate achou que veria Matt ao olhar para a filha, mas agora, era apenas um bebê fofo, gorducho e bochechudo. Sorriu, maravilhada, tocou os dedinhos e acariciou o rosto da filha, passando o dedo pelos cílios finos.

Kate se perguntou por que nunca tinham feito aquilo antes. Poderia ter sentido aquela alegria tantas vezes, em todas as vidas que viveram, mas, de alguma forma, aquilo nunca tinha acontecido com eles. Como tinham conseguido não ter tido um filho antes, em todas as vidas anteriores? Como teria sido estranho se tivesse dado à luz em Carlisle, logo no início de tudo. O bebê deles seria um adulto quando renasceram na vida seguinte. Poderiam até ter se conhecido. E ela seria mais nova do que a própria filha. Poderia ter acompanhado os próprios descendente no decorrer da história. Mas eles não tinham tido filhos até aquela vida. Nunca tinham conseguido conceber antes do tempo se esgotar.

Os olhos da filha se abriram, piscando contra a forte claridade do mundo exterior, e tudo se encaixou na mente de Kate. A resposta veio de forma simples, como se estivesse ali o tempo inteiro, apenas esperando para que ela prestasse atenção. *Ela* — aquele bebê — era o motivo pelo qual tudo acontecera. Eles continuavam voltando, infinitamente, tentando criar aquela pessoa, aquela menininha, e fracassando. E agora ela estava em seus braços.

Kate se recostou nos travesseiros limpos, e sentiu o sucesso formigar na língua e na ponta dos dedos. Tinha *conseguido*. Finalmente, Kate e Matt tinham tido a filha que precisavam ter, depois de todo aquele tempo. Agora aquela criança poderia seguir em frente e viver sua vida — fazer o que quer que tivesse de fazer, algo tão importante que eles continuavam voltando apenas para concebê-la.

Finalmente, poderiam parar de voltar infinitamente. Kate sorriu para a filha adormecida, sabendo que tinha acabado. Tanto quanto no século XVII, ela não fazia a menor ideia de quem havia manipulado o tempo. Mas agora ao menos sabia o motivo. Torcia para que ela e Matt pudessem estar presentes para testemunhar a história da filha, se o plano desse certo. Estava depositando suas esperanças nisso.

A única coisa que faltava era escolher um nome. Gostava do som de Clove.

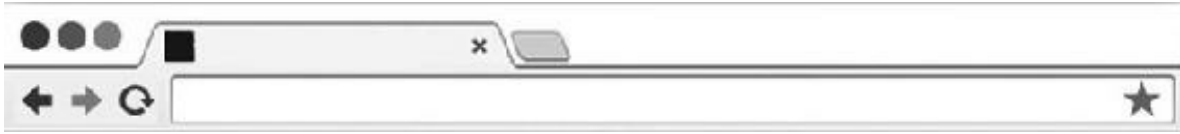
Três dias depois, entregou a filha para Tom e para os avós paternos, exultantes de felicidade. Estava deixando a filha em segurança e com pessoas que a amavam. Kate estava pronta para terminar a história deles.

> Objetivo alcançado

> Missão concluída

> Projeto Clove em andamento

EPÍLOGO



Home > Notícias > Ataque Terrorista

Fuga da prisão

113 comentários

Matt Galloway, o terrorista europeu condenado à prisão perpétua seis meses atrás, desapareceu de sua cela na penitenciária de Wakefield no início da manhã de ontem, em uma fuga que contou com a ajuda de sua cúmplice e companheira, Kate Finchley. O casal, ambos com 19 anos, foi visto na prisão durante a fuga, mas conseguiu despistar os policiais antes de desaparecer completamente.

A polícia expediu dois mandados de prisão, mas não divulgou informações sobre como a fuga ocorreu ou se tem pistas que possam levar ao paradeiro deles.

Códex/v8/Cenário-tempo-2040/Doc-3



Home > Notícias > Política

Governo britânico é dissolvido

2487 Comentários

A OTAN convocou uma reunião de emergência seis horas depois da fuga. De acordo com a organização internacional, “Uma fonte anônima forneceu evidências irrefutáveis de que o governo inglês possui armas biológicas antiéticas. Trata-se de uma séria violação das leis internacionais, que fez com que o controle militar inglês fosse assumido pela OTAN enquanto as acusações são investigadas.”.

Há forte evidência de que a fonte anônima seja o próprio Matt Galloway.

O governo paralelo inglês declarou estado de emergência depois que todos os funcionários ligados à conspiração fugiram do país; não houve qualquer promessa de que, caso sejam descobertas, as armas biológicas serão entregues à OTAN para o descarte apropriado. A expectativa é que as negociações de paz comecem ainda hoje.

Códex/v8/Cenário-tempo-2040/Doc-4

Matthew e Katherine Galloway

Origem: A Enciclopédia livre

Katherine Galloway (nome de solteira Finchley) e **Matthew Galloway** são os pais da infame Clove Sutcliffe. São bem conhecidos pelos próprios méritos por causa das Vidas Repetidas, um sistema de Controle da História no qual representaram um papel vital para impedir diversas catástrofes históricas iminentes.

As Vidas Repetidas começaram no século XVIII e se estenderam até o século XXI d.C. e são discutidas com mais detalhes na seção Vida Pessoal. A mais famosa de suas ações foi o papel que desempenharam na criação e na descoberta da Conspiração da Bactéria[1], mas outros feitos notáveis incluem evitar o Tratado de Independência Jacobita de 1745, a Fome na Escócia em 1765 e a Invasão Russa a Londres. Também foram personagens importantes no sucesso britânico no Cerco de Sebastopol, na prisão do Assassino de Bletchley Park e na subsequente vitória na Segunda Guerra Mundial por decifrarem o código na máquina Enigma.

Suas vidas provocaram a grande onda de Revisões Históricas, que teve início em 2056. A importância de Katherine Finchley e Matthew Galloway não pode ser subestimada e o assunto é discutido com mais detalhes na seção Legado e Impacto Histórico.

Conteúdo

1 Vida Pessoal

1.1 1728–1745

1.2 1787–1805

1.3 1833–1854

1.4 1901–1918

1.5 1923–1941

1.6 1945–1963

1.7 1993–2019

1.8 2020–Desconhecido

2 Legado e Impacto Histórico

3 Principais fontes

3.1 Correspondência digital

3.2 Bilhetes e diários manuscritos

3.3 Artigos/recortes de jornais e outros trabalhos publicados

Referências

Correspondências através da História: antologia comentada das vidas de Matthew e Katherine Galloway

O último começo

Grandes programadores do século XXI, Capítulo 2: Clove “Anise” Sutcliffe: Tempo & Quantum, p. 19

— Clove, o jantar está na mesa!

A menininha fez um som indeterminado de recusa e segurou com mais força o tablet do pai, antecipando a briga que teria quando Tom a encontrasse escondida dentro do forro do edredom. Suspeitava que dava para vê-la pelo lado de fora, mesmo que estivesse encolhida ao máximo, com os chumaços do enchimento caindo na sua cabeça.

Tinha muita coisa para fazer. Não podia perder tempo jantando, mesmo que estivesse com a barriga roncando e que a avó tivesse feito pudim com crosta de maçã.

Continuou digitando no tablet, suspirando alto e resmungando, exatamente como o pai fazia quando estava trabalhando.

— Clove, onde você está? — chamou Tom, subindo as escadas.

Ela viu os pés dele quando entrou no quarto e, depois de procurar um pouco, encontrou a ponta do edredom e enfiou a cabeça para fora.

— Pai, eu estou *ocupada*. Não posso jantar ainda. Estou programando. Olha só!

Tom se sentou ao lado dela na cama, olhando o ninho que ela arrumara para si dentro do edredom.

— Oi! — disse ele sorrindo.

— Olha só, pai! — Ela entregou o tablet para ele.

Tom limpou as marcas gordurosas dos dedinhos dela na tela, analisando os esforços da menina.

— Muito bem, Clove. Você vai ser programadora igual a mim, não é?

Ela assentiu orgulhosa, estufando o peito.

— Eu vou ser a melhor programadora do mundo — declarou ela, confiante.

— Bem, você já está quase lá — concordou ele. — Já é melhor do que eu até. Mas mesmo os programadores precisam beber chá e comer. Tem ovos e batata frita.

— E tem purê de ervilha? — perguntou ela, considerando as opções.

— É claro que tem, minha pequena. — Ele estendeu os braços e ela se acomodou no colo do pai, abraçando-o pelo pescoço.

— Tudo bem, então — concordou ela, ainda segurando o tablet. Clove admirou o trabalho por mais um tempo, enquanto Tom descia as escadas. Ela estava virando uma ótima programadora.

> papai fjsjskkkkki

>cloveclove clove

>ppp p kkkssssss

> clove sutcliffeonfddis;

> 12345678910

> a

> b

> cd

>pspppppkktifd tudo time tempo

> tempo tempo tempo12345

> tempo1745

> tempo1805 1854 191819411963 2039

> ppppaiiiii mãe mãe mãe love

> vvcclove sutcliffe

> clove sutcliffe

> clove sutcliffe

> clove

BIBLIOGRAFIA

WAUGH, John. MOUNSEY, George Gill. *Carlisle in 1745: Authentic Account of the Occupation of Carlisle in 1745 by Prince Charles Edward Stuart*. Andesite Press, 2015.

DUKE, Winifred. *In the Steps of Bonnie Prince Charlie*. Rich and Cowan, 1953.

MATTHEWS, Rupert. *The Jacobite Wars – The Sieges of Carlisle 1745*. JMD Media, 2012.

RUSSEL, William, *Dispatches from the Crimea*. Frontline Books, 2008.

DUBERLY, Frances Isabella. KELLY, Christine. *Mrs. Duberly's War: Journal and Letters from the Crimea, 1854–6*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

JUDD, Denis. *The Crimean War*. Hart-Davis, MacGibbon, 1975.

POSFÁCIO

Os muitos erros históricos foram cometidos em nome da licença poética e devem ser considerados como tais.

Na realidade (pelo menos no nosso universo...), depois do cerco a Carlisle, os jacobitas conseguiram marchar um pouco mais pela Inglaterra, antes de entrarem em pânico e baterem em retirada para a Escócia. Isso deu ao exército britânico tempo suficiente para reunir mais tropas. Carlisle foi sitiada novamente, dessa vez pelos ingleses, que venceram. Os jacobitas que moravam na cidade foram enforcados depois de se renderem. O levante terminou com a derrota dos jacobitas na batalha de Culloden. Os simpatizantes jacobitas voltaram para a França, e o atual “rei da Escócia” mora no palácio Nymphenburg, em Munique.

Eu não teria conseguido escrever esta história sem os diários de William Russell, o verdadeiro correspondente do *The Times*, que provavelmente está se revirando no túmulo diante do meu relato romantizado de sua vida. Esse homem teve um papel inacreditável na história e sou uma grande fã. Muito obrigada, cara — você é demais!

Os possíveis efeitos de uma viagem por buracos de minhoca constituem, obviamente, um trabalho de imaginação, mas eu supus que haveria uma quantidade enorme de envenenamento por radiação. Todos os sintomas de Matthew são precisos de acordo com a medicina.

AGRADECIMENTOS

Dedico este livro a Aisha Ahmad, que foi a maior fã desta história desde o início, mas que nunca chegou a ver o final. Aisha, você sempre me apoiou em tudo e me tornou uma pessoa melhor. Aprendi muito com você e tive muita sorte de tê-la na minha vida, mesmo que por pouco tempo. Descanse em paz.

Eu não teria conseguido escrever nem metade deste livro sem a minha agente, Claire Wilson e sem a minha editora, Annalie Grainger; as duas conseguiram me estimular a escrever a melhor história possível. Juro que da próxima vez teremos menos piadinhas de duplo sentido. Ou não.

Um agradecimento enorme para toda a equipe da Walker Books e da Rogers, Coleridge & White — principalmente para Lexie Hamblin e Jack Noel, pela incrível arte de capa.

Obrigada ao Ogden Trust, cujo apoio durante os estudos após a graduação significou que eu poderia passar as férias de verão escrevendo em vez de trabalhando. Sou muito grata pelas oportunidades que este fundo me proporcionou.

Agradeço ao Claire's Coven por organizar as melhores festas de Natal e por todas as bobagens no Twitter, principalmente a Alice Oseman, Catherine Doyle, Alexia Casale, Sara Barnard, Melinda Salisbury e Ross Montgomery. Ser amiga de vocês faz com que eu me sinta uma pessoa mais legal.

Por fazerem com que eu me sentisse tão bem-vinda no assustador mundo editorial e pelo apoio infinito, agradeço a vocês, Louise O'Neill, Zoë Marriott, Katy Moran, Non Pratt, Sarah Sky, Kendra Leighton, Libby Drew, Lucy Powrie, Jim Dean e Gary Meehan.

Um obrigada imenso para todos os meus amigos da vida real, que aturam todos os meus papos constantes sobre o livro com paciência admirável, principalmente Sarah Barnard, Madison Woodward, Maggie Kelso, Stephanie Whybrow, Cherra Mathys, Abbii Packer, Clare Samson, Bethany Longden e Cal Donnelly.

Agradeço à minha avó, Shirley Barnes, por sempre estar disposta a ilustrar as minhas histórias, desde desenhos para um livro sobre cachorros falantes quando eu tinha 12 anos, até os mapas deste livro, agora que tenho 18.

Por me orientarem por todos esses anos e por acreditarem em mim, meu obrigada a Ghzala Ahmad, Alison Tumber e *Sir* Martyn Poliakoff.

Por fim, o maior agradecimento fica para os meus pais e para o meu irmão, Christopher Banks James, por me apoiarem diariamente (todas as horas), por se interessarem pelos aspectos mais chatos da minha vida e do livro – e por sempre estarem dispostos a conversar comigo quando estou escrevendo. Eu tenho a melhor família do mundo e amo muito vocês.

Publisher
Omar de Souza

Editora
Giuliana Alonso

Coordenação de produção
Thalita Aragão Ramalho

Produção editorial
Marcela Isensee

Copidesque
Marina Góes

Revisão
Flavia de Lavor
Janilson Torres Junior

Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Adaptação de capa
Julio Moreira

Produção do eBook
Ranna Studio



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora



[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Epílogo](#)

[Bibliografia](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Ficha técnica](#)

Table of Contents

[Rosto](#)
[Créditos](#)
[Epígrafe](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo um](#)
[Capítulo dois](#)
[Capítulo três](#)
[Capítulo quatro](#)
[Capítulo cinco](#)
[Capítulo seis](#)
[Capítulo sete](#)
[Capítulo oito](#)
[Capítulo nove](#)
[Capítulo dez](#)
[Capítulo onze](#)
[Capítulo doze](#)
[Capítulo treze](#)
[Capítulo catorze](#)
[Capítulo quinze](#)
[Capítulo dezesseis](#)
[Capítulo dezessete](#)
[Capítulo dezoito](#)
[Capítulo dezenove](#)
[Capítulo vinte](#)
[Capítulo vinte e um](#)
[Capítulo vinte e dois](#)
[Capítulo vinte e três](#)
[Capítulo vinte e quatro](#)
[Capítulo vinte e cinco](#)
[Capítulo vinte e seis](#)
[Capítulo vinte e sete](#)
[Capítulo vinte e oito](#)
[Capítulo vinte e nove](#)
[Capítulo trinta](#)
[Capítulo trinta e um](#)
[Capítulo trinta e dois](#)
[Capítulo trinta e três](#)
[Epílogo](#)
[Bibliografia](#)
[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Ficha técnica](#)